







Acadêmicos

ARTHUR AZEVEDO



sys 19645

RIMAS

DE

ARTHUR AZEVEDO

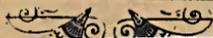
RECOLHIDAS DOS
JORNAES, REVISTAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES

POR

XAVIER PINHEIRO



EDIÇÃO DA
Companhia Industrial Americana



0701006750



TYPOGRAPHIA DA
Companhia Industrial Americana
R. 7 DE SET. 35 — RIO DE JANEIRO
1909

675

6750



BRITISH

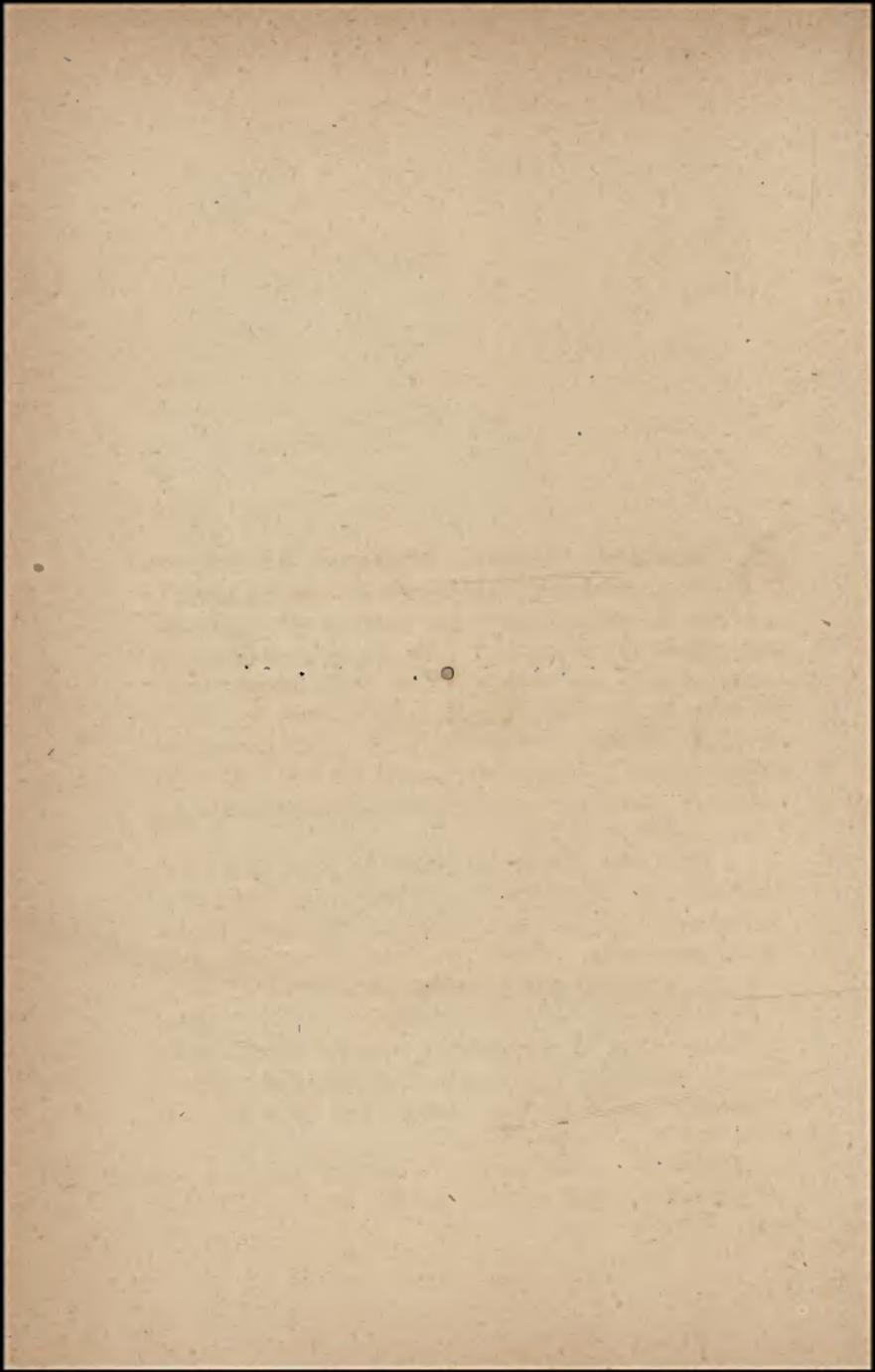
B.862.1
A 299
v. L B
3607



Uma explicação

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Date	21/7/1969
Tombo	6750
	1969.19171
	AL9B14100
	luel





A Companhia Industrial Americana deseja de prestar qualquer homenagem á memoria sempre saudosa do mais popular dos escriptores do Brasil, lembrou-se de sollicitar a um de seus amigos, que muito préza e que é um dos que mais amam a obra literaria do extincto, a reunião de alguns versos que elle nababescamente espalhou pelas columnas de jornaes e outras publicações, com o fim de, com o seu resultado material, auxiliar, de algum modo, a sua exma. viuva e filhos.

A tarefa de que incumbimos ao jornalista e homem de letras sr. Xavier Pinheiro, se não teve cabal desempenho, como nos affirmou ao entregar os originaes desta edição, porque tornou-se-lhe impossivel encontrar outros elementos para que a presente colleção de versos de Arthur Azevedo fosse maior, entretanto não deixa de ser digno dos maiores louvores o esforço empregado no que ora apresentamos e que representa certo amor e carinho por quem era tido como um bom e um justo.

Julguem os affeiçãoados do escriptor extincto do serviço que presta o nosso amigo, que confeccionou esta edição.



O pouco que se vai encontrar neste livro é mais alguma cousa do que existia, porque os versos do escriptor maranhense jámais foram colleccionados em livro e isso fazendo, tivemos em mente beneficiar a familia daquelle que soube ser sempre generoso com as afflicções alheias.

Outros que cuidarem do espolio literario do escriptor que façam obra mais completa : o que se achava disperso, mais ou menos, aqui fica, para commodidade de se fazer o que pretendiamos.

A Companhia Industrial Americana não tem o menor intuito mercantil e tanto, que o resultado da venda da presente publicação será entregue á familia do poeta, deduzidas as despesas que forem feitas.

Deviamos essa explicação ao leitor.

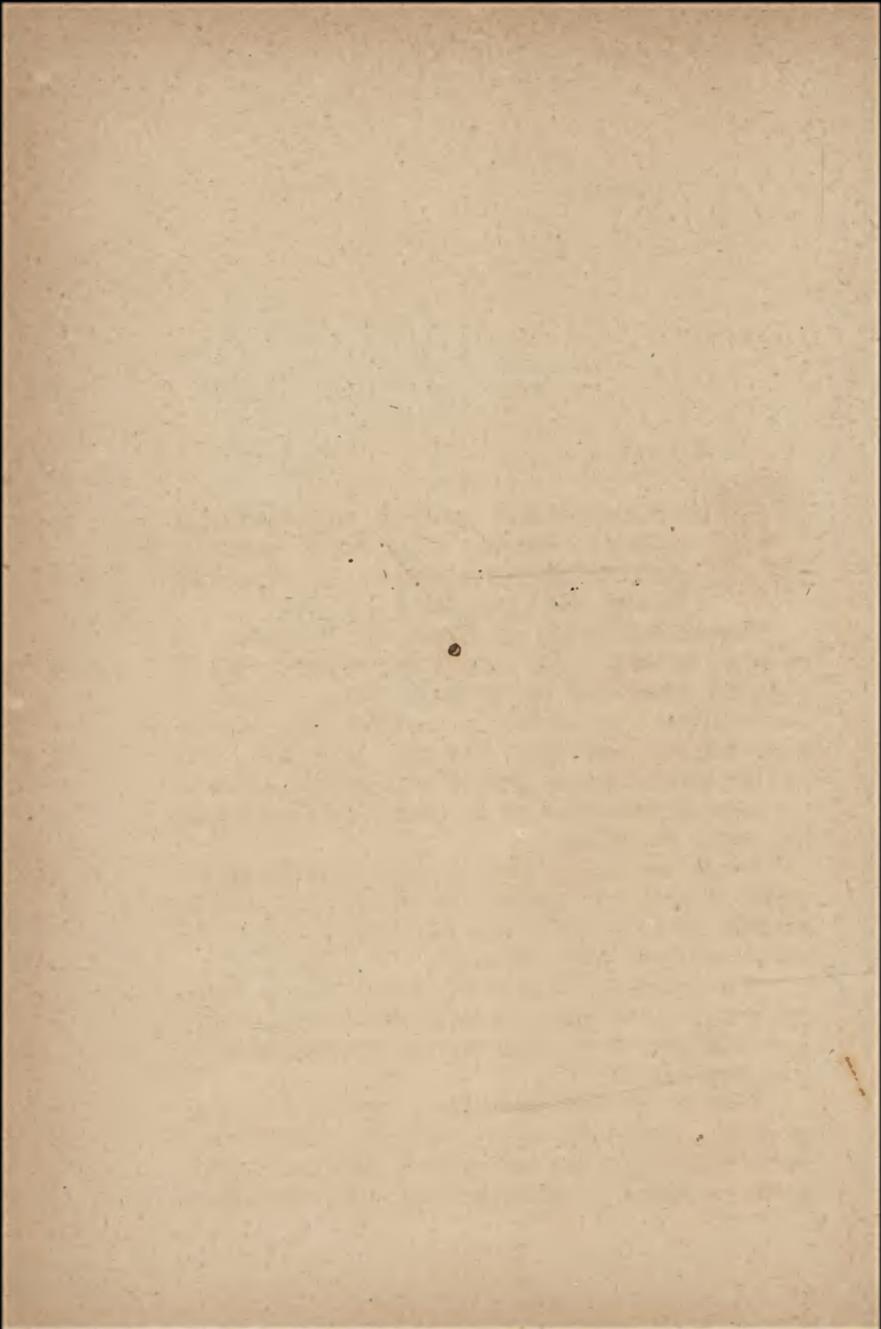
Peça Companhia Industrial Americana,

Alexandre Cataldo



Duas Palavras







Arthur Azevedo foi o escriptor mais conhecido em todo o Brasil e o que mais contribuiu para o desenvolvimento da literatura theatral em nossa terra.

Nascido na capital do Estado do Maranhão, a 7 de julho de 1835, a sua vida começou como empregado do commercio na sua terra natal, e como a carreira que tinha escolhido não lhe dava sufficiente margem para agir com mais liberdade, tornou-se, pouco depois, funcçionario publico, obtendo um logar de praticante na secretaria da Presidencia da então provincia.

Desde cedo a sua vocação para as letras foi decidida e para dar expansão ao seu precoce talento fundou, na sua terra natal, um jornalsinho—*O Domingo*, que teve vida ephemera.

O meio em que vivia era pequeno, não o satisfez, e foi por isso que Arthur Azevedo resolveu deixar a familia e os seus amigos, em 1875, embarcando para esta capital.

Chegado ao Rio de Janeiro, empregou-se logo na antiga Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, como amanuense, tendo percorrido todos os postos da burocracia até o de director gè-



ral. Ninguem o excedeu como funcionario publico, nem melhor comprehendeu os seus deveres: foi um burocrata escrupuloso, cumpridor exacto das suas attribuições. Em cada collega tinha um amigo, um affeioado e, por esse motivo, todos o queriam com verdadeira affeição.

De genio affavel, de coração bondoso, não houve ninguem que se queixasse d'elle, a todos sorria, a todos obsequiava, fazendo tudo com a maior simplicidade, sem a minima preocupação de *pose*.

A sua vida de imprensa foi longa. Póde-se affirmar que Arthur Azevedo collaborou em todas as revistas literarias; a todos os jornaes diarios elle deu o concurso e o brilho do seu talento scintillante.

O seu talento de escriptor era um verdadeiro prisma: o conto, a chronica literaria, o soneto, a chronica theatral, a critica, tudo lhe sahia da penna sem o menor esforço.

Todas as suas produções eram feitas com aquelle estylo encantador de quem não queria senão ser lido: era facil, correntio, natural, sem hyperboles, nem academicismos, de modo que isso, que outros escriptores não lograram alcançar — popularidade, elle obteve-a simplesmente por temperamento. Os poucos, os raros inimigos que elle teve, digamos, os invejosos innumerados que elle possuiu, desaperavam-se por ver que o escriptor maranhense ia andando seu caminho, despreoccupado, produzindo sempre, ganhando renome, pouco se importando da canzoada que o queria morder na reputação.

A sua bagagem literaria é grande, principalmente a theatral.

Ninguem tomou mais a serio a questão do theatro nacional que Arthur Azevedo, e a sua campanha na imprensa foi tenaz, ininterrupta, nobremente



compromettedora, porque o distincto homem de letras pouco se importava em ferir este ou aquelle para realizar o seu sonho, o seu ideal.

Os que deviam acudir ao seu reclamo chamaram-lhe muitas vezes de importuna e de realcejo, porque, qualquer occasião que tinha ou nas chronicas ou nas suas revistas, elle glozava o eterno motte= o theatro nacional, surdo aos doestos, ás facecias e á gritaria dos roçineiros e dos nullos.

Não estamos fazendo um estudo critico e literario sobre a individualidade sympathica do apreciado *conteur*, do scintillante chronista e dô delicado poeta, não só porque não temos competencia, como tambem porque o nosso fim é sómente prestar a nossa modesta mas sincera homenagem áquelle que tanto contribuiu para que o theatro no Brasil fosse uma realidade.

O theatro deve muito ao illustre maranhense e ninguem mais do que Arthur Azevedo mereceu dos que trabalham no palco, porque elle, com o seu talento, garantiu o pão dos que mourejam entre bastidores e gambiarras.

Todo o Norte e todo o Sul conhece o trabalho theatral do escriptor brasileiro e em Portugal o seu nome conquistou popularidade e estima, pois foram exhibidas nos palcos dos principaes theatros e interpretadas pelos melhores artistas muitas das suas peças originaes e traduzidas.

Sobre todos os generos Arthur Azevedo escreveu: monologo, scena comica, comedia, drama, opera buffa, opera comica, *vaudeville* e revista.

O genero revista, que era pouco conhecido em nosso meio, foi introduzido por Arthur Azevedo, e o seu primeiro trabalho, neste genero, se não nos



falha a memoria, foi *O Rio de Janeiro*, representada em 1877.

Não ha quem não conheça *Uma vespera de Reis*, criação de Xisto Bahia, que tem sido exhibida em todos os theatros sob varias fórmas e que trouxe a popularidade ao nome do distincto comediographo.

Todas as emprezas theatraes recebiam os trabalhos de Arthur Azevedo com grande abundancia de contentamento, porque quasi sempre davam boas casas e regulares proventos.

Introductor do genero revista, o escriptor maranhense teve como collaboradores em semelhantes trabalhos, Moreira Sampaio e Oscar Pederneiras, e entre elles podemos citar : *O Mandarim*, *O bilontra*, *Frotz Mack*, *O homem*, *O Tribofe*, *O gavroche*, *O jagunço* e *A republica*.

Ainda escreveu as revistas *Pum!*, *Fantazia*, *Guanabarina*, *Fonte de Castalia*, *Comeu!* *Viagem ao Parnaso*, *Mercurio*, *Cocóta* e *Major*.

De collaboração com o seu irmão Aluizio Azevedo, produziu as comedias *Os Doidos* e *Casa de Orates*, e a opera comica *A flor de Liz*.

Com Urbano Duarte escreveu um bello drama— *O escravocrata*, moderno, empolgante, com situações m agnificas.

O nosso distincto patricio conquistou o nosso publico e não havia peça sua que apparecesse nos cartazes, que não atrahisse concorrência á casa de espectáculo que tinha a felicidade de obter um trabalho seu.

Os artistas estimavam-no muito e tinham-no como um amigo muito dedicado e aquelles que se iniciavam na vida, obtinh am da sua penna, nos folhetins e nos

noticiarios dos jornaes, o incentivo, o applauso, o acoroçoamento.

Conhecemos alguns que o detractaram e o calumniaram; mas também sabemos que esses foram os que mais adjectivos e comicasticos obtiveram nas suas chronicas, que alcançavam nomeada pelos preconcios feitos pela sua penna, quando não eram nada, quando não prestavam para coisa alguma.

Pelo seu genio bonachão, pela grandeza d'alma que tinha, Arthur Azevedo não guardava odios e muitas vezes, com a eterna desproocupação de uma generosidade pouco commum, se esquecia dos seus inimigos gratuitos para elogial-os, olvidando, por completo, as injurias de hontem.

Ninguem merecia mais do que elle em a nossa imprensa e ninguem mais trabalhou para ella com mais dedicação e desprendimento.

Fizesse elle preço do que produziu e do que deu, não só trabalhos como direitos autbraes, o teria deixado uma boa fortuna para a sua familia, que estre-mecia e amava.

Tudo o que elle produziu, essa é que é a verdade, eram verdadeiramente obicos, para ter, com os vencimentos de funcionario publico, meios decentes para poder viver sem dividas e sem preoccupações.

Eis, em traços largos, o que foi a existência preciosa desse escriptor, gloria da sua terra natal e honra de todos nós seus patricios, que tivemos a grande desgraça de o perder a 22 de outubro, data essa que será sempre recordada como de luto para as letras nacionaes.

A sua producção theatral é farta, é abundante.

Traduziu *Niniche*, *Nhô-Nhô Jerusalem Libertada*, *O Pimpolho*, *A mulher do Paheá*, *A Camargo*, *A filha do fogo*, *Primeiras proesas de Richelieu*, *O anjo do mal*, *O rei*

das areias de ouro, A perola negra, As máscaras de bronze, O filho de Carola, O dia e a noite, Os tres boticarios, Coquelicot, Genro e Sogro, A flor de liz, Gilette de Narbonne, Felka e outras peças que foram exhibadas em quasi todos os theatros do Brasil:

Entre os trabalhos originaes existem, além de *Uma vespera de Reis*, a *Bella Helena*, *A cásadinha de fresco*, *A filha de Maria Angú*, *A princeza dos Cajuciros*, *A joia*, comedia em verso; *A almoxarra*, *Amor por anverins*, *A pelle do diabo*, *Os doidos*, comedia em verso; *O Alfacinha*, *As mulheres do mercado*, *O Libertado*, *A Mascotte na roça*, *O anjo da vingança*, *Entre o vermouthe e a sopa*, *Quasi!*, *Joanico*, *O badejo*, comedia em verso, representada em Portugal; *Capital Federal*, burlleta; *A donzella Theodora*, *Uma noite em claro*, *A pelle do lobo*, *Amor ao péllé*, *Confidências*, *Entre a missa e o almoço*, *Duas irmãs*, *Viuva Clark*, *O oraculo*, *O dote e Vida e Morte*,

Ainda para o theatro fez uma traducção esmerada de duas peças de Molière: *Escola dos Maridos* e *Sgnarello*. Na sua pasta ha trabalhos começados e por concluir e entre elles existe uma peça de collaboração com Moreira Sampaio: *O genro de muitas sogras*.

Fundou a *Gazetinha*; a *Vida Moderna* e o *Album*; collaborou em quasi toda a imprensa desta Capital, *Diario de Noticias*, *Novidades*, *Paiz*, *Correio da Manhã*, *Noticia*, *O Seculo*; *O Theatro*, *Mequetrefe* e outros.

O que foi o escriptor e o homem na sociedade e no lar, na intimidade e em publico, está fartamente escripto em sentidos e sinceros necrologios.

PAULO BARRETO, com aquella grandeza d'alma que todos conhecem, em um folhétim consagrado á memoria do Mestre, em a brilhante folha vespertina *A Noticia*, onde o saudoso morto escreveu por longos annos; disse, entre outras cousas:



«Arthur era absolutamente, divinamente bom, nesta lamentavel época de egoismo feroz. Nunca o vi dizer mal de companheiros de officio nas letras, e o seu elogio era constante, tanto para os gloriosos como para os principiantes. Ao folhear a sua obra jornalística ver-se-á, em trinta annos, toda a evolução de uma vida accentuada com um optimismo quasi demasiado para os que se esforçam e os que trabalham. Si como autor dramatico Arthur Azevedo, pelas suas excepçoes qualidades, continuador de Martins Penna com muito mais talento, era o nosso theatro; si como poeta lyrico, a sua obra fica como um molde á parte na nossa literatura — no jornalismo, nos seus «palmos de prosa» que lembravam um Harduin ainda mais simples—o grande morto era o bom e o generoso. Dessa bondade advinha-lhe a popularidade collossal e a equivalente autoridade. Toda a gente era elogiada por Arthur.

Arthur estava com toda a gente, grave e bondoso como um pae muito bom. E quando Arthur não elogiava, era uma falta sensível. «Arthur não falou...» «Arthur disse...» Essas duas frases nestes ultimos quinze annos não houve um só dia que não fossem repetidas no Brasil. Os escriptores amargos e ironicos nunca são populares. Arthur era naturalmente generoso mesmo para os que o atacavam, e os seus amigos sabem o quanto o sensibilisavam na sua modestia tão nobre, palavras menos amaveis. Houve um momento em que foi moda, entre meninos desoccupados, achar Arthur detestavel depois de lê-lo todos os dias—porque elle era dos mais lidos. E Arthur bonancherosamente os acolheu depois, na hora do arrependimento. Era assim

não só para os literatos, mas para os actores, para os simples particulares, para toda a gente. A sua simplicidade tinha uma aureola — a bondade, e por isso nunca no Brasil um homem de letras teve tanta autoridade, por isso, nunca no Brasil, tão despretenciosamente um artista tentou com tanta pertinacia o levantamento de uma arte, por isso raros serão os que tão amados possam ser, depois da sua doce figura cordial e meiga;

Muita gente, nesta época em que cada vez mais o mundo é um palco, pôde ser por *pose* para a galeria, — boa de palavras com espalhafato. Arthur era honestamente bom, com um grande perdão permanente e uma perpetua carícia para a humanidade. Por último, a sua vida foi o quanto pôde ser no Brasil a vida de um artista — uma apothose. O êxito das suas peças espalhava em cada canto oblatas admirativas. Acclamado aqui, acclamado em Portugal, acclamado nos Estados, o Brasil parecia compreender afinal que tinha só naquelle homem o seu comediographo, um poeta exoepecional, um fantasista doirado, comparavel a Banville, o creador na sua patria de uma serie de generos novos em theatro. Essa admiração pelo talento era augmentada pelos resultados da pertinacia do jornalista — a construção do Municipal, a attenção do governo já um pouco voltada para os artistas nacionaes. E, aos cincoenta annos, ao entrar na admiração dos que falam o portuguez para admiração de outros paizes pela traducção das suas peças, Arthur continuava o simples, o meigo, o familiar Arthur.»

Um outro escriptor theatral, que está ven-

cendo o nosso meio a golpes de talento, **J. BRITO** occupando-se do morto de hontem, escreveu, com muito criterio e observação, sobre a preponderancia de Arthur no theatro e o seu grande amor aos artistas.

Merecem ficar aqui registados esses conceitos externados pela penna desse modesto e já distincto escriptor, como reverencia ás grandes virtudes do inesquecivel compatricio:

«Grande, como a sua autoridade, era o seu amor aos artistas. Estes, constituíam, como muito bem alguém já disse, a sua segunda familia. Nunca a sua penna deixou de ter a palavra animadora para os que apontavam, e quando tinha um reparo a fazer, fazia-o docemente, num tom de conselho paternal, como quem sabe que é obedecido. Os artistas de theatro não se podem conformar com a morte desse homem, em que viam um amigo e protector.

No estado actual a que chegou o theatro no Brasil, havia só uma esperanza entre os artistas dramaticos: que Arthur o tirasse disso. Pela sua campanha, pela sua pertinacia, pela sua autoridade junto aos poderes publicos, que agora parecia quererem auxiliar o theatro, os artistas todos tinham os olhos voltados para Arthur como o Moysés desejado, que com a vara magica da sua influencia e do seu nome, ia fazer brotar do rochedo árido da indifferença do publico e dos governos a salvação de uma tribu e de uma arte.

Mas o panno cahio antes de tempo. Os pobres artistas, dignos, pelo seu esforço, de protecção e de amparo, têm agora entre elles e o publico a separação do panno que cahio antes do



tempo ;—panno que se chama de bocca e quasi se poderia chamar de bocca faminta.

Para os artistas dramaticos a morte de Arthur Azevedo foi duplamente um desastre. Para elles não morreu apenas o autor dramatico, foi um pai, muito amigo e protector que elles perderam tambem.»

Ainda sobre o poeta, **J BRITO**, que tambem o é e muito festejado, disse :

«A poesia perdeu o seu poeta. A poesia lyrica perdeu o seu artista perfeito ; a poesia humoristica perdeu o seu grande, o seu immenso, o seu primeiro e extraordinario poeta. Era nelle a feição que mais me encantava : o poeta humoristico. Ninguem no Brasil fazia versos como elle : com aquella espontaneidade aquella correcção, aquella graça, versos feitos sobre a perna e rigorosamente artisticos. Arthur era o rei do *couplet*, os maestros que musicavam os versos das suas peças tinham uma grande facilidade : os versos já eram musicados, tinham o seu rythmo certo, vinham da mão do mestre.

Em toda a sua obra é o que mais me encanta : essa facilidade, essa espontaneidade, essa correcção absoluta dos versos simples.»

A morte de Arthur Azevedo calou profundamente na alma dos intellectuaes e desde o dia que a desgraça nos feriu, tem havido um sympathico movimento de amor e de saudade á sua carissima memoria.

Na primeira manifestação de affecto ao maranhense querido, em favor de sua dedicada esposa e desditosos filhos, no theatro Lucinda, ouvimos bellos conceitos externados por **OLAVO BILAC**, esse



espírito que todos nós amamos e apontamos com orgulho como o mais distincto dos homens de letras da nossa terra.

A oração do poeta das *Panopliás* deixou gratas impressões e entre as manifestações de sympathia e de enternecimento á cara memoria de Arthur Azevedo, ha umas que precisam correr mundo em livro e ficar perpetuadas para gloria do bom amigo.

Proferiu Olavo Bilac, do palco do Lucinda, com os applausos de centenas de admiradores do extinto:

«De Arthur Azevedo tereis talvez ouvido dizer muita coisa má. Os homens, em geral, têm o horror da perfeição : não são muitas as criaturas que, em presença de uma gloria, não sintam a morbida e irresistivel tentação de tismal-a : e essa perversão moral deve ser perdoada, porque, emfim, a facultade da admiração é tão nobre e rara, que estou quasi em dizer que sómenté os admiraveis são capazes de admirar...

Muita coisa má tereis ouvido dizer de Arthur Azevedo : que era egoista, que era invejoso, e até que era avarento. Muitas vezes os officiaes do mesmo officio, que boquejavam do seu egoismo e da sua inveja, tinham sido apresentados por elle ao publico, d'elle haviam recebido a primeira animação e o primeiro louvor. Essas pequeninas miserias, quando chegavam ao seu ouvido, não o irritavam : a tolerancia é irmã gêmea da bondade. Egoista e invejoso, quem para tanta gente abriu caminho na vida, considerando que a luz do sol não precisa de ser monopolizada para ser agradável ! Esta murmuração era um crime consciente ; crime, de que todos os culpados se



arrependem, vendo pela falta que Arthur faz no mundo quanto era boa aquella alma alegre, que tinha o desejo de communicar a sua alegria a todas as criaturas e a todas as coisas !

E a sua avareza ? Ah! está o que esse milionario das letras, esse ganhador, esse açambarcador de proventos, esse poeta-harpagon deixa ao morrer : um bando de filhos, um montepio insignificante, e a saudade e o desconsolo a muita gente que vivia dos seus beneficios. No dia de seu enterro, algumas mulheres pobres, chorando em torno do seu caixão, confessavam o que lhe deviam : era elle o seu arrimo... O dinheiro escoava-se pelas mãos de Arthur em conforto para a prole numerosa, e em felicidade para o seu lar e para muitos outros lares orphanados e miseraveis. Que gastava elle comsigo ? apenas o pouco dinheiro com que satisfazia a sua paixão de colleccionador ; que guardava elle para si ? apenas o gozo com que completava as suas telas e as suas gravuras. Essas gravuras e essas telas são todo o espolio do homem apontado como ganhador insaciavel e como entesourador mesquinho. Grande fortuna essa, que, adquirida pelo Estado, ou dispersada pelo martelo de um leiloeiro, não dará o bastante para a compra de um tecto humilde que abrigue a familia do « ricaço » !...

Do ricaço !... Arthur foi effectivamente um homem rico, riquissimo, nababo—mas um nababo de coragem, de bom humor, de trabalho e de generosidade. Hoje, que o perdemos, todos lhe reconhecem todas essas admiraveis qualidades. Incomparavel e delicioso proveito da morte ! Ha uma luminosa verdade no ultimo verso daquelle soneto celebre :



«tu n'as qu'un seul moyen d'avoir raison ; sois mort! »

Infelizmente, esta radiante justiça posthuma não pôde ser convertida em tecto e pão para os orphãos que Arthur Azevedo deixou no mundo. E é um consolo ver que as almas, encantadas e alegradas por elle, quando vivo, querem agora recompensar esse encanto e essa alegria, protegendo os pequeninos que eram também a alegria e o encanto d'elle.»

Isso é o sufficiente para que a memoria de Arthur Azevedo viva perennemente em a nossa memoria como a encarnação mais viva da bondade e dos mais finos e delicados sentimentos e também fica como uma grande mordação para os seus detractores e invejosos.

Agora, uma explicação sobre o apparecimento deste livro.

O que Arthur Azevedo produziu, como poeta, nunca colleccionou, jámais se preocupou em reunir o que anda por ahí esparso nas innumeradas revistas e jornaes como a *A Gazetinha*, *Vida Moderna*, *Album*, *O Paiz*, não só com o seu proprio nome, como com as duas iniciaes A. A. e com os pseudonymos Eloy, o herôe e Gatroche.

O nosso trabalho, catando aqui e ali essas produções poeticas que causaram tanto successo e recommendaram o nome do poeta ao nosso apreço e á nossa admiração, tem esse grande valor: prestar um beneficio á familia, com a sua venda entre os seus admiradores e amigos e dar um intenso prazer aos mesmos para relerem esse trabalhos cheios de bom humor, de ironia, de bondade, de simplicidade e de carinho.

São sonetos lyricos, são pequeninas satyras em

quadras, em quintilhas, inoffensivas, finas glozas a factos que occorreram, tres monologos ditos por alguns artistas á luz da ribalta.

O plano do trabalho, pela escassez do tempo não permittiu que se podesse fazer cousa melhor, seleccionado, escolhido, com duas ou tres partes, de modo a se poder apreciar o poeta sob varios prismas.

Os versos de Arthur Azevedo que muita gente conhece de cór, como Guimarães Passos, o apreciado poeta alagoano dos *Versos de um simples*, reunidos agora em volume por minha iniciativa e incumbencia da Companhia Industrial Americana, cremos, serão recebidos com as mais vivas demonstrações de affecto e regosijo, porque o poeta deixou em nossos corações uma saudade immesredoura.

O producto da venda desse trabalho será entregue á familia do inditoso homem de letras que pranteámos.

Isso fazendo, damos o testemunho da nossa admiração ao compatricio amado e ao mesmo tempo prestámos a nossa reverencia á sua familia.

A talentosa e illustre colonia maranhense pretende reunir a obra esparsa do poeta.

Para pouparmos maior esforço aos contrraneos de Arthur Azevedo, aqui se acha o inicio de um trabalho para um outro mais perfeito, mais duradouro.

Quizemos prestar o nosso culto á sua memoria: outros que o completem.

Como demonstração viva da nossa saudade, vamos deixar aqui uns pobres e desprezenciosos versos

que fizemos em sua casa, junto de seu cadaver, na camara ardente, o ultimo preito que podiamos prestar ao bom amigo que tanto nos distinguiu.

Aqui apparecem, porque tivemos o applauso dos amigos de Arthur e da imprensa que os publicou, demonstrando com isso que a intenção de quem os fez era pura e sincera.

Esse foi o nosso

Ultimo adeus

Minh'alma, chorosa e triste,
Vem te dizer terno adeus !
A essa dor não resiste
Minh'alma, chorosa e triste !
Tu, que tão cedo partiste,
Recebe esses versos meus,
De uma alma chorosa e triste !
Que vem te dizer adeus !

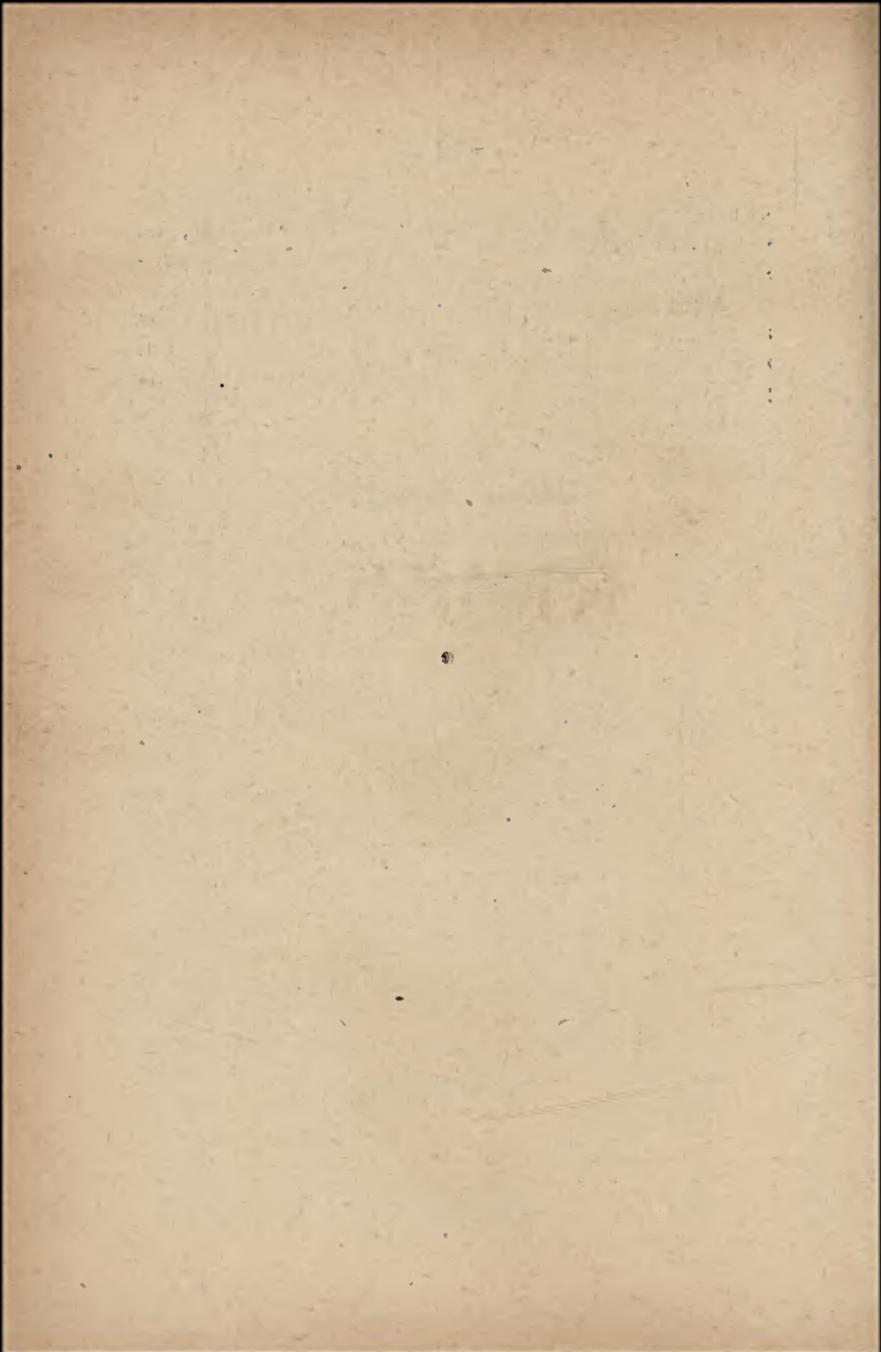
Tu que foste tão bondoso,
Tão sincero e dedicado,
Recebe esse adeus saudoso
Tu que foste tão bondoso !
E' um adeus lacrimoso
De um amigo abandonado..
Tu que foste tão bondoso,
Tão sincero e dedicado !

Quem viveu sorrindo e amando,
Quem tanto bem semeiou,
Deve ter todos chorando
Quem viveu sorrindo e amando...
Nestas meus versos te mando
O que minh'alma entoou
A quem viveu sempre amando
E tanto bem semeiou !

Novembro—1908—Meyer.

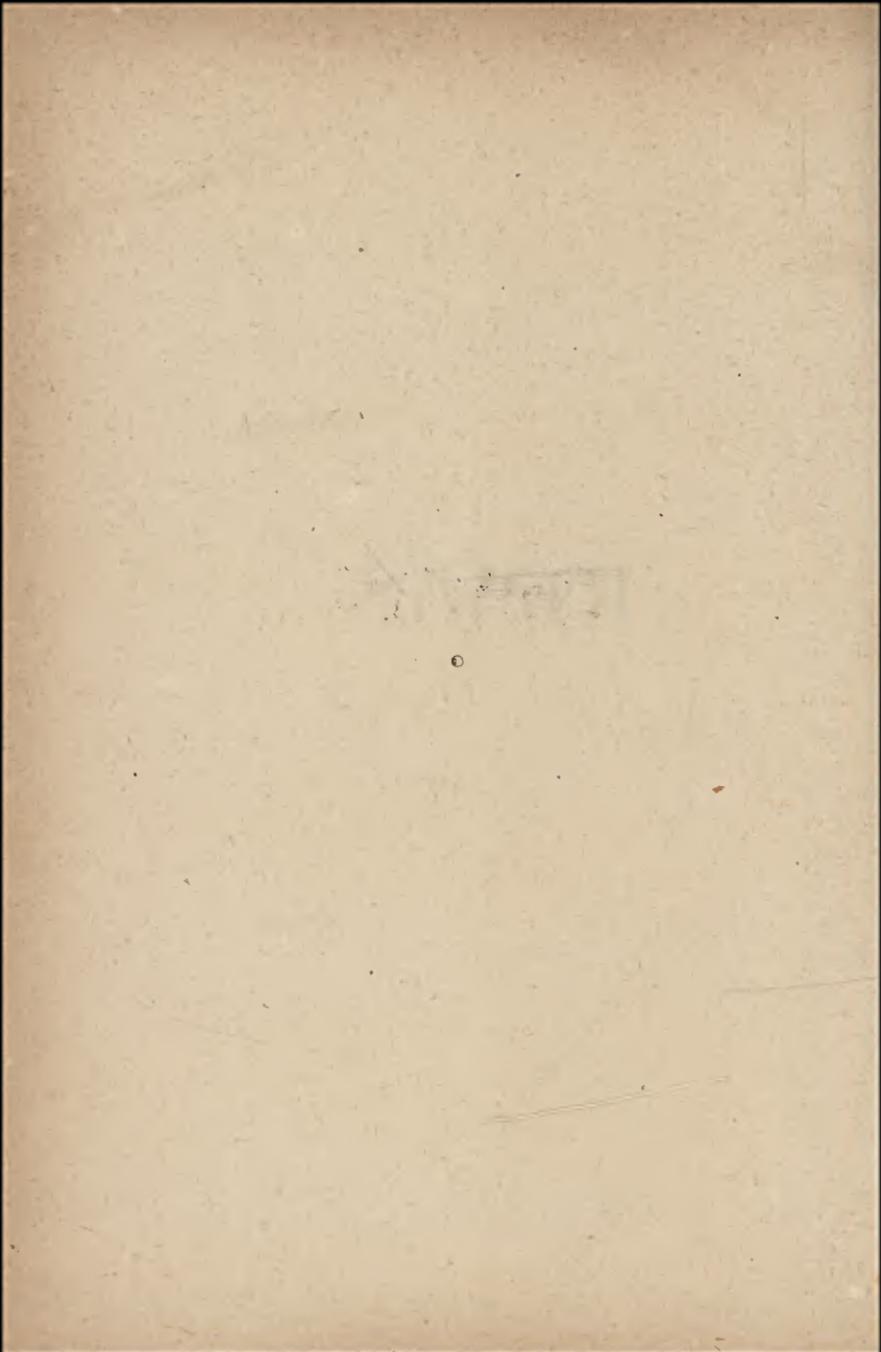
X AVIER PINHEIRO.





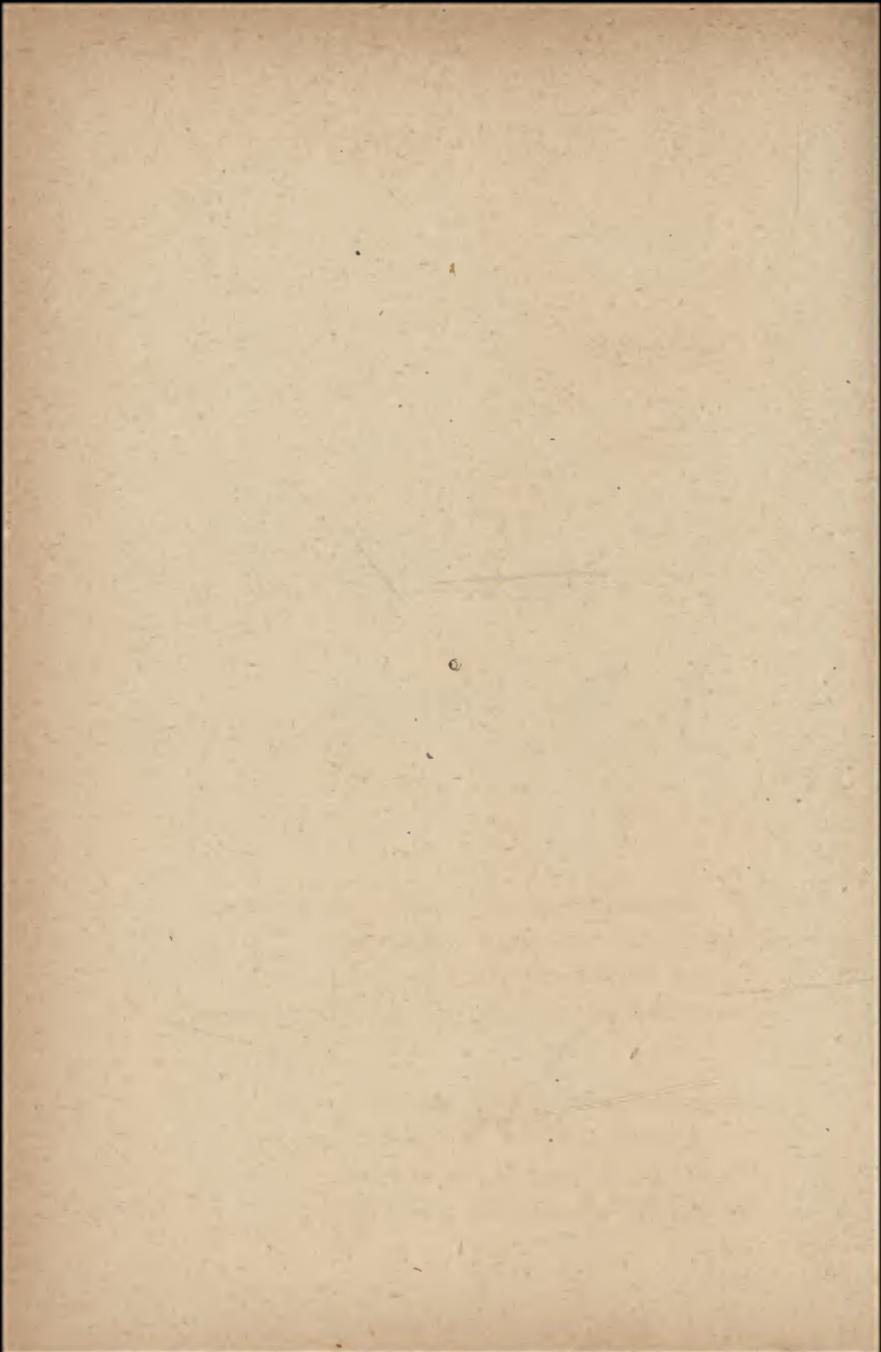
RIMAS





Em viagem





Em viagem

*«Já que nos prendem venturosos laços,
De teu leito corramos a cortina,
E uma lua de mel que não termina
Gozemos—eu nos teus, tu nos meus braços.»*

*Desmaiados eu vejo os niveos traços
De teu rosto gentil que me fascina ;
Mas de novo viver a cor divina
Has de ver no calor de meus abraços...»*



*Assim falava eu, si me recordo,
Beijando-lhe os cabellos de azeviche,
De volta de um altar... Porém acórdos...*

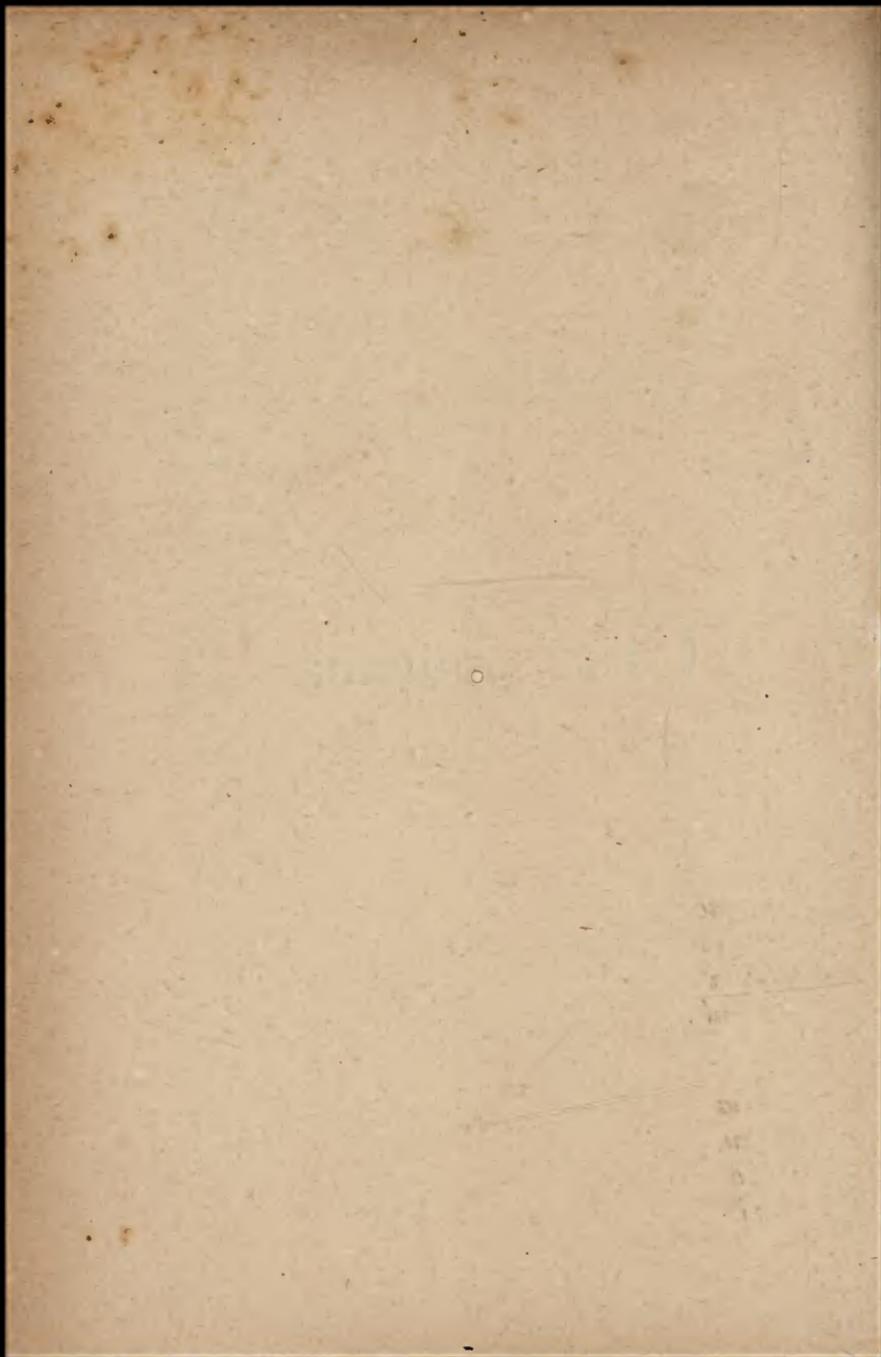
*Que Amor em dar-me sonhos taes, capriche!
Julgára-me a seu lado : estava a bordo
Dormindo a somno solto em meu beliche!*

Oceano Atlântico.



Coisa nenhuma





Coisa nenhuma

*Eu faço versos com facilidade,
E em muitos albuns tenho escripto já :
Mas hoje estranha hesitação me invade!...
Tremo! — Por que será?*

*Os versos meus andam ali dispersos
Filhos sem pai, rebanho sem pastor,
E o motejarem dos meus pobres versos
Não me produz o minimo terror.*



*Hesito, todavia. Como agora
Nunca, por Deus! temi desagradar;
Nunca me tremeu tanto a mão, senhora!
O caso é singular !*

*Quando o teu livro recebi, a penna
No infecundo tinteiro mergulhei;
Chamei a Musa: “Anda para cá, pequena!”
E um soneto romantico rimei.*

*Pareceu-me trabalho de encommenda...
Sobretudo o final não me agradou...
Emendei-o: Jesus! peior a emenda
Que o soneto ficou!*

*Desesperado, resolvi rasgal-o:
Rasguei-o, e logo umas quadrinhas fiz...
Estavam a pedir balas de estalo!
O soneto era menos infeliz!*

*Projectei um acrostico: Adclaide
Tem_õito letras, uma oitava dá;
O genero, porém, ficou aleaide...
Nem cotação tem já!*

*Pedi á Musa alguns alexandrinos
E a musa auxilio não me recusou;
Mas os diabos sahiram tão mofinos,
Que a Sapucaia logo os reclamou!*



*“E se eu fizesse alguma coisa em prosa?”
Pensei. “Mas, desgraçado, tu não vês
Que a rima é muito menos perigosa,
E a prosa tem seus quês?”*

*Os versos inventaram-se (Eu já disse
O mesmo em versos que ha cinco annos fiz.)
P'ra se poder dizer quanta totiee,
Quanta frioleira em prosa não se diz.*

*Poeta famoso, se não mente a fama,
D'este modo uma epistola encetou :
“Tenho pressa, um negocio me reclama :
Em verso escrever vou.”*

*Tinha razão: os versos mais perfeitos,
Mais faceis de fazer que a proza são ;
Todos os fazem (mais ou menos... feitos);
Prosa, porém, nem todos a farão.*

*Tarefa não conheço mais penosa
Que de eserevel-a certa, airosa e san ;
Se alguem me contradiz, penso da prosa
Tal qual Monsieur Jourdain.*

*Gósto, entretanto, de bons versos, gósto;
Ha de havel-os emquanto mundo houver,
E essa fonte de gosto e de desgosto,
Anjo e demonio que se diz—mulher—*



*Tremo. Sabem por que? Do album a dona
Com ser formosa não se satisfaz:
Tem uma alma que as almas apaixonou,
O espirito vivaz.*

*Seu destino ao destino de um artista
Ligou; fez-se a madona de um pintor;
Não a levou comsigo, por conquista,
Nenhum burguez, nenhum commendador.*

*E' tambem uma artista, que do piano
Magieos sons sabe arranear, que dão
A' miserrima rua do Cassiano
Uma nobre feição.*

*A quem taes dotes reunir (reflieto)
Com versos meus jámais contentarei;
E por isso hesitei, por isso hesito,
Por isso muito tempo hesitarei...*

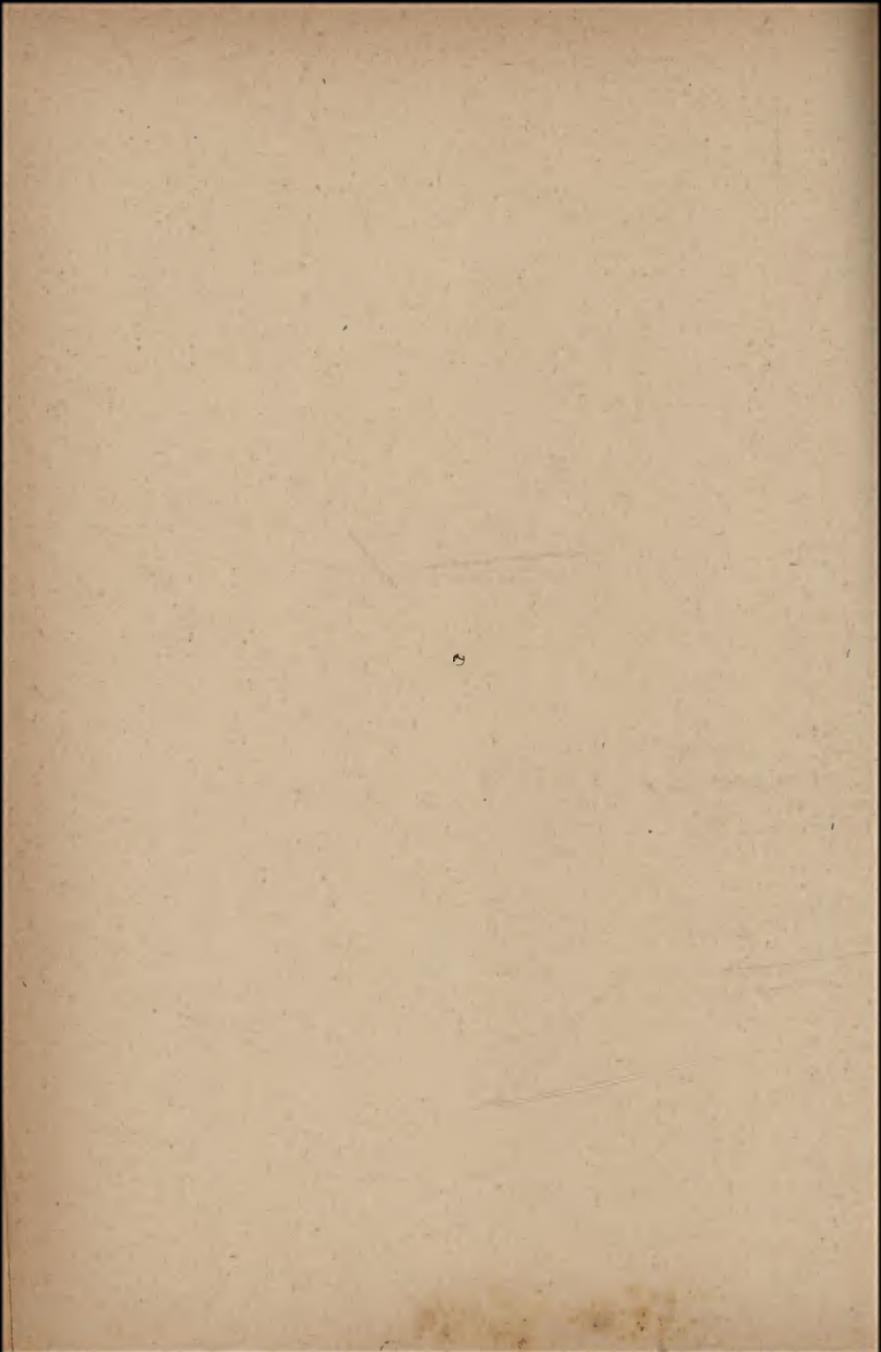
*Cheio de tanta hesitação, em summa,
Que posso eu pôr aqui, não me dirão?...
Decido-me a não pôr eois nenhuma...
Dama gentil, perdão!*

Novembro de 1892.



Lamentação

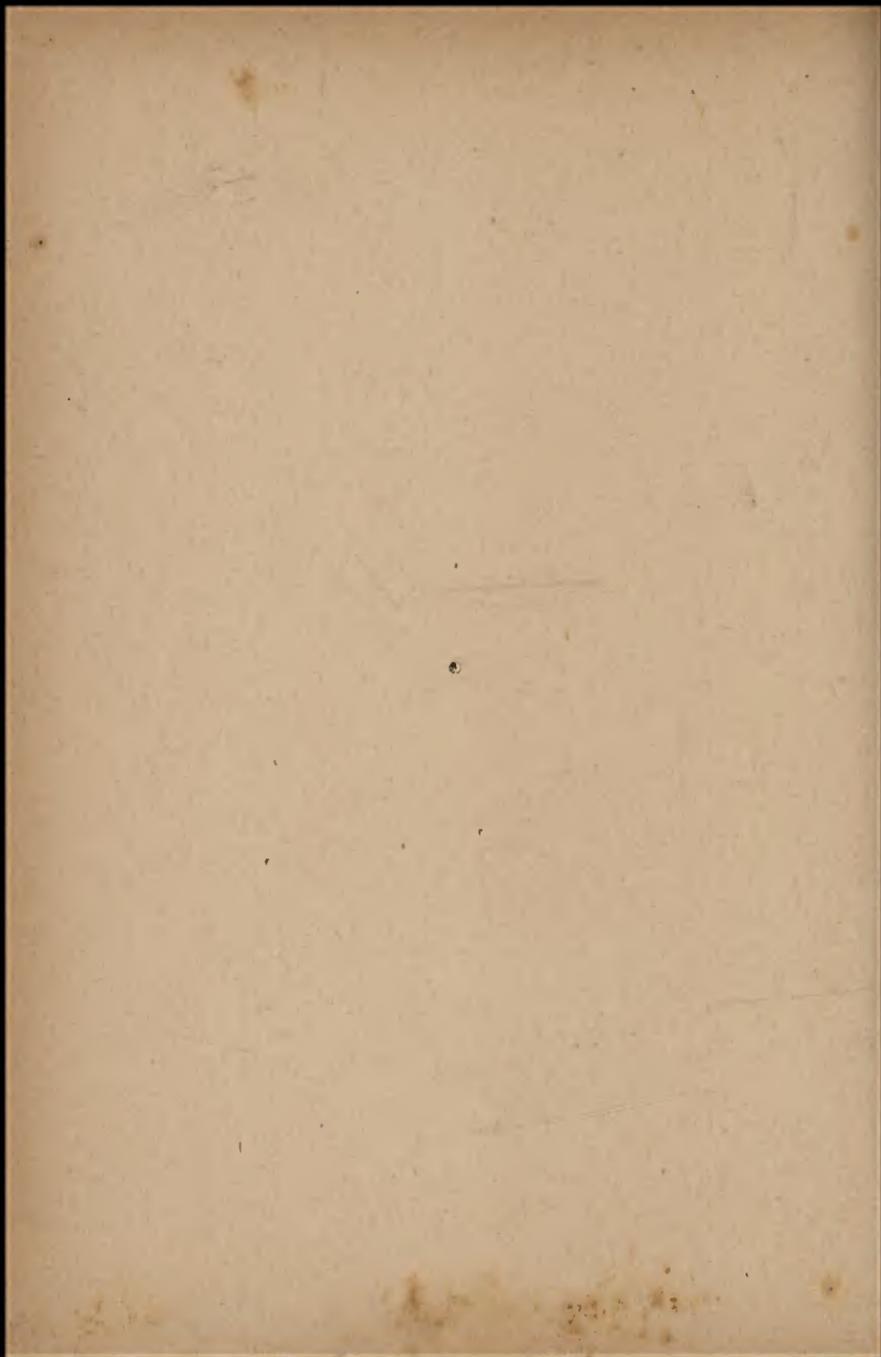




Lamentação

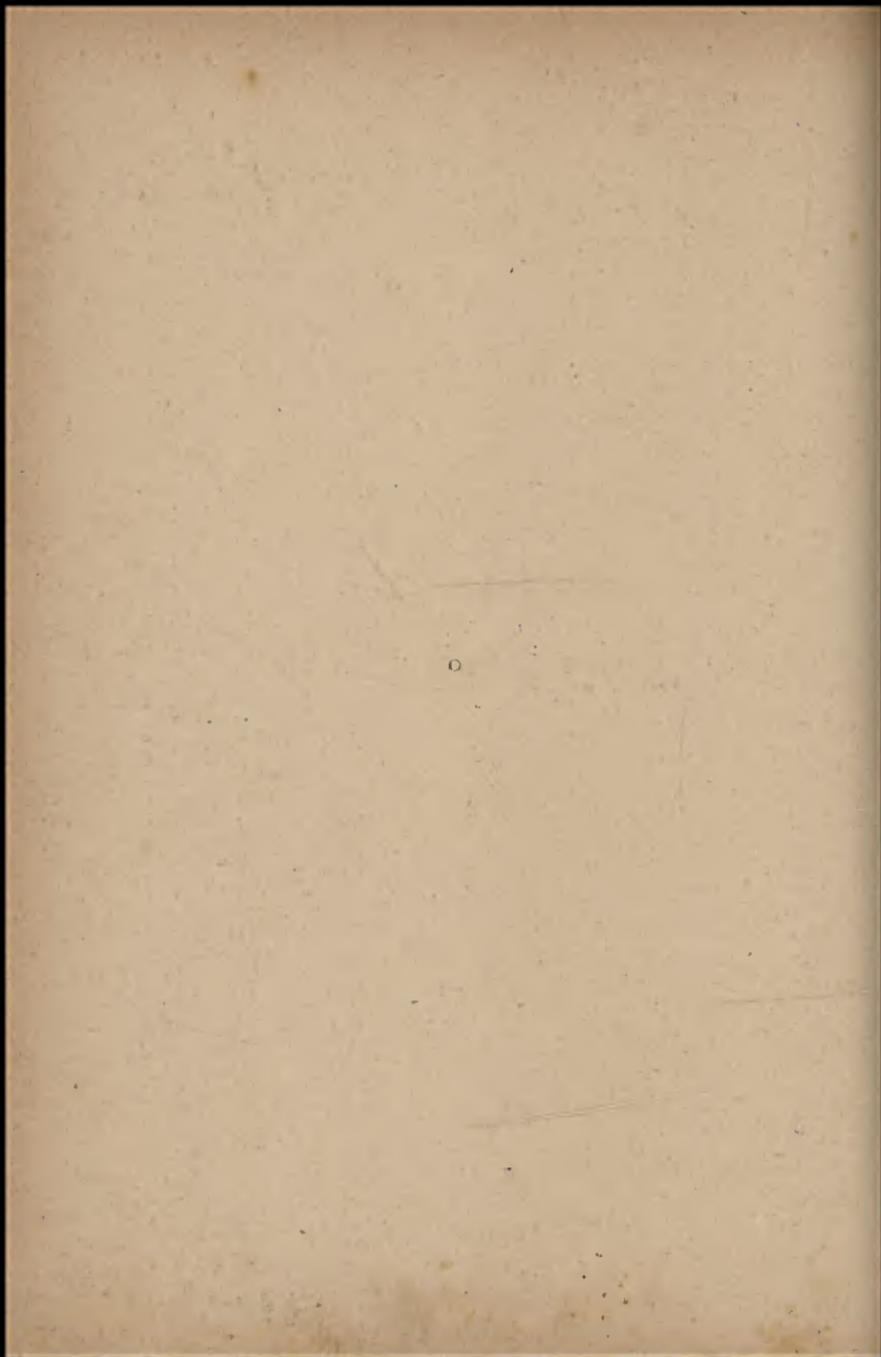
*Eu sou muito infeliz! li teus escriptos,
Que deviam ficar em manuseriptos,
Não nove annos, como Horacio ordena,
Mas toda eternidade.
Causa-me funda pena
Que sejas, prezadissimo confrade,
Mais infeliz ainda :
Escreveste o que eu li... Desgraça infinda!*





Ironia





Ironia

*Você deixou que perfida navalha
Invadissem-lhe a barba, que fulgia
Como ao primeiro resplendor do dia
Fulge a planta gentil que a noite orvalha.*

*Que barbeiro sem alma passaria
De seu pescoço em volta uma toalha,
Para cortar-lhe (o' barbaro! o' canalha !)
A cabelleira farta e luzidia ?!*



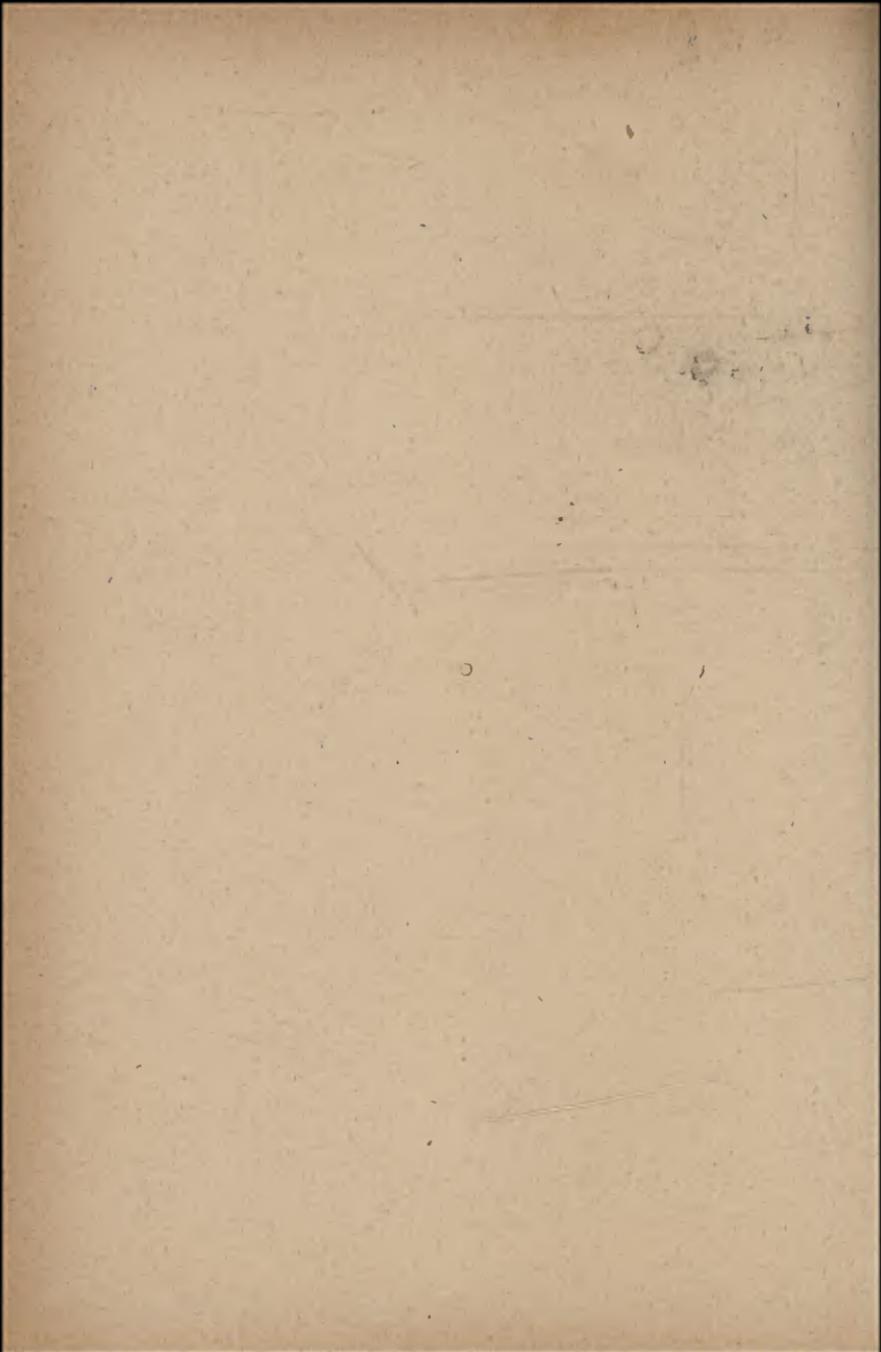
*E anda de oculos azues ! Por tenebroso
Safado casacão que o emmagrece,
Por que deixou você seu «frak» airoso?*

*Você não é mais você... Por que ? Confesse...
Ah ! já sei a razão (oh ! que engenhoso !)
Si o encontra um credor, não n'ó conhece.*



Consequencia





Consequencia

*Ha cinco mezes já que estão casados.
Da lua de mel os ultimos lampejos
Gozam, trocando aborrecidos beijos,
Numa larga poltrona accommodados.*

*Falam do tempo em que eram namorados...
Tempo menos de amor que dos desejos...
Separam-se, afinal e entre bocejos,
Elle fuma... ella borda... ambos callados.*



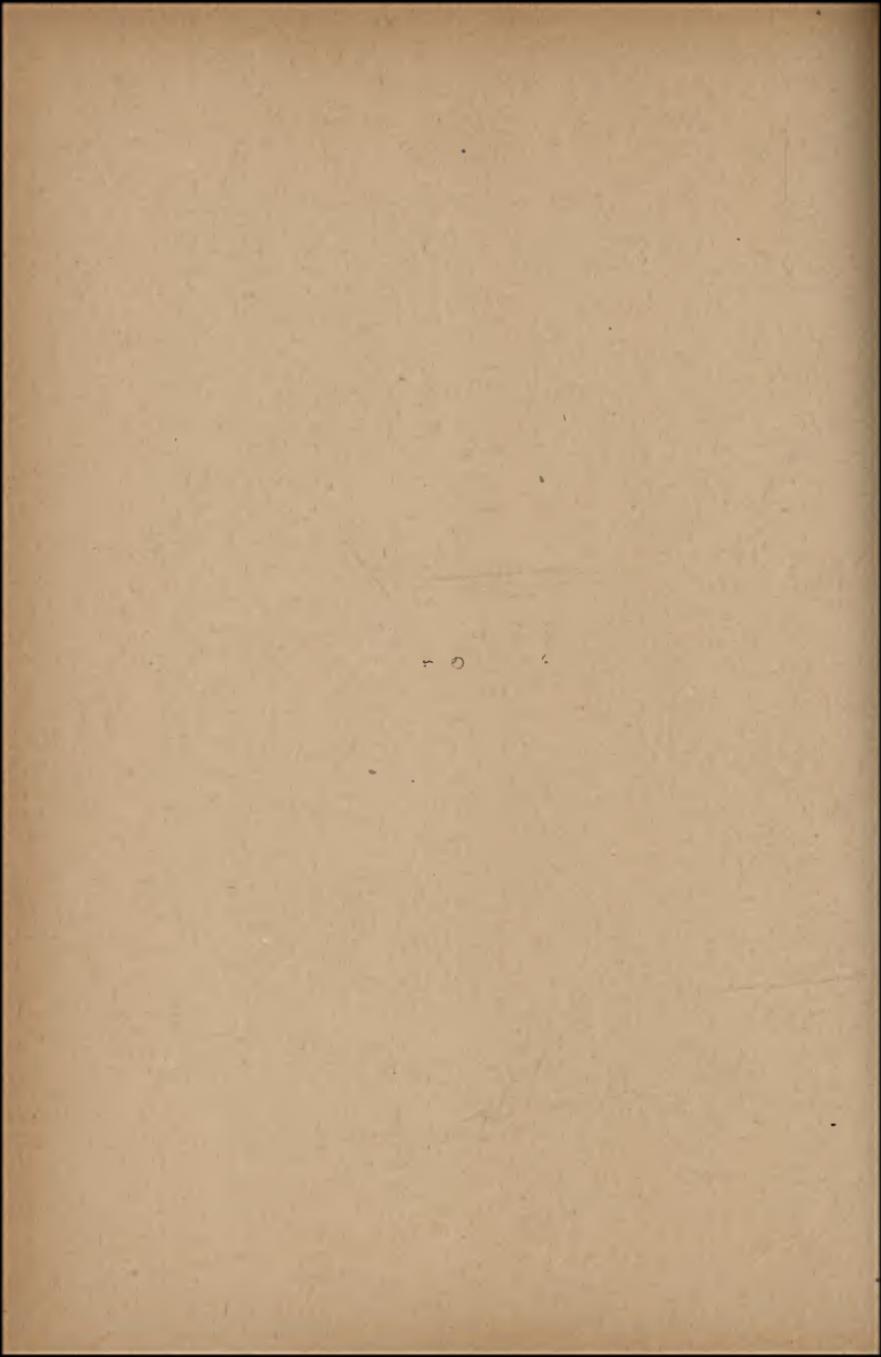
*De repente ella se ergue e o rosto esconde,
Soltando um grito estrídulo, indiscreto.
Ao que o echo da sala corresponde.*

*Elle interroga-a pallido, inquieto...
Ella tremula e rubra lhe responde...
Sente no seio remecher-se um feto.*



Uns. Pés





1 0 2



Uns pés

Si o padre santo tivesse, etc.

NICOLÃO TOLENTINO

*Bate-me o peito apressado
De impaciencia e de amor :
Vou ver o rosto adorado
Da minha doce Leonor.*

*Ai, como é bella ! O seu rosto
E' lindo, que outro não ha
De tantas graças composto !
Formozissima sinhá !*



*Mas o que vejo! Começa
A churiscar! A ehover!
Ai, se esta chuva não cessa
Meu amor não posso ir ver!*

*Já chove muito, desgraça!
Enhem-se as ruas, horror!
Aquelle earro que passa
Não mostra as rodas! Senhor!*

*O' céos, que forte aguaceiro!
E eu não me posso molhar!
Não stou no Rio de Janeiro,
Pareço em Veneza estar!*

*Vem um tilbury: vaidoso,
Vaidoso nem caso faz...
Um passageiro ditoso,
Um passageiro já traz...*

*Nesta rua, que não séeca
Não hei de andar aos boléos!
Diluvio, leve-te a breca!
Impertinencia dos céos!...*

*Mas, oh! que idéa pasmosa!
Oh! que recurso de truz!
E' lembrança luminosa!
Vou ver Leonor! Fez-se a luz!*

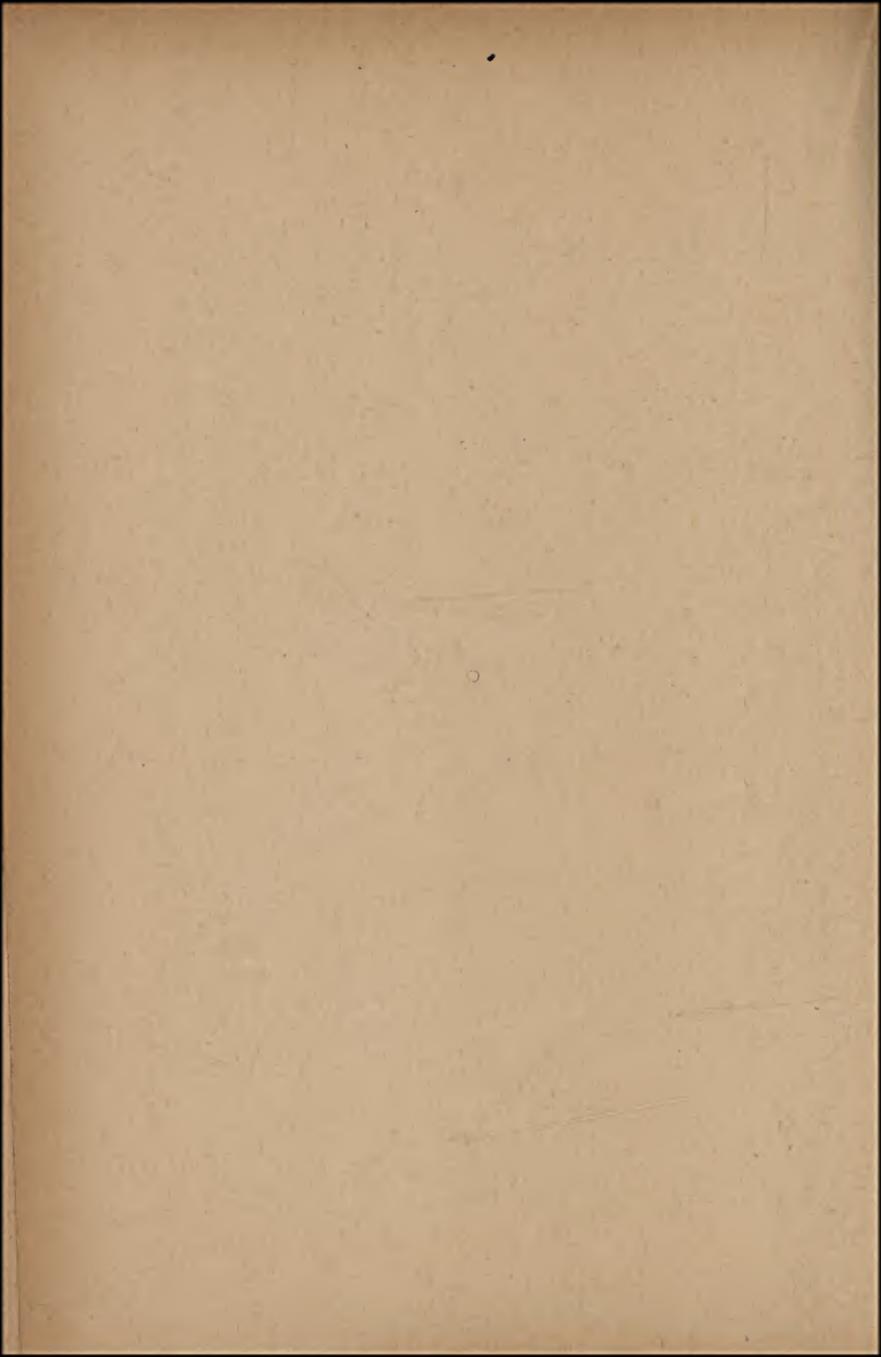


*Cresça, reeresça a enxurrada !
Aguaceiro ! Inundação !
Hei de ver a minha amada !
Hei de falar-lhe ; verão !*

*Num sapato do Fernandes
Irei por essa maré,
Pois que metto os meus pés grandes
Onde elle mette um só pé.*

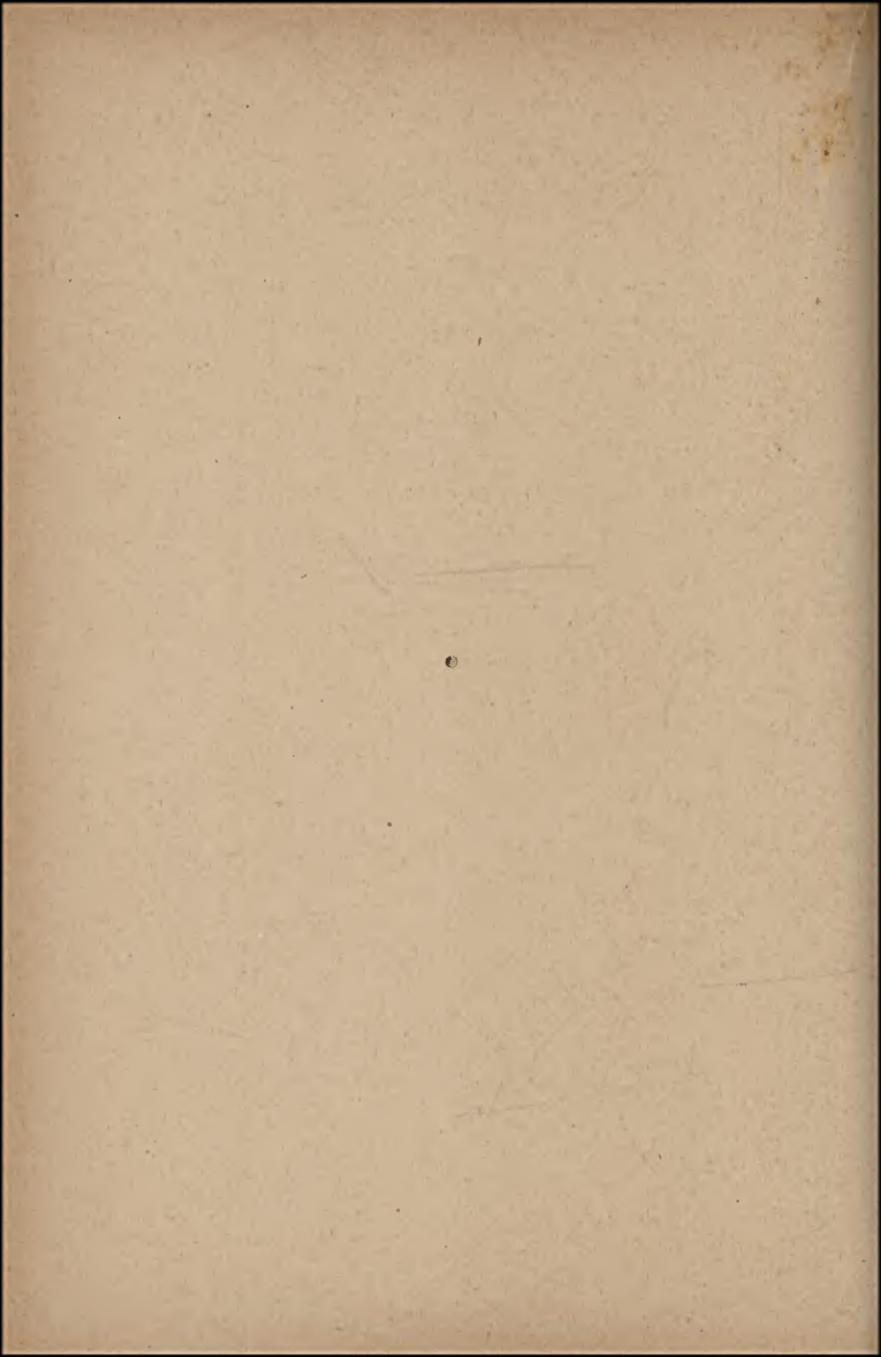
*Bate-me o peito apressado
De impaciencia e de amor,
Vou ver o rosto adorado
Da minha doee Leonor !*





Só estampa





Só estampa

*«Deixa os teus olhos quietos,
Teus olhos negros e grandes,
A passeal-os não andes
Pelos meus pobres sonetos.»*

*Honra tal não lhe facultes,
Poís que com ella nem sonham!
Vê que os tristes se envergonham
De que o teu bom gosto insultes.»*



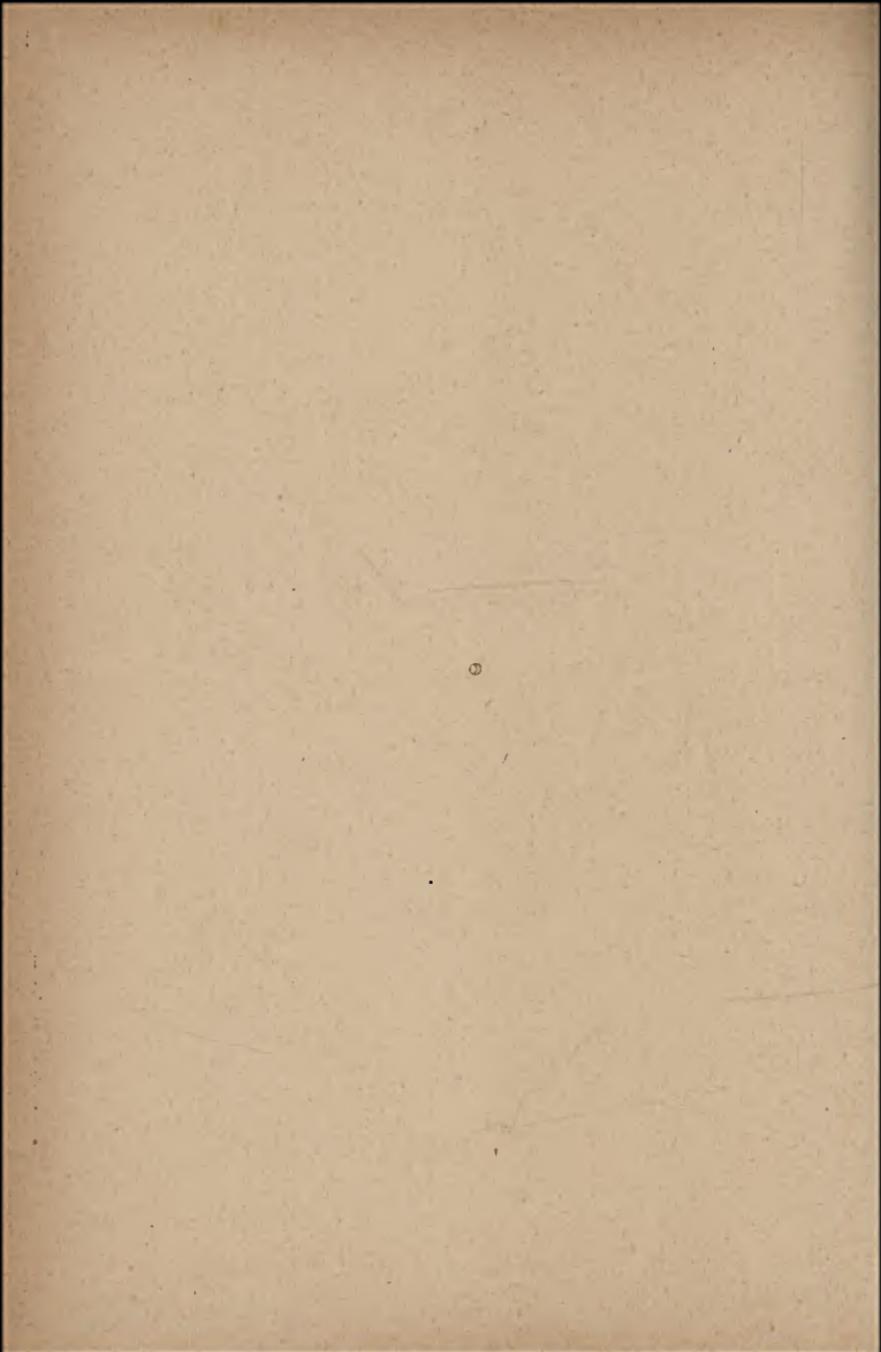
*Tinha chegado da roça
A curiosa da moça
Que meus sonetos olhou.
Como resposta me disse :
(Vejam que enorme tolice!),
«Eu não sei lê, não sinhô.»*

*Já me déra volta á bola :
Mudei de resolução.
Só quando sair da cseola
Me entrará no coraçõ.*



Improbus amor





Improbus amor

*Seis horas da manhã. Pespega-se no posto
Quineas, o namorado. O becco está deserto.
Lá num de quarto andar postigo quasi aberto
Da filha de um burguez a medo assoma o rosto.*

*Sete horas já lá vão. Quineas está disposto
A se deixar torrar por vivo sol esperto.
Sete horas e quarenta. As oito já vem perto,
E o Quineas fica, tendo um frade por encosto.*



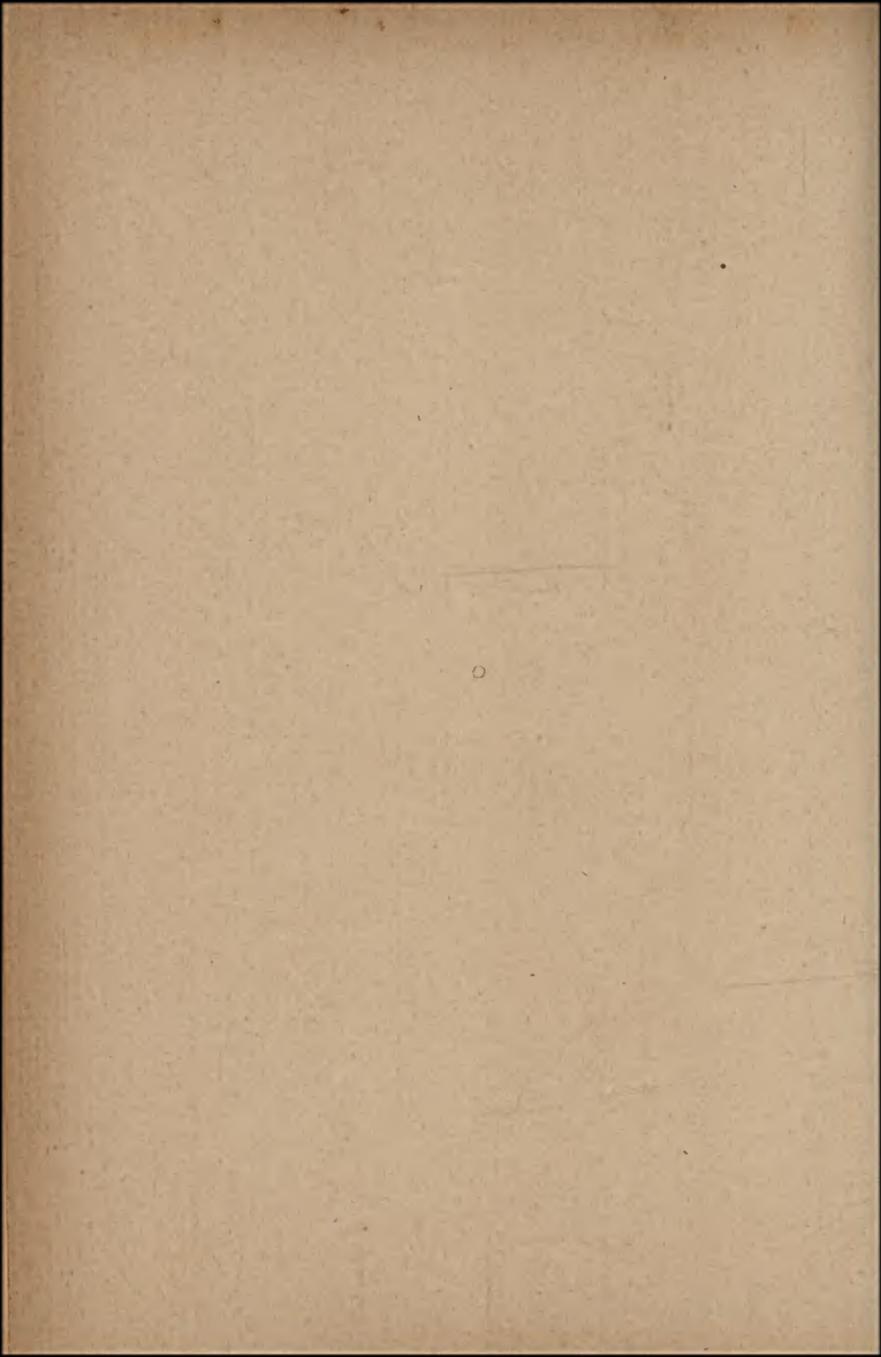
*O sol se esconde agora. Os píncaros dos morros
Pura neblina são. E que horas são? Dão nove.
Que grande trovoadá! A chuva cai a jorros!*

*Dez horas. Chove! Onze. E chove! Doze. E chove!
A enxurrada reeresce, abrigam-se os cachorros—
O becco está deserto. E o Quincas não se move!*



Vem cá...





Vem cá

ELLE

*Tu tens os olhos pisados :
Ai! quem foi que f'os pisou?
Foram de amor os cuidados?
Que tanto mal te causou?*

*Com taes olheiras, tão vivas,
Quem de mais longe te vê
De que pense não te livras
Que pozeste um pinee-nez.*



*Comtudo, talvez não sintas
Cuidados no coração;
Si tens amores, não mintas;
Si os não tens, não mintas, não.*

*Si os tens, adcus, adeusinho...
Não lhes quero fazer mal.
Volto pelo meu caminho,
Deixo em paz o meu rival.*

*Verdade é que occulto pomo
Mais desejo aguçar...
Mas não importa! Retomo
O meu caminho...*

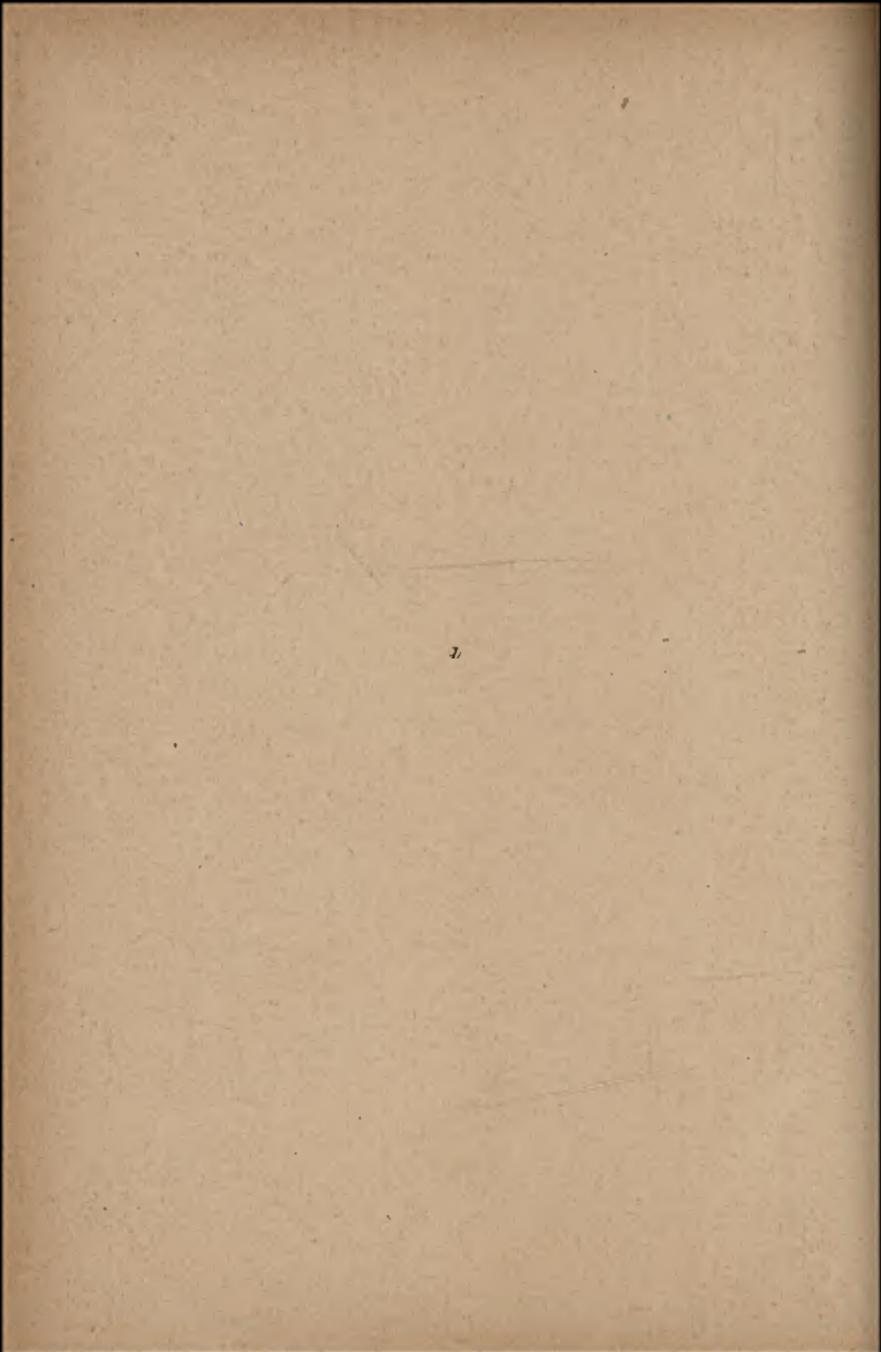
ELLA

Vem cá!



A umi collega

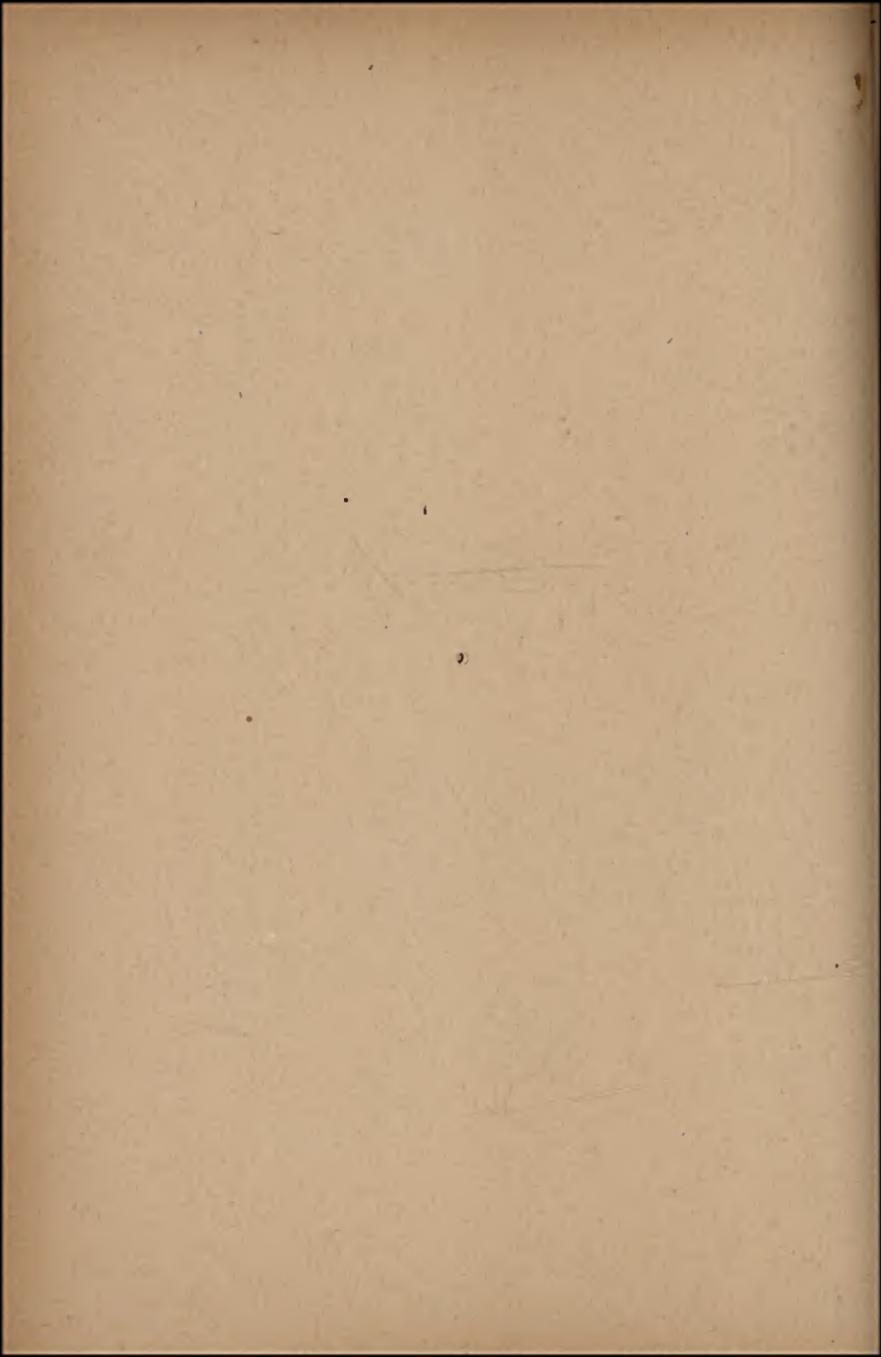




A um collega

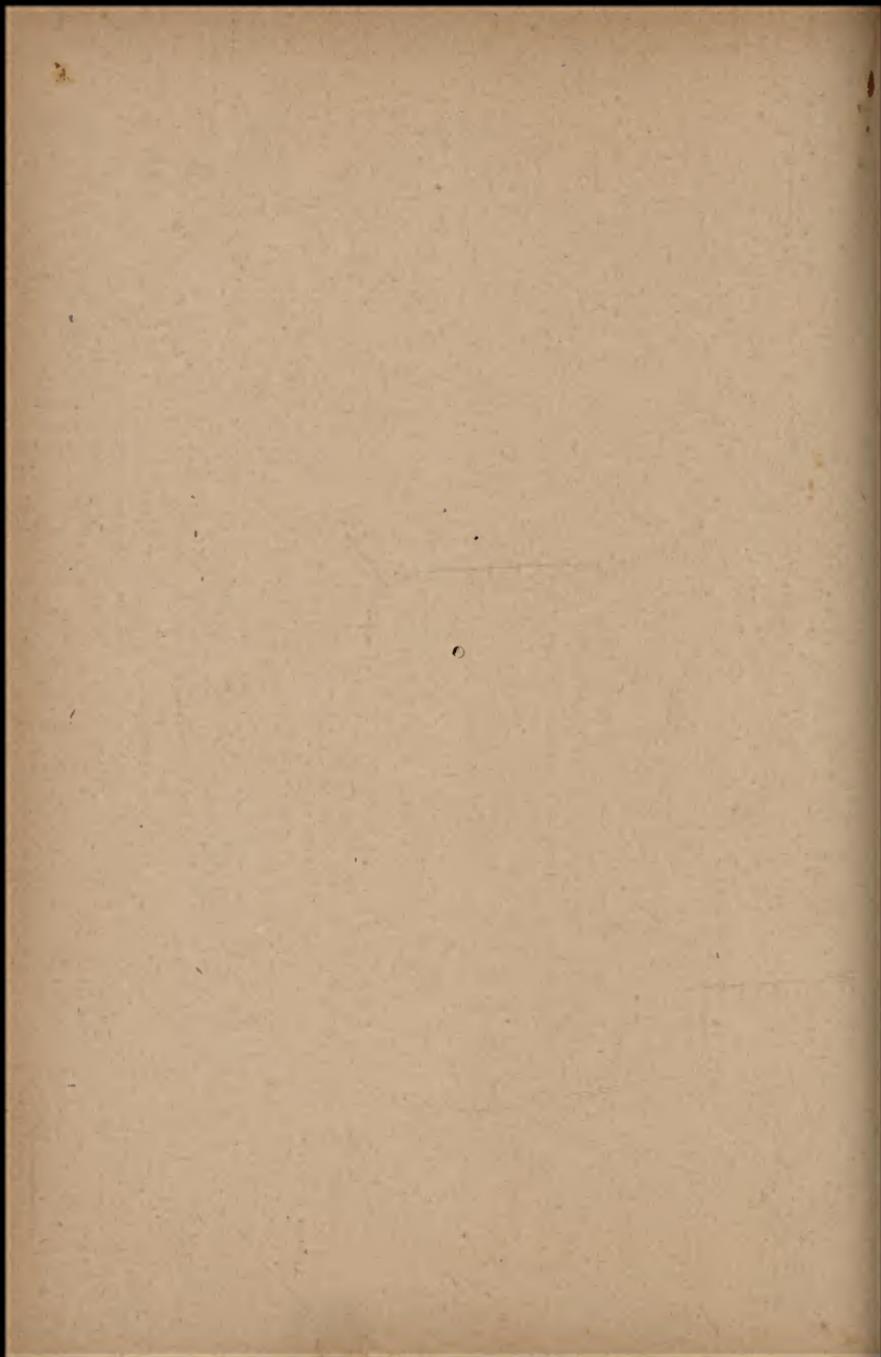
*Trata de cousa mais pratica...
Não sabes que aqui no Rio
Pugnar pela arte dramatica
E' malhar em ferro frio?*





Que horror

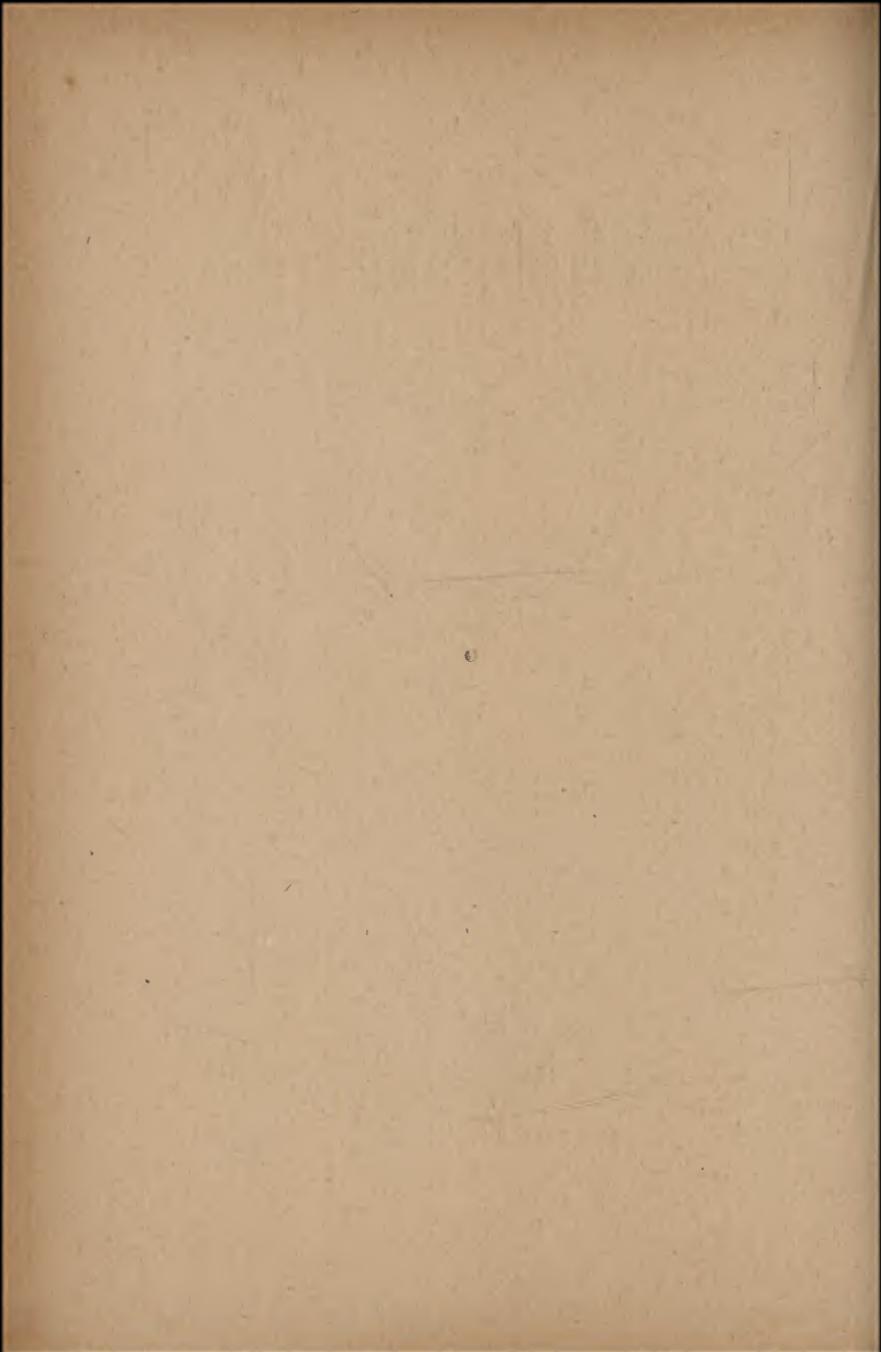




Que horror

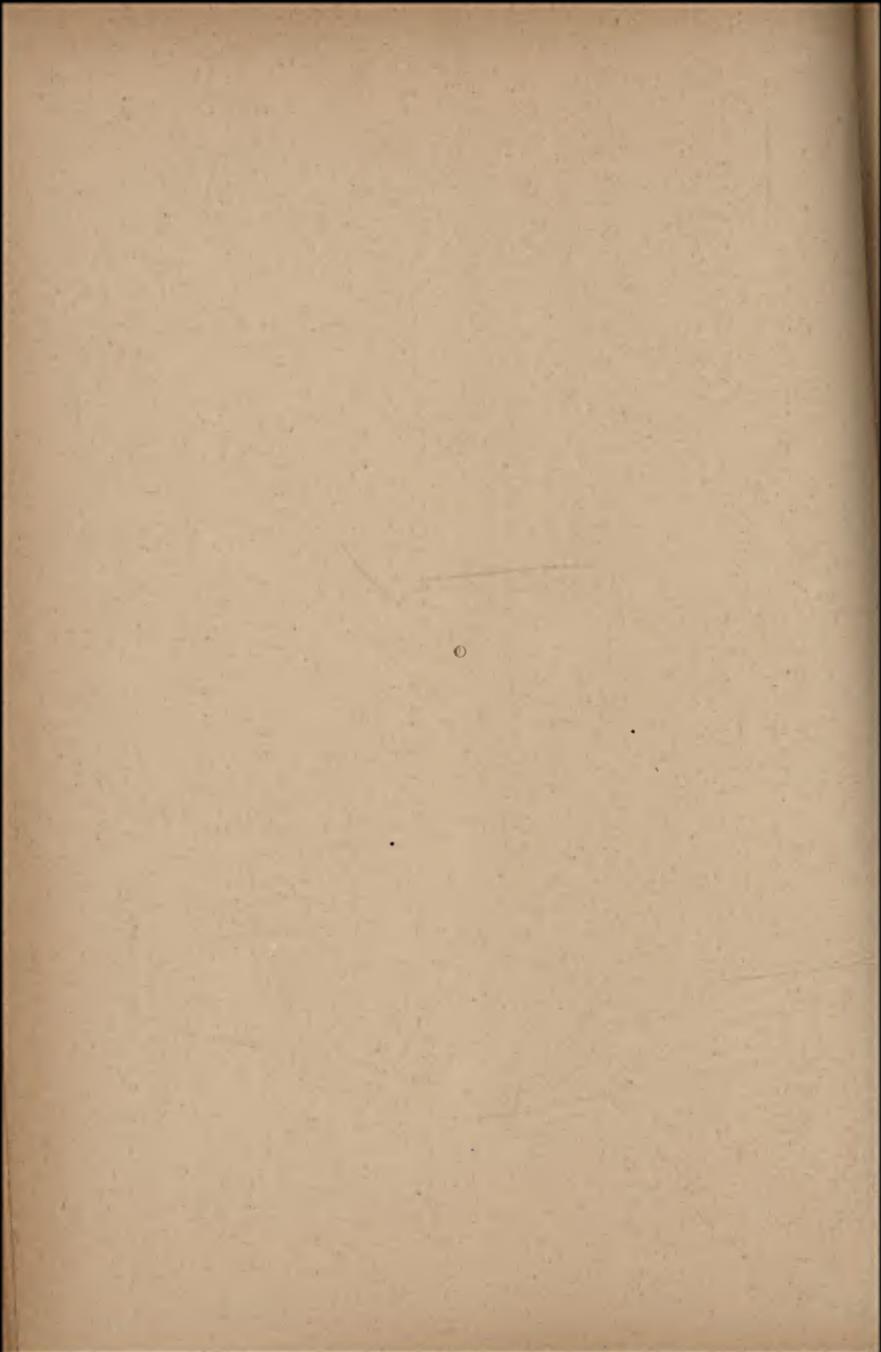
*Estou spleenético e tectrico.
Sorumbático e sombrio...
Vi de longe um bonde eléctrico!
Não faço versos, não rio...*





O anel





O anel

*Além de que sou filho da cautela,
Pouco tempo durei p'lixão tamanha :
Portanto, a moça me era quasi estranha...
Nem um minuto conversei com ella.*

*Foi minha mais intrepida façanha
Lançar-lhe um cartinha na janella.
Tal resposta ap'ntei da minha bella,
Como bem raro namorado ap'nta.*



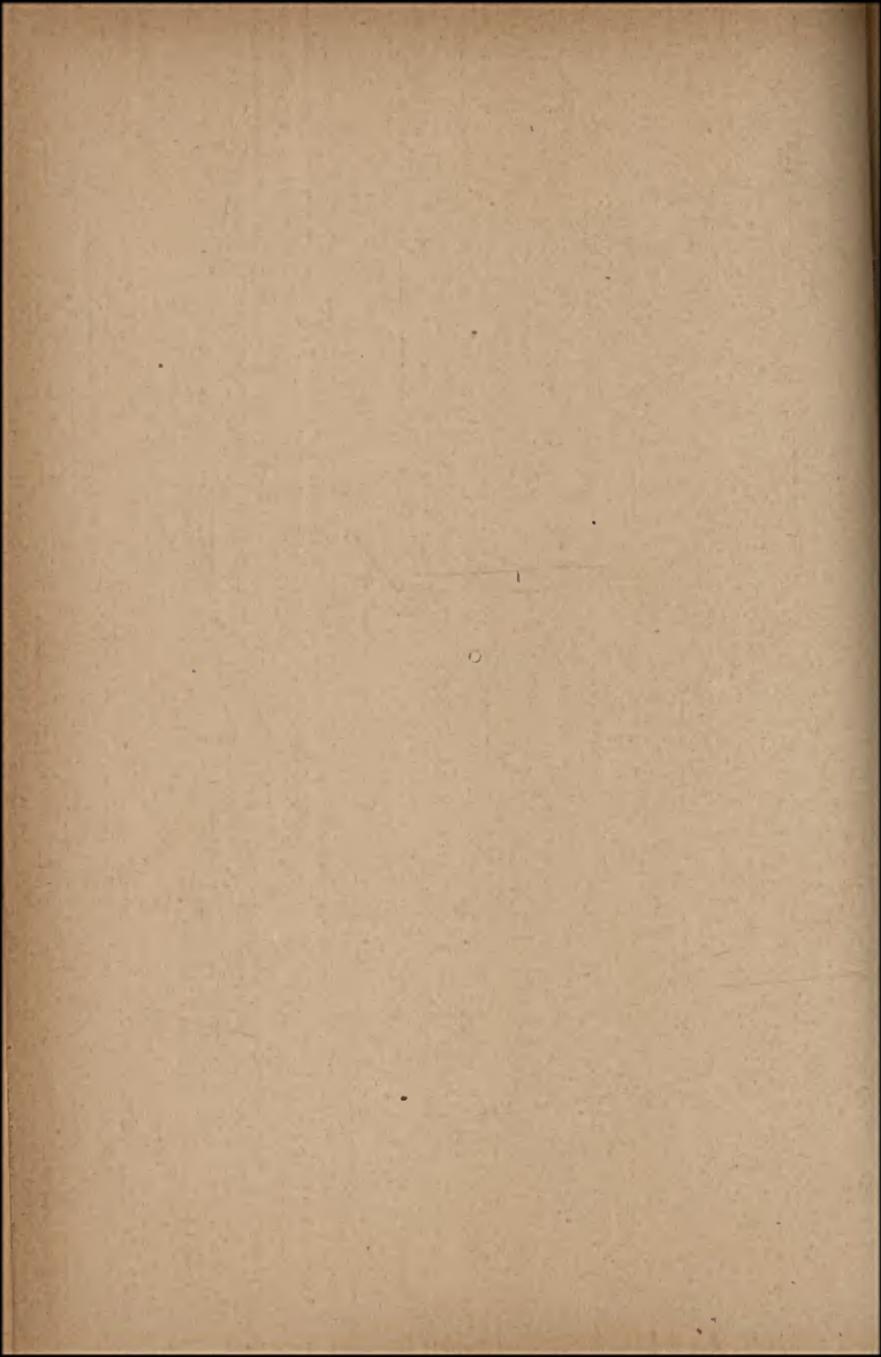
*Resolvi com moral este argumento :
Si devia matar uma esperança,
Si devia offender um sacramento,*

*Um dia em que, affastando a negra trança
Ella mostrou-me, nesse movimento,
No dedo o facetado anel de alliança.*



Educação





Educação

*O irmão mais novo disse ao irmão mais velho
«Não temos pae nem mãe; a ti compete,
A fim de que eu não faça estenderete,
No mundo me guiar com o teu conselho.*

*Homem não sou, mas já não sou fedelho...
Preciso trabalhar; pois não promette
Esta vida um porvir de villaquete?
Temos em nosso pae um fiel espelho...*



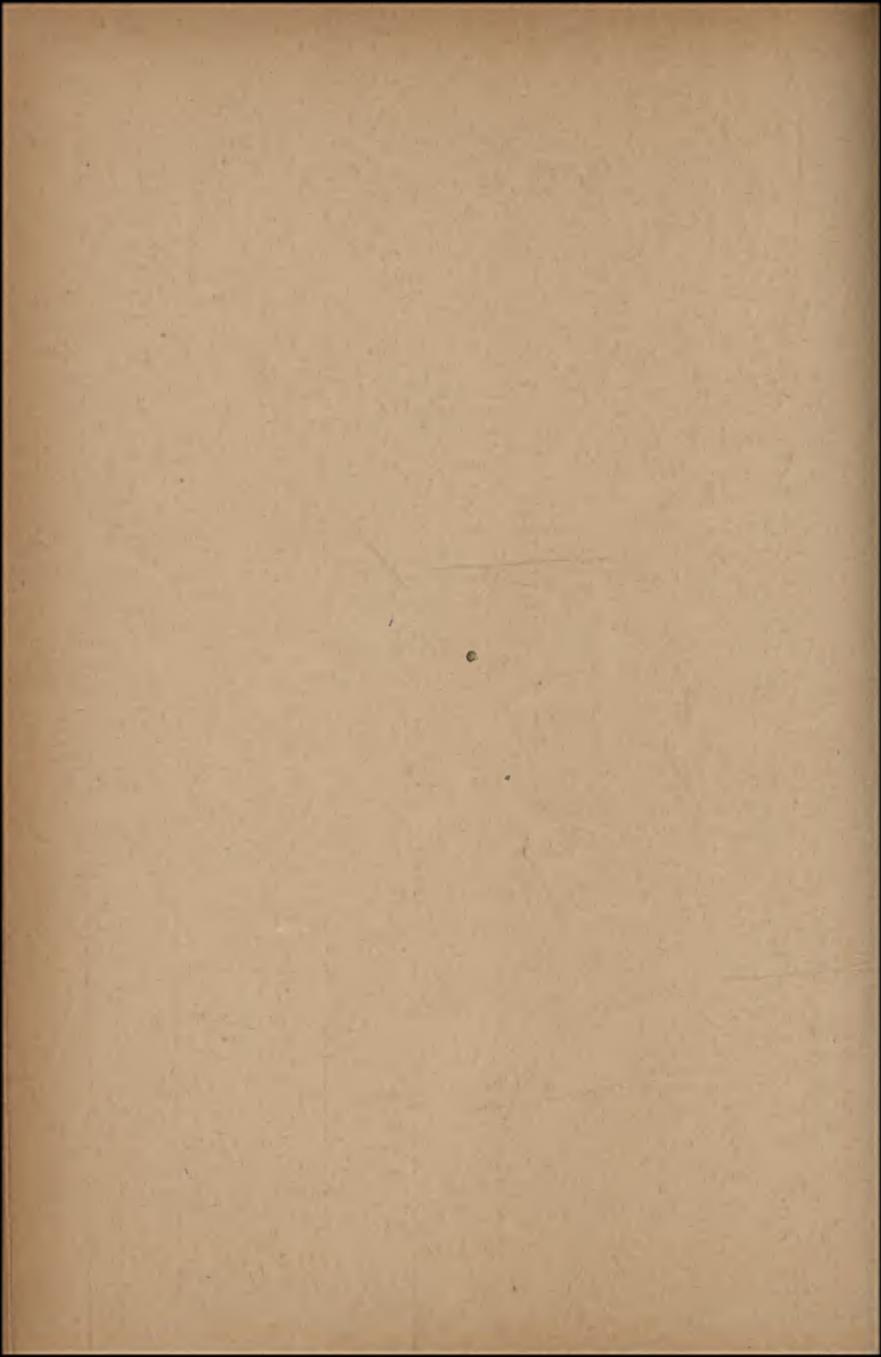
*Eu trabalho te peço, que desgosta
Ver-te andar tão pelintra pela rua,
Ao passo que o eu pareço um guarda-costa...»*

*Antes que outro a exposição conclua,
O mais velho, por unica resposta,
Tira do bolso e dá-the... uma gazua.*



Temperança





Temperança

*Sem mais dares nem tomares,
Lançaste-me o teu desdem;
Mas lá por me desprezares,
Não me desprézo também.*

*Muitos em taes circumstancias,
Para a desgraça esquecer,
Entre outras extravaganeias,
Dão-se ao vicio de beber.*

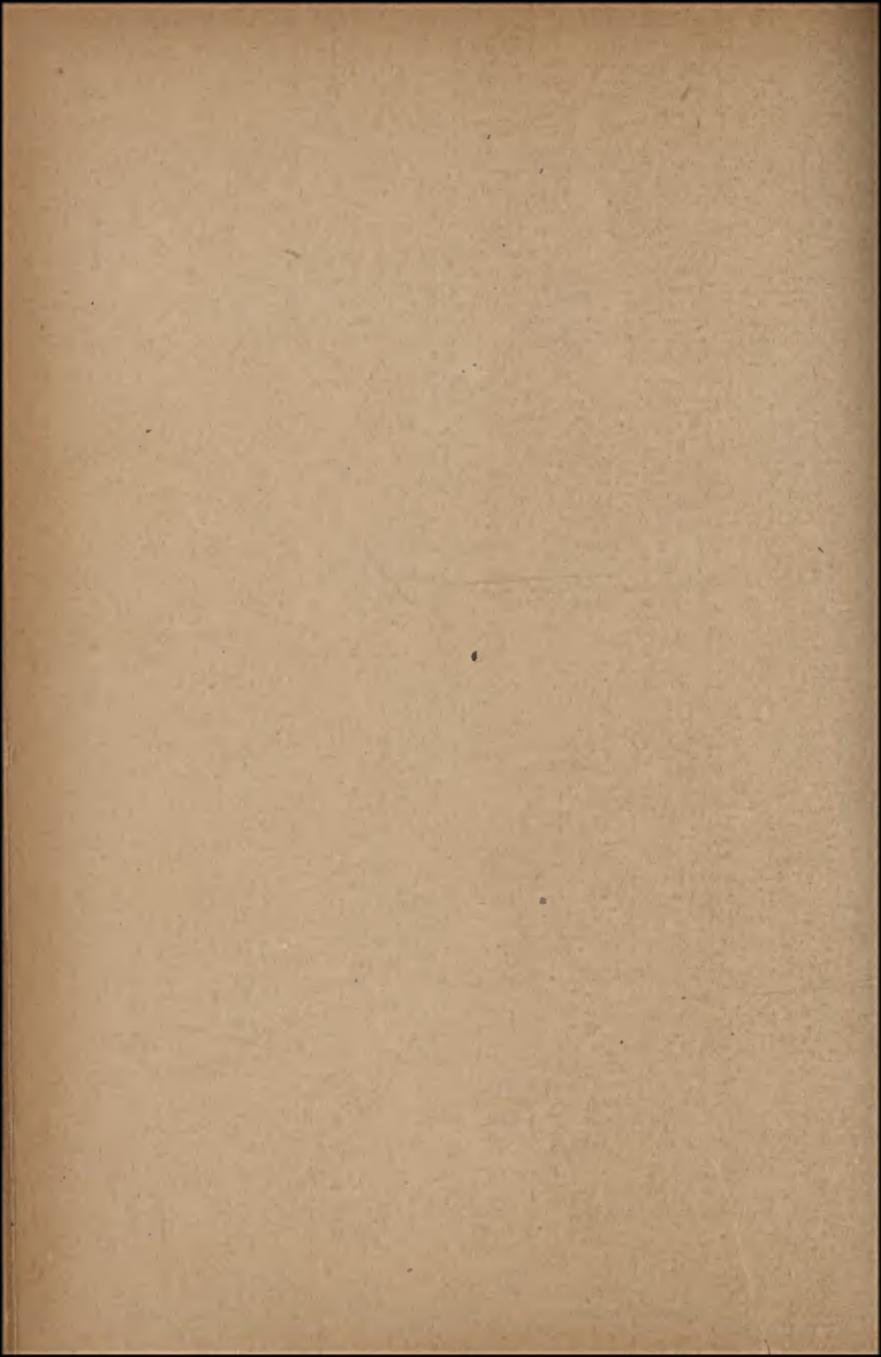


*Vendo perdida a esperança,
Atiram-se ao paraty ;
E eu bebo—que temperança!—
Eu bebo... os ares por ti.*



Odio





Odio

*Alerta, Satanaz! Alerta! Alerta!...
Visitar-te lá vai alma damnada!
Si merecer no inferno achar morada,
Do inferno a porta vai lhe ser aberta.*

*E' tardia, talvez, mas nunca incerta
A justiça de Deus, por Deus mandada...
Regosija-te, humanidade honrada,
Que de malvado-mór estás liberta!*



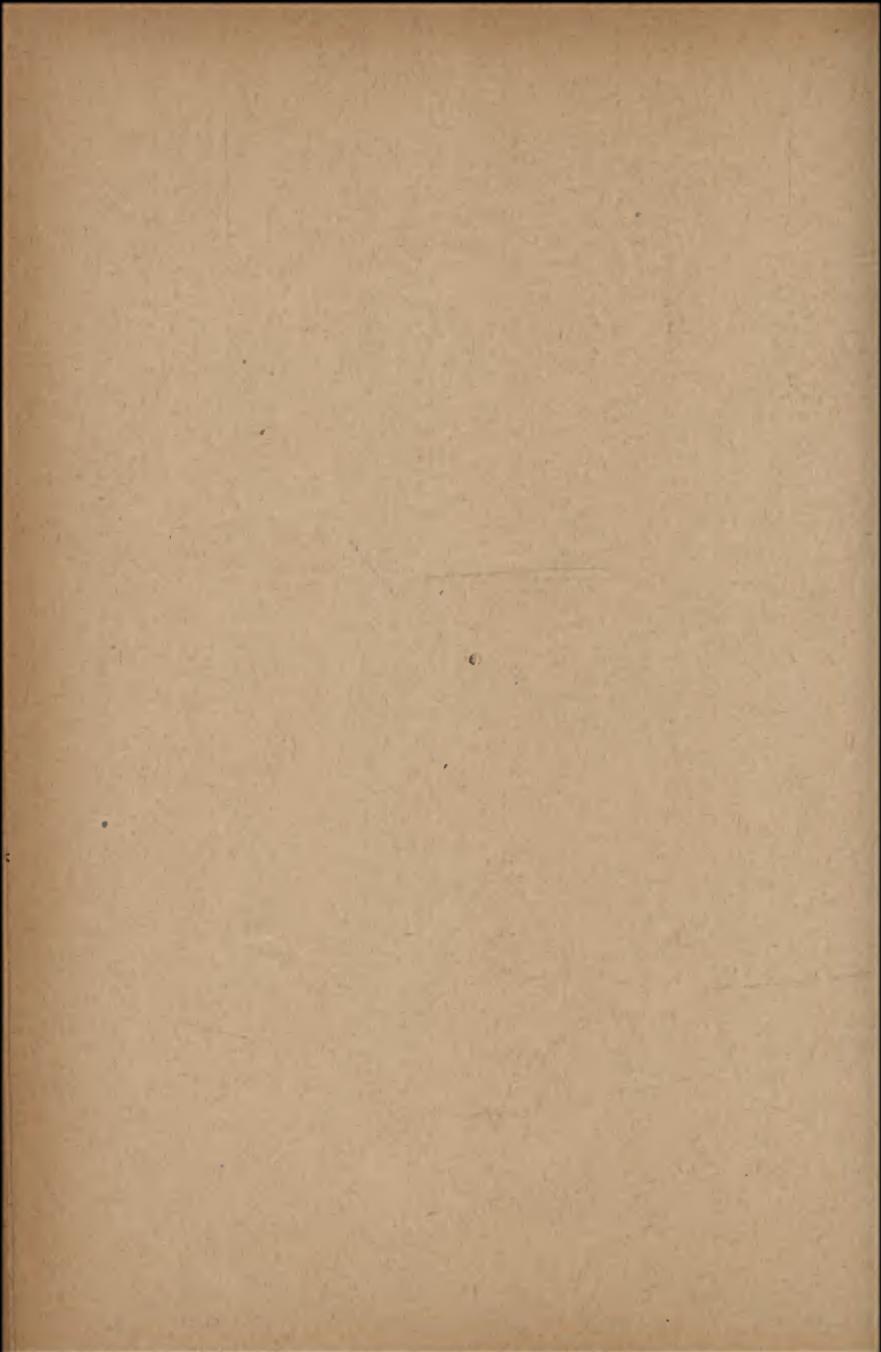
*Sobre o tumulto seu a flor não medra;
Uma lagrima, ao menos, complacente,
Não provocou seu passamento obscuro.*

*Teve apenas a lagrima de pedra,
Gravada, pelo artista indiferente,
Na louza que lhe cobre o corpo impuro.*



Bom pagador





Bom pagador

*Da face roubei-te um beijo !
Meu anjo, fiz-te zangar.
Mas quite ficar desejo,
Quero o teu beijo pagar.*

*Has de ver, flor das morenas :
Não sou caloteiro, pois
Um beijo roubei-te apenas,
E quero pagar-te dois.*

*Se queres juro, embora!
Pagar-t'os-ei de uma vez,
A vinte por cento á hora,
A setecentos ao mez.*

*Si fores muito exigente,
Inda assim não ficio mal,
Não se esgota facilmente
Dos labios o capital.*

*Si um beijo exceder da conta,
Has de m'o restituir,
Alegre, risonha, prompta,
Sem os sobr'olhos franzir.*

*Para que eu possa, prudente,
A quantas ando saber,
De beijos conta corrente,
Podemos até fazer.*

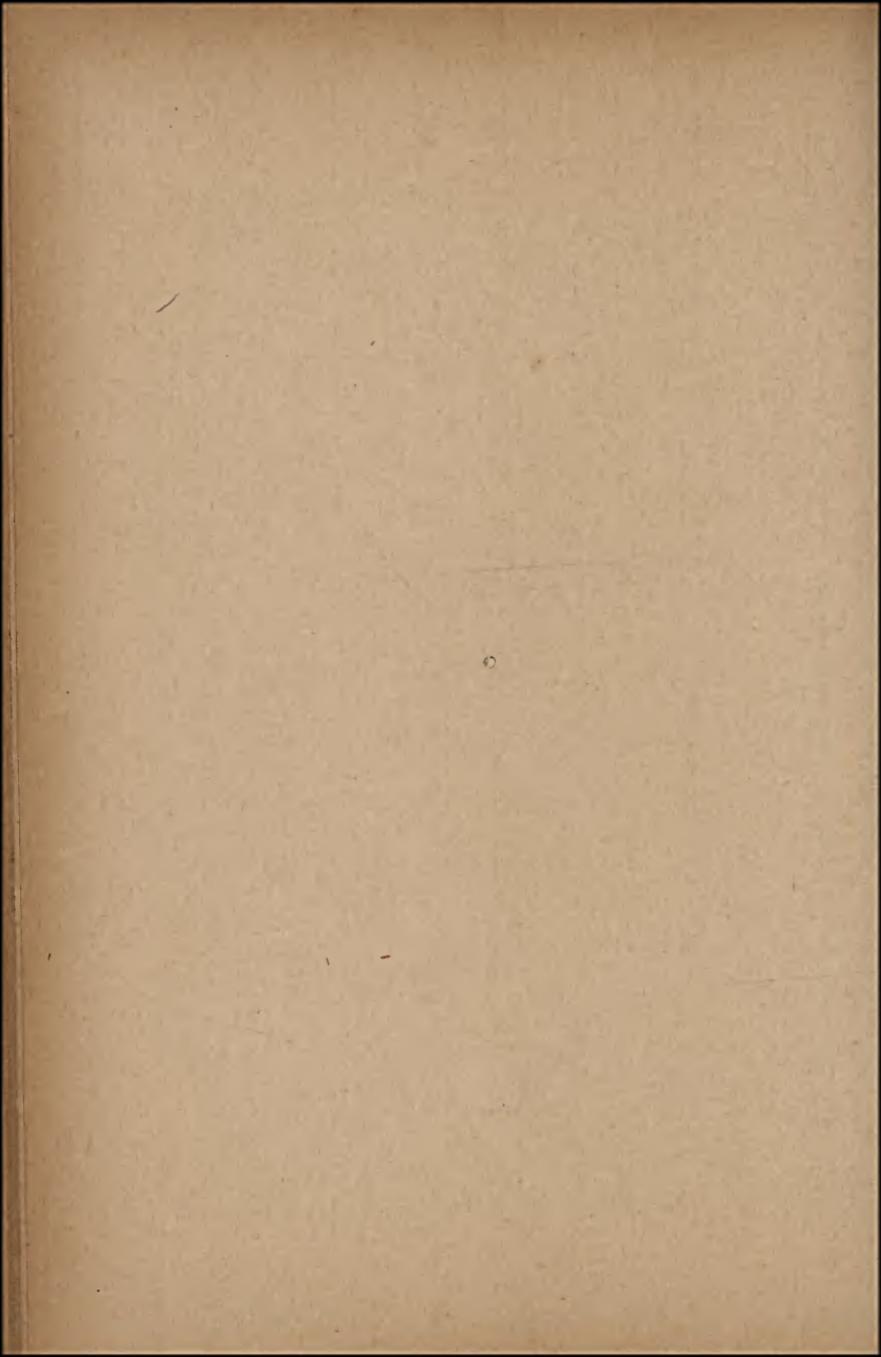
*O triste presentimento
Tenho no cerebro nu,
Que hei de ser no pagamento
Mais solícito que tu.*

*Si accitas, eredora amada,
Quando eu lá for, traz! traz! traz!
Não mandes pela criada
Dizer que em casa não estás.*



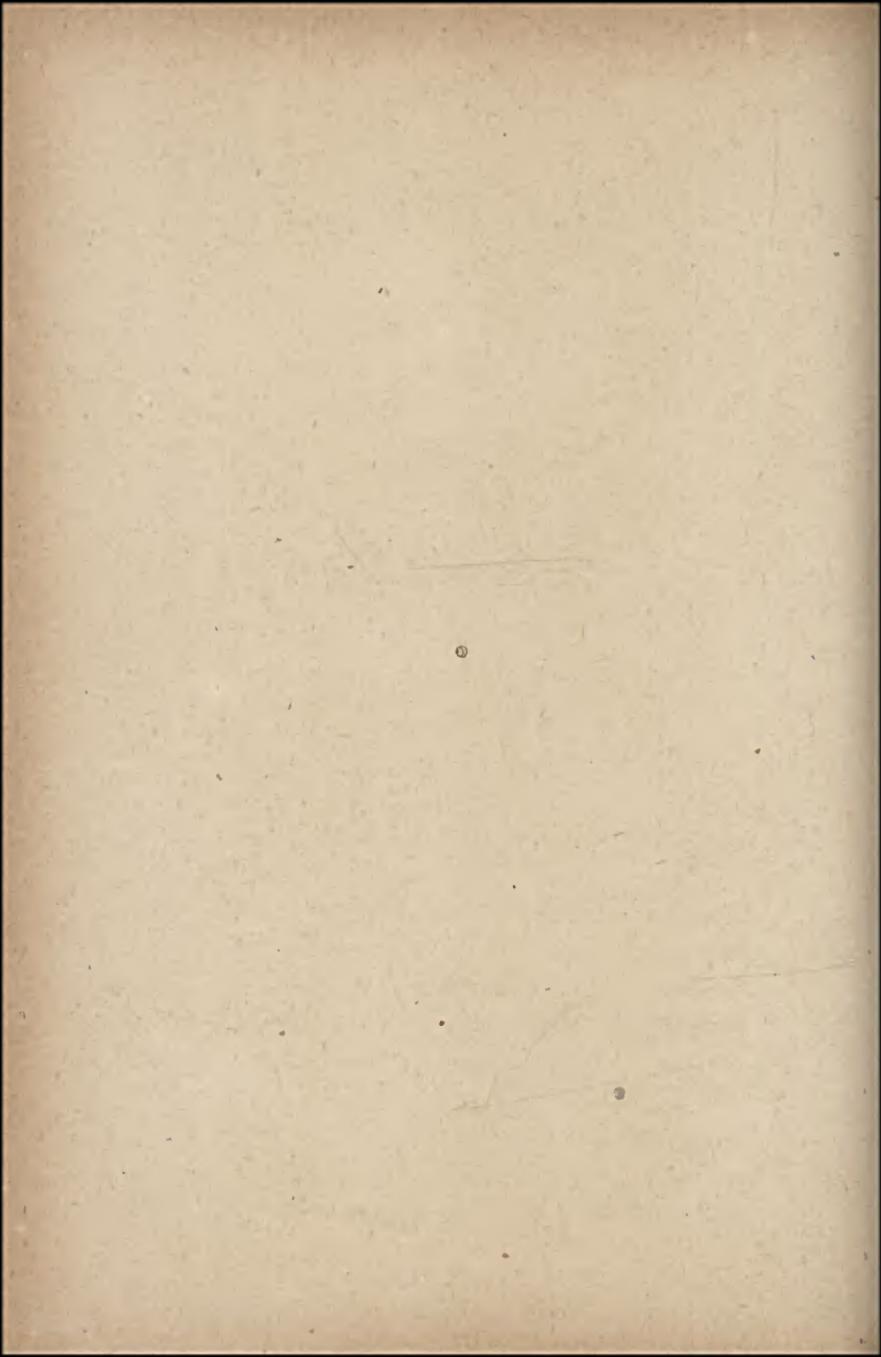
*Sorrindo, formosa arisca,
Recebe o teu devedor...
Um beijo pagar á risca
Quero com beijos de a mor.*





Sorte





Sorte

*Depois que se casára aquella creatura,
Que a negra traição das perfidas requinta,
Eu nunca mais a vi, pois, de europeis faminta,
De um bem fingido amor quebrára a ardente jura.*

*Alla noite, porém, vi-a pela ventura,
Numa avenida estreita e lobrega da quinta...
Painel é que se cuida e sem color se pinta,
De alvo femineo vulto ou madrugada escura.*



*Maldito quem sentindo o pungitivo açoite
Do desprezo e na sombra a sombra de um affecto
A pular uma grade, um muro não se affoite.*

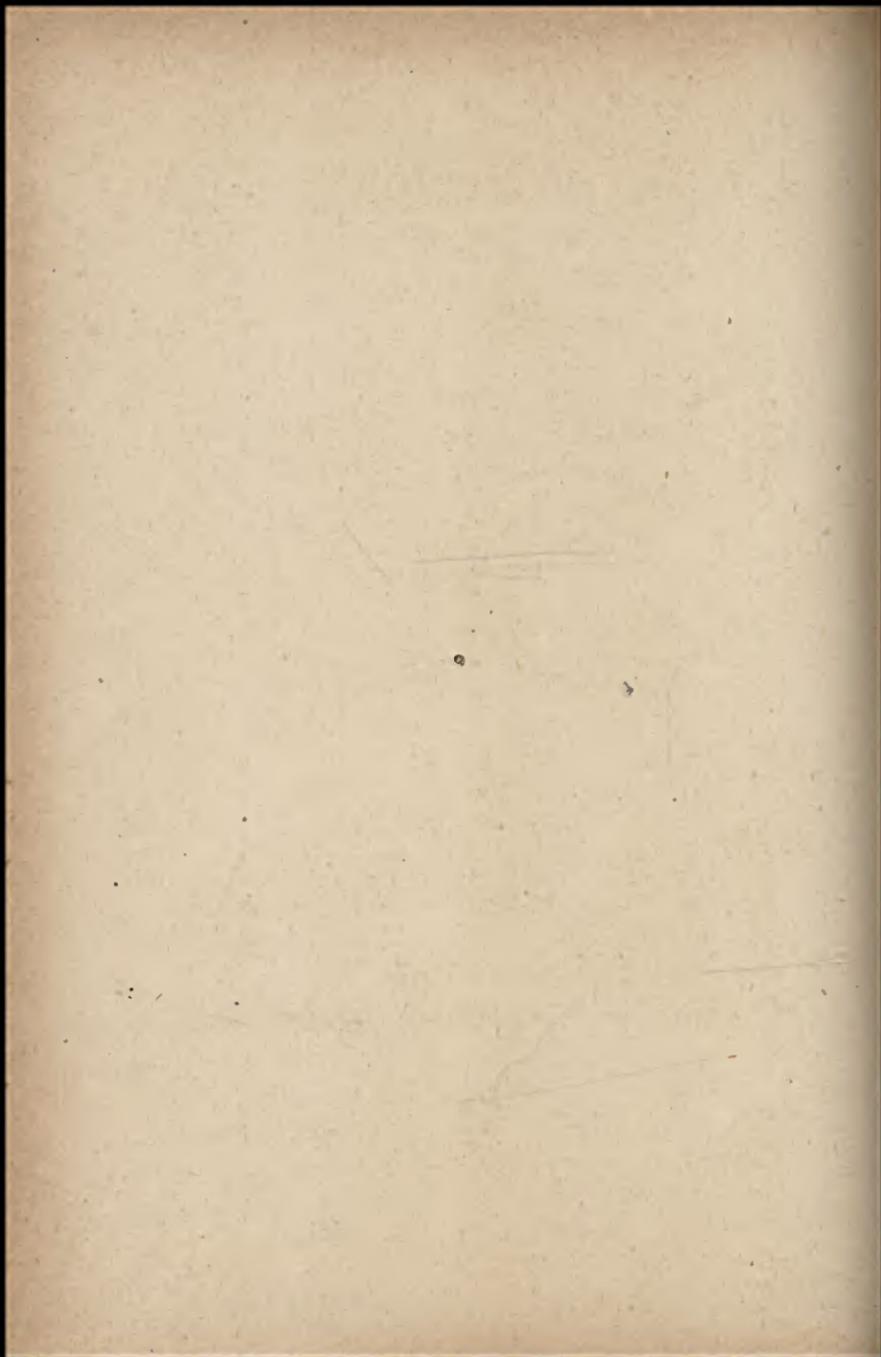
*—Promettes ser discreto?—O' meu amor! prometto...
Si não fosses tão curta, o' bem ditosa noite!
Si fosses mais comprido, o' pallido soneto!*



Arrufos

6.750





Arrufos

*Não ha no mundo quem amantes visse
Que se quizessem como nos queremos...
Um dia, uma questiuncula tivemos
Por um simples caprieho, uma tolice.*

*— «Acabemos com isto !», ella me disse,
E eu respondi-lhe assim—«Pois acabemos !»
E fiz o que se faz em taes extremos :
Tomei do meu chapéo com fanfarrice*



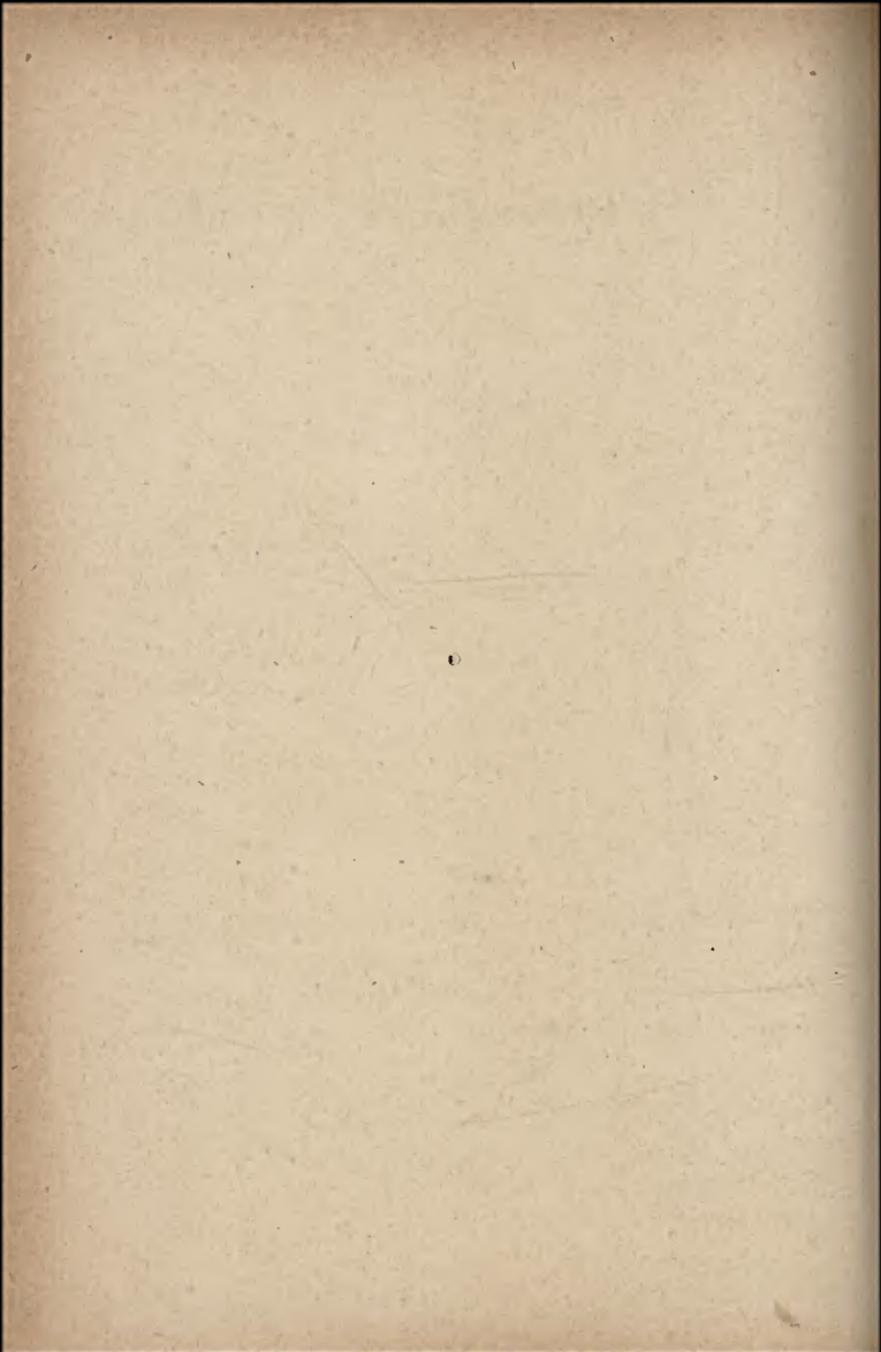
*E, tendo um gesto de desdem profundo,
Sai cantando... (Stá bem visto
Quê a fôrma, ahi, contrafazia o fundo).*

*Escreveu-me... Voltei. Nem Deus, nem Christo,
Nem minha mãe volvendo agora ao mundo
Eram capazes de acabar com isto !*



Curiosidade





Curiosidade

*Perguntas a razão da minha magua:
Não vês daquelle sotam na janella
Uma rosa de amor porpura e bella,
Bankando tenro hostil num copo daqua ?*

*Si nos meus olhos do prazer que foge
Desejos ver brilhar um leve assomo ;
Si queres que segundo e melhor lomo
Dobrincalhão que fui torne a ser hoje,*

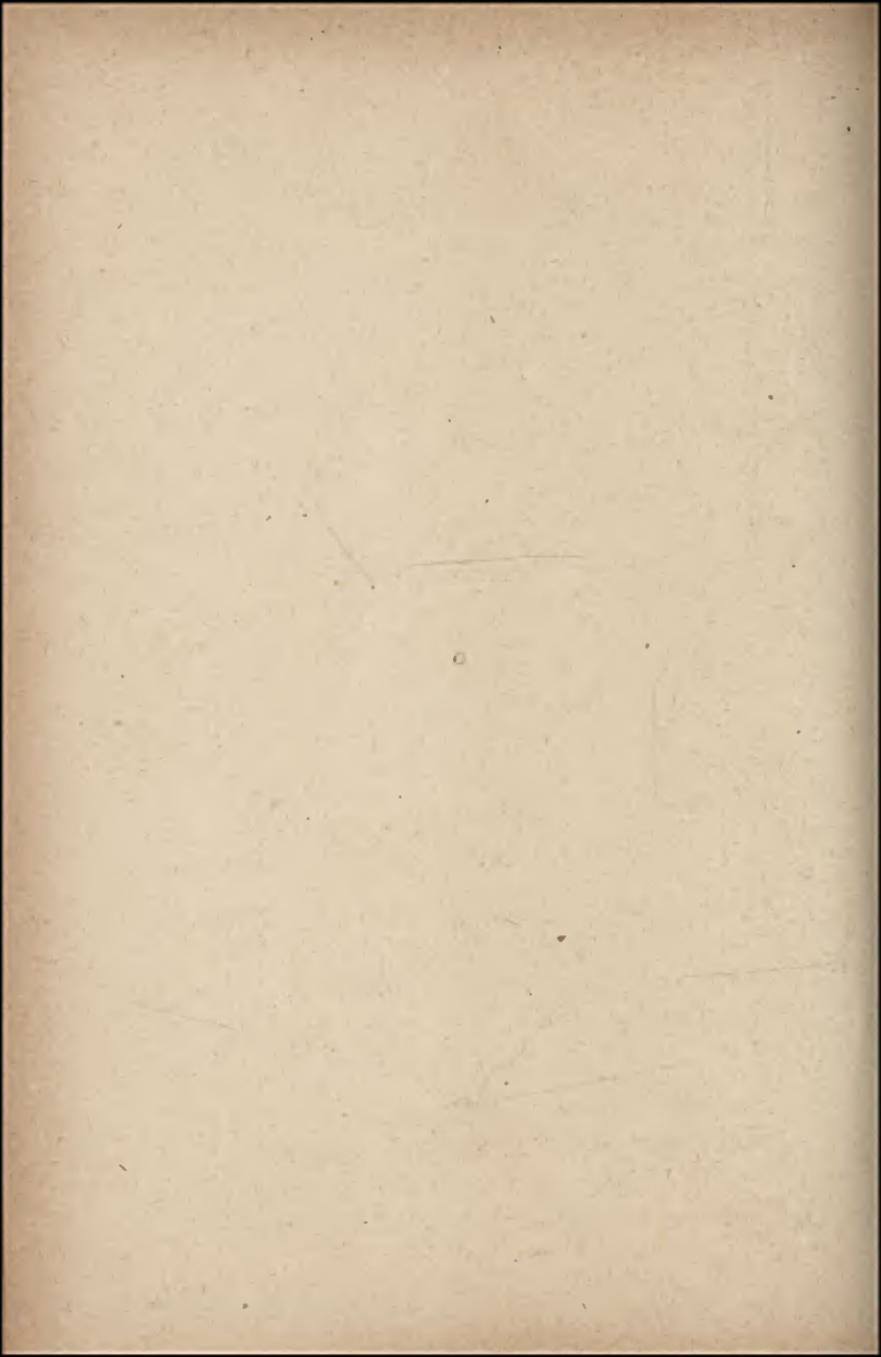


*Si não me queres ver tão misanthropo,
Dize que seja a pallida menina,
Dona gentil da rosa purpurina
Que banha o tenro hastil naquelle copo.*



Suicidio





Suicidio -

*«Não sei como ha no mundo quem supporte
A ingratidão de uma mulher querida !
Resae todos por alma do suicida :
O esquecimento vem buscar na morte.»*

*Escreveu isto um reprobado da sorte,
E no meio do chão rolou sem vida,
Ferido do revólver homicida
Que comprára na vespera ao Laporte.*



*«E sempre um pulha o typo que se mata,»
Entre um annuncio e descripção de um rolo,
Disse não sei que redactor charlata.*

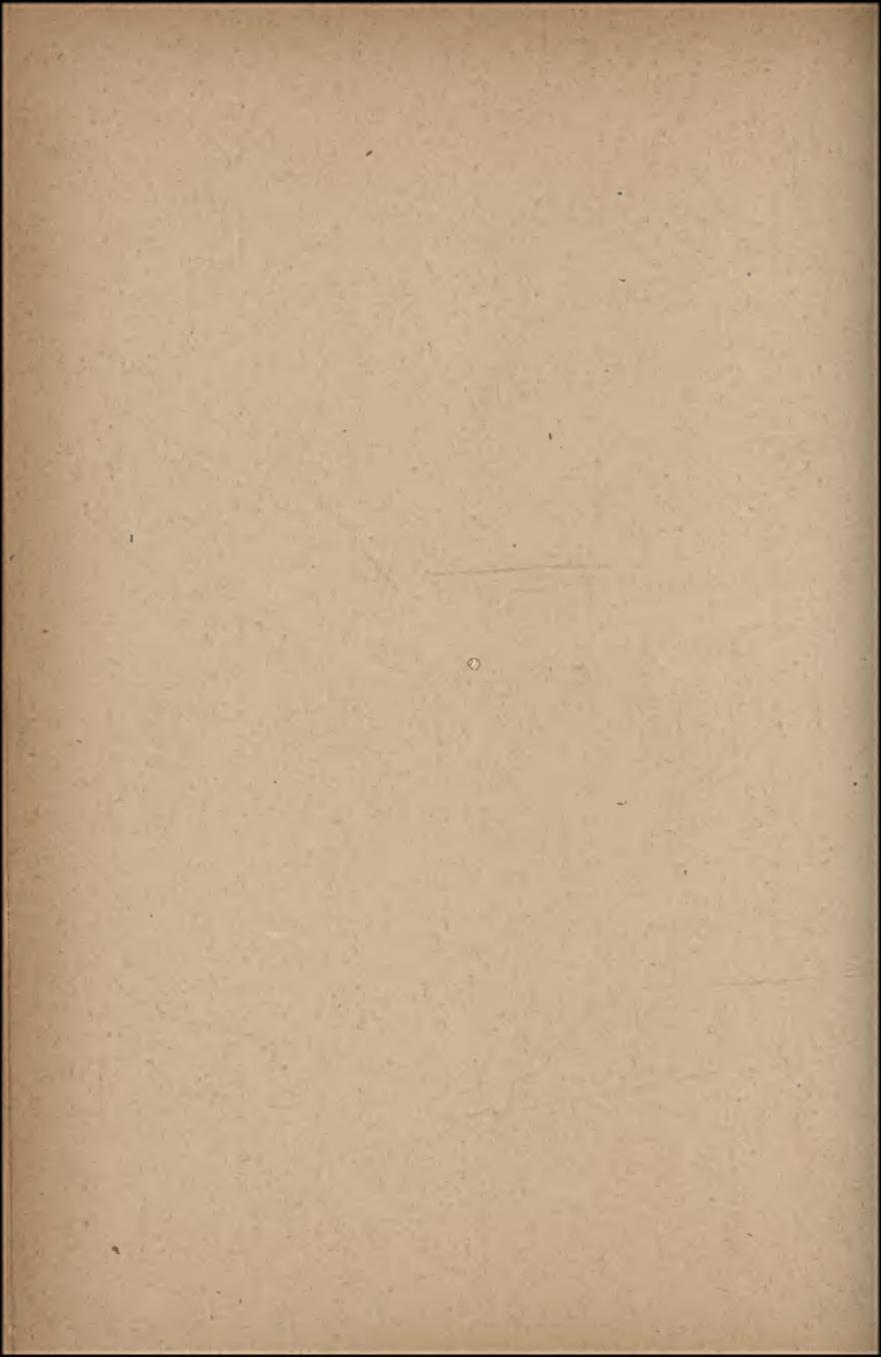
*Eu, procurando phrases de consolo,
Fui a noticia dar á ingrata; a ingrata
C'um gesto de hombros murmurou:—Que tolo!*



FAC

Missiva





Missiva

*Na ocasião do nosso apartamento,
Por signal que na horta, ao pé da tina,
Banhou-te o pranto a face purpurina
E soluçaste um grande juramento.*

*Confesso que me andava o pensamento
Tão distante de ti como da China
Quando das mãos do meu moleque, o' sina !
Teu cartão recebi de casamento.*



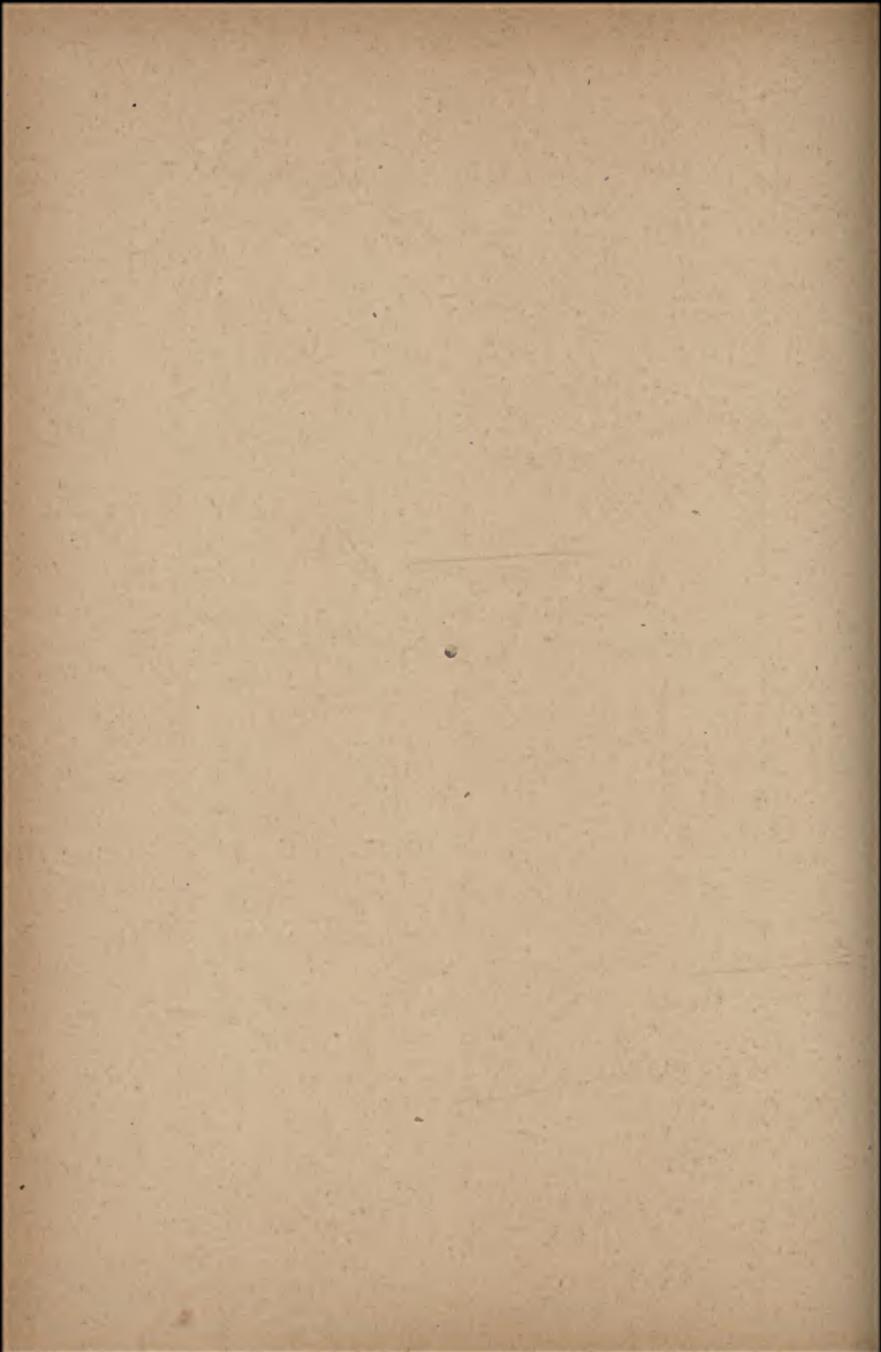
*Antes que eu de teu peito inteiro fuja
E o echo derradeiro e desgraçado
Do nosso desditoso amor estruja,*

*Fica tu na certeza, anjo adorado,
Si não estivesse a casa um pouco suja,
Eu no chão cahiria desmaiado.*



Soneto dramático





Soneto dramatico

*O INGESTO. Drama em 3 actos. Acto primeiro :
Jardim. Velho castello illuminado ao fundo.
O cavalheiro jura um casto amor profundo,
E a castellã resiste. . . Um famulo matreiro*

*Vem dizer que o barão suspeita o cavalheiro. . .
Elle foge, ella grita . . . —Apito!—Acto segundo :
Num salão do castello. O barão, iracundo,
Sabe tudo. . . Horror! Vingança!—Acto terceiro :*



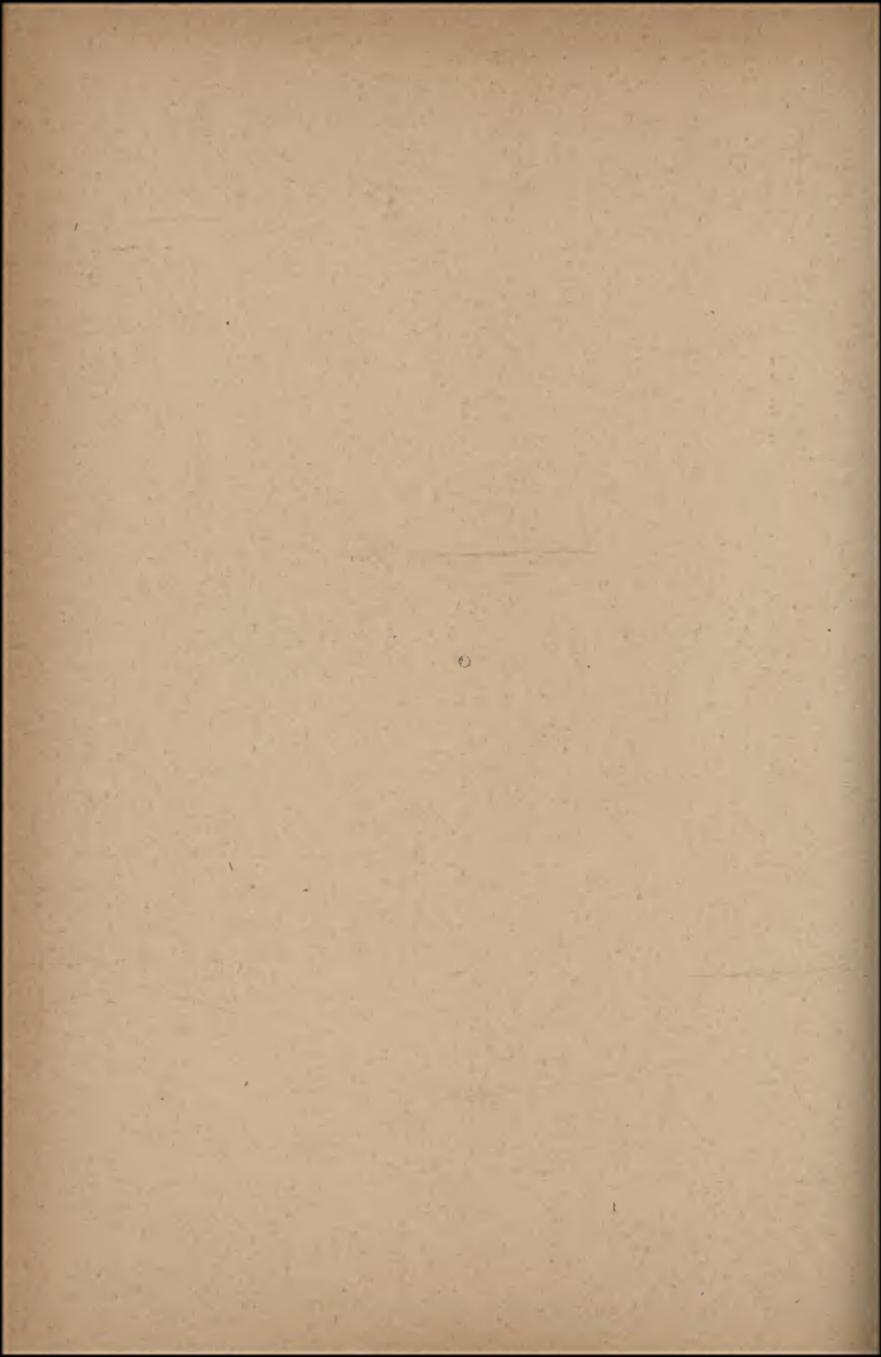
*Em casa do galã, que, sentado, trabalha,
Entra o barão armado e diz: "Morre, tyranno,
Que me roubaste a honra e me roubaste o amor!"*

*O mancebo, descobre o peito: "Uma medalha!
Quem l'a' deus?!—Minha mãe!—Meu filho!—Cáe o panno...
A* scena o autor! á scena o autor! á scena o autor!*



A Morales de los Rios





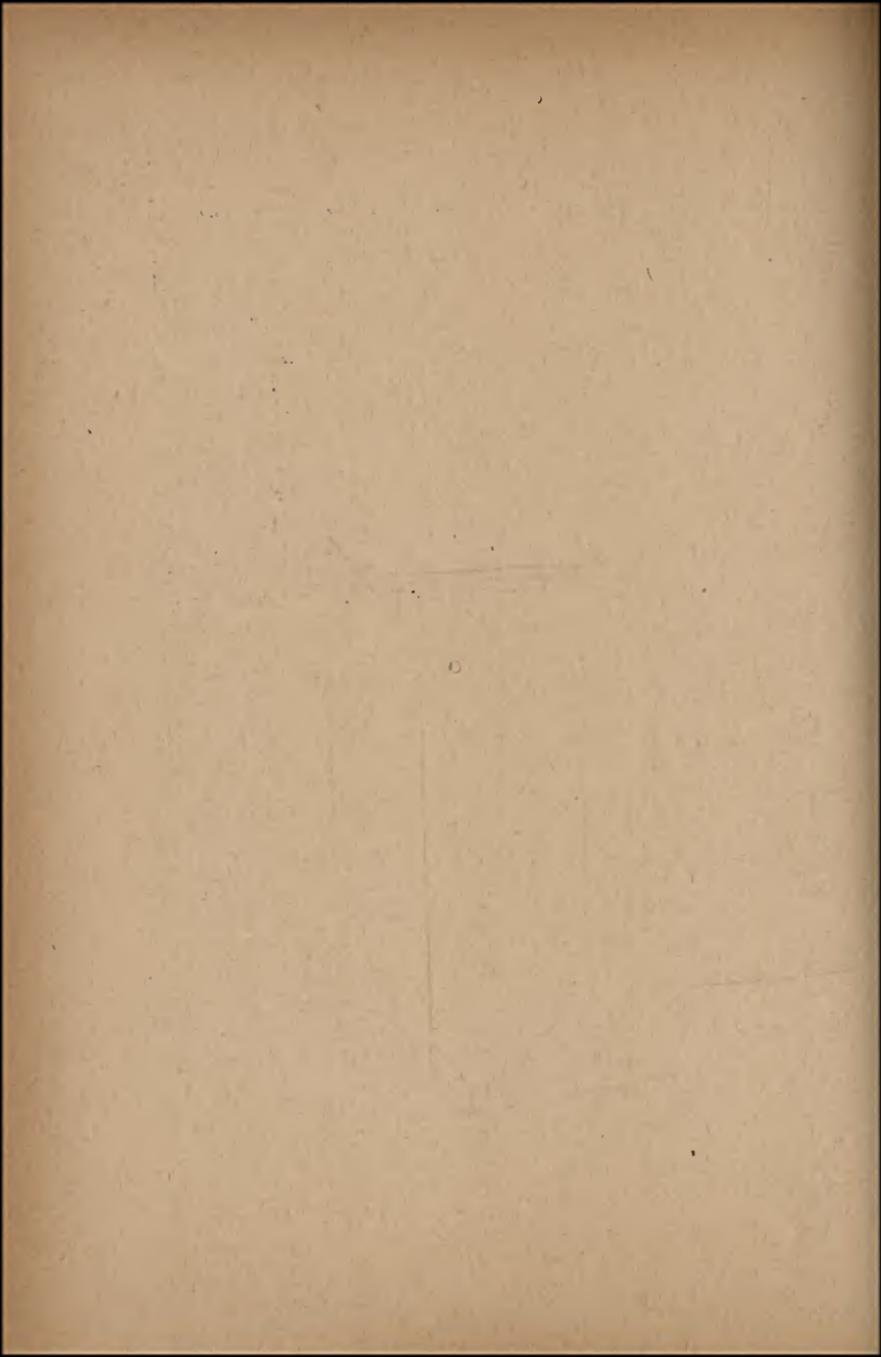
A Morales de los Rios

(Em resposta á remessa feita
pelo apreciado architecto, de uma
collecção das casas de Pariz, ul-
timamente premiadas pelo Conse-
lho Municipal daquella Capital).

*Oh ! bemfeitor das nossas ruas,
Talent'o prodigo e feliz,
Não são mais bellas do que as tuas
Essas fachadas de Paris.*

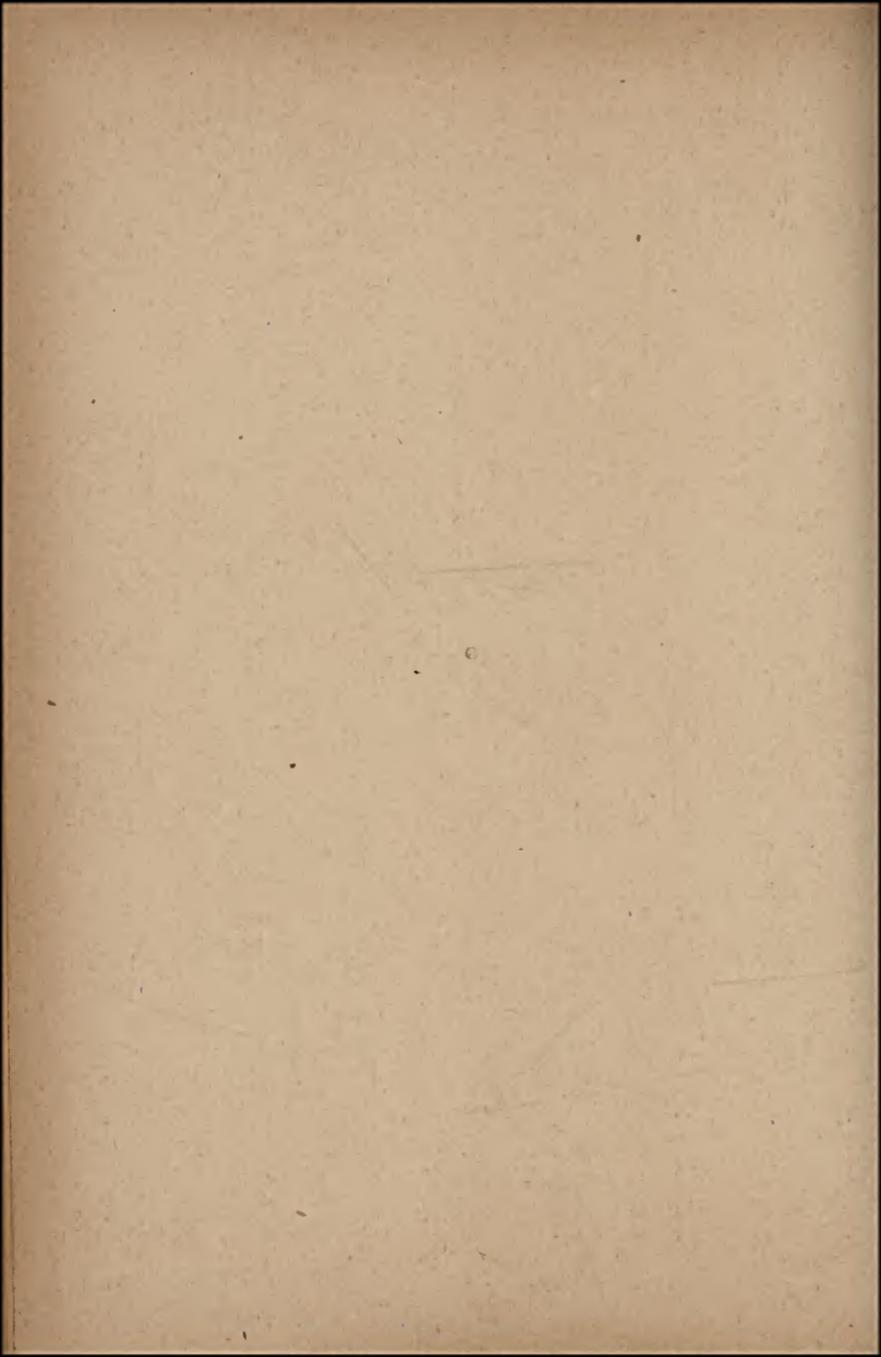
15—11—905.





Despacho





Despacho

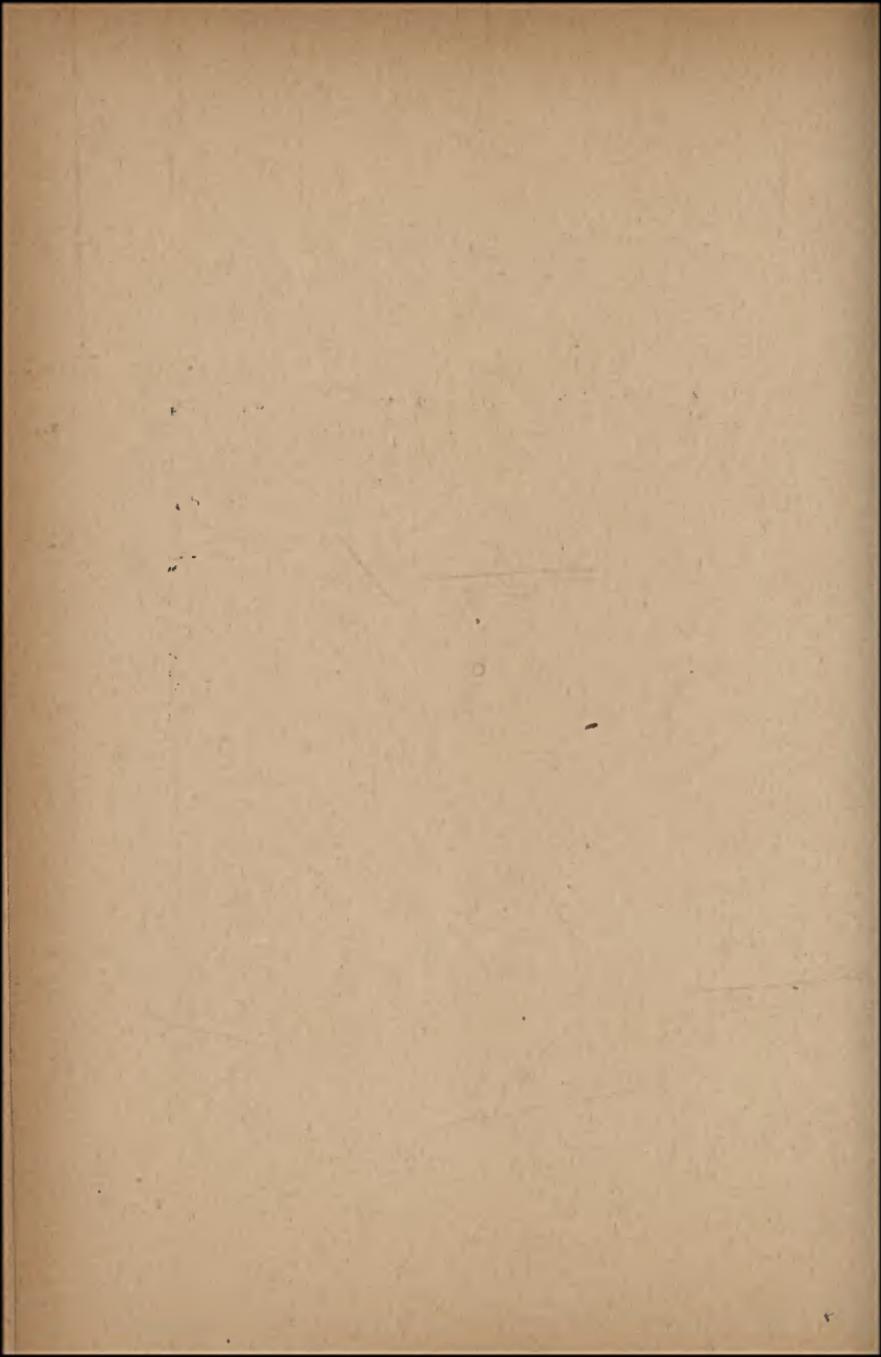
A um soneto—*Requerimento*, do
padre Corrêa de Almeida, pedindo
a publicação do retrato do poeta
no *Album*.

*Dos retratos compete-me a escolha ;
Todos sabem que o ALBUM é meu ;
E, portanto, o retrato na folha
Tudo o mundo terá, menos eu.*

«*Indefiro*»—é o despacho. *Eu á lei da
Sensatez não me posso furtar..
Do meu velho Corrêa de Almeida
O retrato, este sim, hei de dar.*

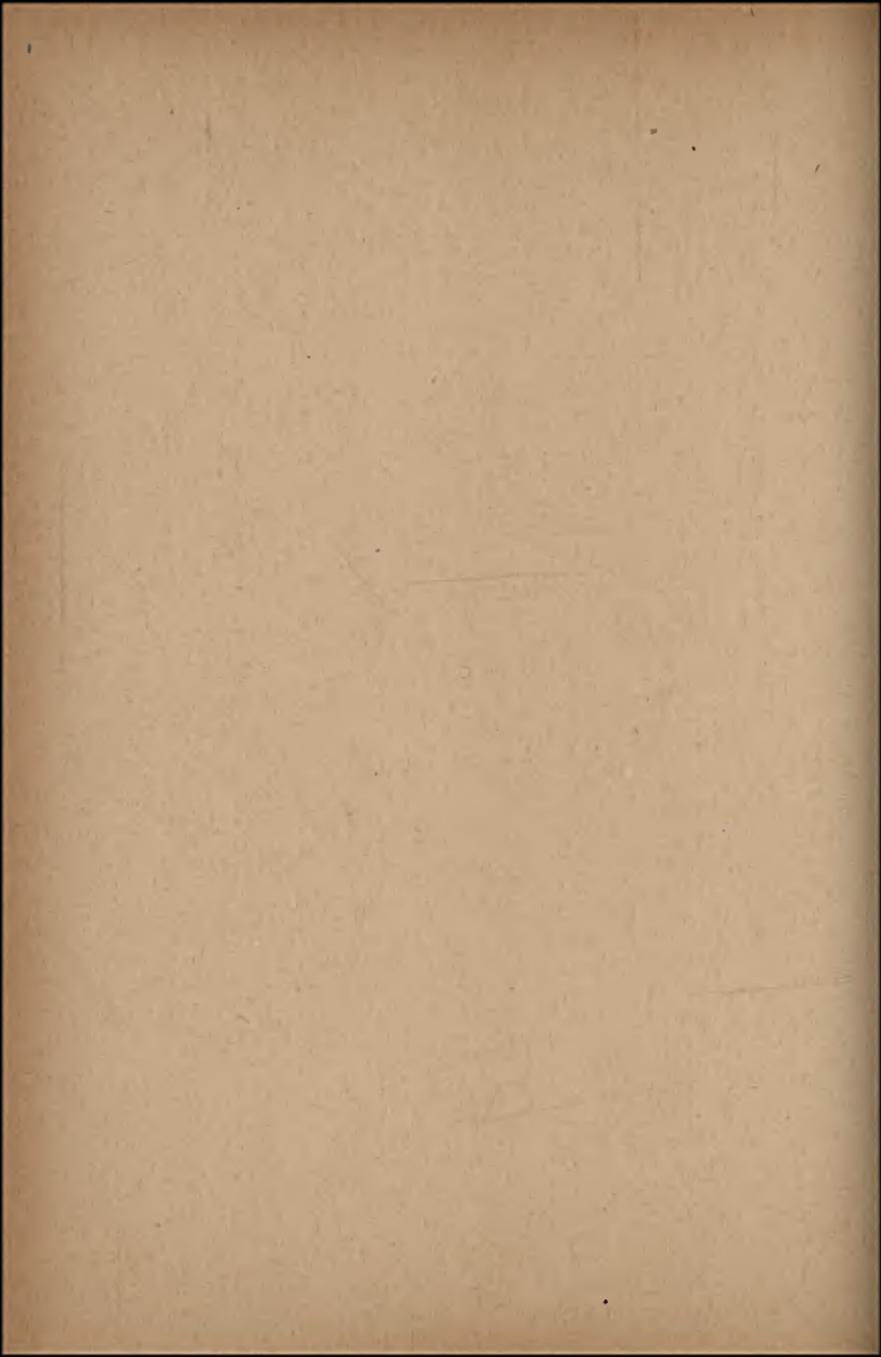
29—IV—1893.





Ainda e' Sempre

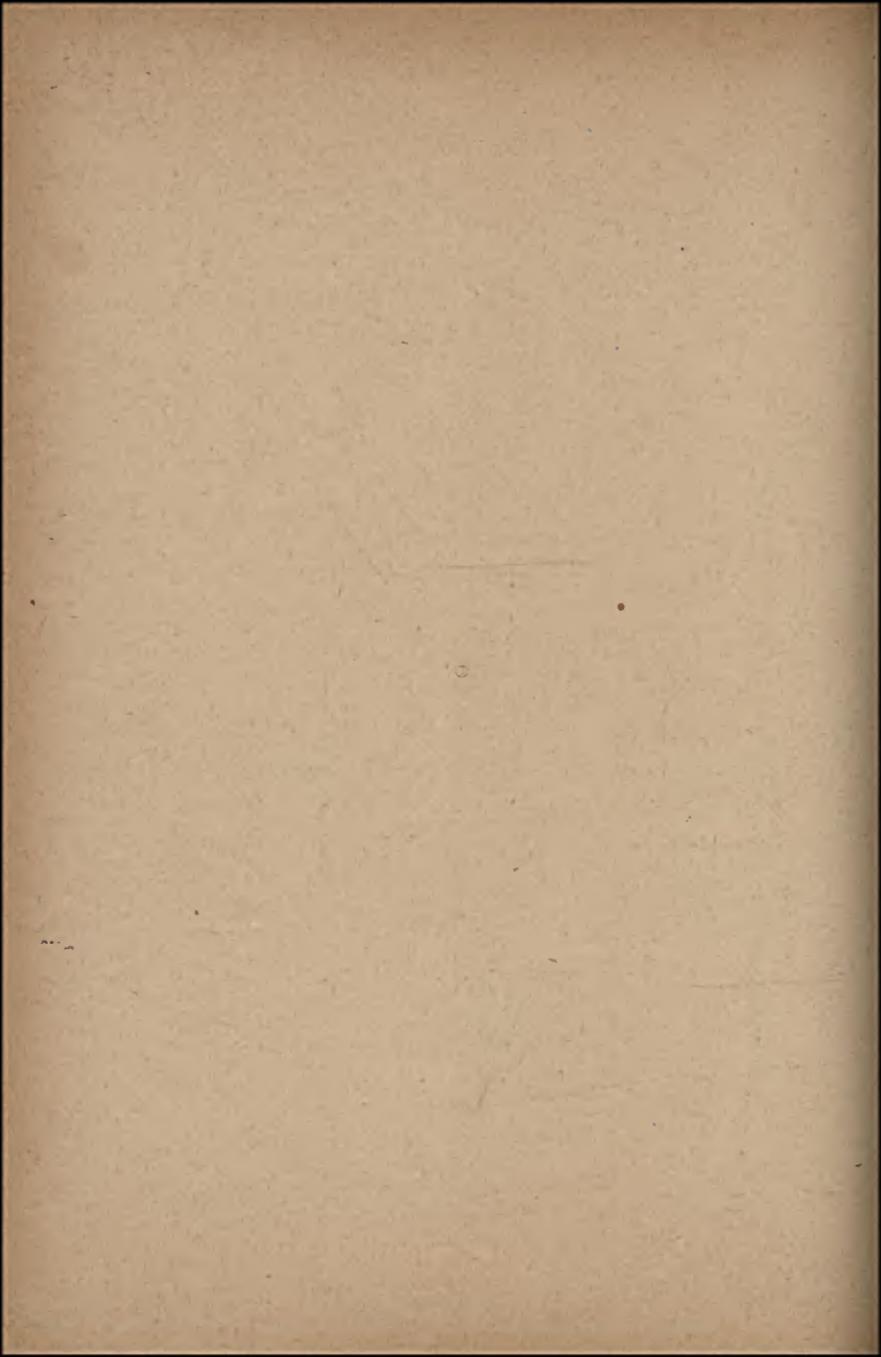




Ainda e sempre

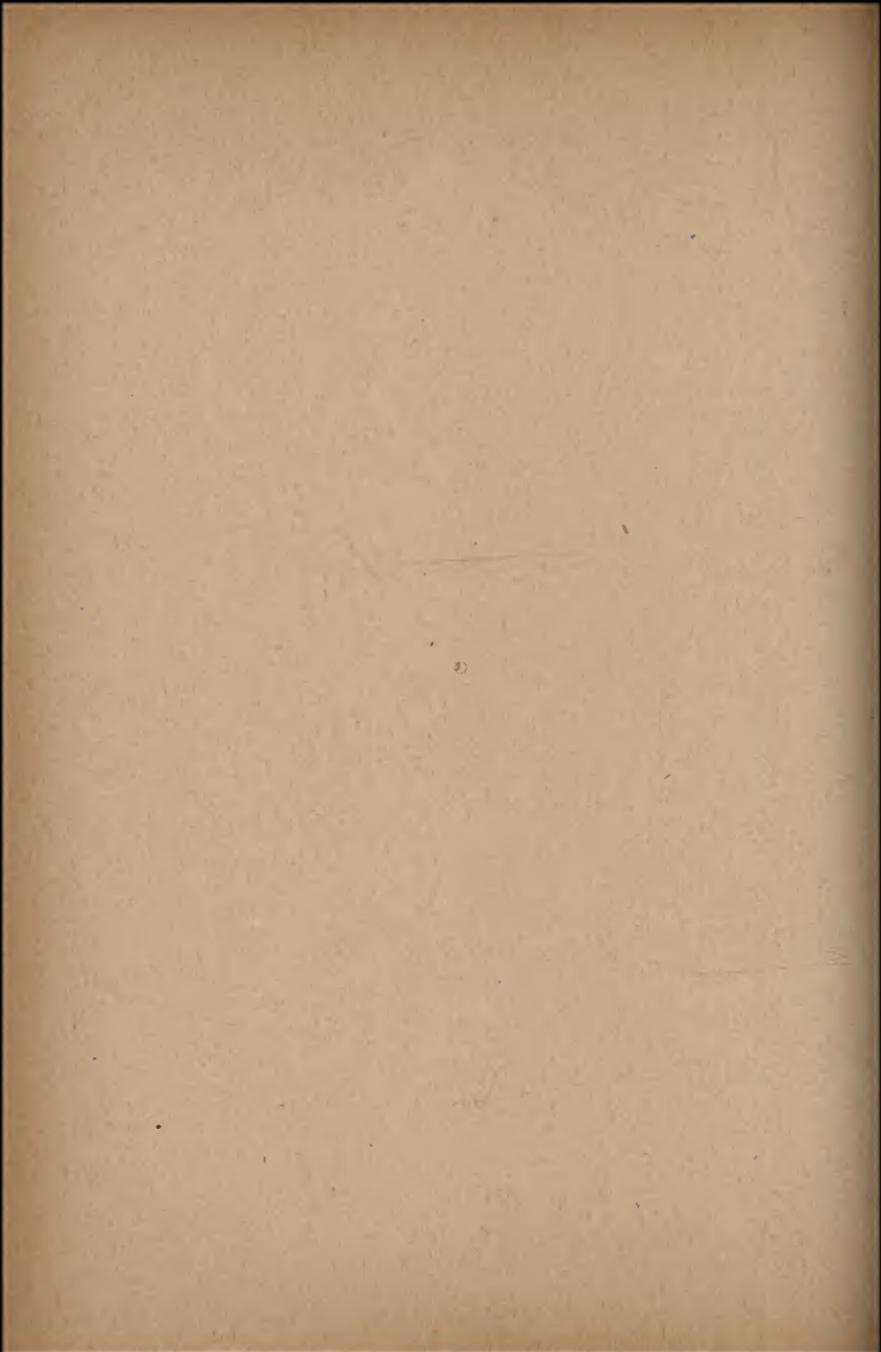
*Não se apagou ainda a intensa luz divina
Que ha seculos brilhou nos braços de uma cruz :
Fortalece-se a fé, espalha-se a doutrina
E continúa quente o sangue de Jesus !*
(Sexta-feira santa de 1895).





As festas





As Festas

(MONOLOGO)

*Era o Alfredo casado,
Com formosa mulher nova e sadia,
Mas não a merecia;
Andava enamorado,
Como um velho babão laseivo e tolo,
De umã reles corista
Com pretensões a artista,
Que trabalhava no theatro Apollo.*



*Fazia versos maus o pobre diabo,
E era empregado n'um pequeno banco:
Não podia dar-se ares de nababo,
Pois o que ali ganhava
Para os gastos da casa mal chegava;
Mas o parvo suppunha
Que do Apollo a corista lhe quizesse
Não por vil interesse,
E o seu carnal desejo em versos punha,
Convencido de que ella
Com tal moeda se satisfizesse.*

*Escusado é dizer que elle da bella,
Nada mais conseguira,
Tangendo a sua lyra
Senão coisas vulgares,
Sorrisos ternos, languidos olhares,
Por que já não ha musa
Que as coristas seduza...
Já lá vai o tempo em que um soneto,
Embora não tivesse chave de ouro
No ultimo verso do ultimo quarteto,
Tinha a chave que abria,
Depois de longo e pertinaz namoro*



O duro peito da mulher mais fria.

A misera poesia

Por tantos explorada,

Hoje é moeda desvalorizada.

O visionario Alfredo

Vai uma noite ao theatro muito cedo

E faz chegar ás mãos da semi-artista,

Dentro de um ramilhete

Perfumado bilhete,

Pedindo uma entrevista.

Eno dia seguinte, á hora do ensaio,

Vai ter com ella e diz:—D'aqui não saio,

Emquanto uma resposta não me deres,

Oh! tu que és a mais linda das mulheres

Flor das musas do Apollo!

Abre a typa uma bolsa de velludo

Que traz a tiracolo,

D'essas em que as madamas guardam tudo:

Lencinhos, luvas, pós de arroz, bilhetes,

Pentinhos, alfinetes

E dinheiro miúdo;

Dois retalhos de seda

Tira de dentro, sorridente e prompta,



*E do Alfredo aos attonitos ouvidos
Estas palavras, múrmura, segreda;
Qual mais te agrada destes dois vestidos?*

Elle o melhor aponla.

—Pois vae compral-o e traze-m'o—A resposta

Terás enlão d'aquelle bilhetinho

A' ealida proposta...

*Encontras a fazenda no Godinho,
Quatorze metros bastam. Adeusinho!
E, a corista fugiu que nem um raio,
Porque estavam chamando para o ensaio.*

*Apoz ligeiro pasmo,
Perdeu o Alfredo todo o enthusiasmo,
Por ver n'aquelle instante,
Que para a amada se tornar amante,
O metro dos seus versos
Não eram ainda bastante.
Ella exigia metros bem diversos:
Metros de seda cara, que custar deveriam...
Quanto? Os olhos da cara! E os labios seus tremiam.
Para a ingrata o Parnaso era o armarinho,
—E o Apollo era o Godinho.—
Melleu desilludido na algibeira*



*Os retalhos. Saliu. Foi para o banco,
E, inspirado, nervoso, n'um arranço,
Passou a mais feroz descalçadeira
Na exigente corista, em verso branco.
A' noite, em vez de lhe mandar fazenda,
Na fórma da encommenda,
Mandou-lhe a versalhada.
Leu a corista e deu muita rizada.
Andou de mão em mão a poesia
E foi lida por toda a companhia.*

*Alfredo, esse dormiu tranquillamente
Aliviado e contente
Durante a noite inteira.
Foi a esposa a primeira
Que da cama se erguen. (Leitor duvido
Haja no mundo uma mulher casada,
Embora muito honrada,
Que não reviste os bolsos ao marido,
Quando este ainda se acha recolhido).
Tinha do Alfredo a esposa taes trabalhos,
E por isso encontrou os dois retalhos.
Quando elle despertou, ella sorrindo,
Rosto sereno, olhar sereno e lindo,*

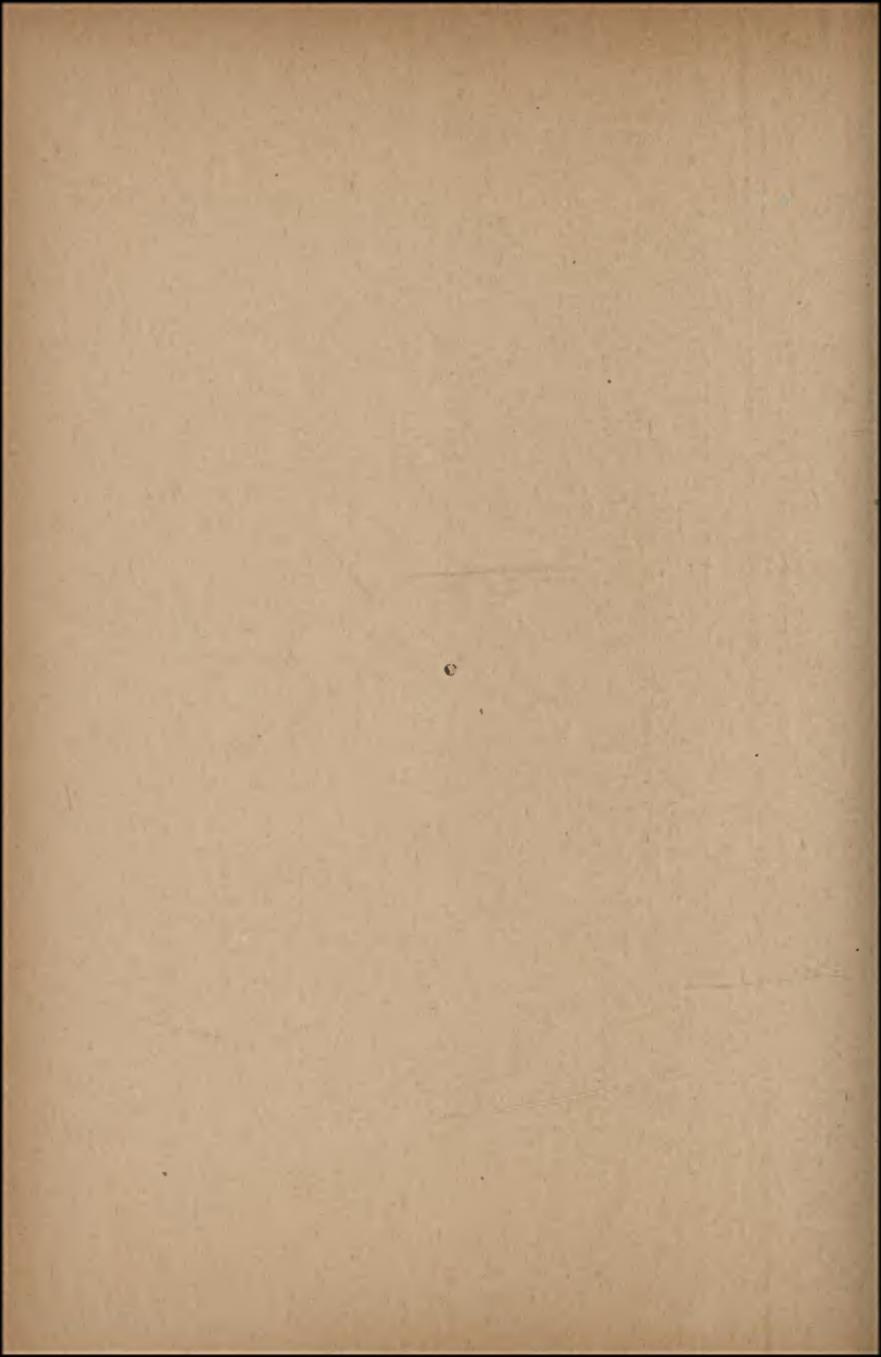


*Lhe disse:—Finalmente
Alfredo, minha vida,
Vaes dar-me de presente
Um vestido de seda ! Agradecida !
Que bellas festas de principio de anno !
Não imaginas como estou contente !
Ter um vestido assim era o meu plano !
Duas amostras veem, naturalmente
Para escolher; pois bem . . . prefiro esta . . .
Depois d'aquelle triste desengano,
O Alfredo enveredou no bom caminho,
E a senhora modelo das honestas,
Teve esse anno de festa
Um vestido de seda . . . Mal sabia
Que a uma corista reles o devia.*



Nozes





Nozes

*O commendador, o noivo, é ignorante,
Meterialão, burguez, pantafaçudo,
Cabeçudo, chorudo, tartamudo,
Commendador, emfim, e isto é bastante.*

*A viuvinha, a noiva, é tão galante!
De um vate lyrico o ideal em tudo:
Alabastro, coral, per'las, velludo,
Azeviche, saphira e tutti quanti.*



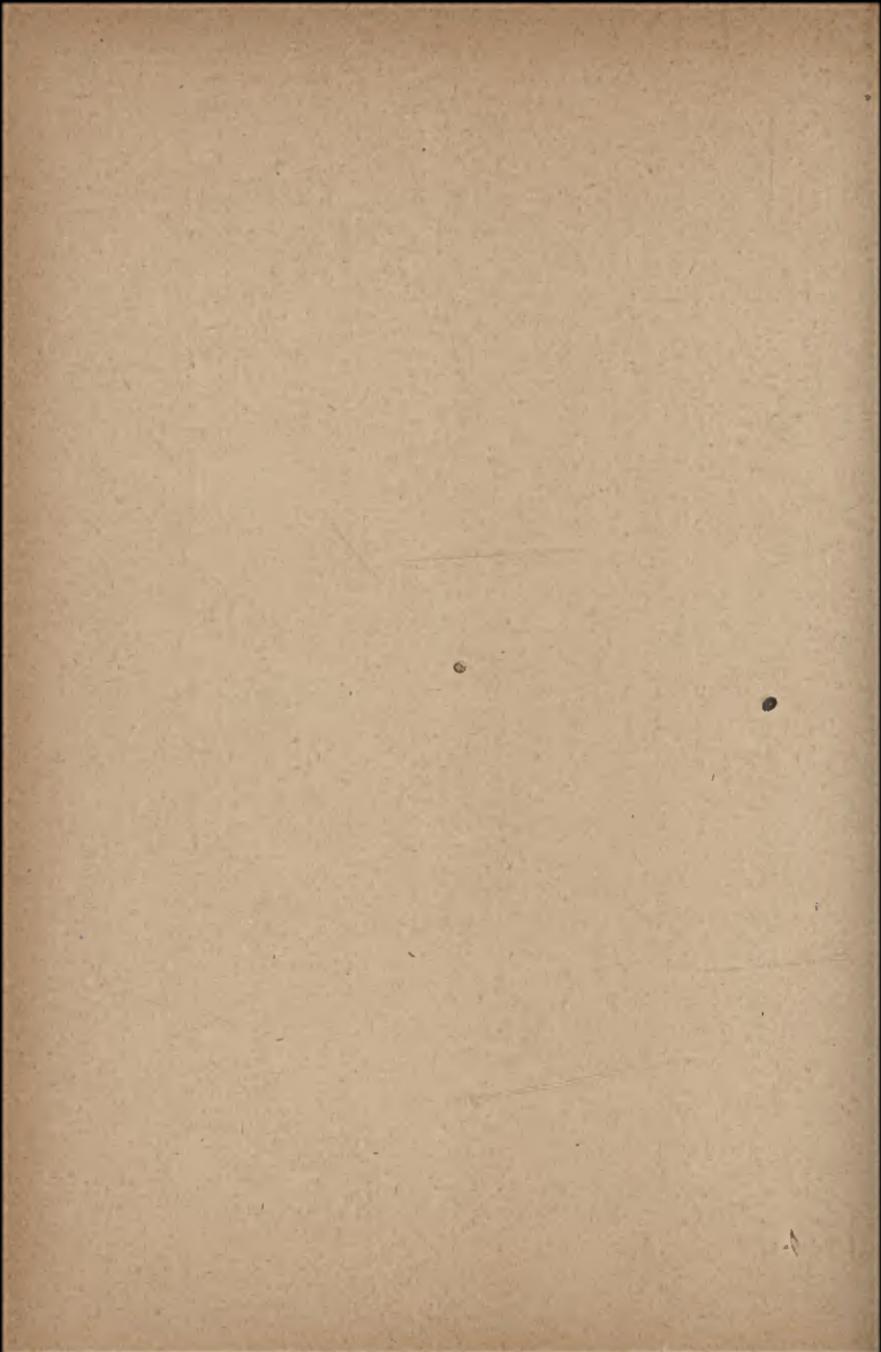
*Na alcova: abre-se a porta. A saia freme...
Entra... Deitado no lençol envolto,
A meio corpo está... O' ceu! contem-me...*

*Silencio. Ella se estorce... Qual!—Revolto,
O leito estala. Ella suspira e geme...
E o miseravel dorme a somno_solto!*



Programma da
"Gazetinha"





Programma da
“Gazetinha”

*Esta secção, leitor, é destinada.
A oferecer a quem compre a Gazetinha,
Um soneto qualquer da musa minha
Ou de qualquer que for desoocupada.*

*Eseolho a fôrma antiga e consagrada
Do soneto, que a fama tem, que tinha,
Por conselho gentil de uma visinha,
Que maneja e eultiva a versalhada.*



*Sabiam : si bato em vão na fria testa,
D'estro mesquinho a mendigar soccorro,
E só consigo cousa que não presta,*

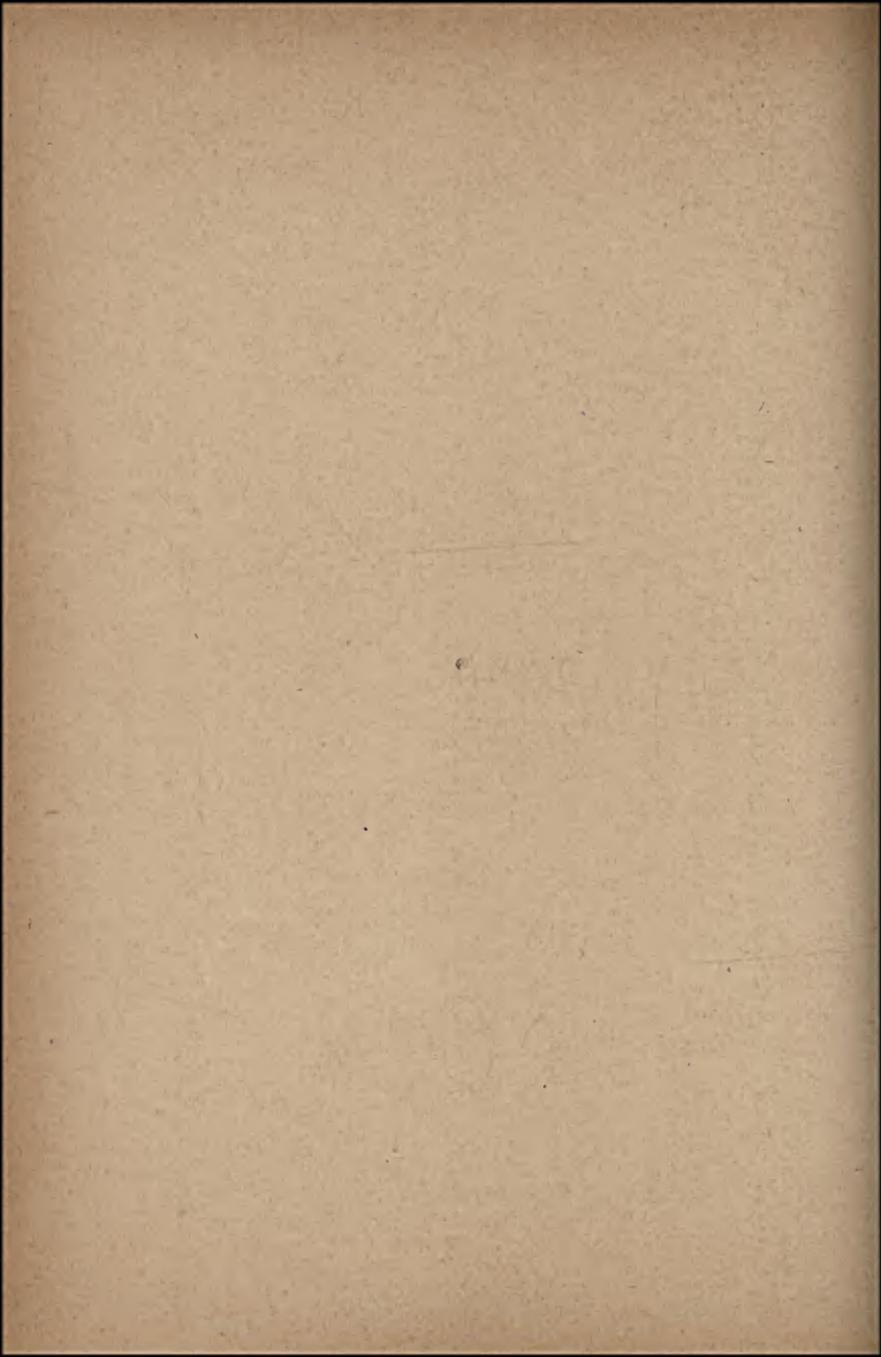
*A pobre musa alheia então recorro:
Discretamente assim, safo-me desta
Fatta em que, si o não faço, ó ceus! încorro!...*

20—XI—1880.



Chromo





Chromo

*Quatro bellas moreninhas
De um moreno feiticeiro,
Vão abrir o gallinheiro
E deitar milho ás gallinhas...*

*Vai beliscando as hervinhas
Um Perú todo altaneiro ;
Palestram lá no terreiro
Tres elegantes visinhas...*



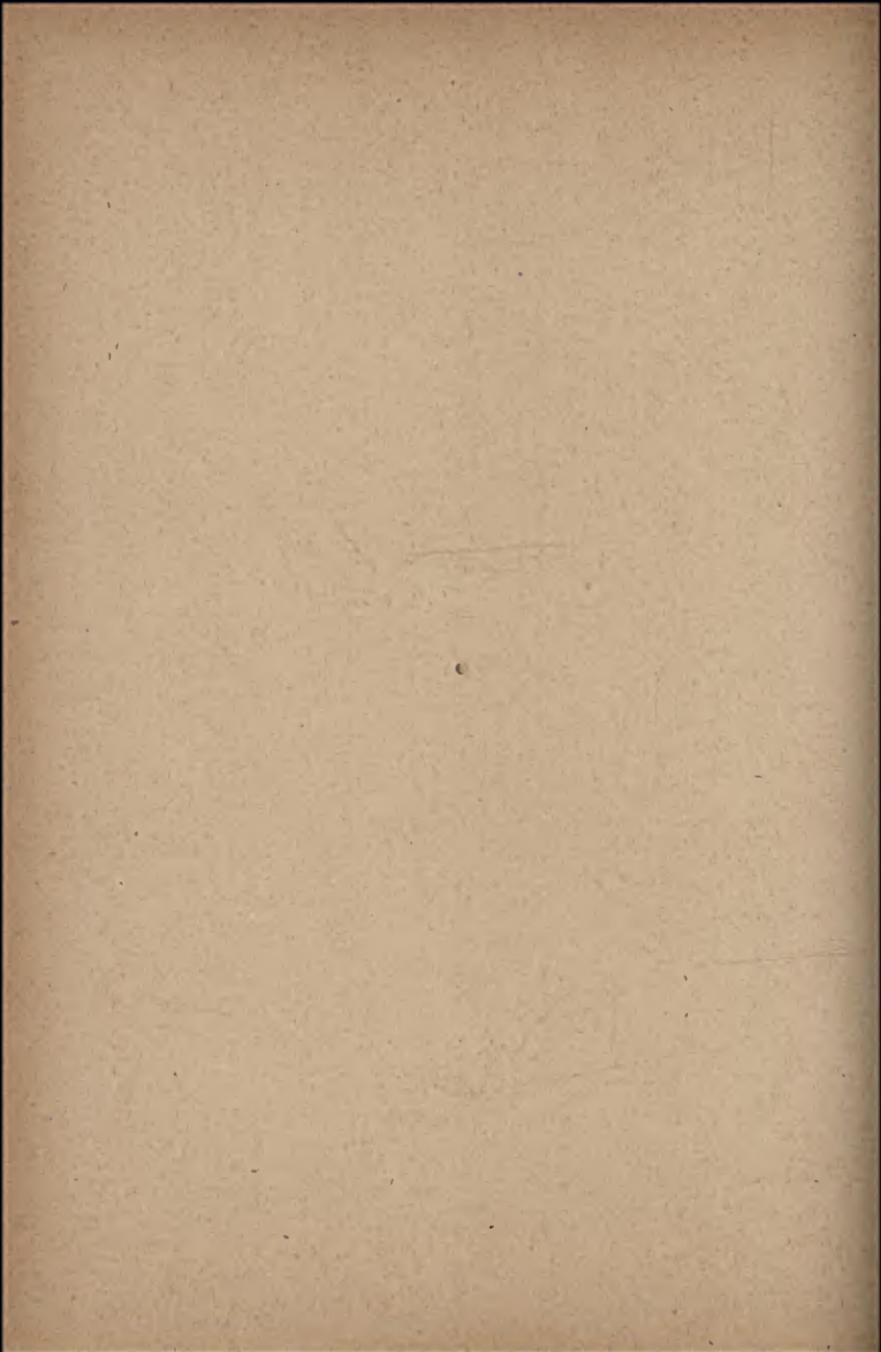
*Um quadro tão gracioso
Do viver do campo ocioso
Meu bom leitor, nunca topes ;*

*Nunca r eja esta scena
Sem arrancares da penna
Algum soneto a B. Lopes.*



Annuncio



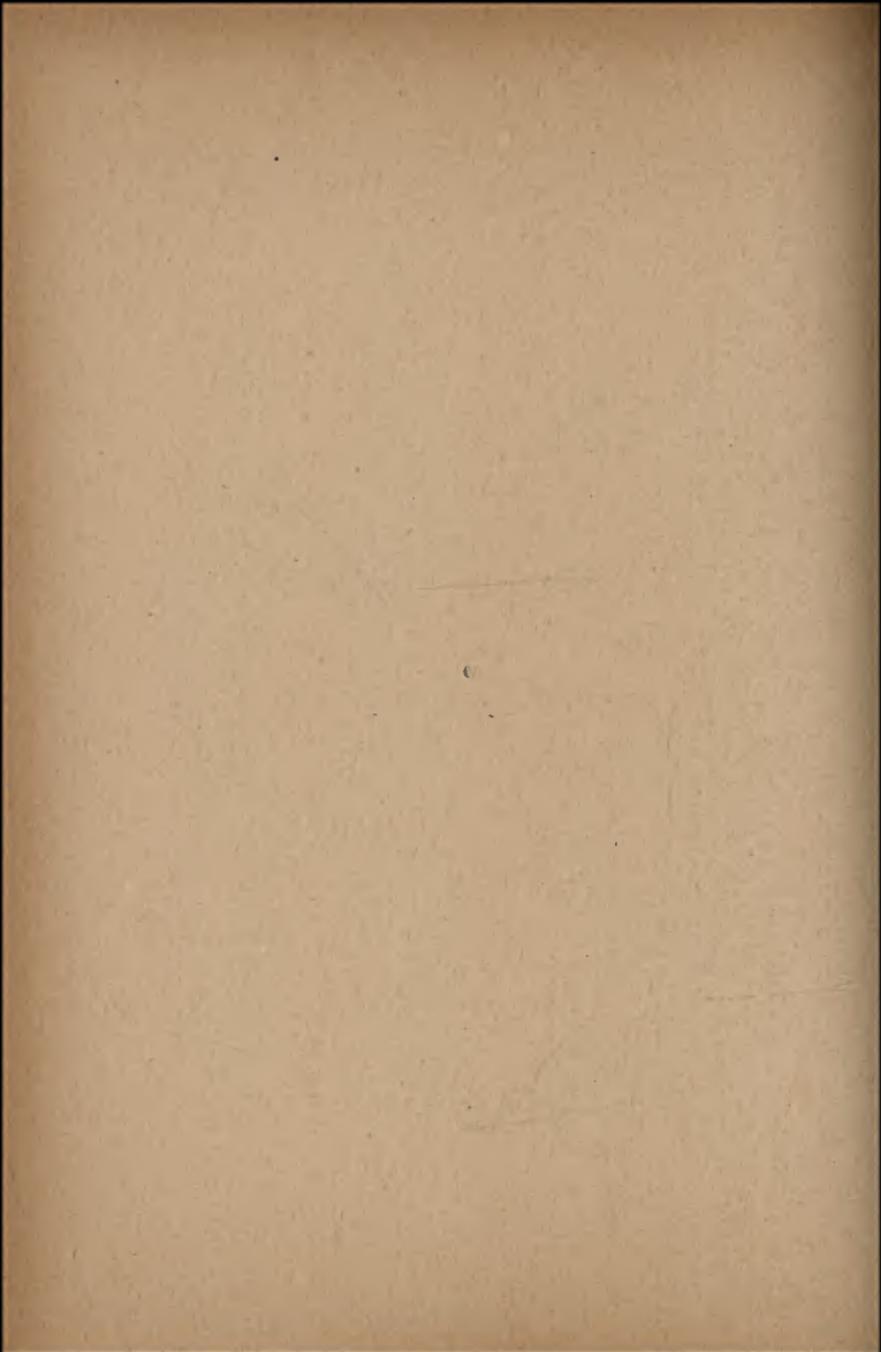


Annuncio

«Doutor francez, de 29 annos de idade, deseja casar-se com pessoa de posição viuva ou solteira, ainda que seja de meia idade e de cor, etc.»

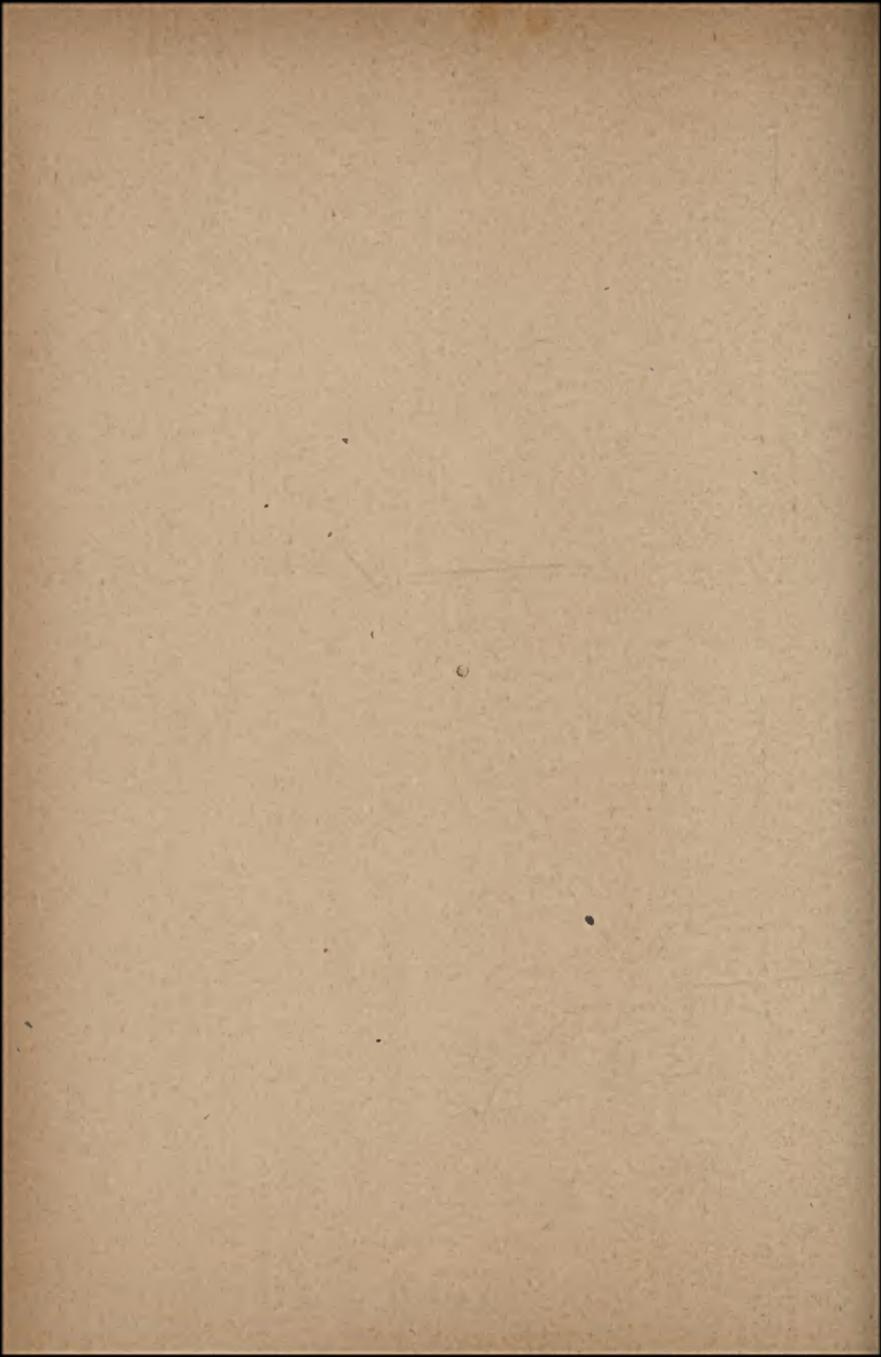
*A noiva (pareee pta)
Por este doutor pedida,
Póde ser mulata ou preta,
Póde ser velha e servida,
Contanto que tenha cheta!*





Abrindo um album





Abrindo um album

*Desde que ao mundo vim, tenho passado
Vida de pobre, vida de mofo,
E não espero que o favor divino
Possa algum dia melhorar meu fado.*

*Mas este livro que em leilão comprado
A desenhos e autographos destino,
Ha de ser um presente peregrino
A meus filhos.—Pauperrimo legado!*



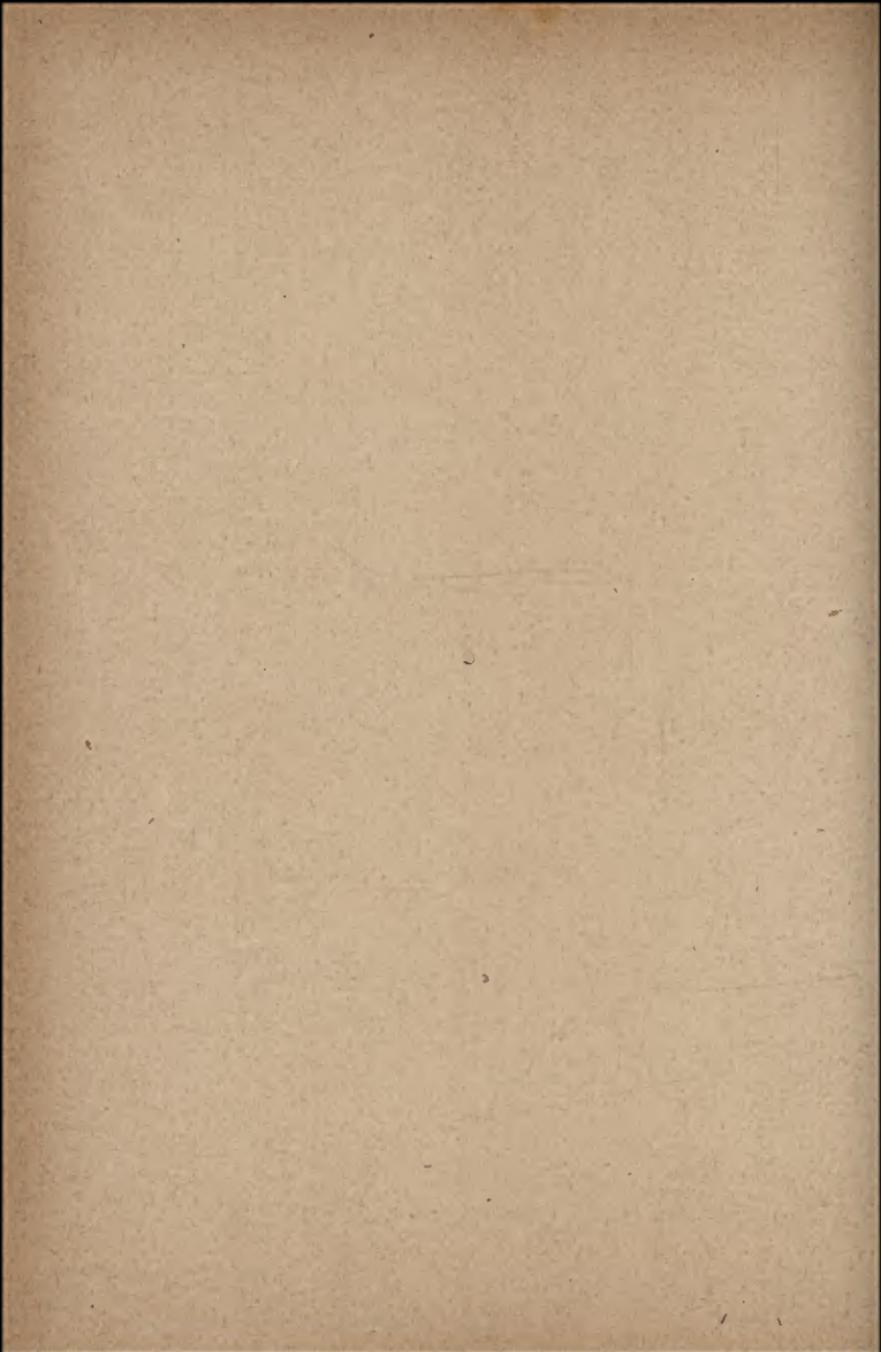
*E' certo que elles ficarão na espinha
Si nesta deixa procurarem meio
De encher despensa ou de aquecer cozinha..*

*Mas ao menos dirão, espero e creio,
Que si talento proprio o pai não tinha,
Prezava ao menos o talento alheio.*



A Isabel, a Redemptora.





A Isabel, a Redemptora

A proposito da libertação dos captivos.

*Arehanjo da liberdade,
Da Patria loura esperança,
Mimosa flor de Bragança,
Celeste nuncia de Amor ;*

*Tens visto que a sociedade
Até hoje distinguia
A côr do preto, sombria,
Da branea de seu senhor ...*



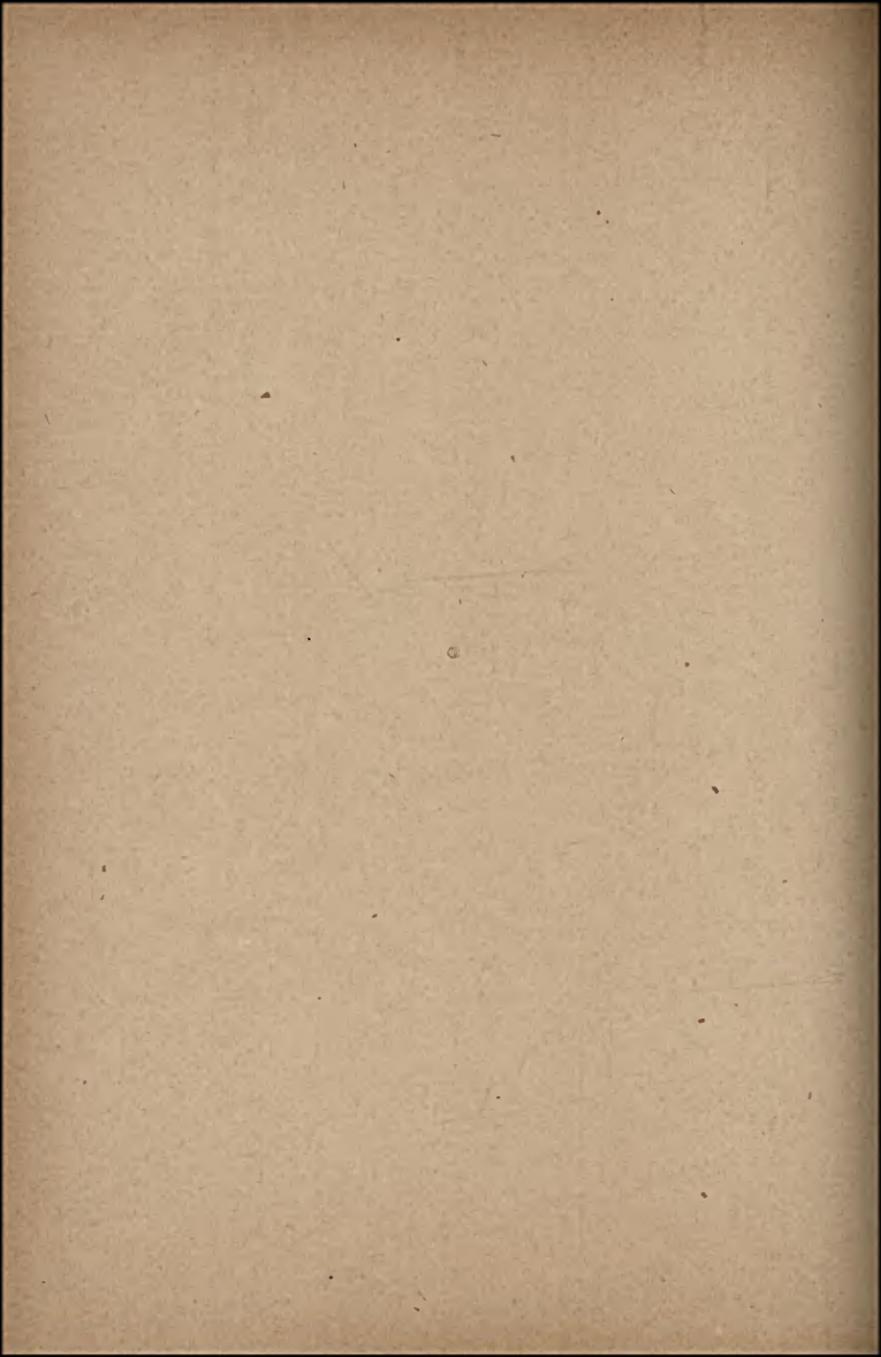
*Princesa, toda bondade,
Exemplo dos Soberanos,
Vê que os corações humanos
Têm todos a mesma côr.*

1838.



Deus nos livre!

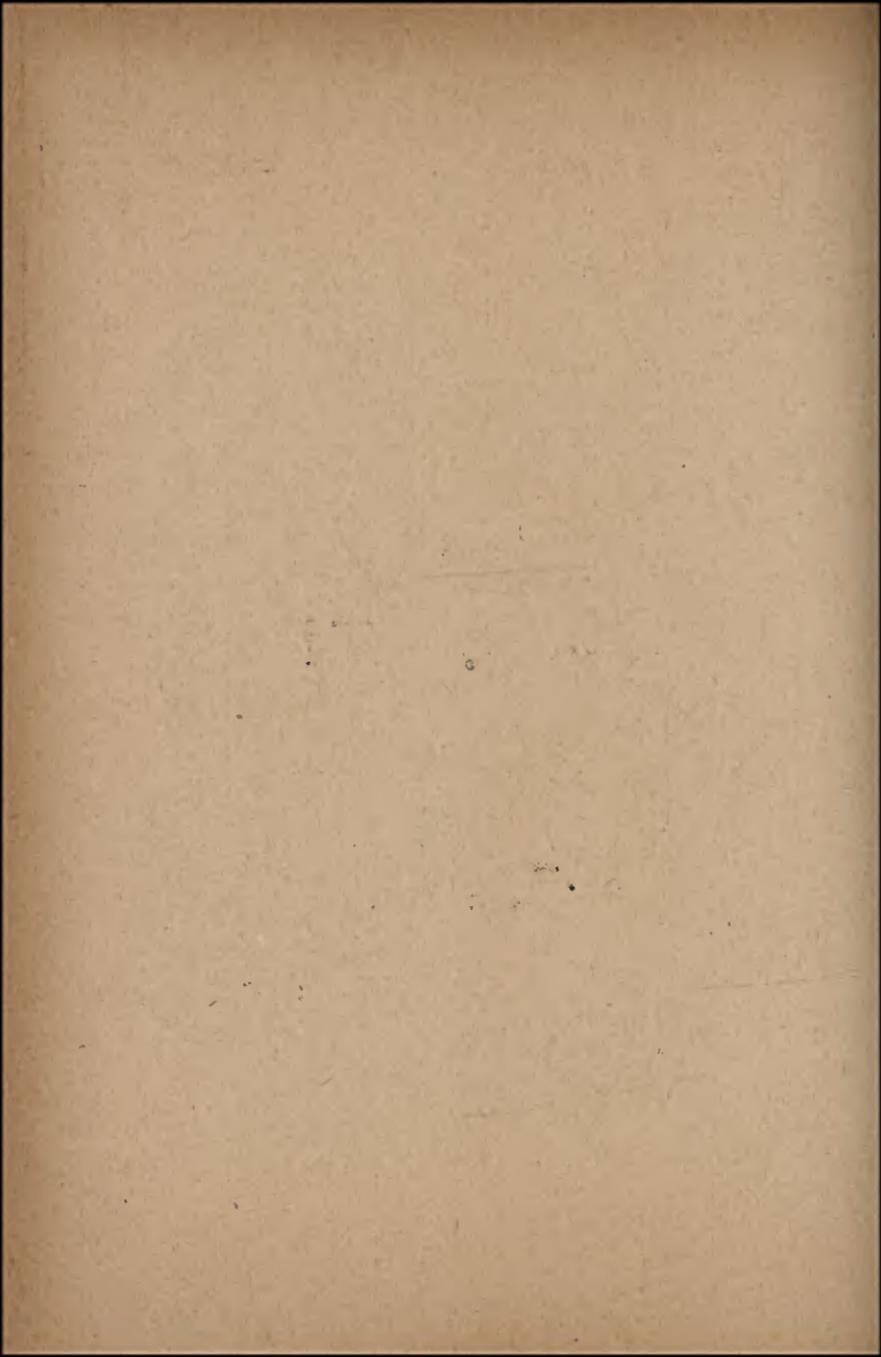




Deus nos livre!

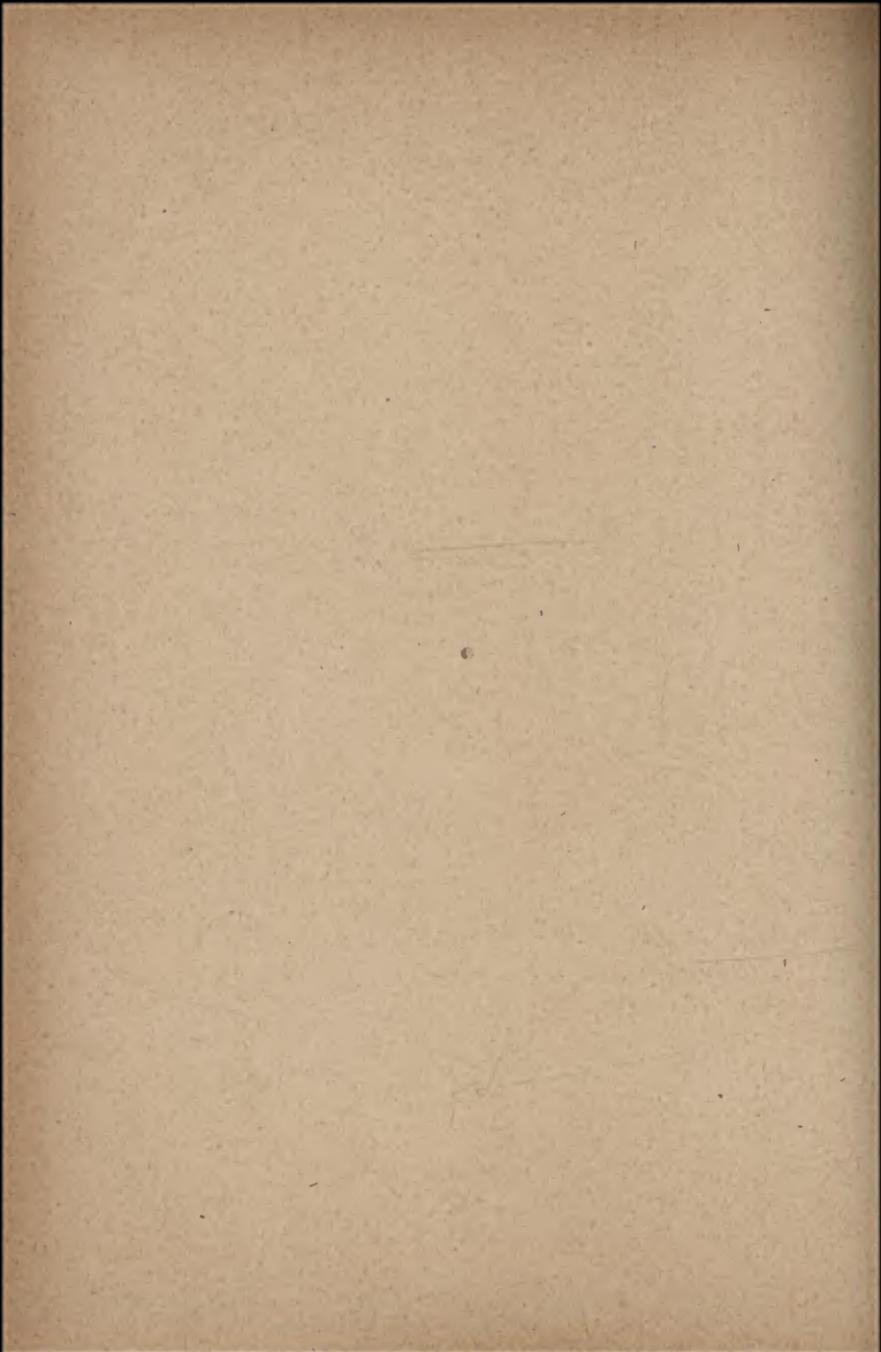
*Quer um collega que se decrete
Que os intendentos municipaes
Sejam não quinze, mas vinte e sete!
Ai! já são tantos... Para que mais?*





Voto





Voto

Resposta a uma participação que Valentim Magalhães fez do nascimento de um filho

*Essa alegria que de ti se apossa
E de sorrisos o teu lar guarnece,
E a honesta forja do labor te aquece,
Essa alegria não é tua: — é nossa.*

*Porém releva que aceitar não possa
Pensamento que teu não me parece:
Um filho, dizes tu, nos envelhece...
Pelo contrario! Um filho nos remoça!*



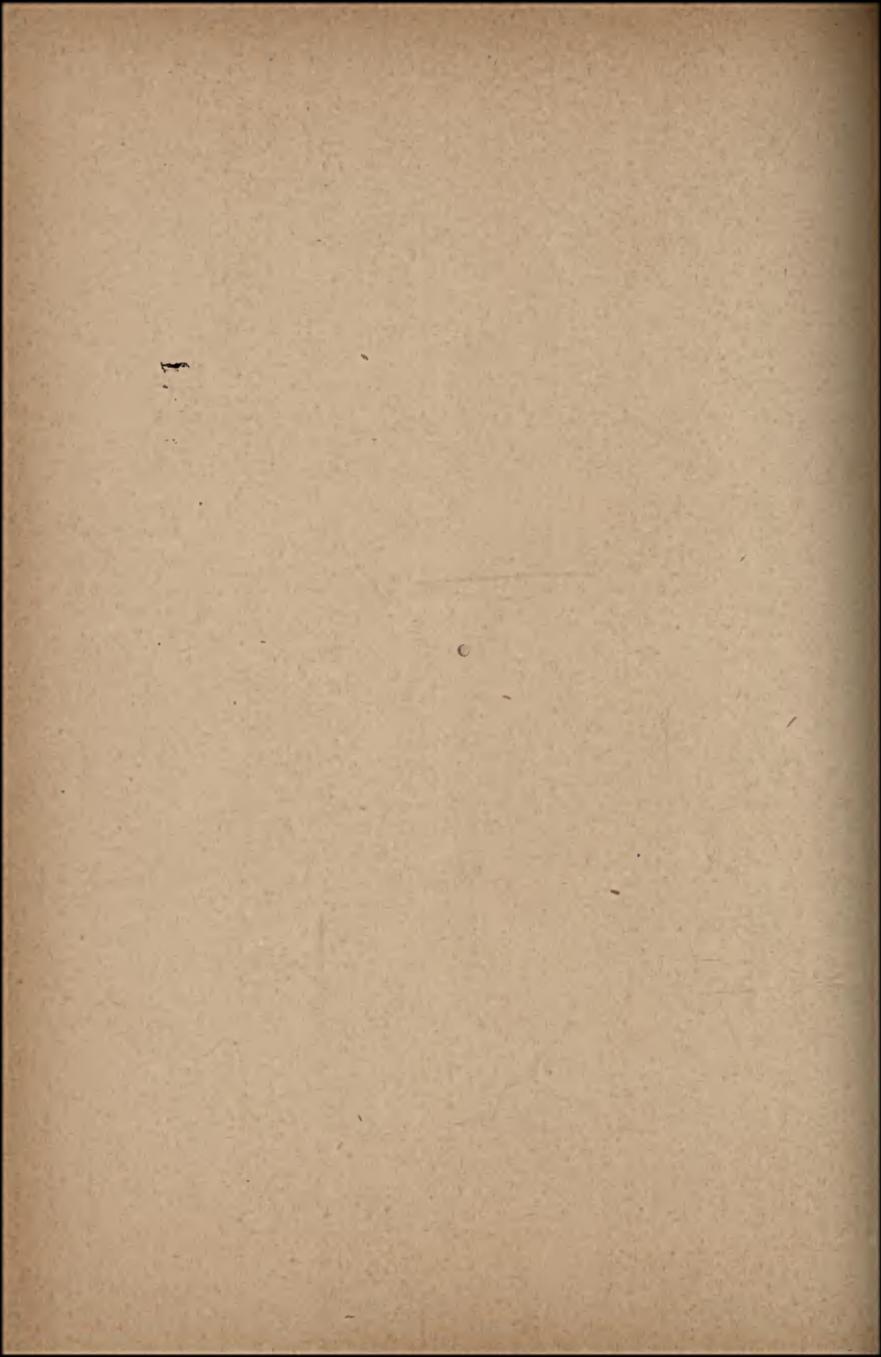
*Então quando, meu poeta, um filho é filha,
(Caso em que estás, moço papae ditoso),
A nossa estrella com mais força brilha ...*

*Cresca a menina, e quando, ébria de goso,
Fisar um dia do hymineu a trilha,
Vá pela mão de um principe formoso!*



Velha anedota





Velha anecdotá

*Tertuliano, frivolo peralta,
Que foi um paspalhão desde fedelho,
Typo incapaz de ouvir um bom conselho,
Typo que, morto, não faria falta;*

*Lá n'um dia deixou de andar á malta,
E indo á casa do pae, honrado velho,
A sós na sala, em frente de um espelho,
A' propria imagem disse em voz bem alta:*



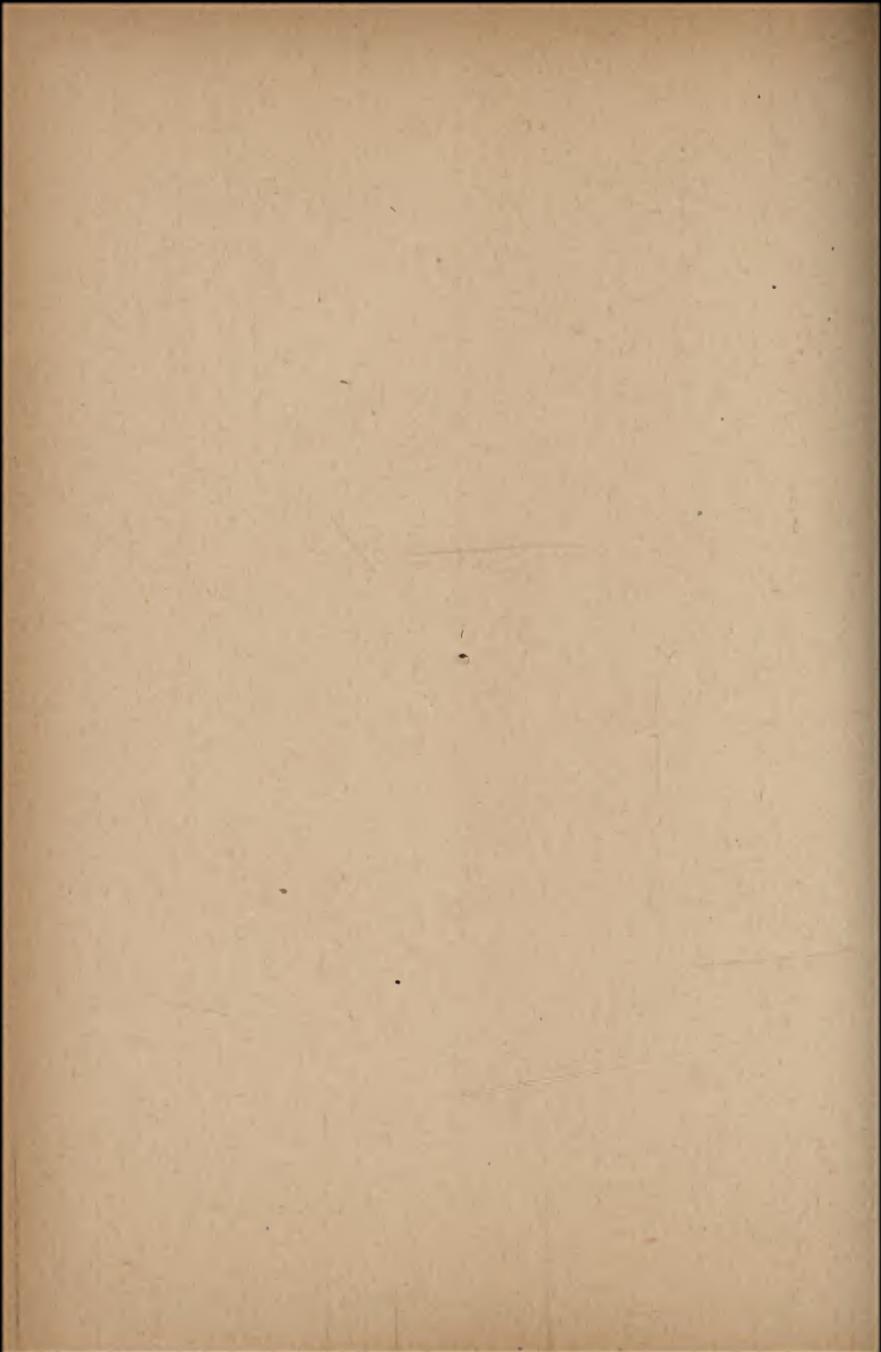
*—Tertuliano, és um rapaz formoso!
E's sympathico, és rico, és talentoso!
Que mais no mundo se te faz preciso?*

*Pentrando na sala, o pae sizado
Que por traz da cortina ouvira tudo,
Severamente respondeu :— Juizo!*



Impressões de theatro





Impressões de teatro

*Que dramalhão! Um intrigante ousado,
Vendo chegar da Palestina, o conde,
Diz-lhe que a pobre da condessa esconde
No seio o fructo de um amor culpado.*

*Naturalmente o conde fica irado :
— O pai quem é?—pergunta.—Eu ! lhe responde
Um pagem que entra—Um duello.—Sim ! Quando? Onde?
No encontro morre o amante desgraçado.*



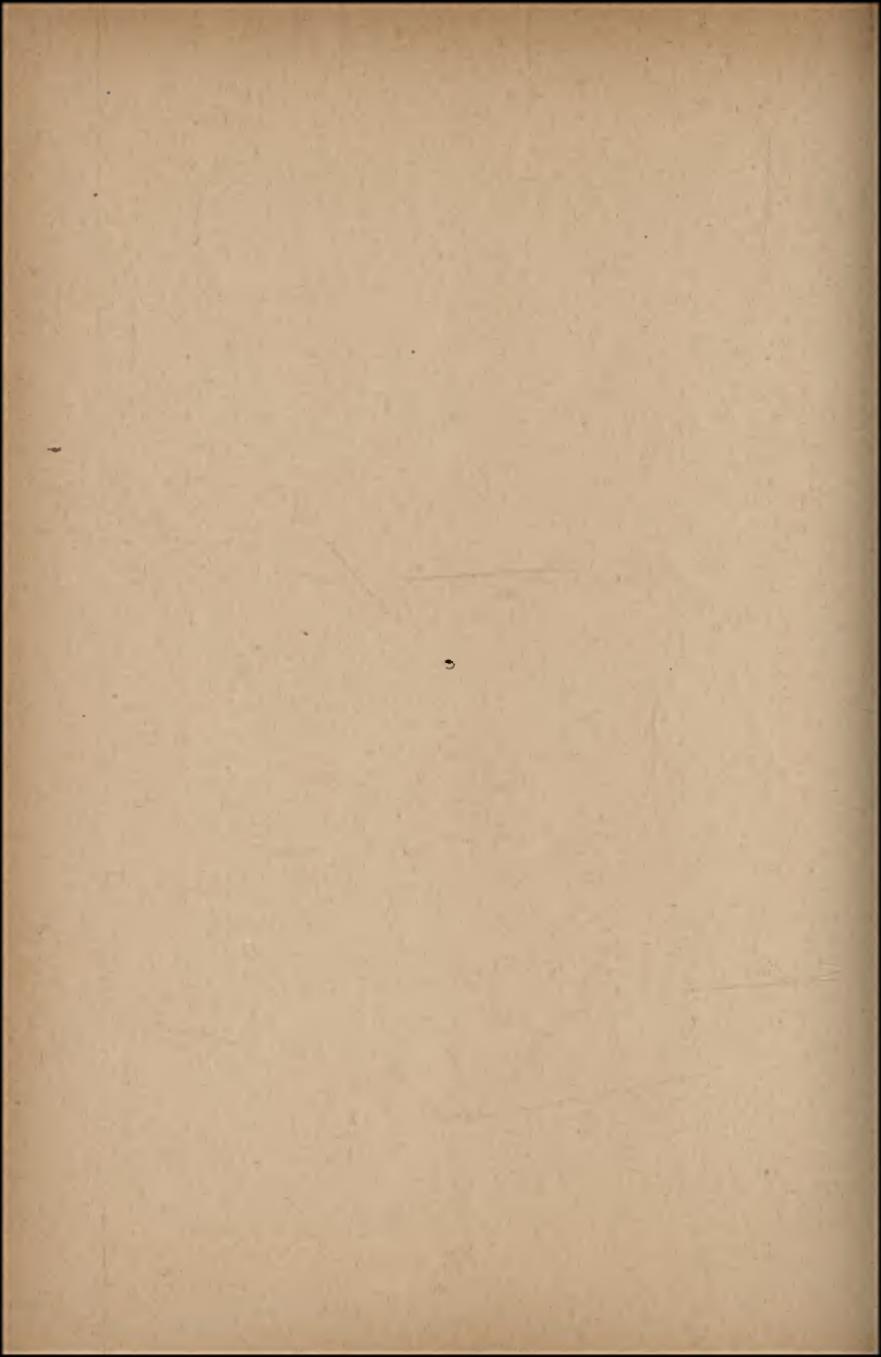
*Folga o intrigante... Porém surge um mano,
E, vendo morto o irmão, perde a cabeça:
Crava um punhal no peito do tyranno!*

*E' preso o mano, mala-se a condessa,
Endoidece o marido... e cae o panno
Antes que outra catastrophe aconteça.*



A um taverneiro





A um taverneiro

*Ai, que me parecees cego!
Ai, que de todo não vês!
Pois estás posto em socego
Como estava a linda Ignez?*

*Daquella a quem te ligaste
Pelo indissolúvel nó,
Nos filhos collaboraste:
Não são trabalho teu só...*



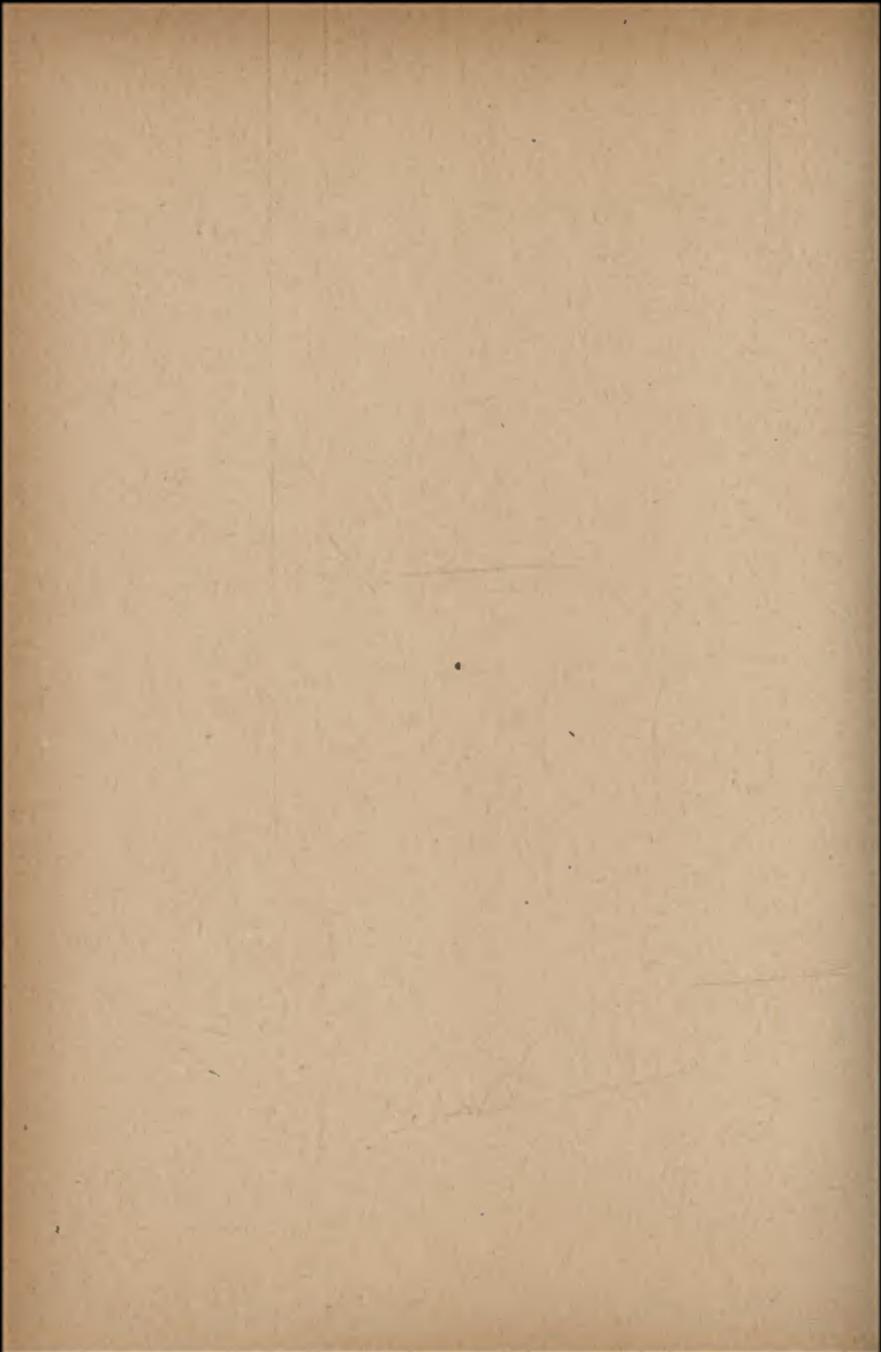
*Para que vejas que é Venus
Quem Penelope suppões,
Taverneiro, dorme menos,
Rouba tempo aos teus colções.*

*Quem taes verdades ensina
Brincar contigo não vem.
Não tens venda só na esquina,
Tens-la nos olhos tambem.*



A Raymundo Corrêa





A Raymundo Corrêa

Commemorando o apparecimento
do seu livro «Versos e Versões» em
um banquete oferecido ao Poeta.

*Tu já não morres, inextyto Raymundo,
Que hoje còos versos teus a Patria espantas ;
Não morre quem cantar como tu cantas
Inspirado, correcto, alto e fecundo.*

*Hade um dia seccar-se o mar profundo,
Hão de um dia murchar todas as plantas,
E, no horario de Deus, lá para as tantas,
Desmantelar-se a machina do mundo ;*

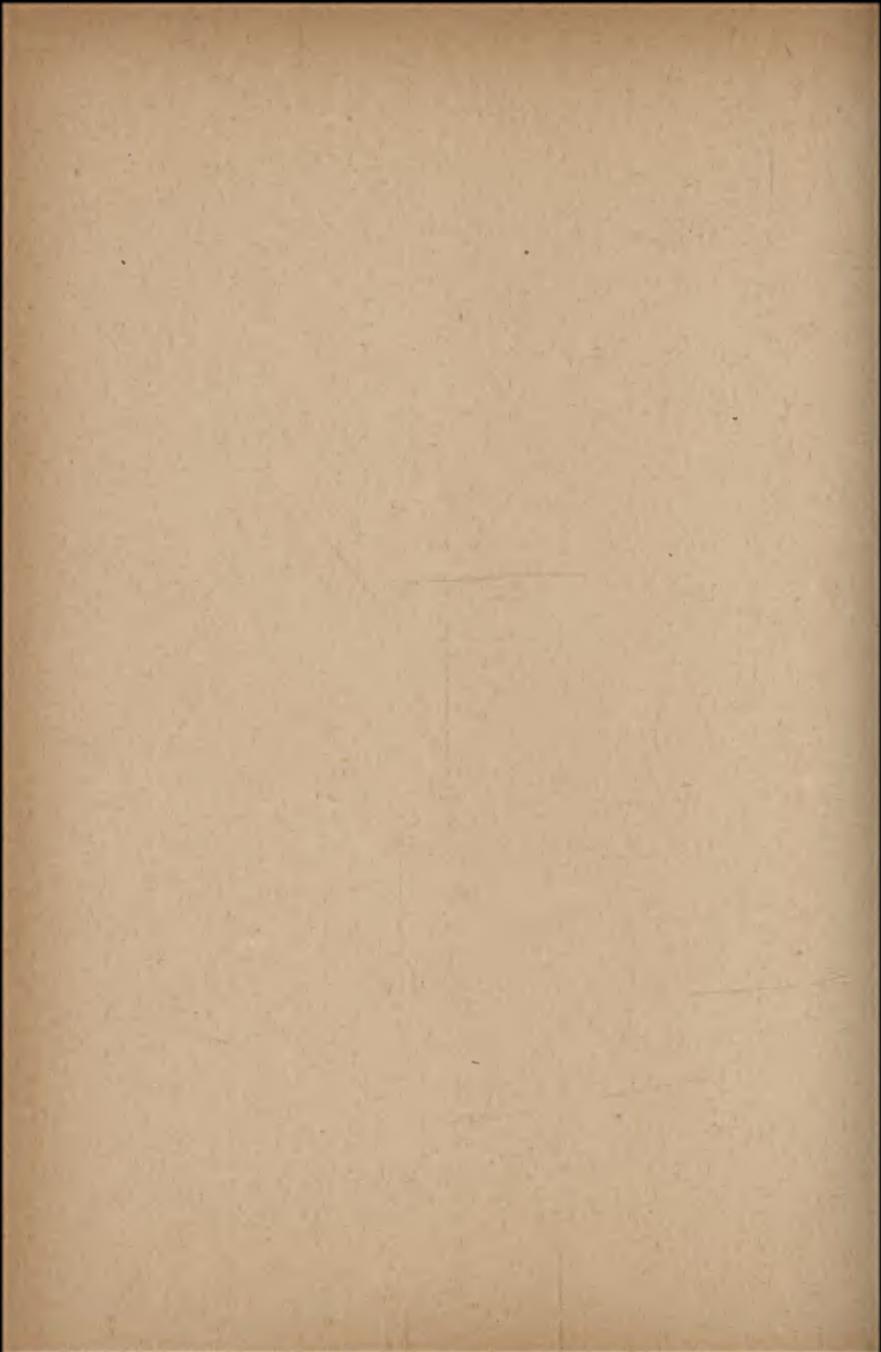
*Mas o genio ás catastrophes resiste,
Mata a morte, conquista a eternidade,
Es onde tudo se foi só elle existe...*

*Se ha nos homens uns restos de equidade,
Os tres volumes que tu produziste
Abrem-te a porta da Posteridade!*



Do «Intermezzo»

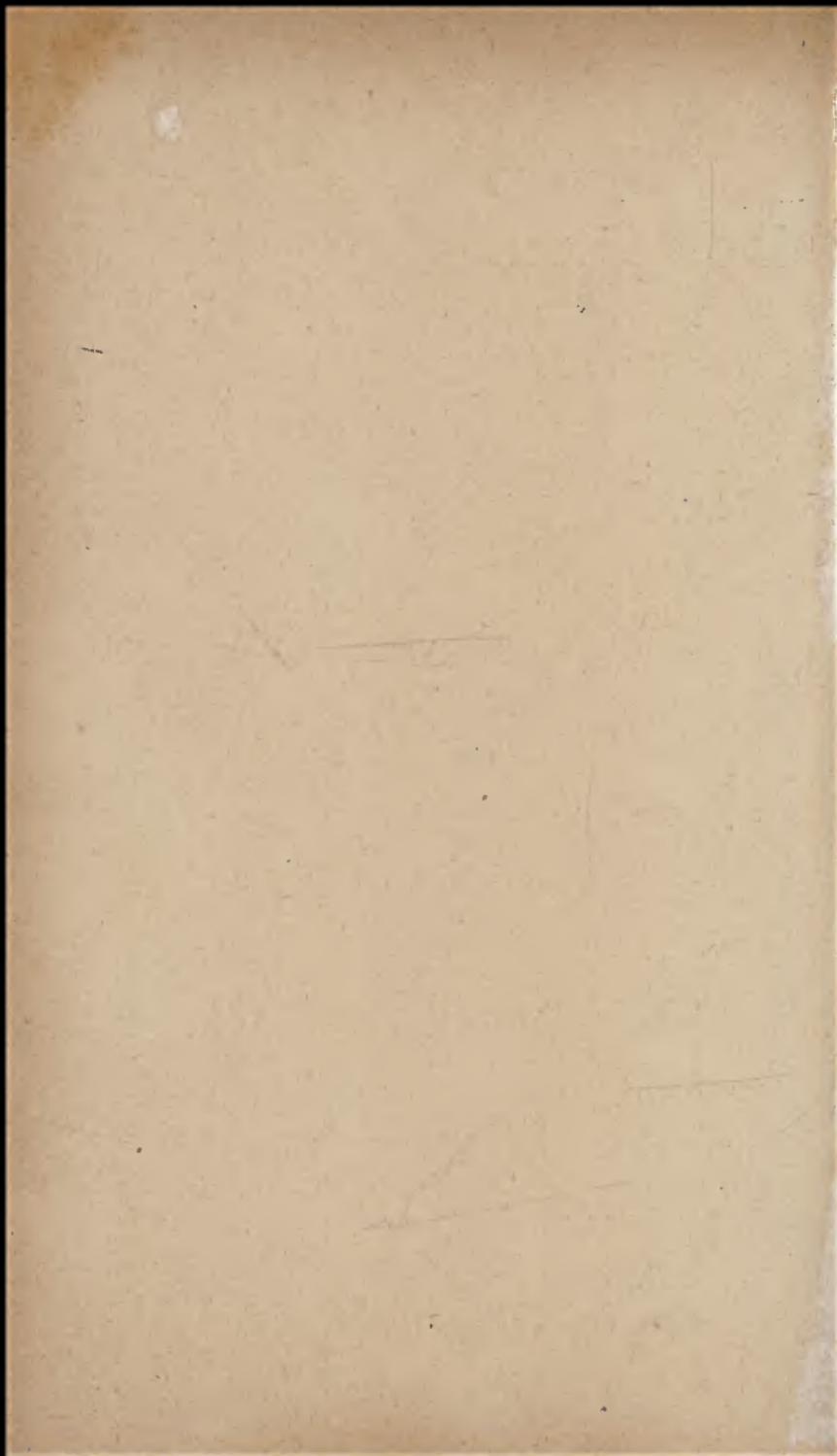




Do «Intermezzo»
(Heine)

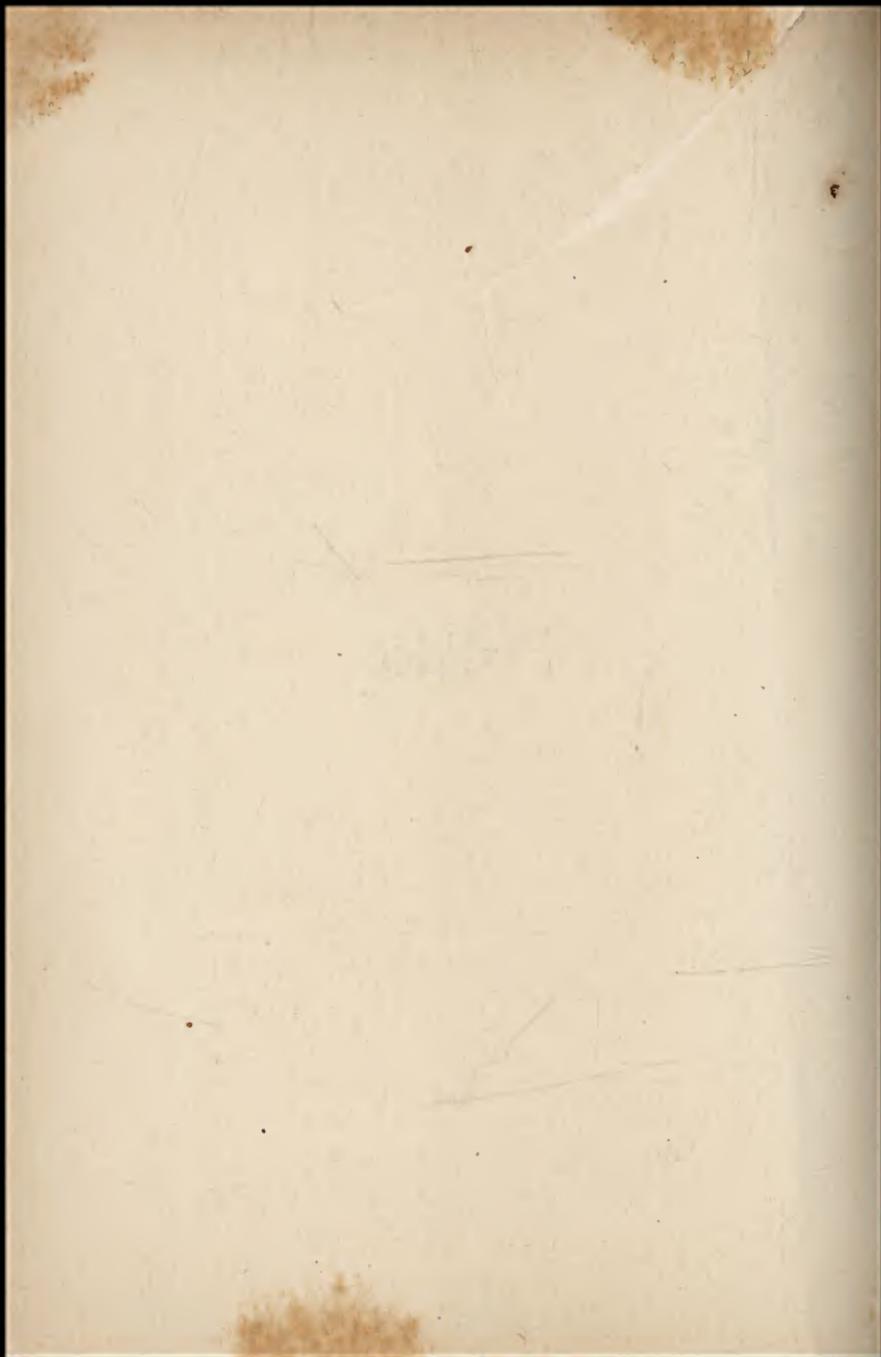
*Nas tuas faces, criança,
Reside o calido estio,
E encontrou o inverno frio
No teu peito habitação.
Um dia haverá mudança,
Meu anjo formoso e terno :
Terás nas faces o inverno,
E o estio no coração.*





Pedido





Pedido

*Eu quando soube que um capitalista
Pedira a tua mão em casamento,
Tal magua tive, que não sei si exista
Um tormento maior que meu tormento.*

*Para mais aguçar meu sofrimento,
Fui assistir ao casamento, e, á vista
Do teu sorriso de contentamento,
Eu desmaiei nos braços de um sacrista.*



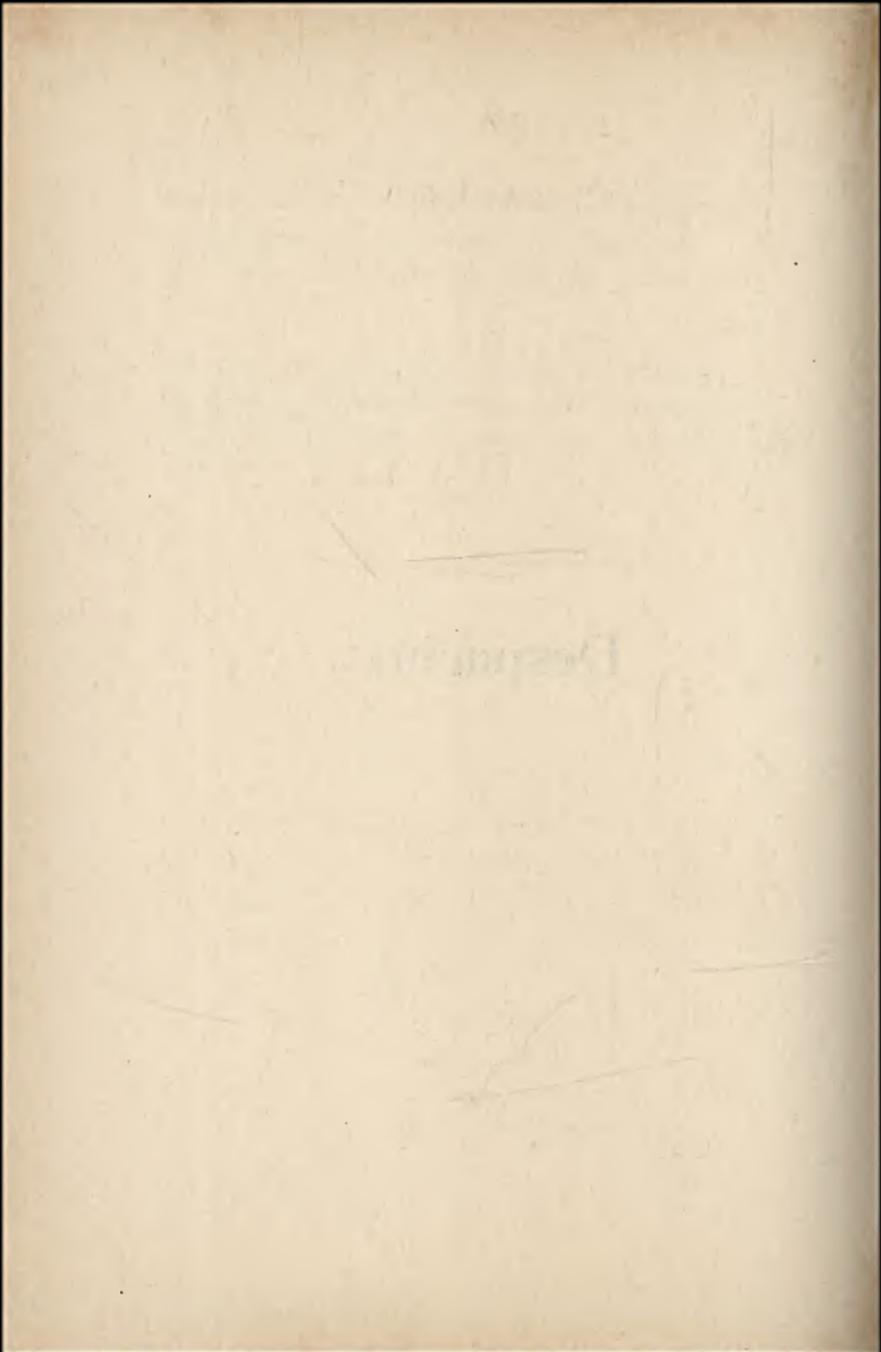
*Estou desde esse dia tão enfermo,
Que levantar-me eu não posso
Do miserando leito em que dei fundo.*

*Si a minha vida tem agora um termo,
Leva-me ao cemiterio um padre-nosso,
Não tenhas medo ás almas do outro mundo.*



Despacho





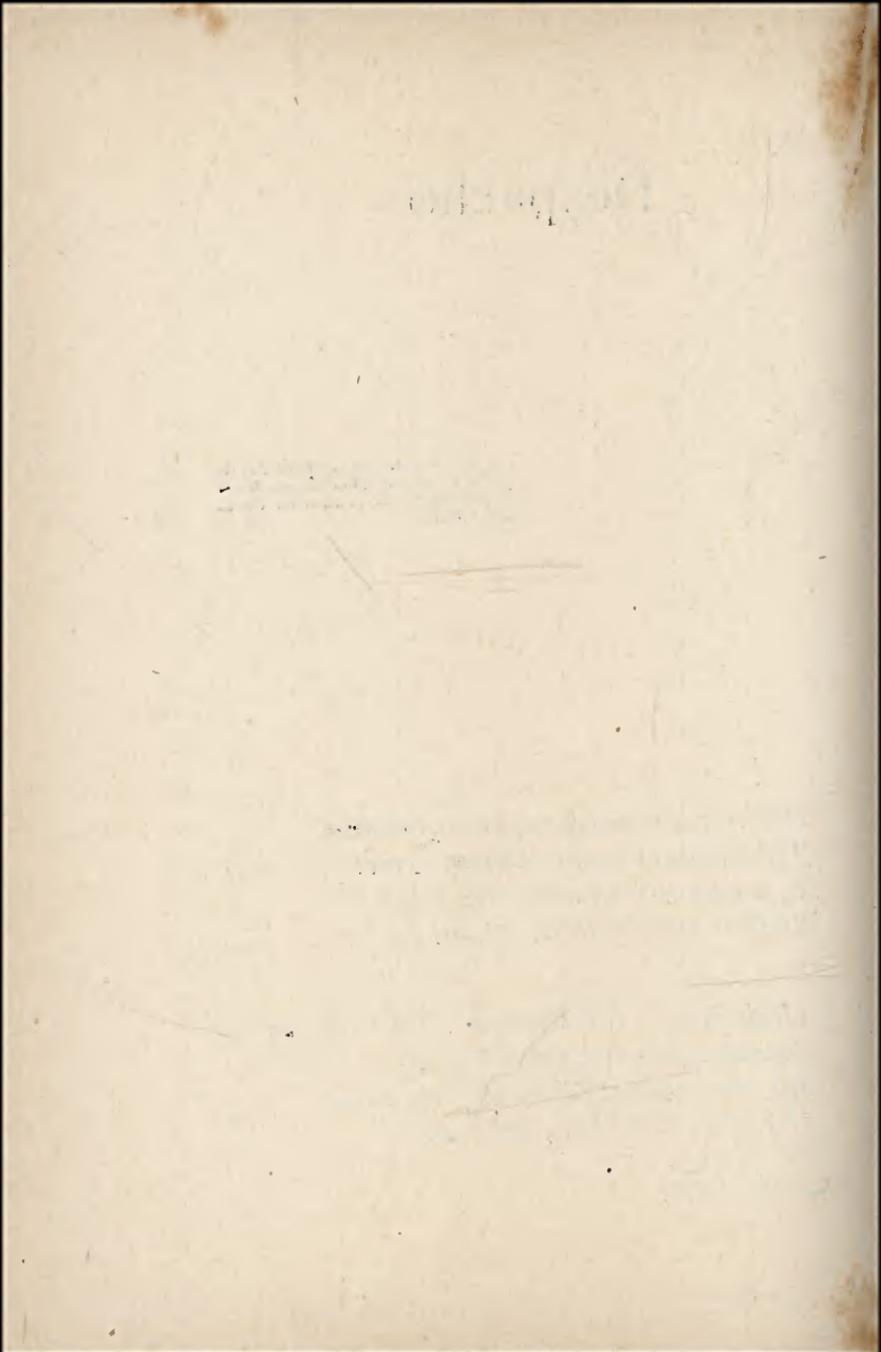
Despacho

A um soneto—Requerimento, do
padre Corrêa de Almeida, pedindo
a publicação do retrato do Poeta
no «Album».

*Dos retratos compete-me a escolha ;
Todos sabem que o Album é meu ;
E, portanto, o retrato na folha
Todo o mundo terá, menos eu.*

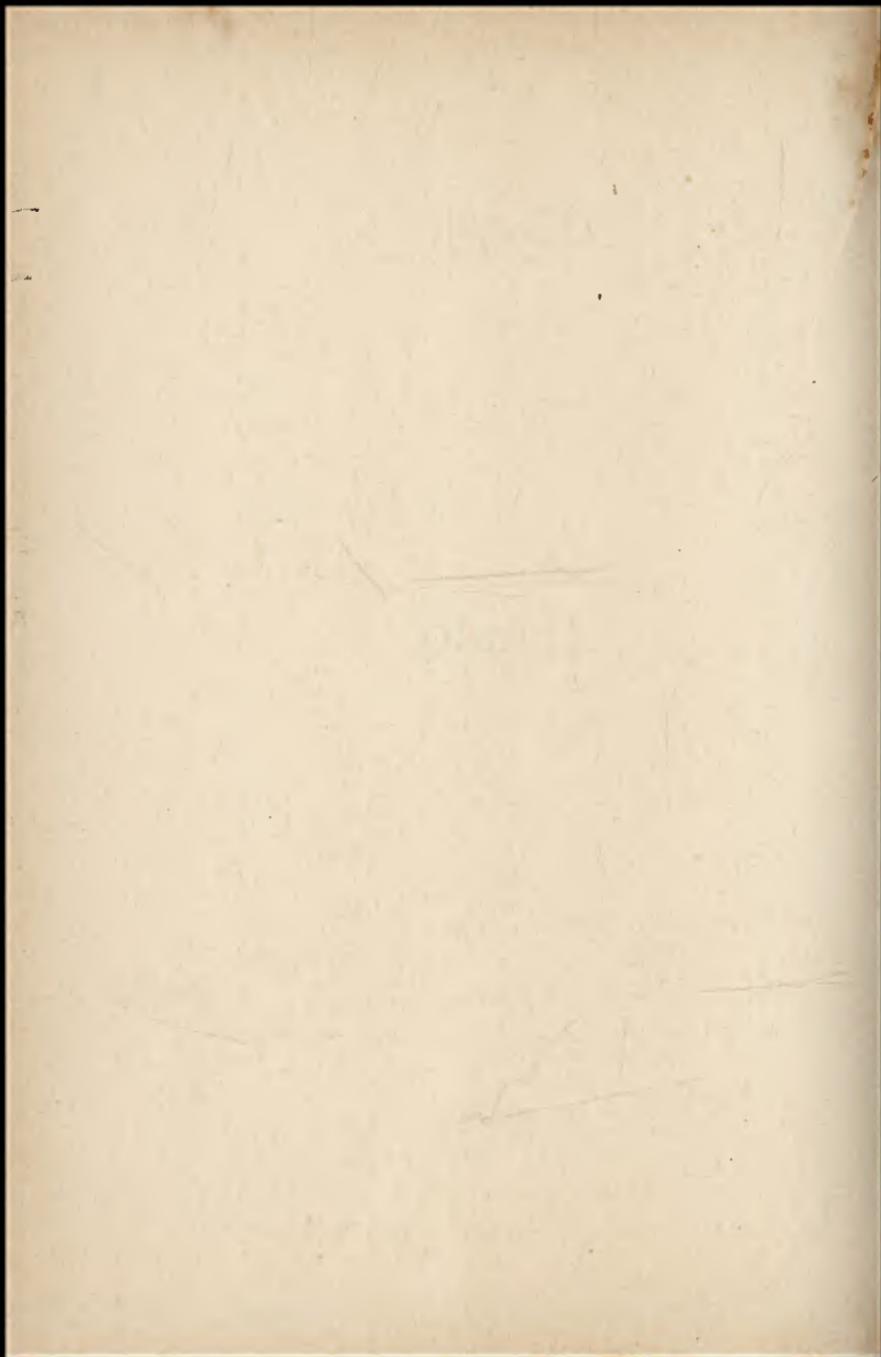
*«Indefiro» — é o despacho. Eu á lei da
Sensatez não me posso furtar.
Do meu velho Corrêa de Almeida
O retrato, este sim, devo dar.*





Laudo





Laudo

*Do Pará recebi treze sonetos
Para os tres escolher da melhor nota ...
Cincoenta e dous quartetos e tercetos!
Como hei de descalçar tamanha bota?*

*Eu todos li com atenção devota
E em todos encontrei alguns gravetos ;
Mas juro, ó Musa, por teus olhos pretos,
Que o melhor delles é o da Deusa ignota.*



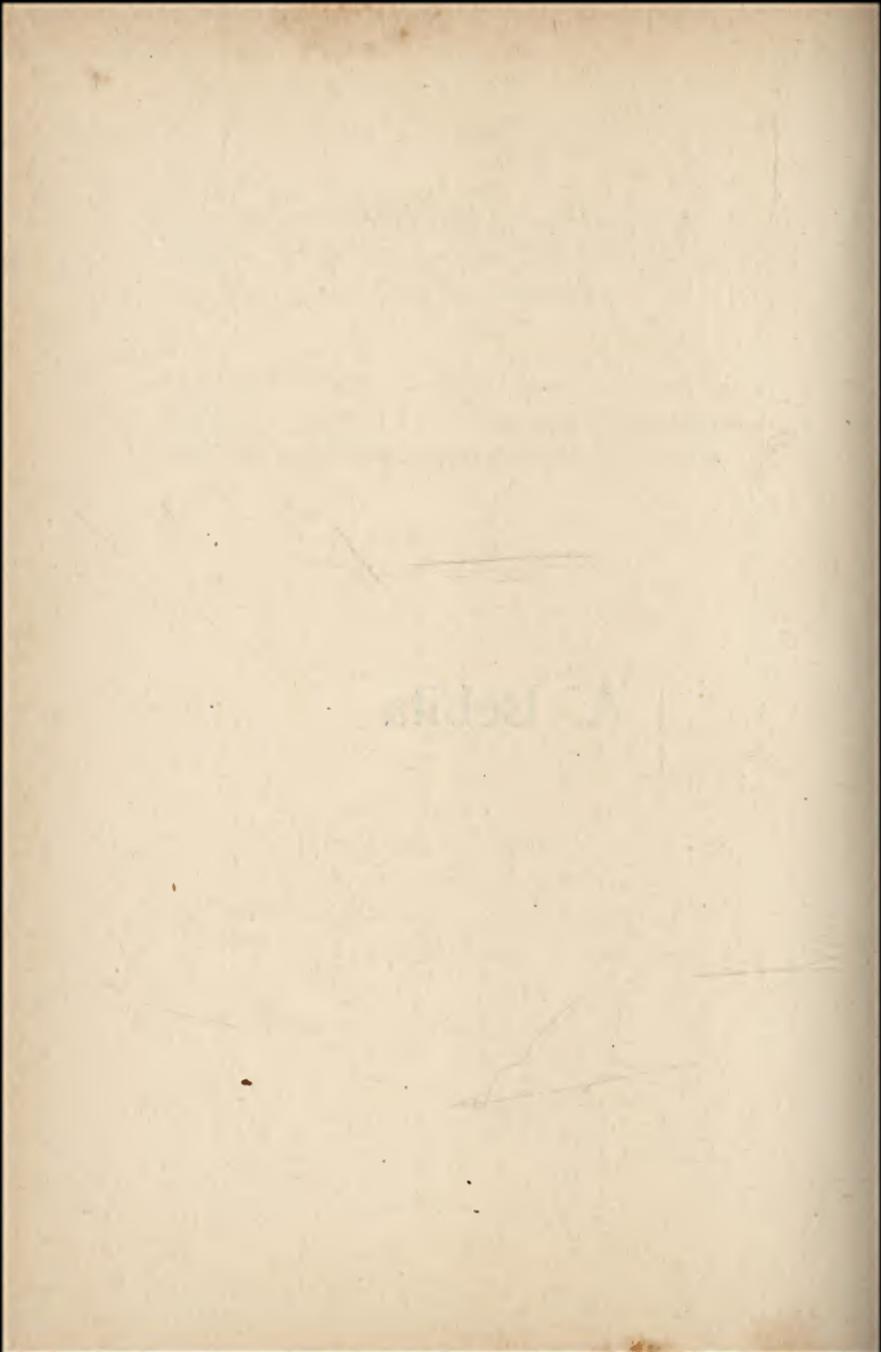
*Segue-se, em ordem de merecimento,
A carta, mas o autor (que M. A. se chama)
Poz nos tercetos quatro vezes ento!*

*De longe enfim o outro lugar reclama.
Meu juizo ali está; os dez que descontento
Tenham paciencia: vão chorar na cama.*



A' Bebita





A' Bebita

*Bebita, minha afilhada,
Mando-te uma versalhada
Hoje que um anno completas...
Mamãe detesta as sextilhas?
Pois não procure p'ras filhas
Padrinhos que sejam poetas!*

*Tens um anno, um anno apenas;
Inda te aquecem as pennas
Do teu melindroso ninho,
E a tua tenra molleira
Só sonha co'a mamadeira
E o pince-nez do dindinho!*



*De crescer não tenhas pressa,
Crescendo, só se tropeça
Na dor e no desengano...
Em tendo maior idade,
Verás que é feticidade
Contar apenas um anno!*

*Des que a aurora incandescente
Hoje raiou no oriente,
Tenho pensado em que objecto
Hei de mandar-te, ó Bebíta,
Como lembrança catita
Do meu entranhado affecto...*

*Uma boneca? Inda é cedo:
Na tua idade um brinquedo,
Bebíta, não vale nada.
Já tens carrinho e cadeira,
Pipo, chocalho e pulseira...
Mando-te uma versathada!*

*Eu quiz—desejo insensato!—
No Album dar teu retrato
E o teu esboço biographico:
Faria Dom Juan Gutierrez
Com todos os ctes e erres,
Um bibelot photographico...*

*Mas tenho medo que bramem,
Protestem, gritem, reclamem,
Assignantes poueo amaveis,
Se a tua phototypia
Figurar na galeria
Entre pessoas notaveis.*

*«Quem será esta eriança?
Pinta? Esereve? Canta? Dansa?
Faz sonetos? Que faz ella?»
«Meus senhores, não faz nada...
Só faz ser minha afilhada.
E como os anjos ser bella!»*

*Paciencia, Bebida linda,
Não és sequer gente ainda,
Não tens, não podes ter fama...
Pesaroso me constranjo,
Porque o retrato de um anjo
Não está no nos soprogramma.*

*

*Mas como eu contára ufano
tua vida de um anno,
Num estylo dos mais pobres!
O naseimento almejado,
E depois o baptisado
Em Santo Antonio dos Pobres!*



*Eu disséra a vez primeira
(Foi n'uma segunda-feira)
Em que um sorriso esboçaste,
E aquella manhã ridente
Em que o teu primeiro dente
N'outro sorriso mostraste.*

*E o dia em que, de surpresa,
Sentadinha sobre a mesa,
Fazendo cara de ehoro,
Disseste «maman»; e o dia...
Mas eu fiz-te a biographia
Não ha que ver meu thesouro!*

*Todo o biographo insuspeito,
Percebendo algum defeito,
O biographado não poupa;
Direi, pois, que esta afilhada
Me prega muita mijada
De me inundar toda a roupa!*

*Se faz manha, a pequenita,
Esperneia, chora e grita,
Manhans ou tardes inteiras,
E, emquanto as queixas exhala,
Não ha, para soeegal-a,
Maracás e mamadeiras!*

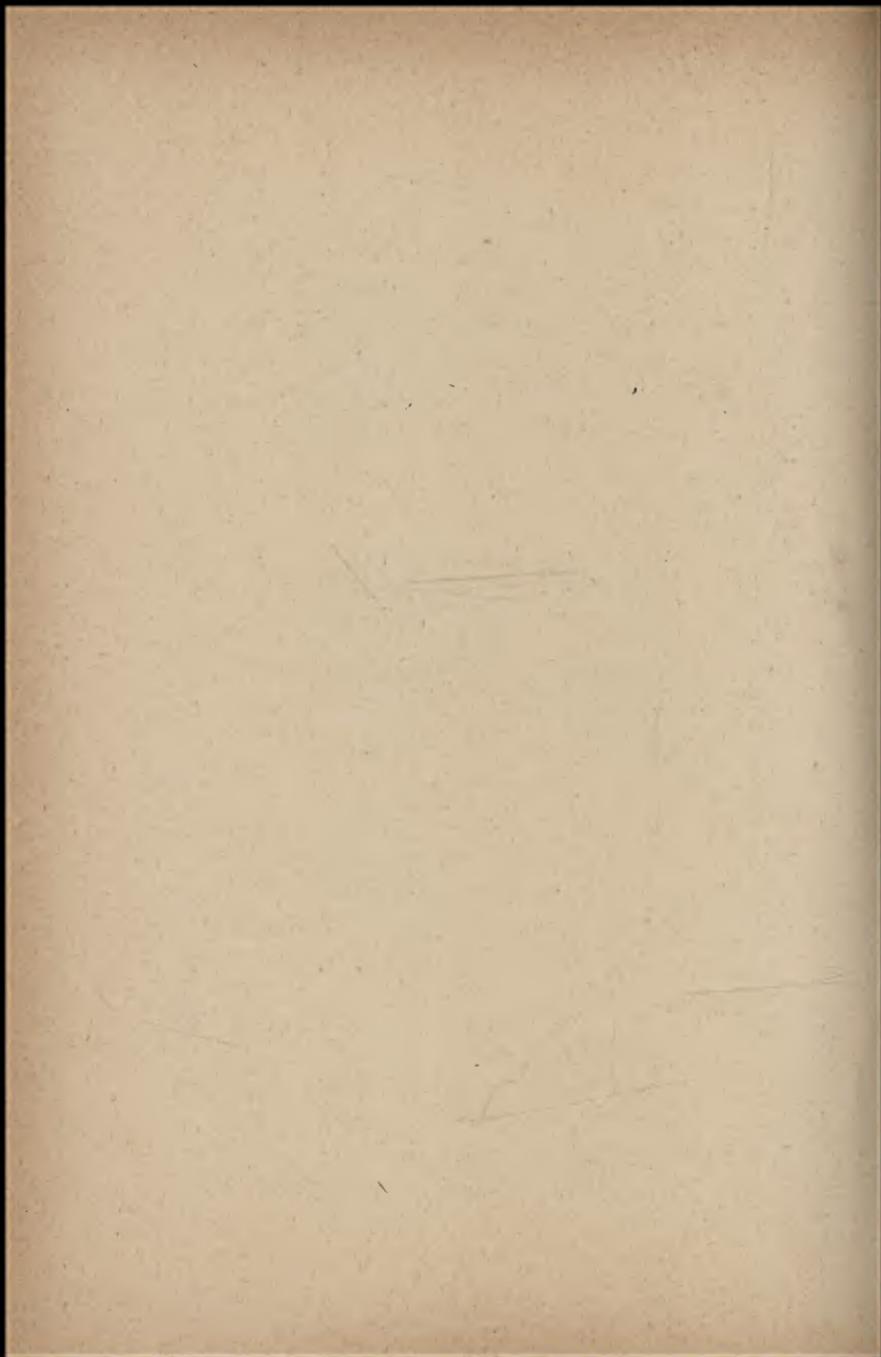


*Minto. Eu deito-a no meu collo,
E, embalando-a, cantarolo
Um canto ultra-somnolento:
A tal «Senhora Santa Anna»,
Musica wagneriana,
Que faz dormir n'um momento.*

*

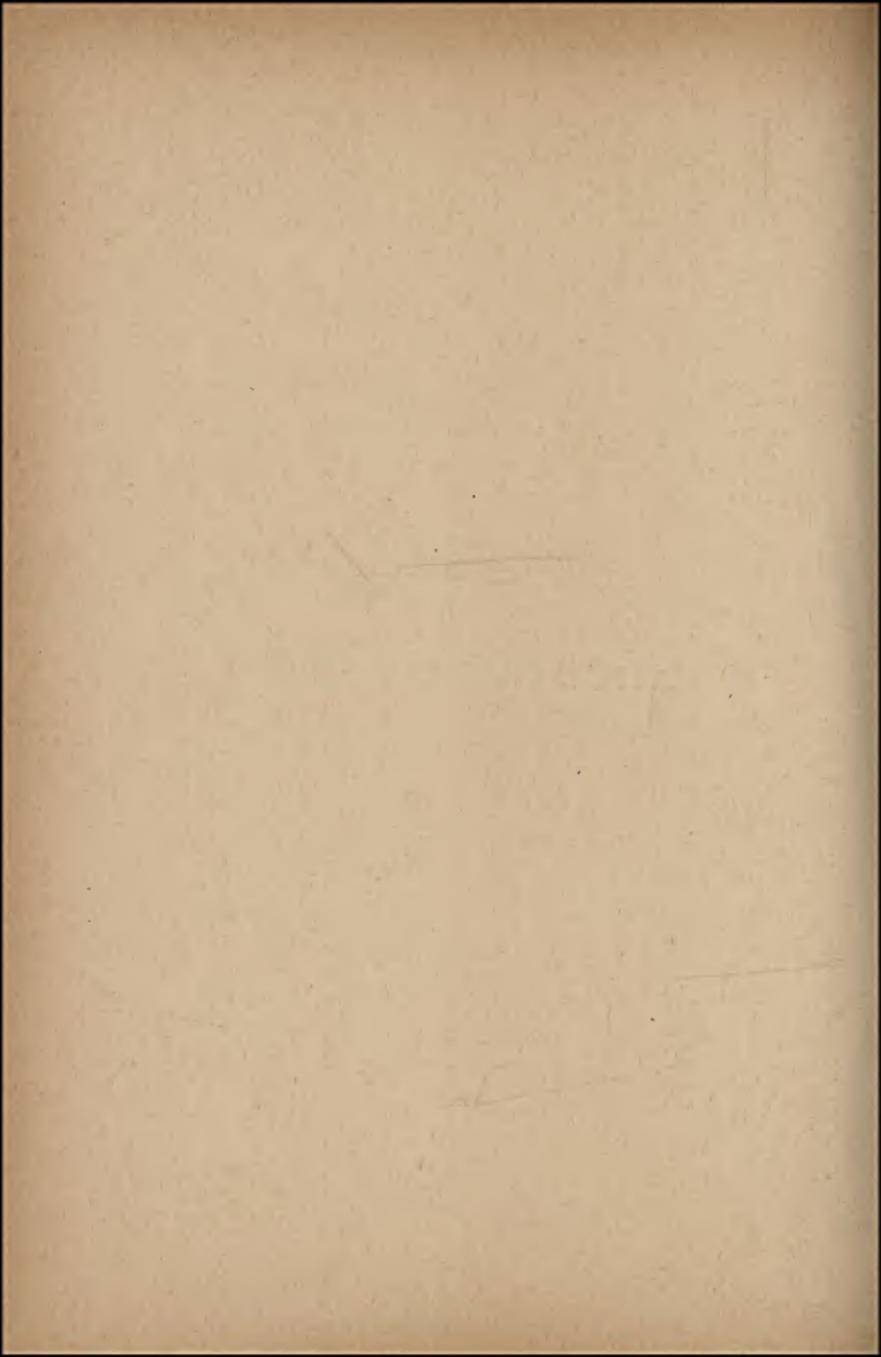
*Basta. Dei o meu recado...
Já me sinto fatigado...
E é caso dos mais perversos
Mandar a uma menina
Tão mimosa e pequenina
Duas columnas de verso.*





Amor descoberto





Amor descoberto

*Quem foi, minha senhora
Que o nosso beijo viu?
A lua? a estrella? a aurora?
Quem foi, meu bem, quem o descobriu?*

*Baixando do alto extremo
A estrella o disse ao mar,
O mar ao remo, e o remo
Ao remador foi contar.*

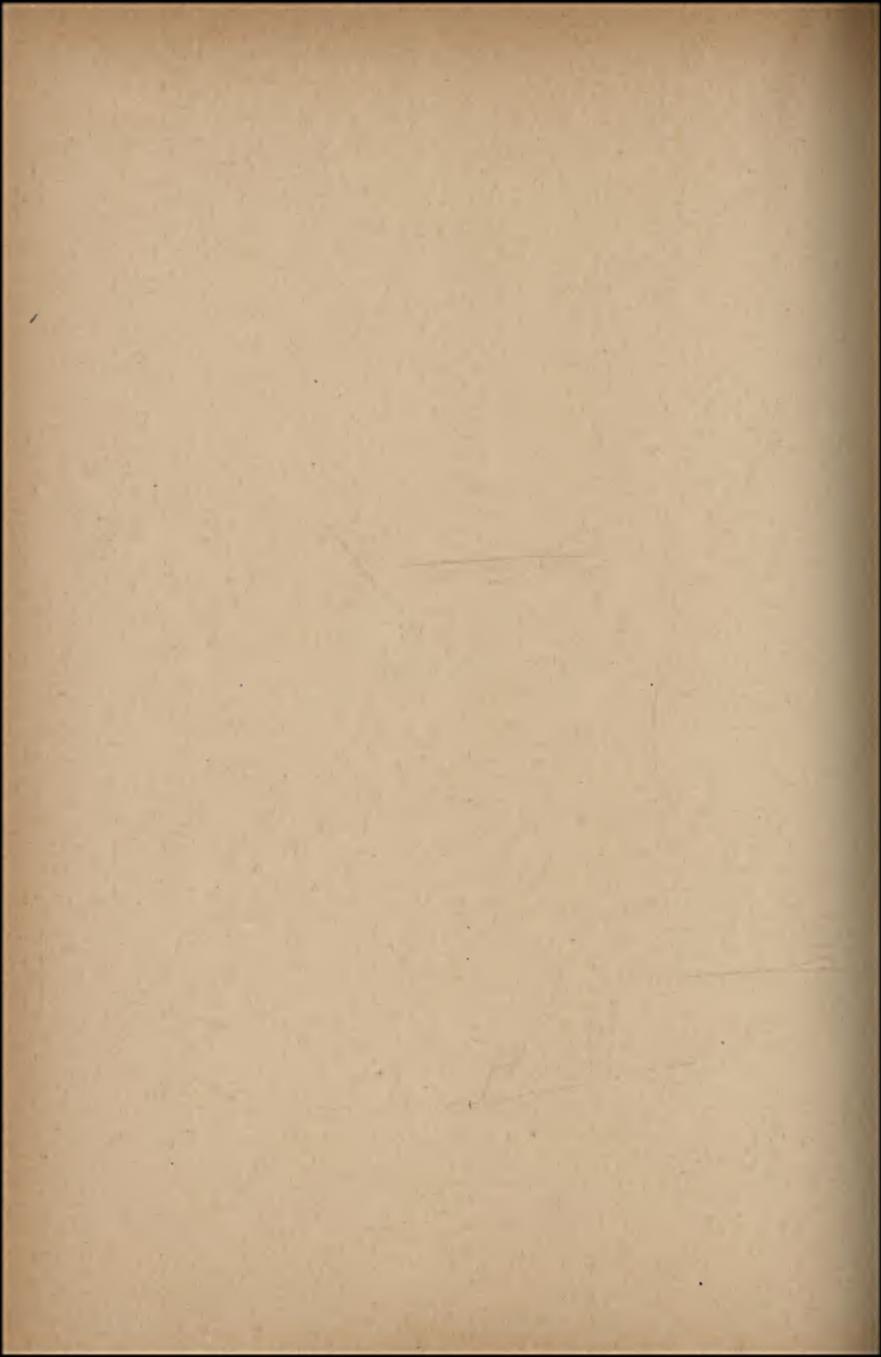


*Pensou na doce amiga
O triste remador :
Fez d'ella uma cantiga
E foi cantal-a ao seu amor .*



Bohemio





Bohemio

*Um coração espero devoluto
No pobre quarto de rapaz solteiro.
Do meu relógio o tremulo ponteiro
Acompanho minuto por minuto.*

*Já está na ponta o mísero charuto...
E um charuto de cinza no cinzeiro.
Sento-me á mesa... Ao fundo do tinteiro
Fica-me um verso frouxo, irresoluto.*



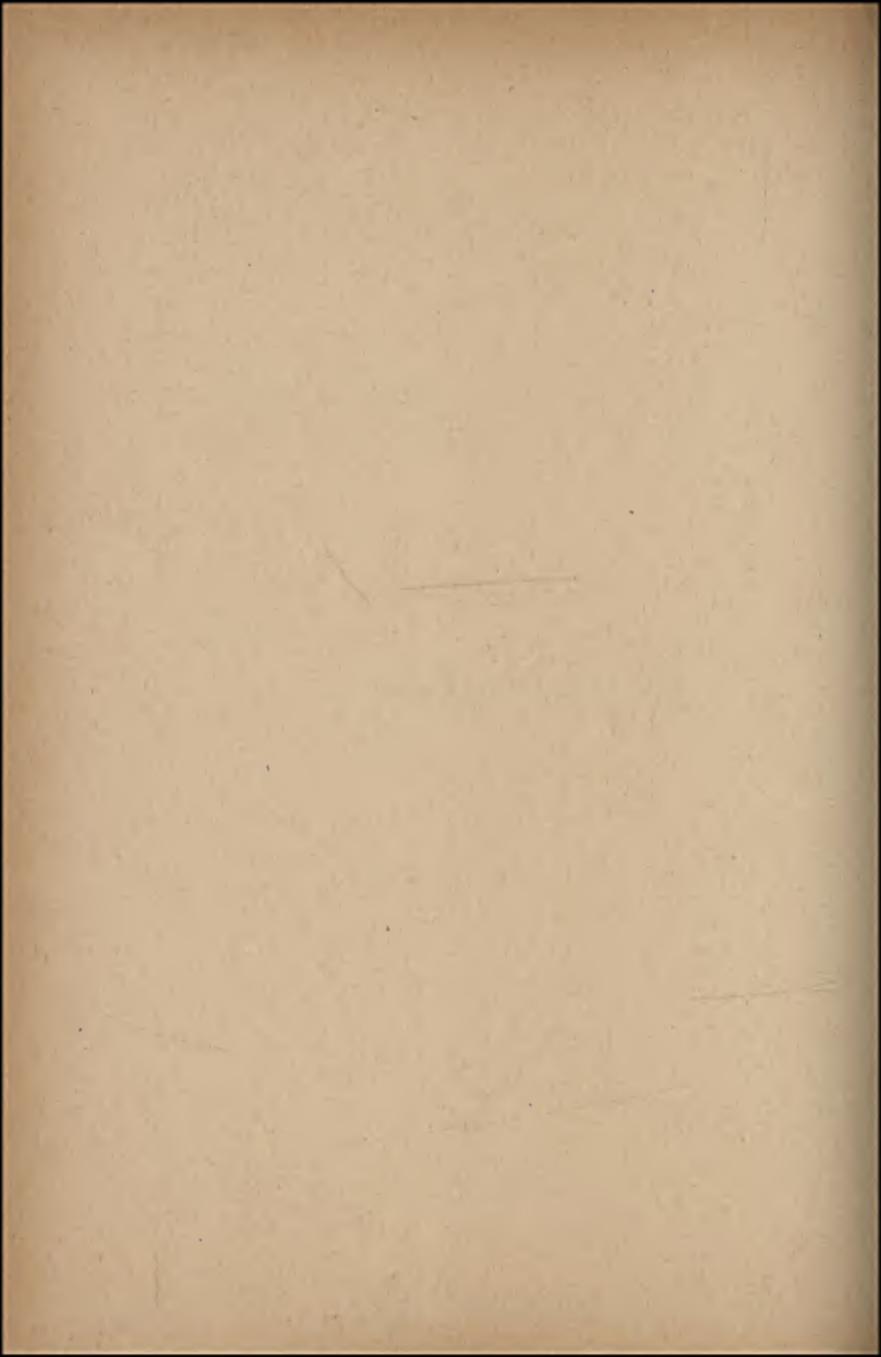
*Mas ouço já da seda o cheque-cheque,
Como o roçar angelico de uma aza,
E o abrir e fechar de um grande leque.*

*O relógio, afinal, já não se atraza...
— Entra, bella das bellas! — O' moleque,
Si alguém me procurar, não stou em casa.*



Rectificação





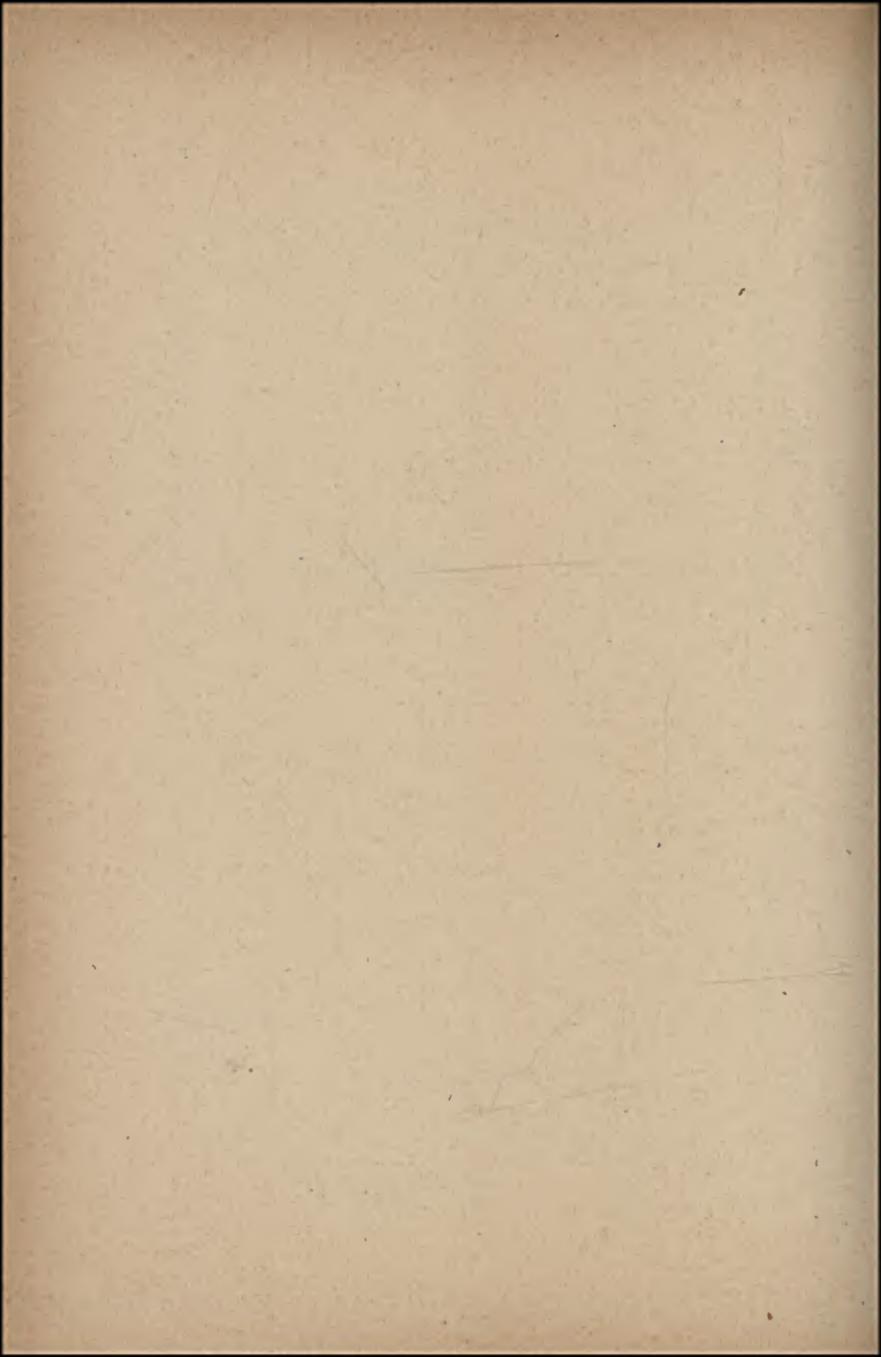
Rectificação

. . . seguindo-se a deliciosa comedia
de Affonso Penna -- «Os irmãos das
almas».

(Da «Gazeta de Noticias» de 11 de
fevereiro de 1895).

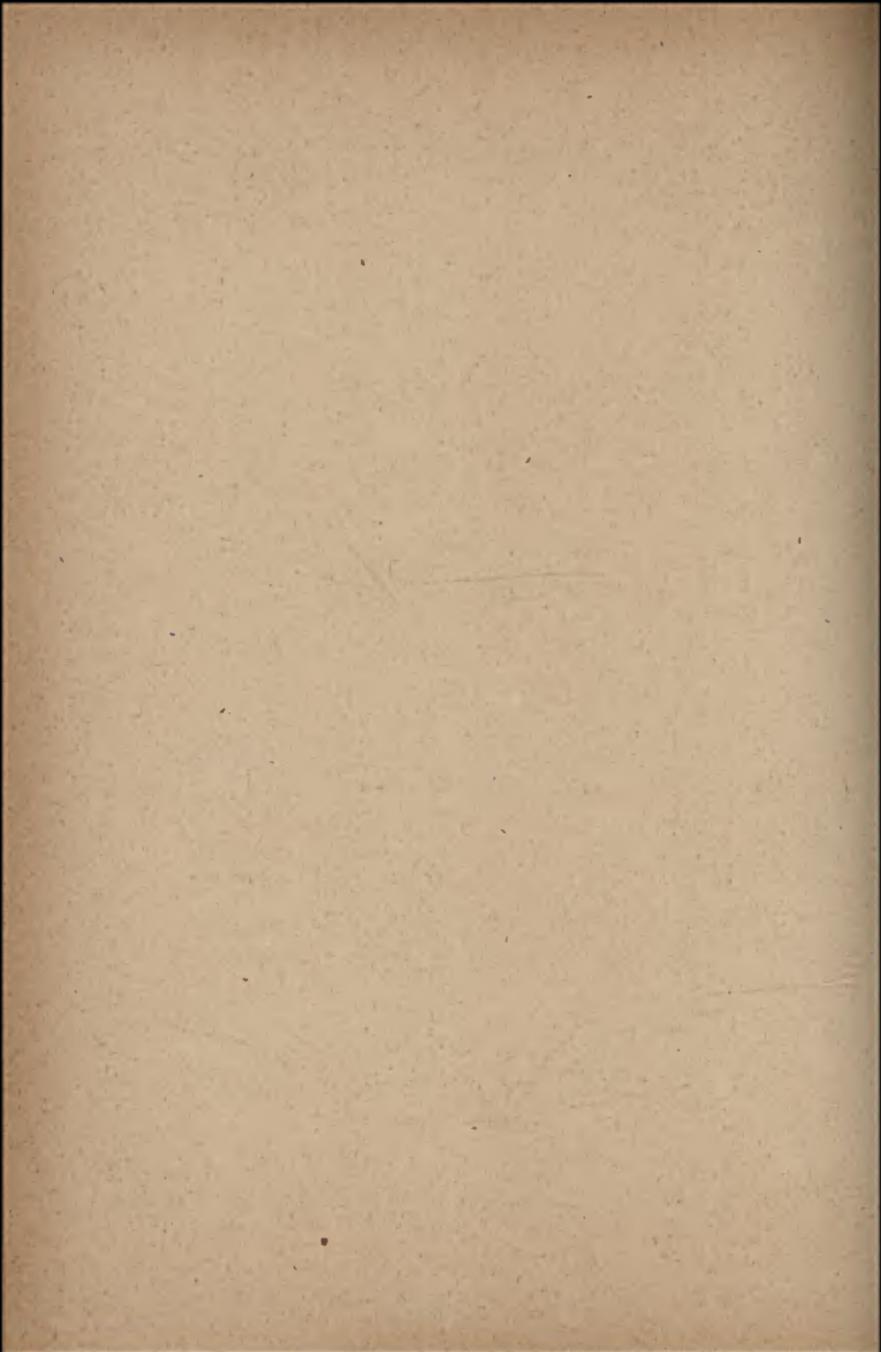
*O Molière cá da terra,
Autor de peças tão finas,
Não foi ministro da guerra
Nem presidente de Minas.*





As Companhias Lyricas



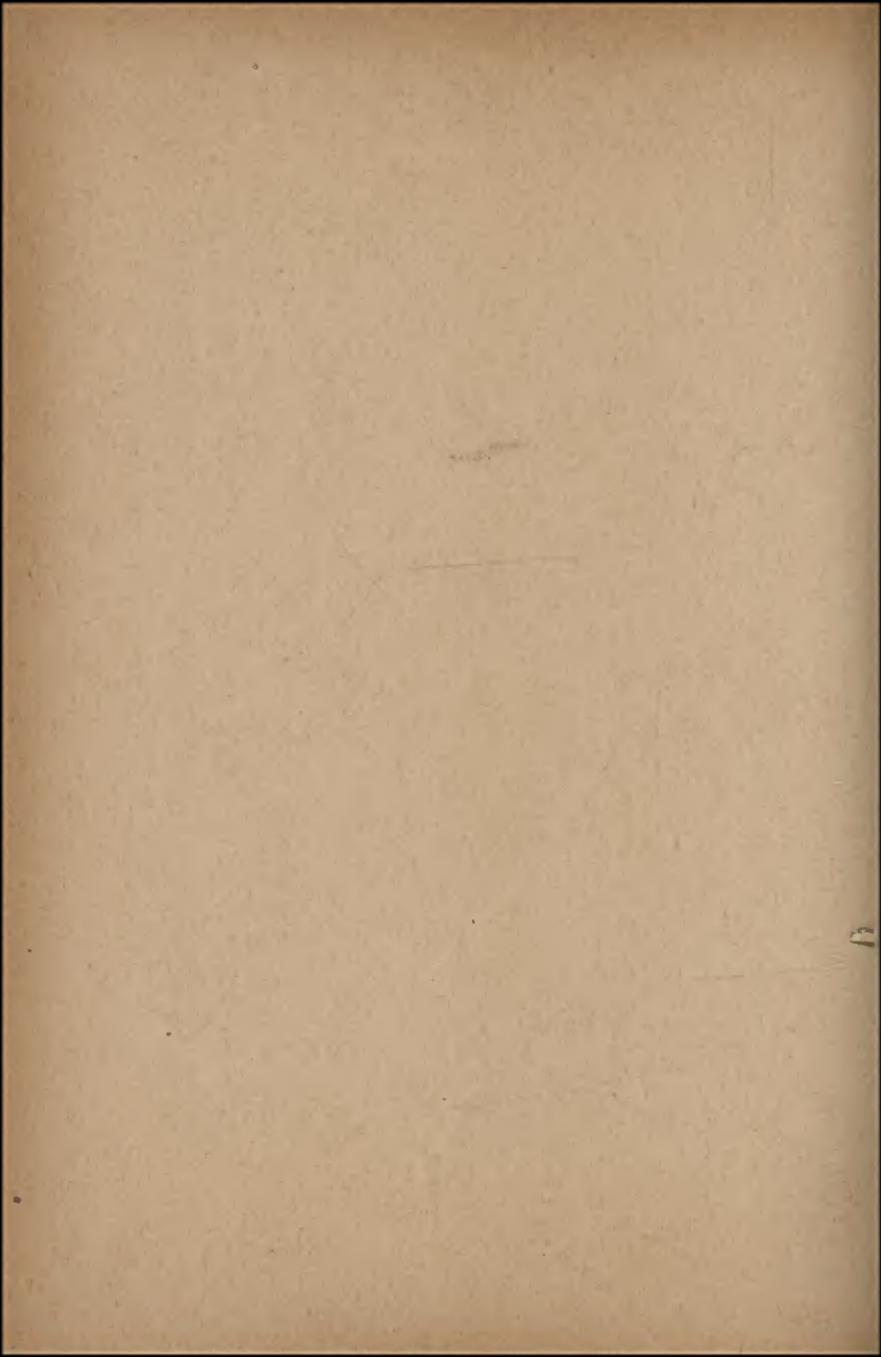


As Companhias Lyricas

DE 1894

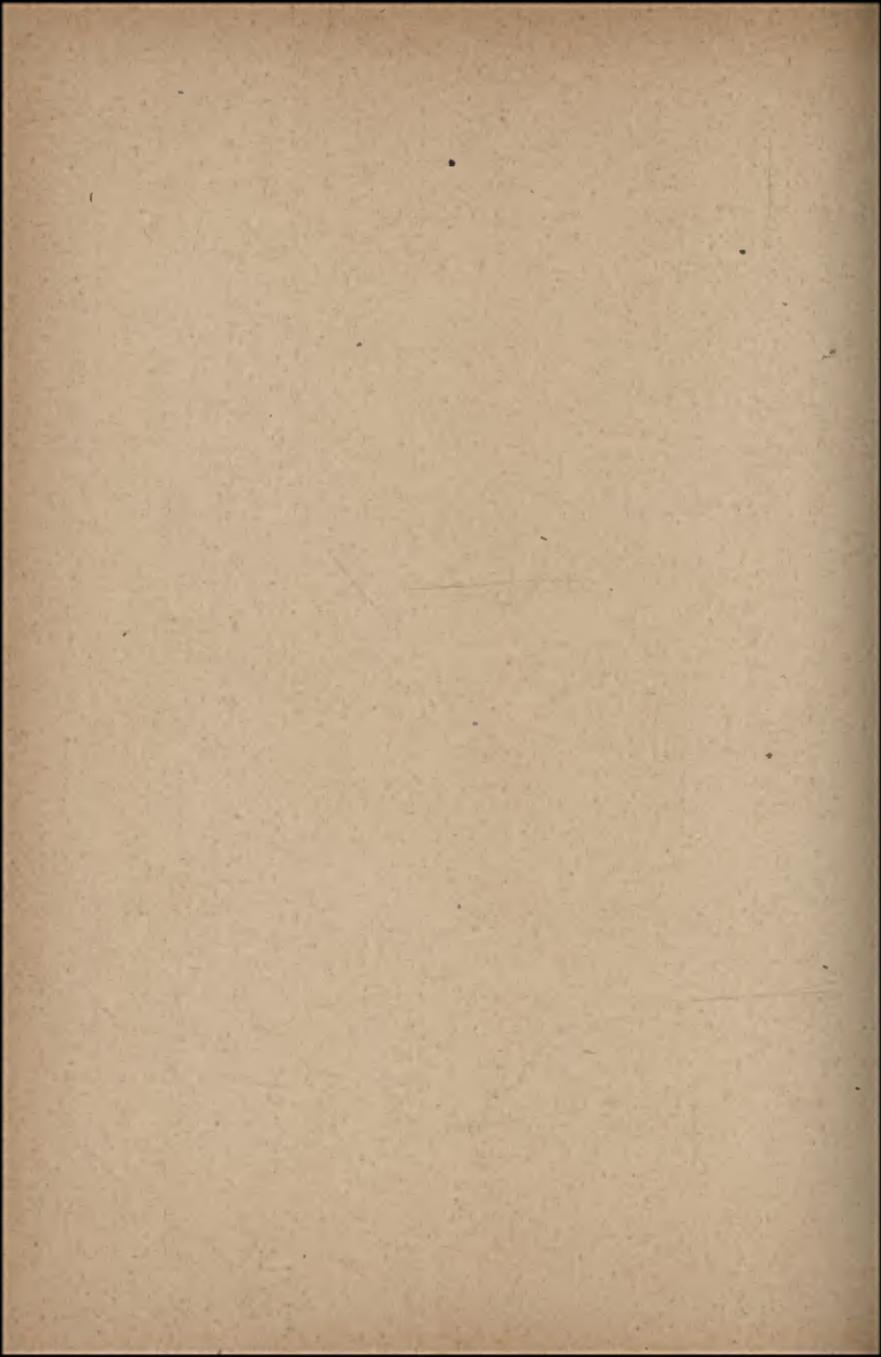
*Poderia escrever um compendio
Quem quizesse chorar-lhes a sorte:
A primeira acabou pelo incendio,
A segunda acabou pela morte,
E a terceira—meu Deus! quem diria?
Acabou pela pancadaria!*





A Luiz Delfino





A Luiz Delfino

*No teu livro luzentes cavalgadas
Vi de bonitos, magéstosos tropos,
A mão prompta, nervosa, sobre os copos
Das valorosas, inelytas espadas.*

*As figuras mais bellas, reclinadas
No dorso de elephantes misanthropos,
Tinham nos olhos fogos de Canopus,
E nos labios o alvor das madrugada s.*



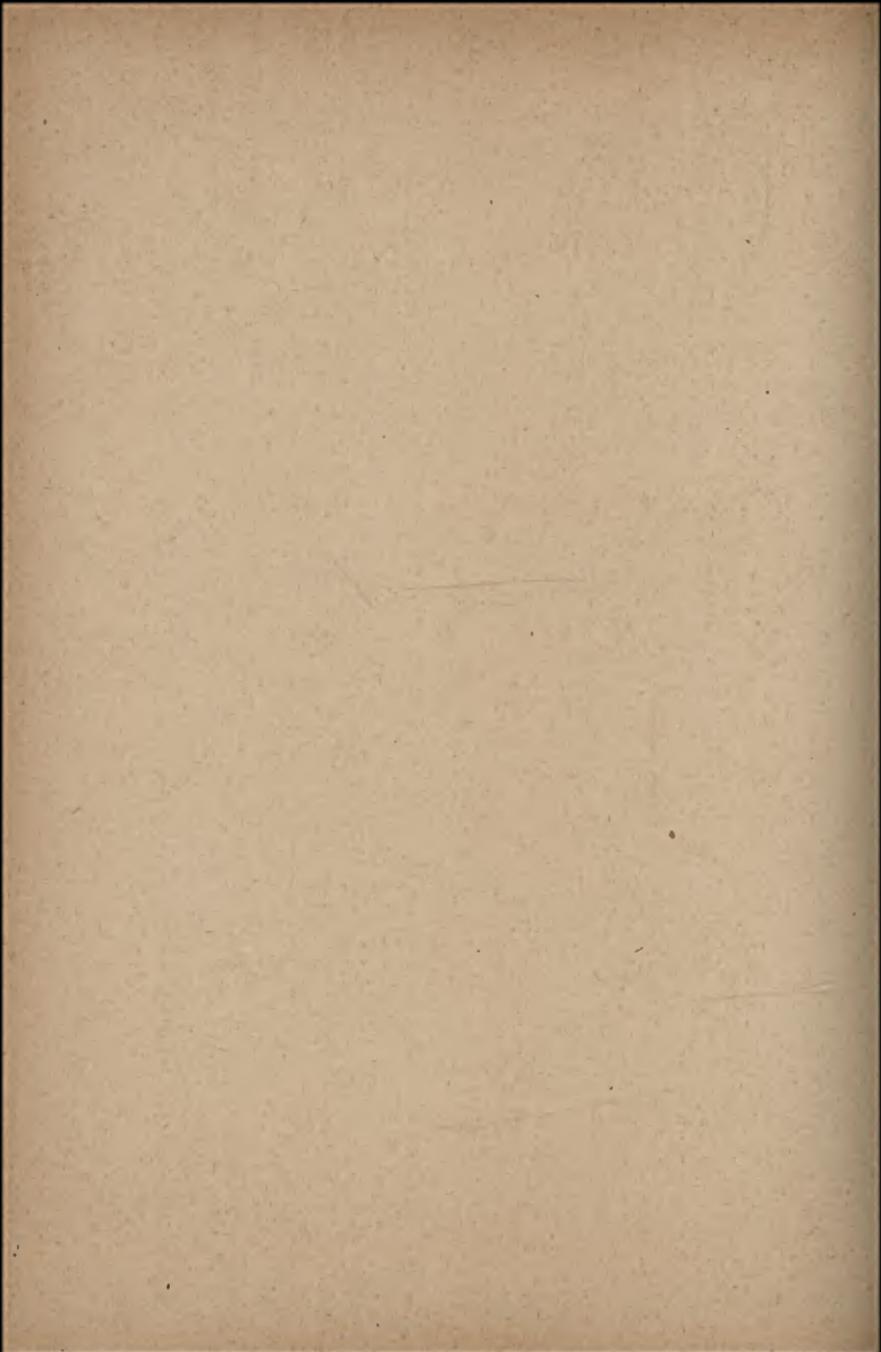
*Paradoxos, montados em ginetes,
Fazendo mil phantasticos corcovos,
No ar brandiam nitidos floretes.*

*O sequito fechavam grandes povos
De adjectivos, os rubidos valetes
Ledos, alegres, elegantes, novos.*



A Bolsa e a Vida



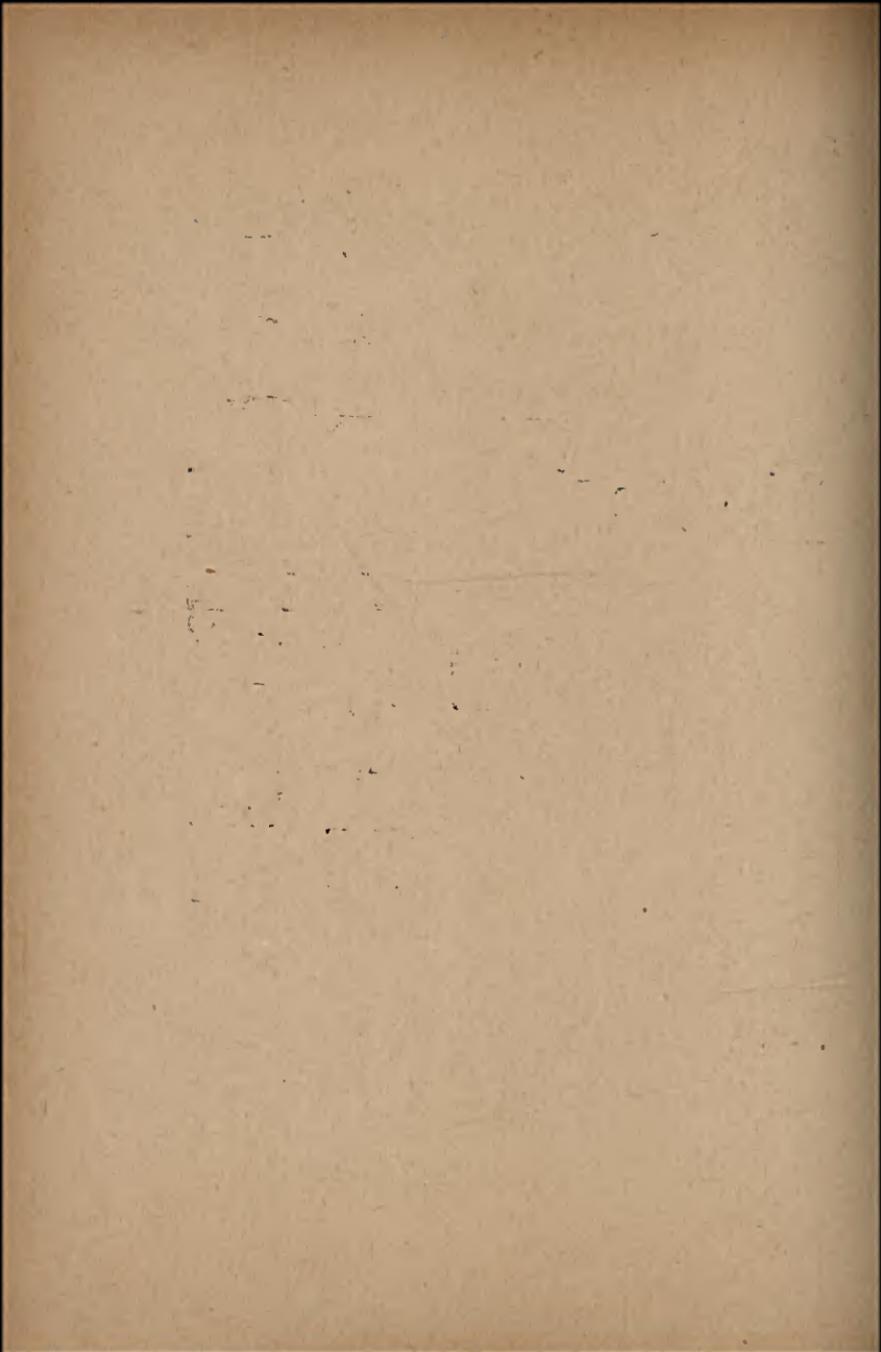


A Bolsa e a Vida

*Gatuno conhecido
Anda pela cidade a propalar
Que eu tinha fallecido...
Roubou a bolsa e a vida quer roubar!*

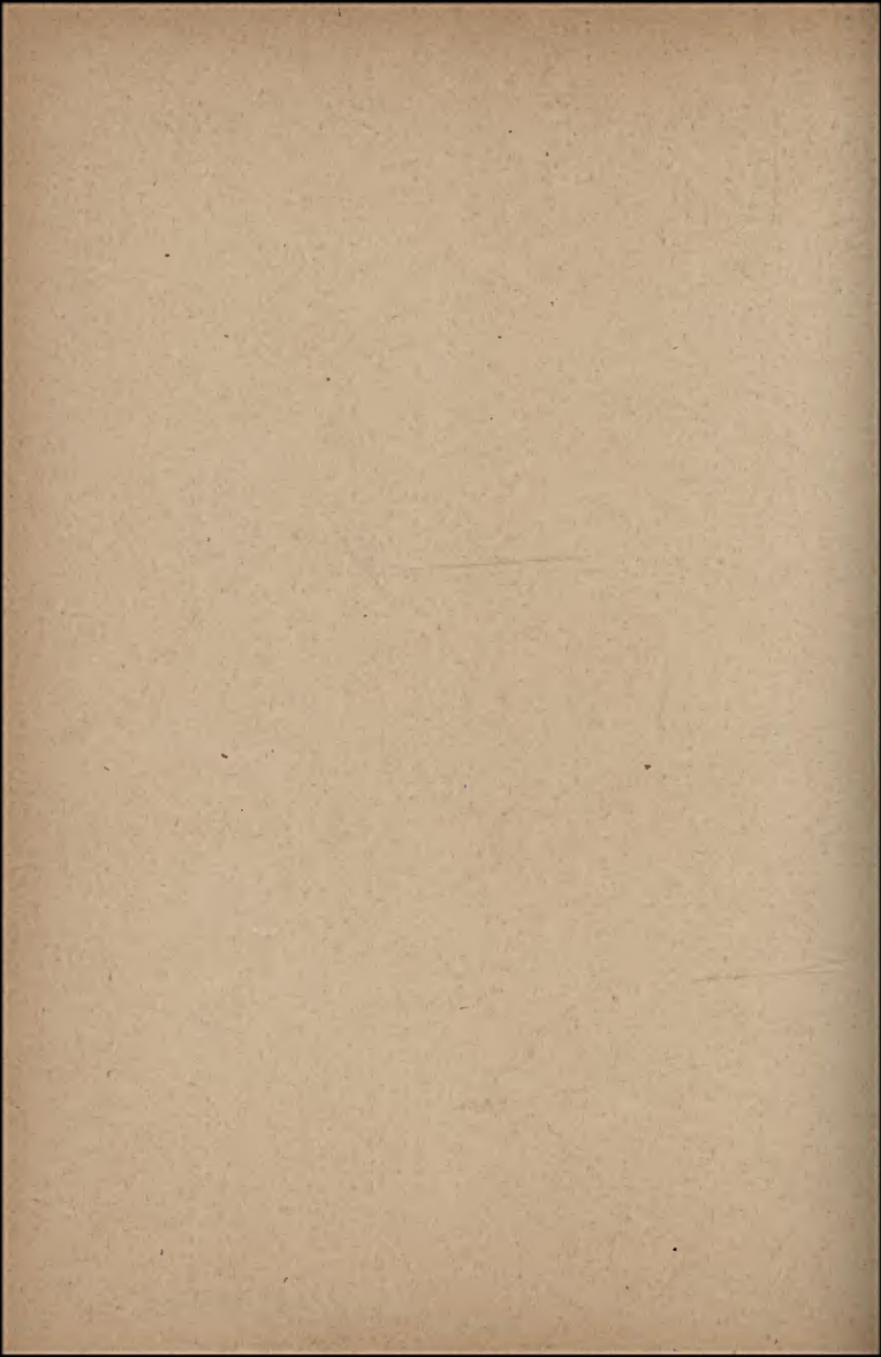
16—1—1895.





Aosom do «Danubio Azul»





Ao som do "Danubio Azul"

*Valsemos!—O seu nome?—Elisa.—Elisa!
Que lindo nome tem!—Acha?—Podéra!
—Acerte o passo...—Assim?—Mas não precisa
Apertar-me...—E' formosa!—Ai, que exagera!*

*—Oh! não cores: eu amo-te!—Quem dera
Fosse verdade...—Tenho-a por divisa
—Acha-me leve?—Eu?—Veja que me pisa...
—Parece-me valsar é uma chimera!*



Dás-me esse cravo?—Aqui ? Si lh'o não désse?...

—Eu vou tirarl'o da sedosa trança...

Agora um beijo!—Ai, mau ! Si lhe parece!...

Quefez?... Um beijo ? !—Agora uma esperança...

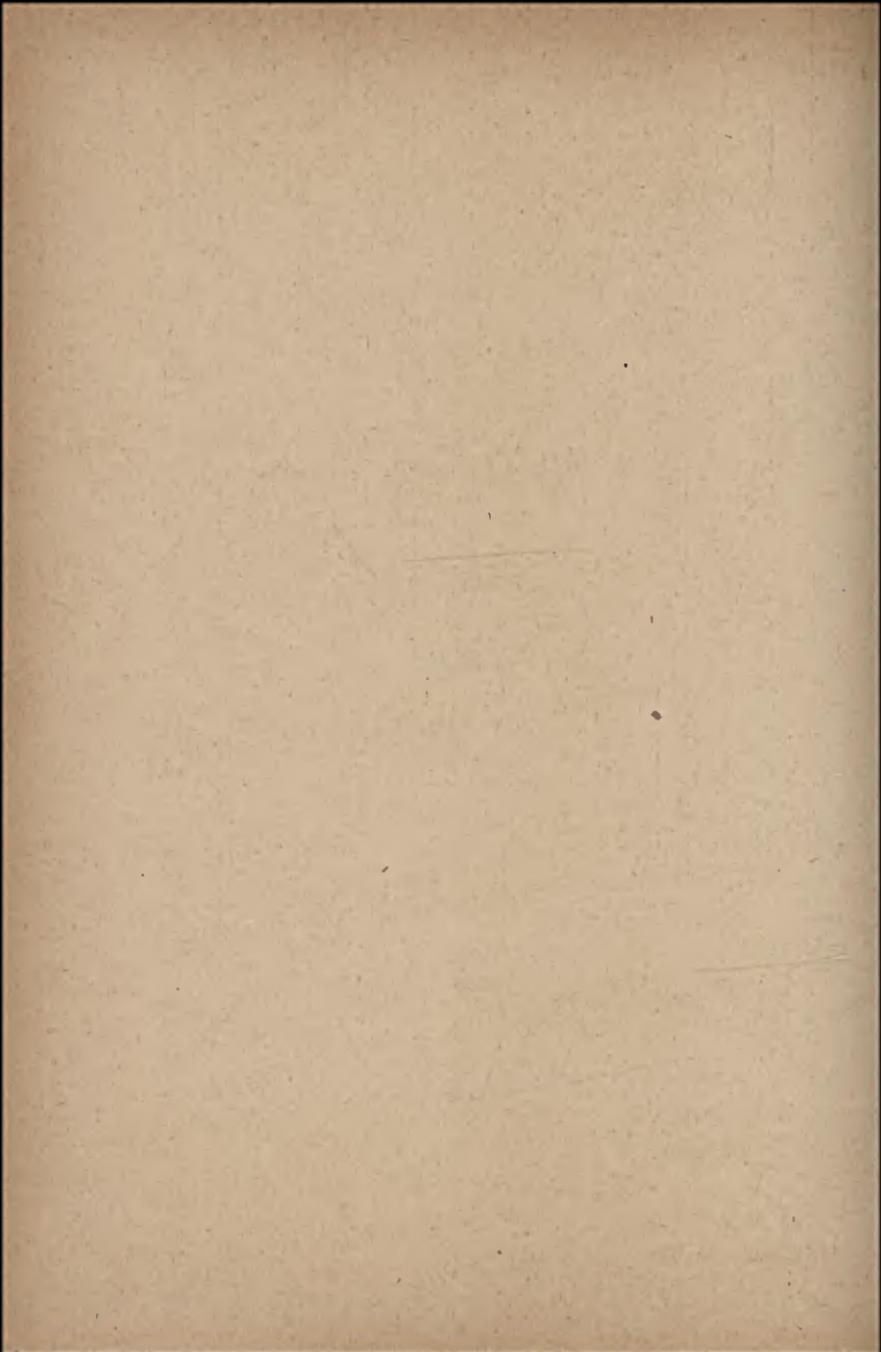
... Mas felizmente a musica emmudece,

Si alguns momentos mais dura esta dansa...



A Inah





A Inah

Filha do coronel Alfredo Vicente Martins
No dia de seu baptisado.

*Mimoso botão fechado,
Que um sol ditoso ha de abrir.
Eu agradeço ao meu fado
Que ao teu feliz baptisado
Hoje me faz assistir.*

*No carro da Prefeitura
Tambem lá fui á Matriz,
E vi quando o senhor Cura
Pedi u a Deus lá na altura
Que te fizesse feliz.*



*Quando elle nessa boquinha
Poz o symbolico sal,
Não choravas, Inahsinha,
Nem teu rosto a expressão tinha
Contrariada. Era signal*

*De que, quando fores grande,
Resignada sofrerás
O que de mão Deus te mande
Quando o rigor não lhe abrande
O quanto de anjo terás.*

*Permitta o céu não se mude
Tão valente parecer,
Que do sal o gosto illude;
Na vida não é virtude
Soffrer, mas saber soffrer.*

*Dou-te, em mãos versos, um beijo,
Nada mais, um beijo só...
Venturosa te desejo;
Co'os olhos com que te vejo,
Vejo o Kiki e o Fófó (*).*

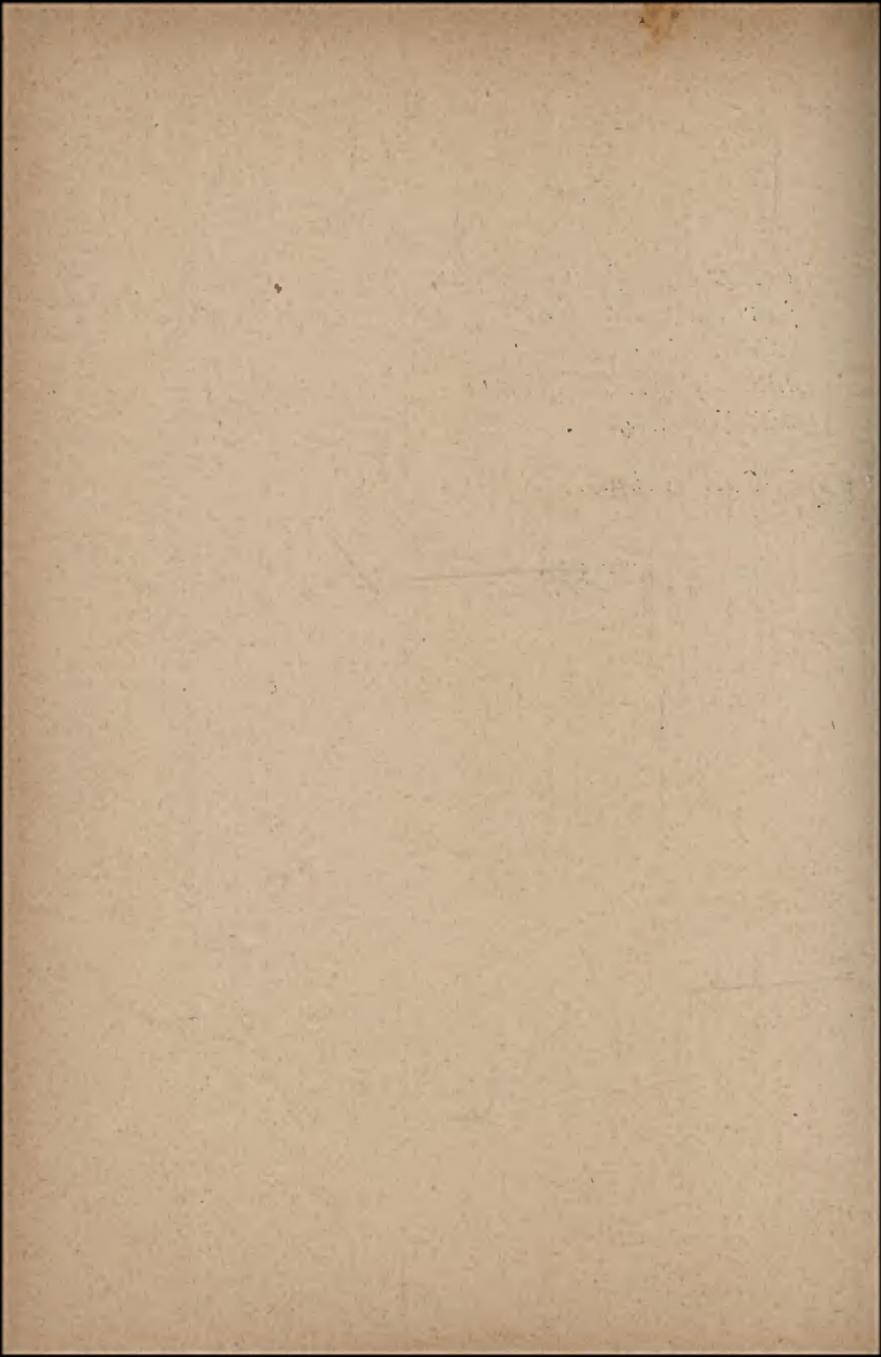
(*) Dois filhinhos do Poeta.



*E a Musa que já não brilha,
E já raras vezes sahe,
Celebra nesta quintilha
Com o baptisado da filha
O natalicio do pae.*

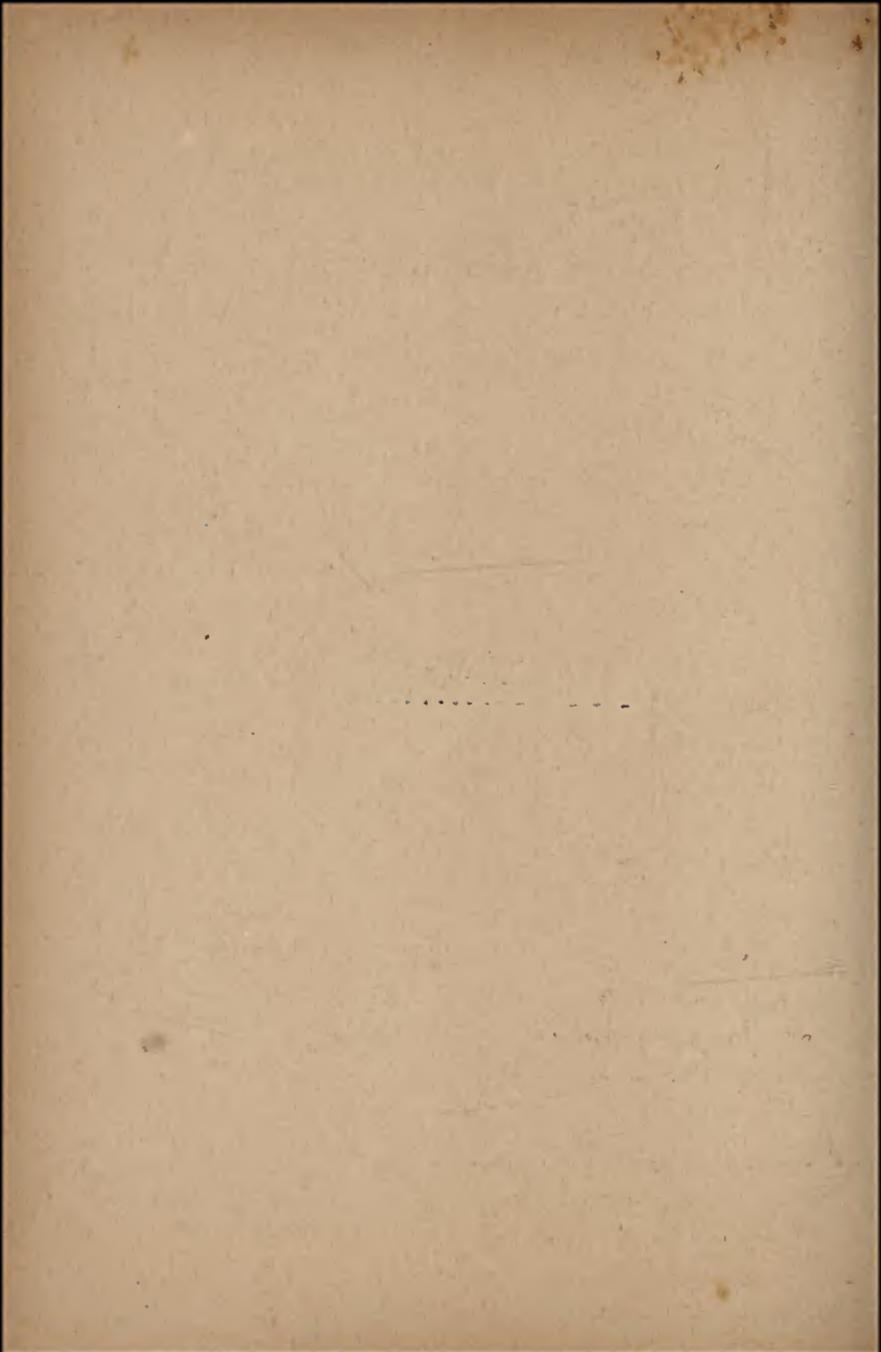
9—XI—901.—Minas.





As estatuas





As estatuas

*No dia em que na terra se sumiram,
Eu fui ver-te defunta sobre a eça,
Fechados para sempre—ó sorte avessa!
Aquelles olhos que me seduziram.*

*A' luz do sol uma janella abriram,
E o jardim avistei, onde, o'condessa,
Uma noite perdemos a cabeça,
E as estatuas de marmore sorriam...*



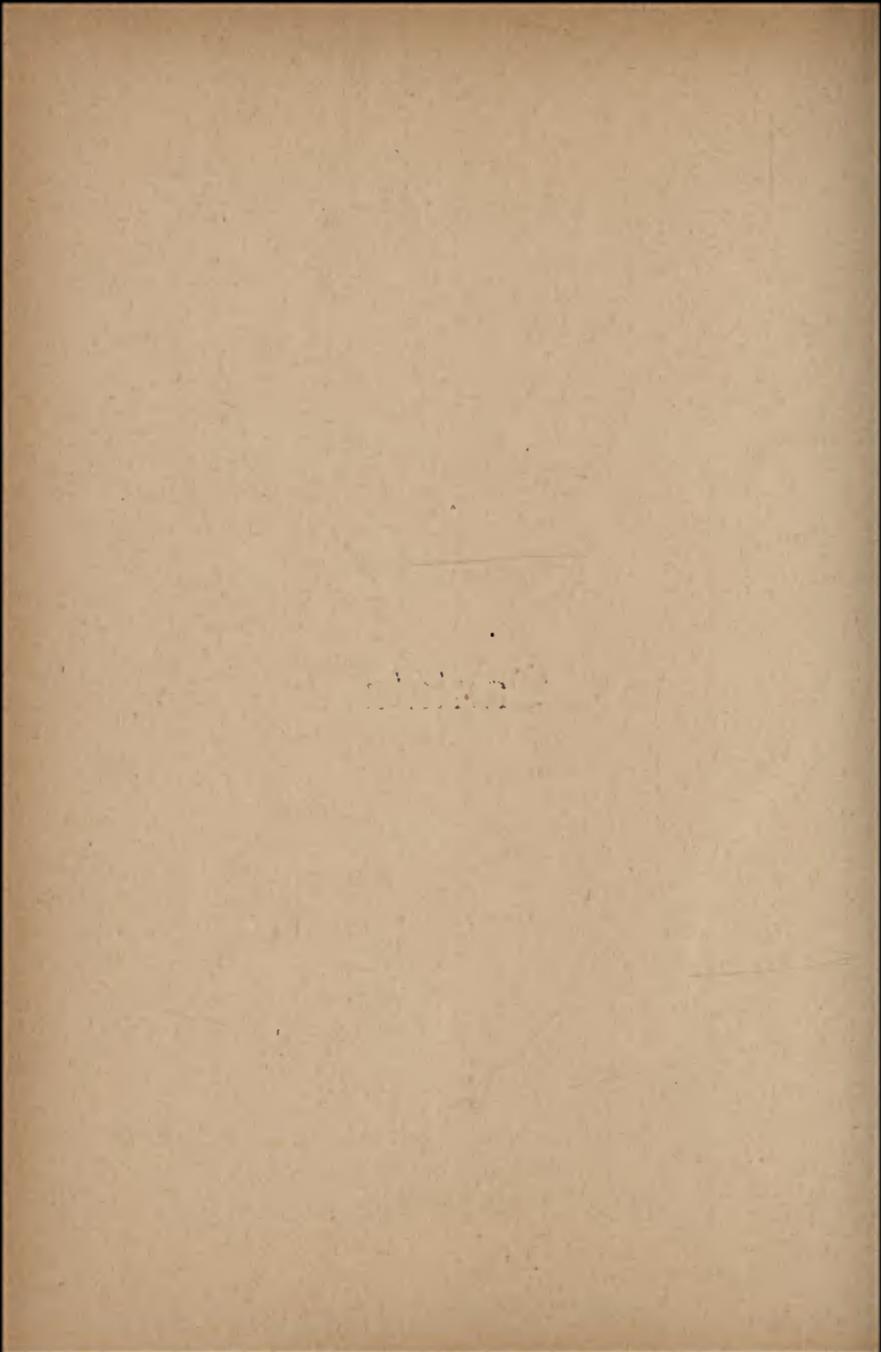
*Sahiste por aquella mesma porta
Onde outr'ora os teus beijos me esperavam,
Cheios de amor que ainda me conforta.*

*Quando o jardim saudoso atravessavam,
Seis homens com o esquife em que ias morta,
As estatuas de marmore choravam!*



Cantata





Cantata

I

*Senhora, tu confessaste-me,
Em phrases muito indiscretas,
Mais explicitas, completas,
 Que aos poetas
Consagra funda affeição,
E quando algum desses bipedes
Encontras no teu caminho,
Dá-lhes um melindroso ninho
 De arminho
Dentro do teu coração.*



II

*Fez-me doente e melancolico
Isso que tu me disseste;
Este amor que aqui puzeste
Proteste,
Proteste meus tristes ais!
Eram os poetas sympathicos:
Hoje causam-me negrumes;
Ralam-me—bem o presumes—
De ciumes,
Pois são todos meus rivaes!*

III

*Se entre nós os poetas lyricos,
Factores dos teus encantos,
Andam por todos os cantos
E tantos,
Que nem eu sei quantos são,
O teu doce ninho tepido
Has de tu ver que apresenta
Não vinte, trinta, quarênta,
Cincoenta,
Mas uma população!*

IV

*Se é como a tendã dos arabes
O ninho teu, lá não entro!
Quizera estar bem no centro
Lá dentro.*

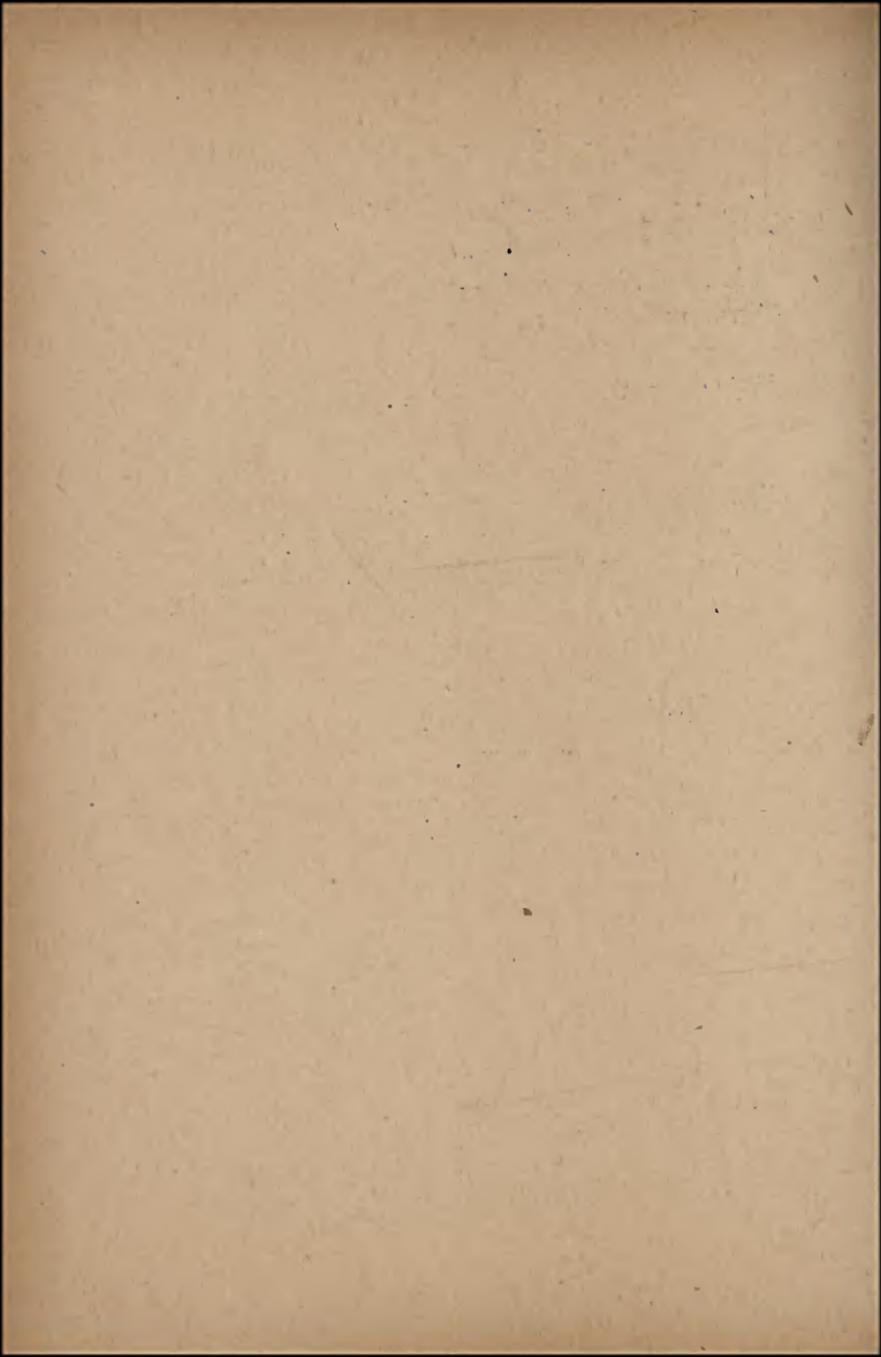


*Mas sem ninguém junto a mim,
Tão solitário — releva-me
Este rhetorico arrojo —
Como uma joia no bojo
Do estojo,
Entre o velludo e o setim...*

V

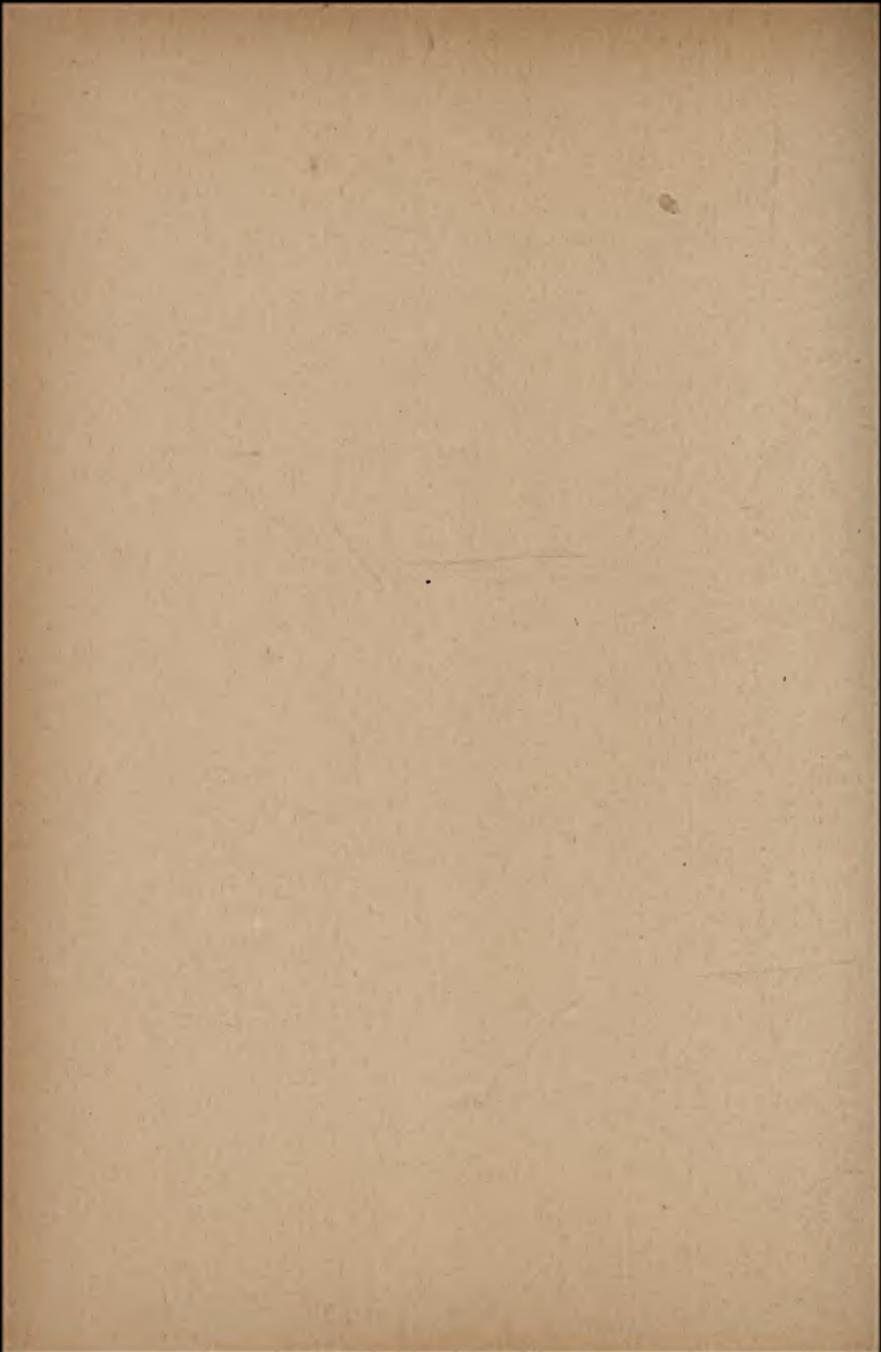
*Não acolhes tantos hospedes!
Vê que eu te amo! que eu te adoro!
Se a teus pés prostrado imploro
Se choro,
Por que de mim não tens dó?
Agasalha no teu cerebro
Toda essa magna caterva,
as o coração conserva,
Reserva,
Meu anjo, para mim só!*





Duella

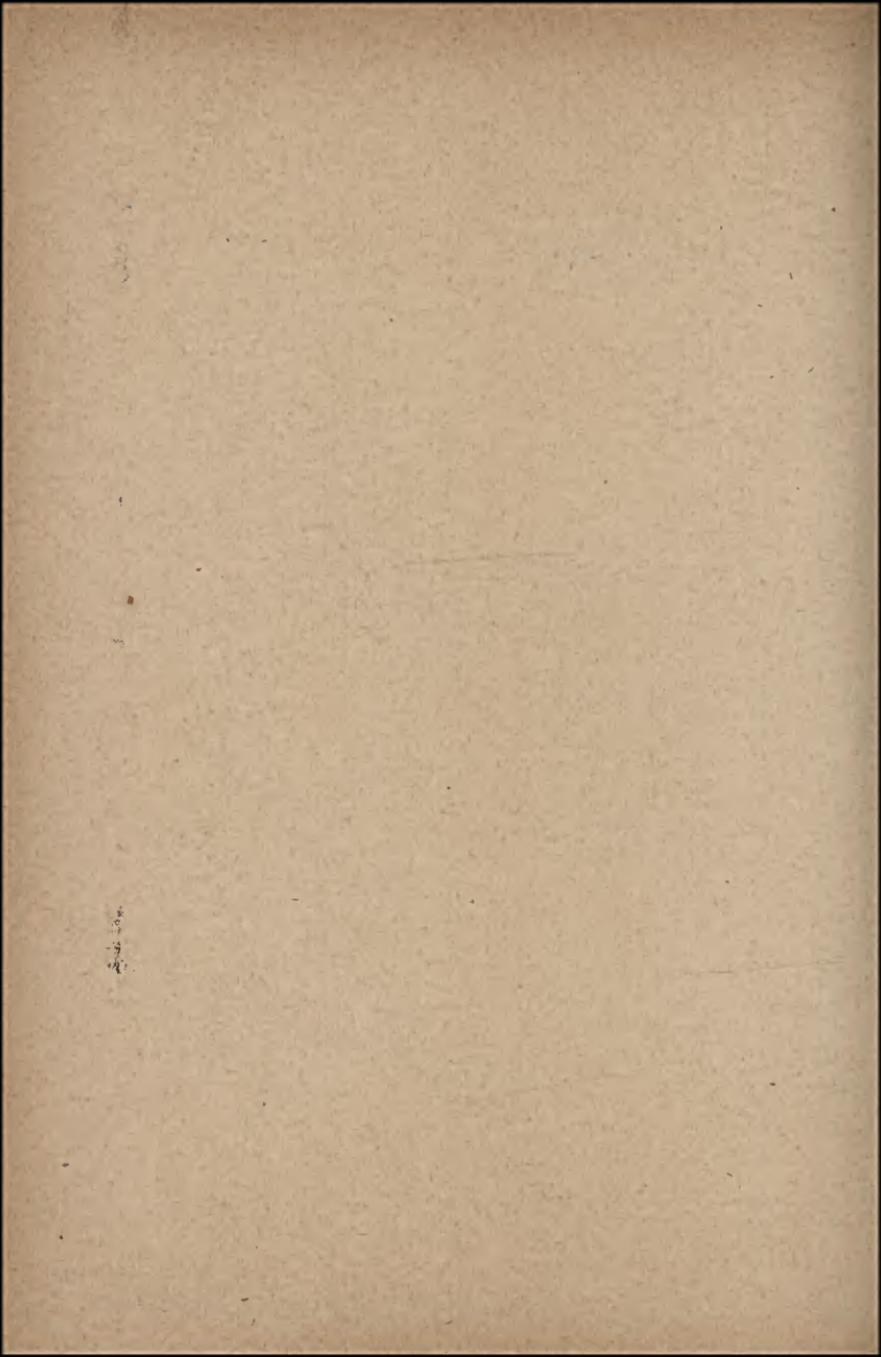




Duello

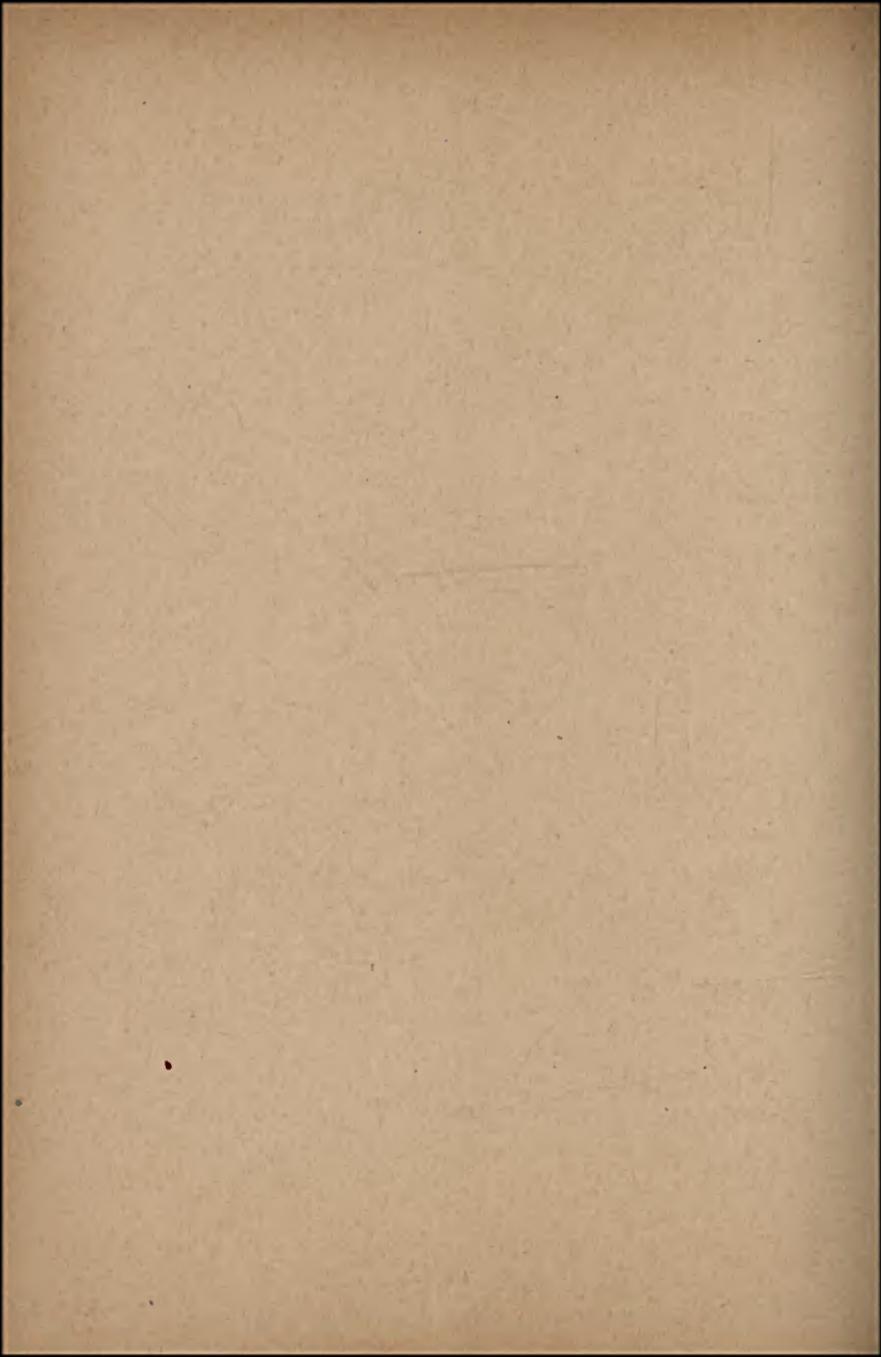
*Vem a Cecropia Palmata
Ao Jatahiy fazer guerra ;
Se alguns dos dous morre ou mata
Contaremos um charlata
De menos na nossa terra.*





O Relógio





O relógio

*Quando não vens, formosa deshumana,
E, saudosos de ti, sem ti me deito,
Fica tão espaçoso o nosso leito,
Que me parece o campo de Sant' Anna !*

*Quando não vens, oh ! pallida tirana,
Torna-se lugubre o quartinho estreito !
Com muitas flores, flor, debalde o enfeito :
Falta-lhe a flor das flores soberana.*



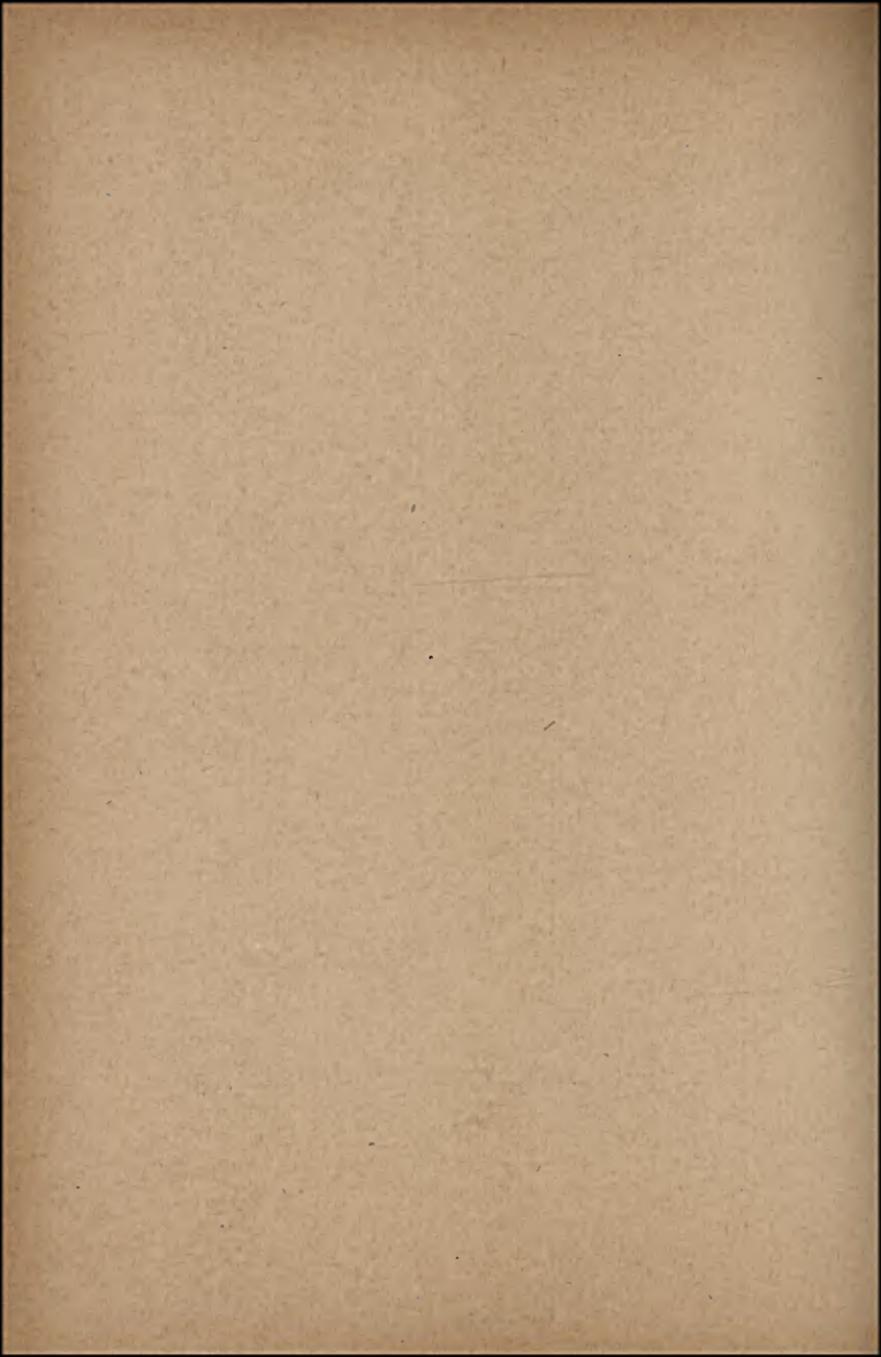
*Se vens, é natural que isso me apraza;
Mas, se não vens, quanta amargura, quanta
As próprias coisas sentem nesta casa!*

*E o relógio, porém, que mais me espanta,
Pois se não vens, o misero se atraza,
E, se vens, o ditoso se adianta!*



O Jacobino

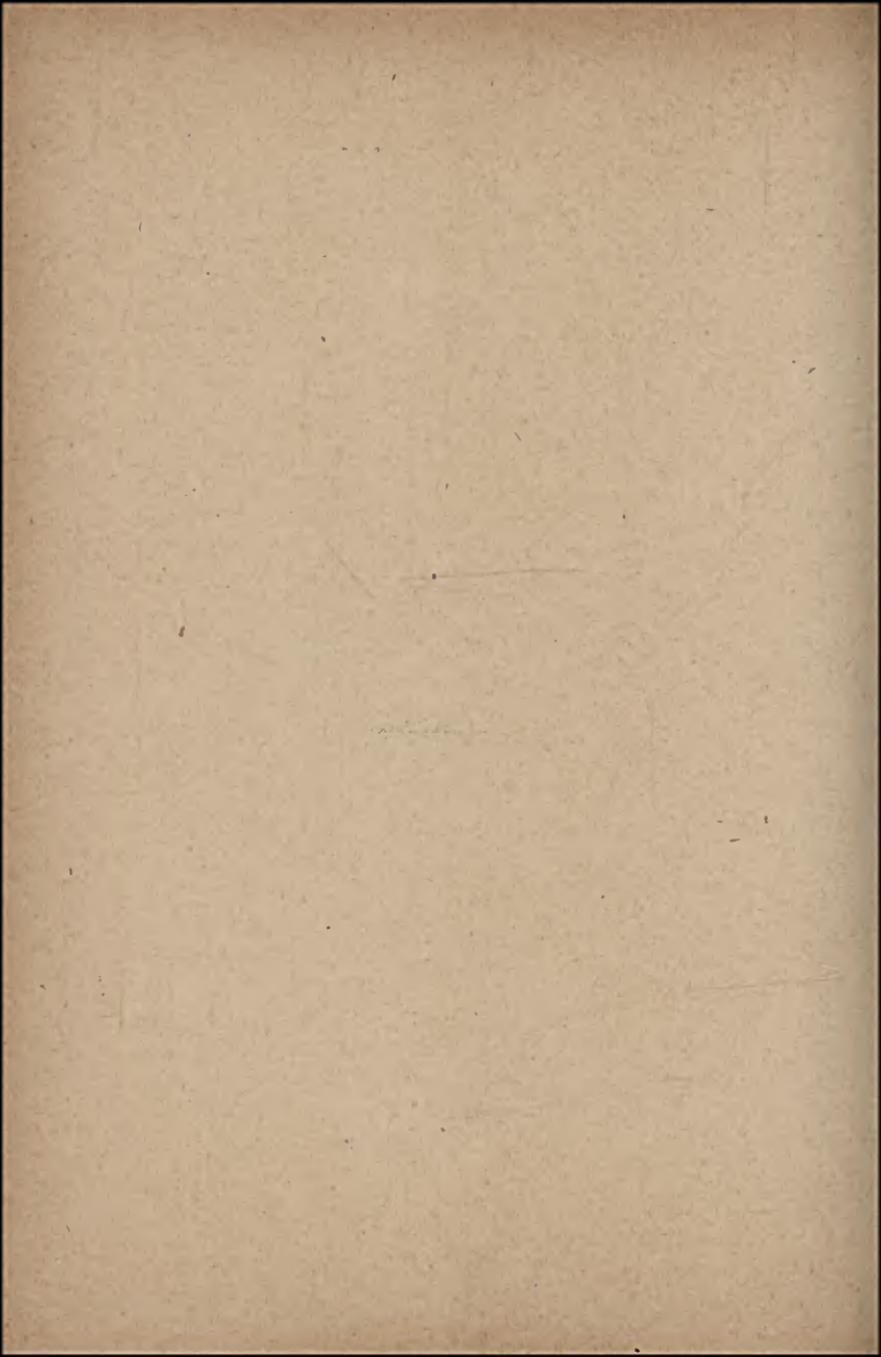




O Jacobino

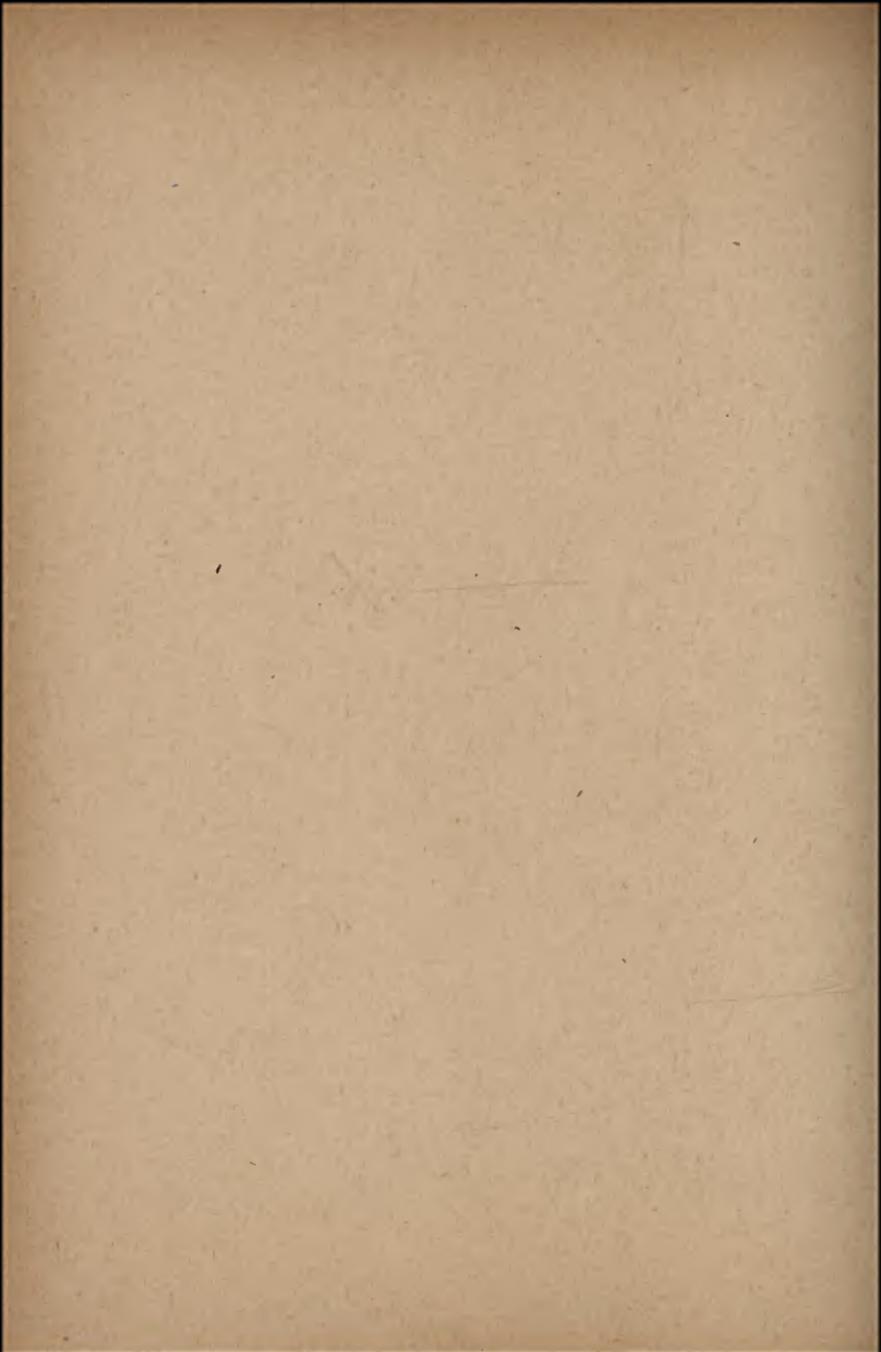
*Appareceu, e ganhou fama!
Abre-o leitor, e logo vês
Que elle é fiel ao seu programma
De fazer guerra ao portuguez!*





Eterna dor





Eterna dor

*Já te esqueceram todos nes'e mundo...
Só eu, meu doce amor, só eu me lembro
Daquella escura noite de setembro,
Em que da cova te deixei no fundo.*

*Desde esse dia, um látego iracundo
Açoitando-me está membro por membro,
Por isso que de ti não me deslembro,
Nem com outra te meço ou te confundo.*



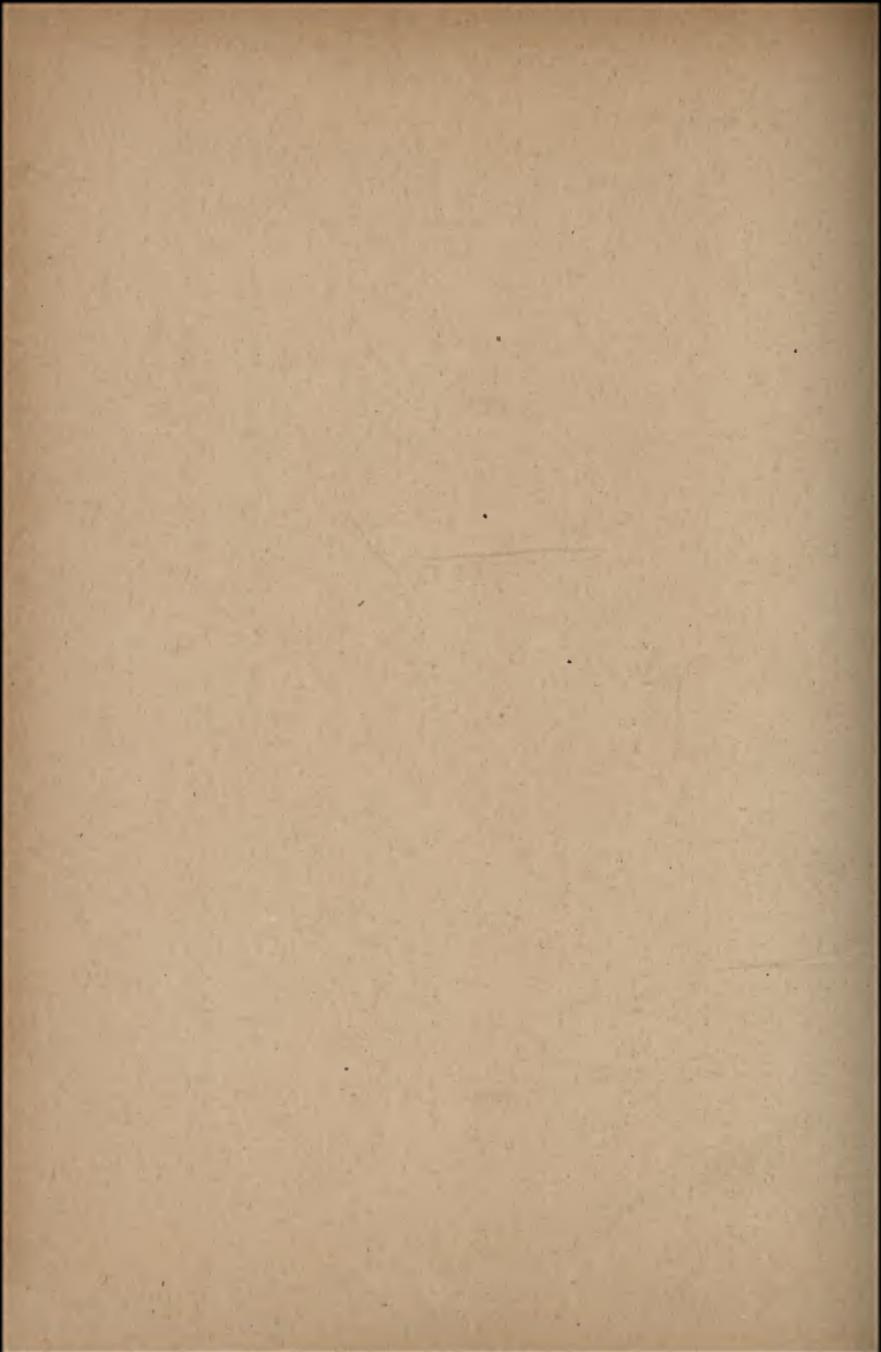
*Quando, entre os brancos mausoléos, perdido,
Vou chorar minha acerba desventura,
Eu tenho a sensação de haver morrido.*

*E até, meu doce amor, se me afigura,
Ao beijar o teu tumulto esquecido,
Que beijo a minha própria sepultura.*



Resposta



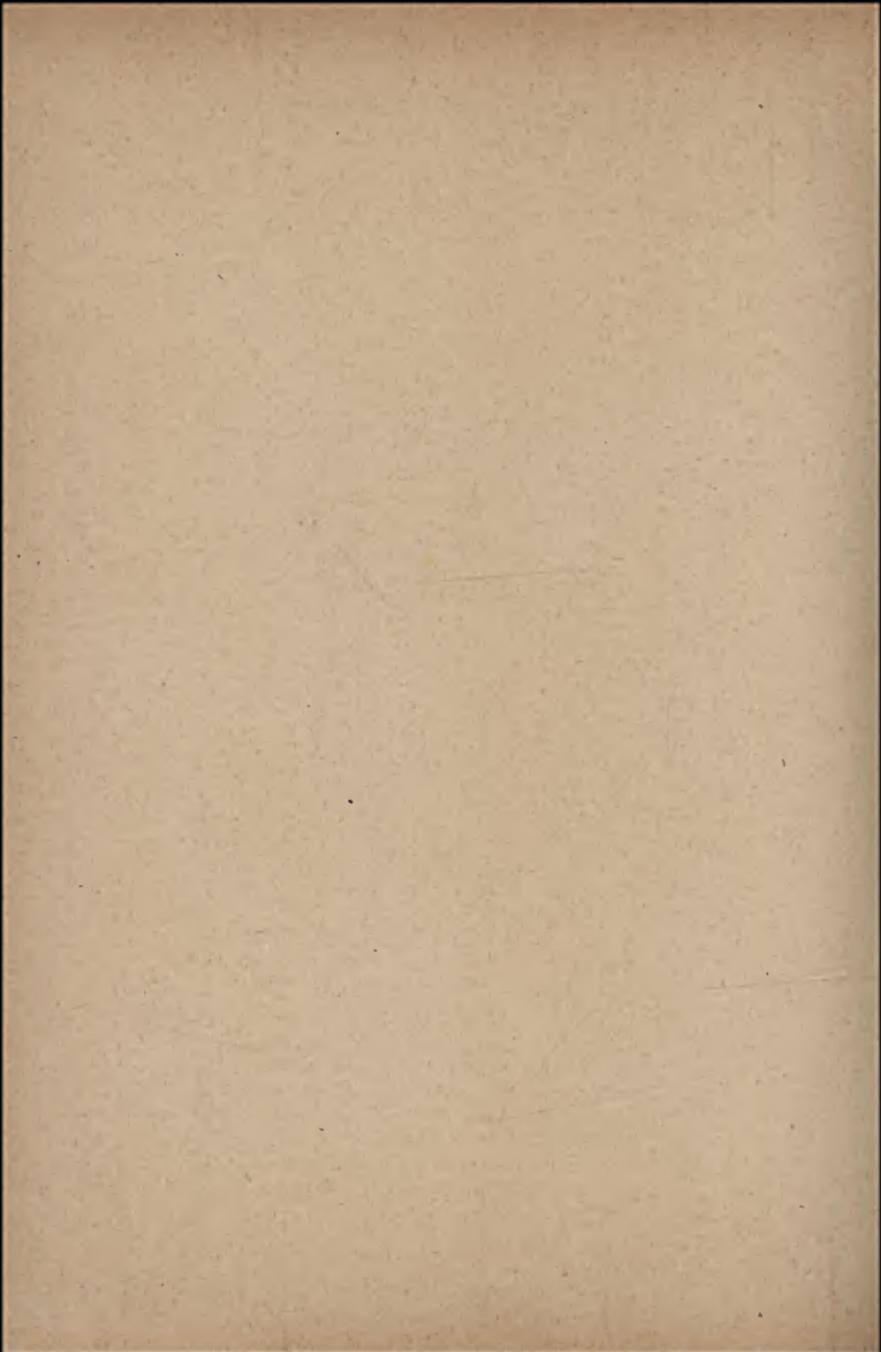


Resposta

*Graciosa dama pede meus versos.
Jesus! meus versos onde é que stão?
Andam perdidos, andam dispersos...
Quer copial-os da collecção?*

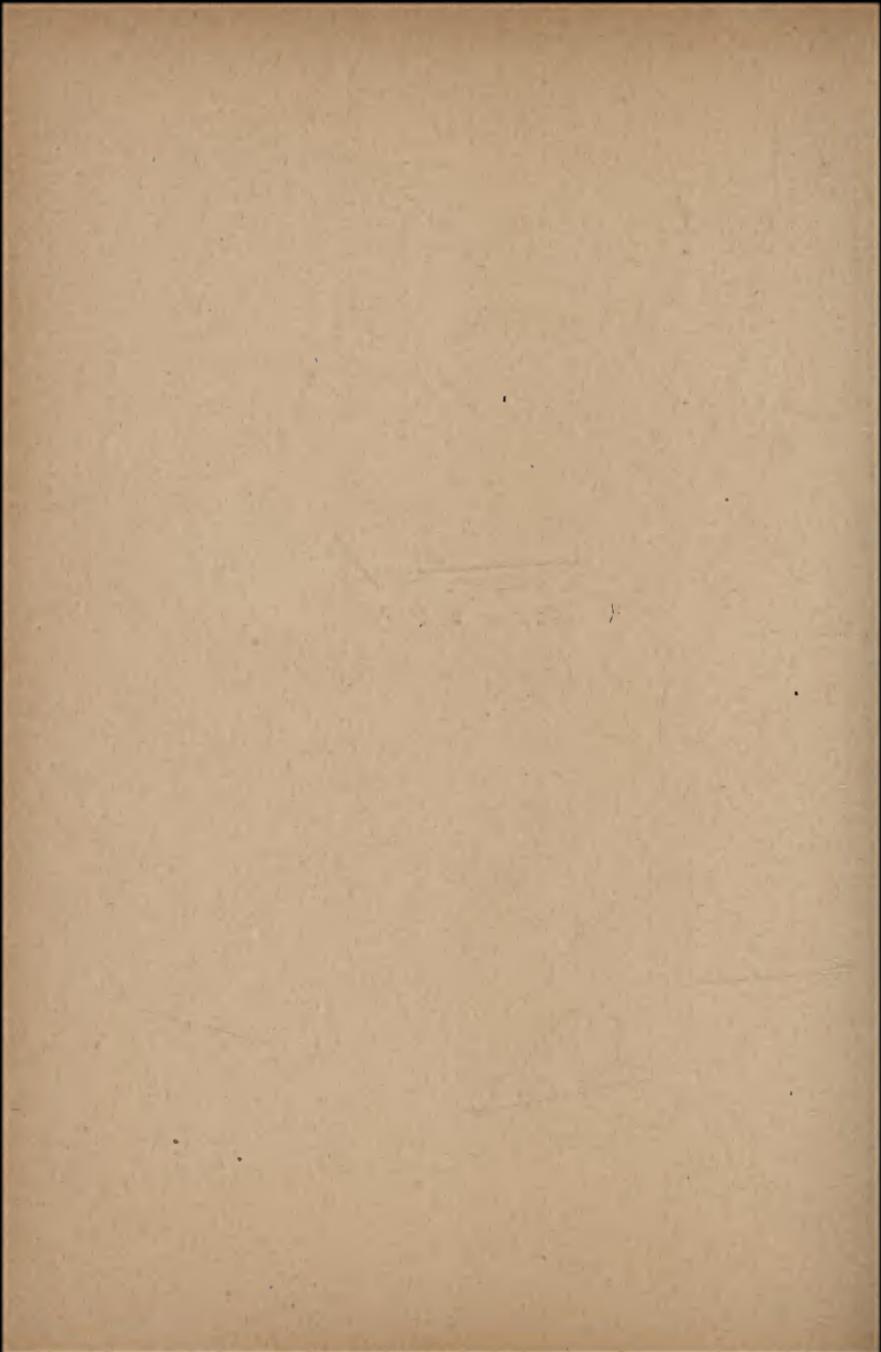
29 de março—1895.





Conselho

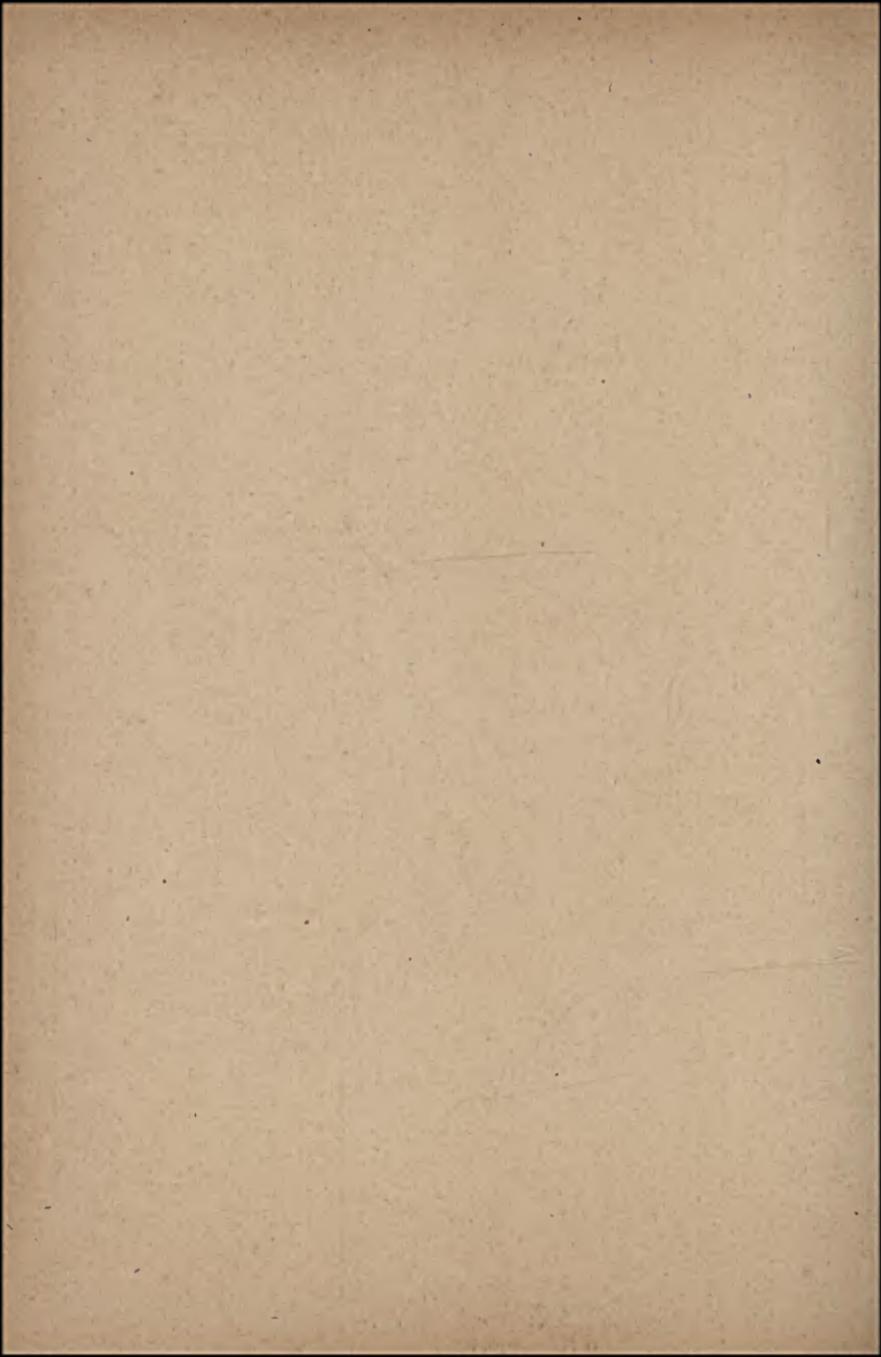




Conselho

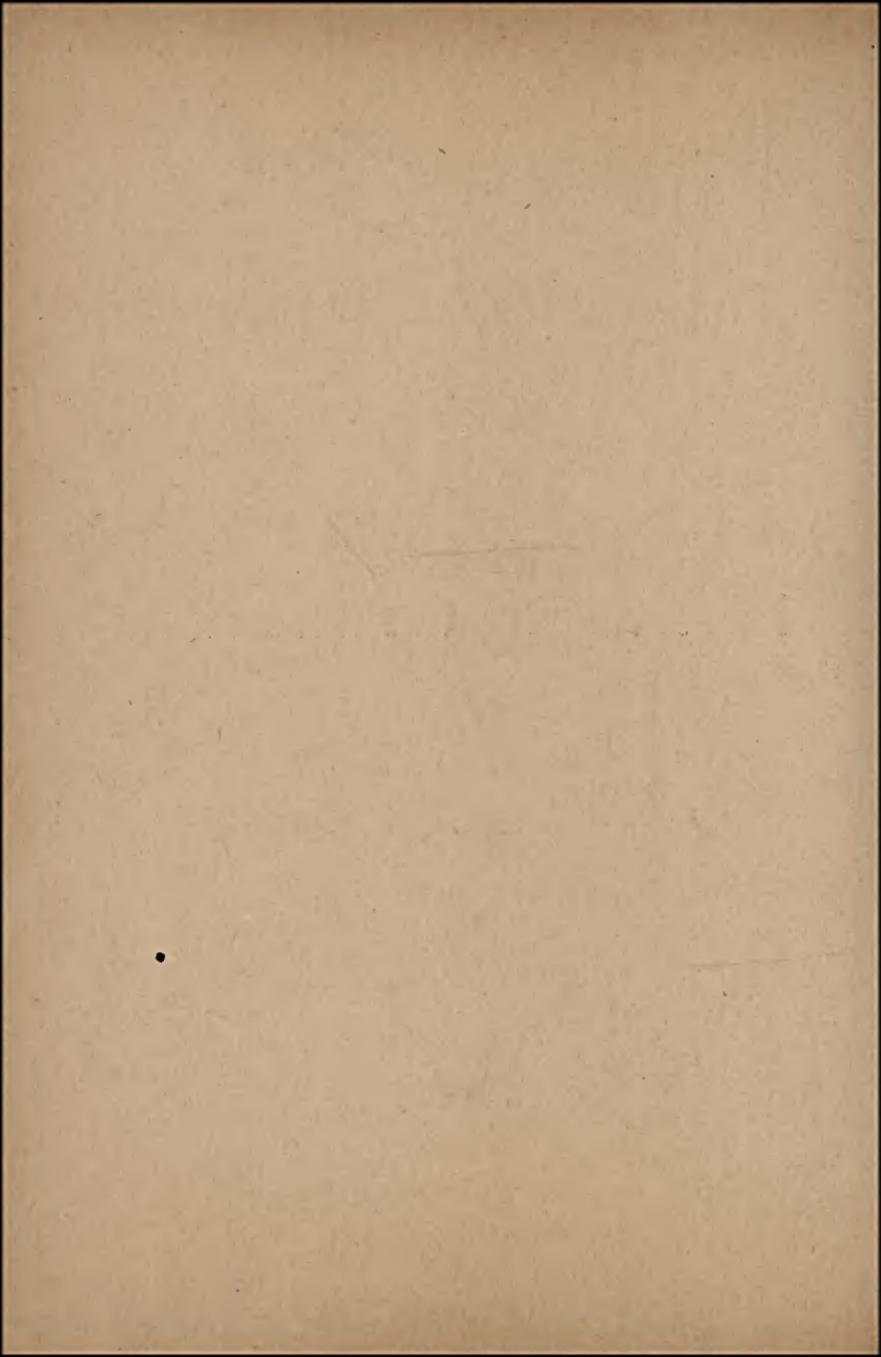
*Pretendes ao fim do seculo
Chegar, o' triste mortal?
Foge dos bondes electricos
E dos carros da Central...*





Passeando pela manhan





Passeando pela manhan

(Victor Hugo)

*Inda agora na praia estava muita gente
Parada, a ver por terra um velho cão doente.
Dizia uma criança: Está quasi a expirar...
Atiravam-lhe espuma os vagalhões do mar.
— Ha tres dias que o vejo assim, naquelle estudo,
Commovida, me disse uma mulher:—Coitado
Tres vezes o affaguei; em vão!
Um velho accrescentou:—E' dono deste cão*

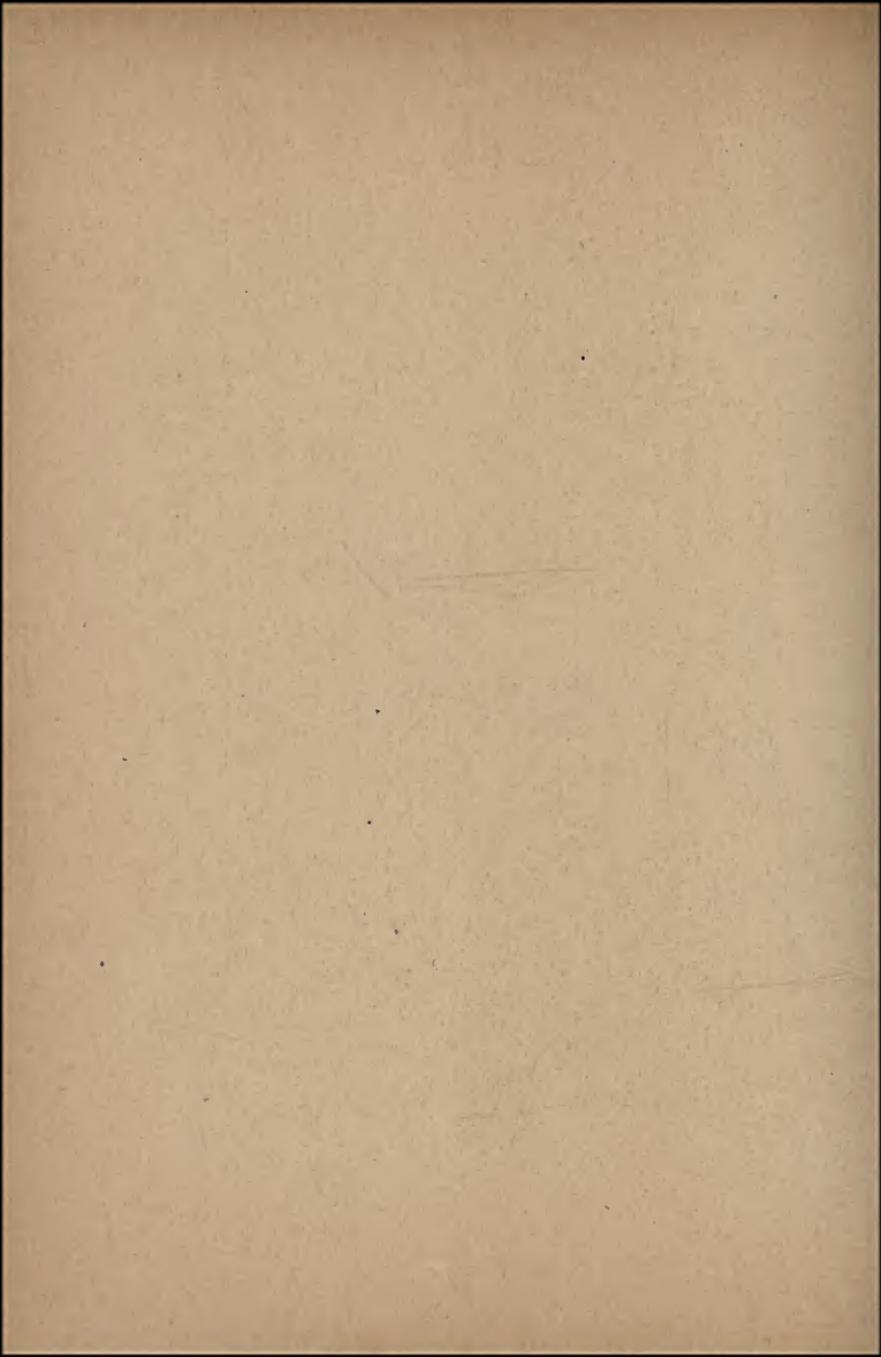


*Um marinheiro ausente.—Um marujo apparece
Numa janella e diz:—Este animal fallece
Com saudades do dono. O dono vai chegar ;
Eu receio, porém, que o não possa encontrar.
Cheguei-me junto ao eão.—Morto me parecia:
Tinha immovel o corpo e os olhos não abria.
Vinha a noite a cahir quando o dono chegou.
Era velho tambem. Os passos apressou.
Quebrados pelo tempo. Em menos de um segundo
Murmurava baixinho o nome ao moribundo.
Caliginoso olhar lançou-lhe o cão. Mexeu
A triste e velha cauda uma vez só. Morreu.
Era a hora em que, sob a abobada esplendente
Vesper fulgura como um igneo facho ardente.
E eu fiz então á Noite esta interrogação :
A estrella donde vem? Para onde vai o cão?*



A Lopes Trovão





A Lopes Trovão

*Não é sómente aos máos que o céu castiga:
Tu és tão bom, e entrou-te em casa a Morte
-Perdôa: não ha phras3 que conforte
O mísero, bem sei, que perde a amiga.*

*Haverá muita gente que te diga:
'Tem paciencia... conforma-te cõ'a sorte...
Não chores mais... resigna-te... sê forte...'
Mas isso a alma consola ea dôr mitiga?*

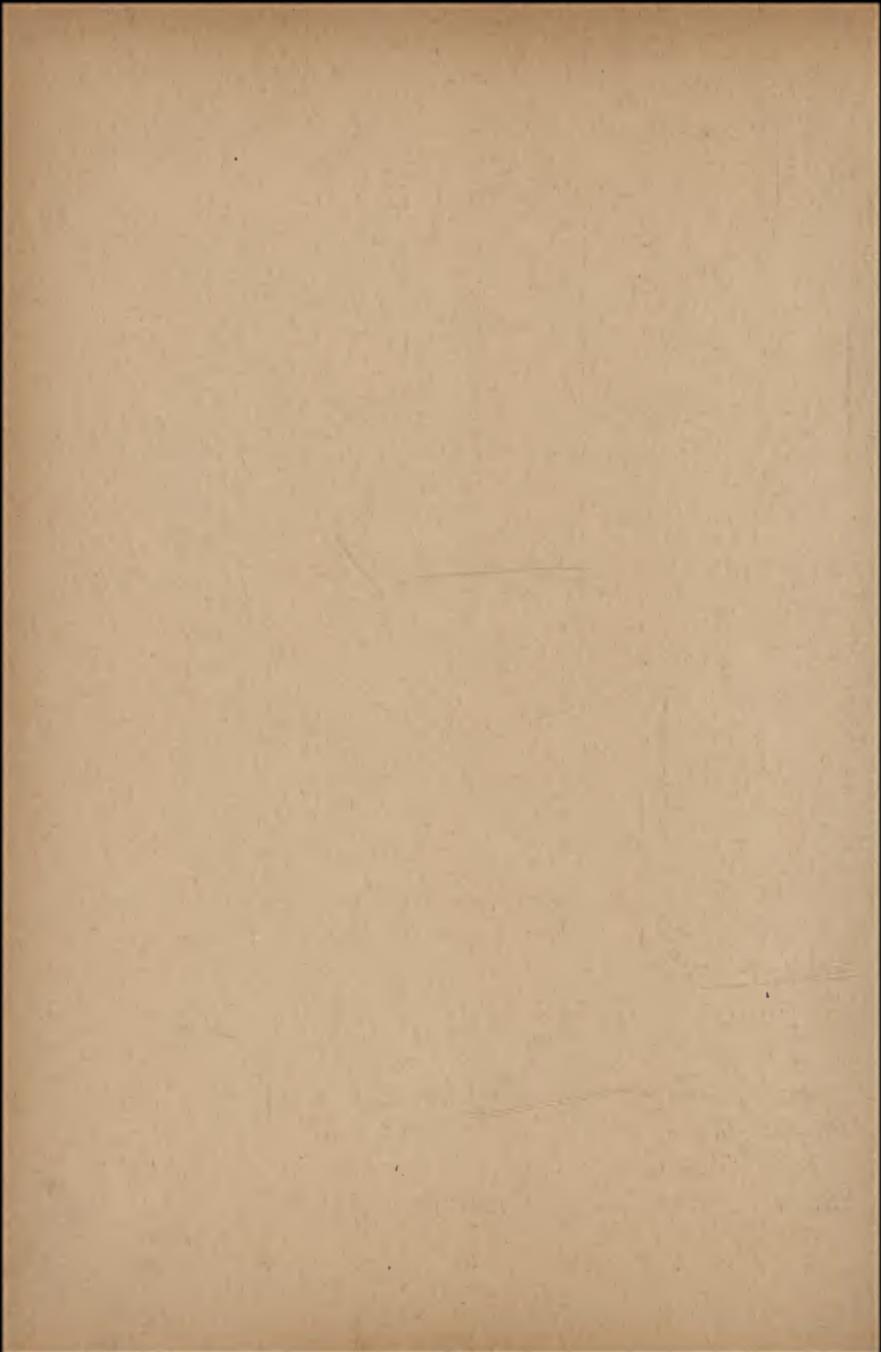
*Não deixes de carpil-a um só momento,
Pois só piedosa lagrima dorida
Suavizará teu longo soffrimento...*

*Chora a lembrança da mulher querida,
Da companheira que te deu alento
Contra as negras miserias d'esta vida.*



Morta





Morta

*O visconde viaja. A viscondessa,
Do jardim n'um recanto perfumado,
Pende chorando a pallida cabeça
No hombro feliz do moço bem amado.*

*Alma sem alma, frivola e travessa,
Elle diz-lhe, repleto e saciado :
— Estarei longe logo que amanheça. . .
Nunca mais me verás, ó meu peccado! —*



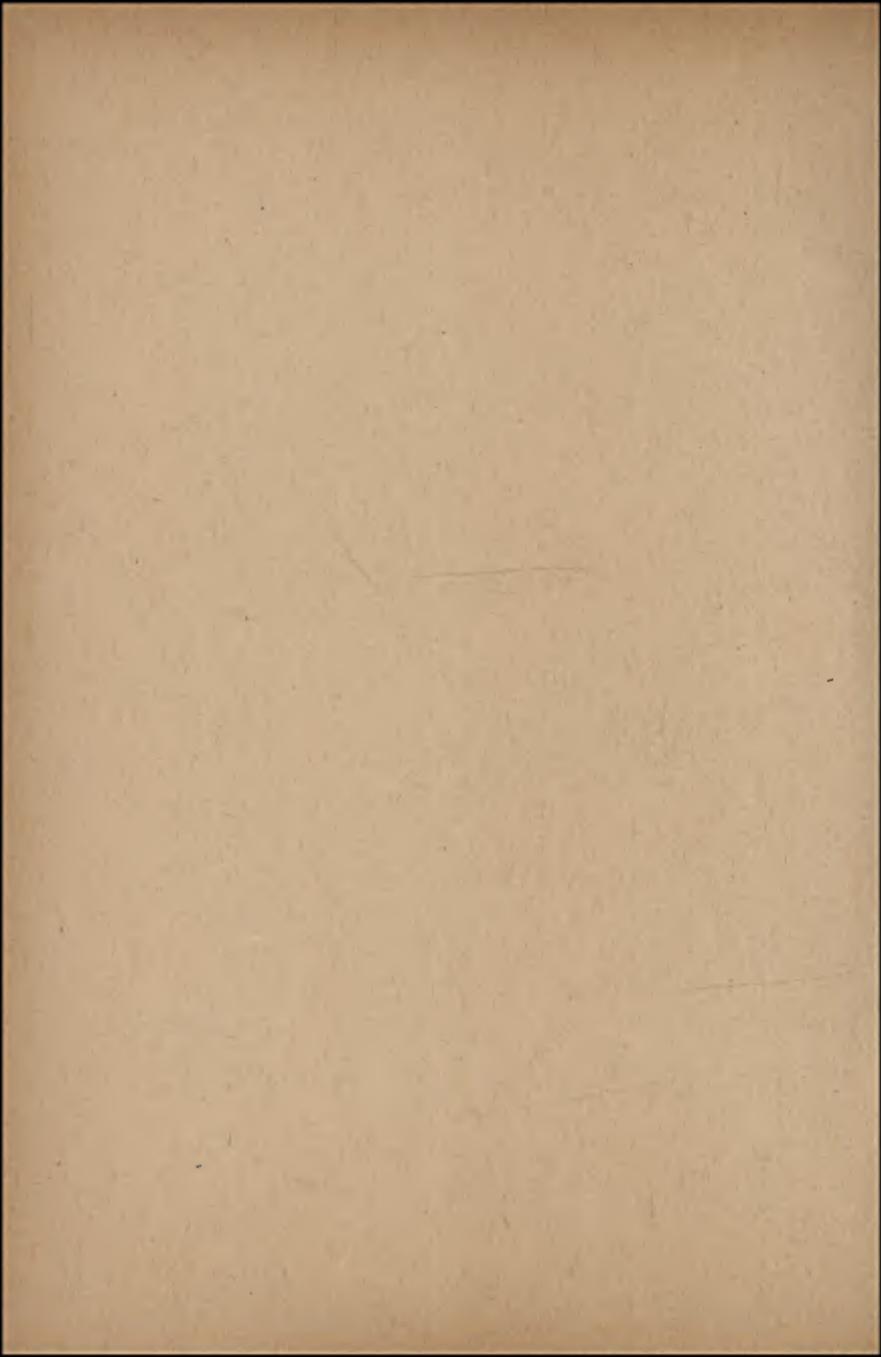
*Parte ; quando, porém, na eterna lida,
O denso véo da madrugada arranca,
No céu surgindo, a aurora alva e risonha,*

*O jardineiro acha a infeliz caída,
Olhos vidrados, muito abertos, branca,
Morta de amor e morta de vergonha.*



Cervantes





Cervantes

*Si neste mundo vil nada perdura,
E si dos tempos á voracidade
Não se póde furtar a Humanidade,
Nem dos homens a misera feitura,*

*Tambem tu, nobre Hespanha, honrada e pura
Terra da Arte, do Amor e da Saudade,
No immenso Escurial da Eternidade
Terás um dia escura sepultura.*



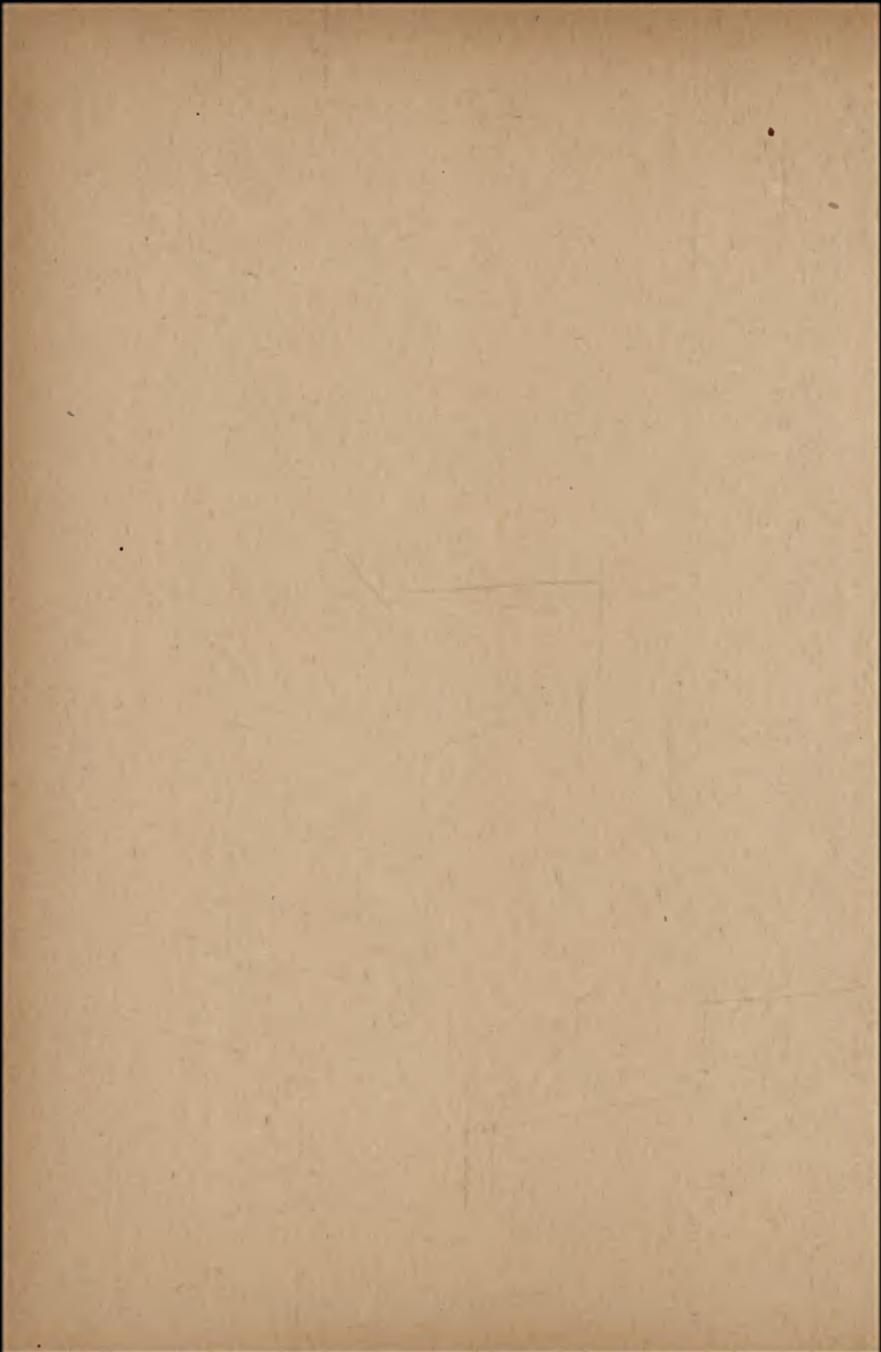
*Mas a tua memoria não se some,
mbrca o fogo dos teus campos brote,
Ou te aniquilem guerra, peste ou tome,*

*Para que a tua fama não desbote,
De Cervantes Saavedra basta o nome,
E uma pagina só do Dom Quixote.*



Não morras





Não morras

*Muitas vezes sorrindo me perguntas:
Se eu morrer hoje, meu querido amigo,
Fazes-me uns versos, fazes-me um artigo?
E eu te respondo:—As duas cousas juntas.*

*No entanto fel, ao meu peccado ajuntas
Se assim te pões a gracejar commigo.
Não poderia ver o teu jazigo,
Como o jazigo vi de mil defuntos!*



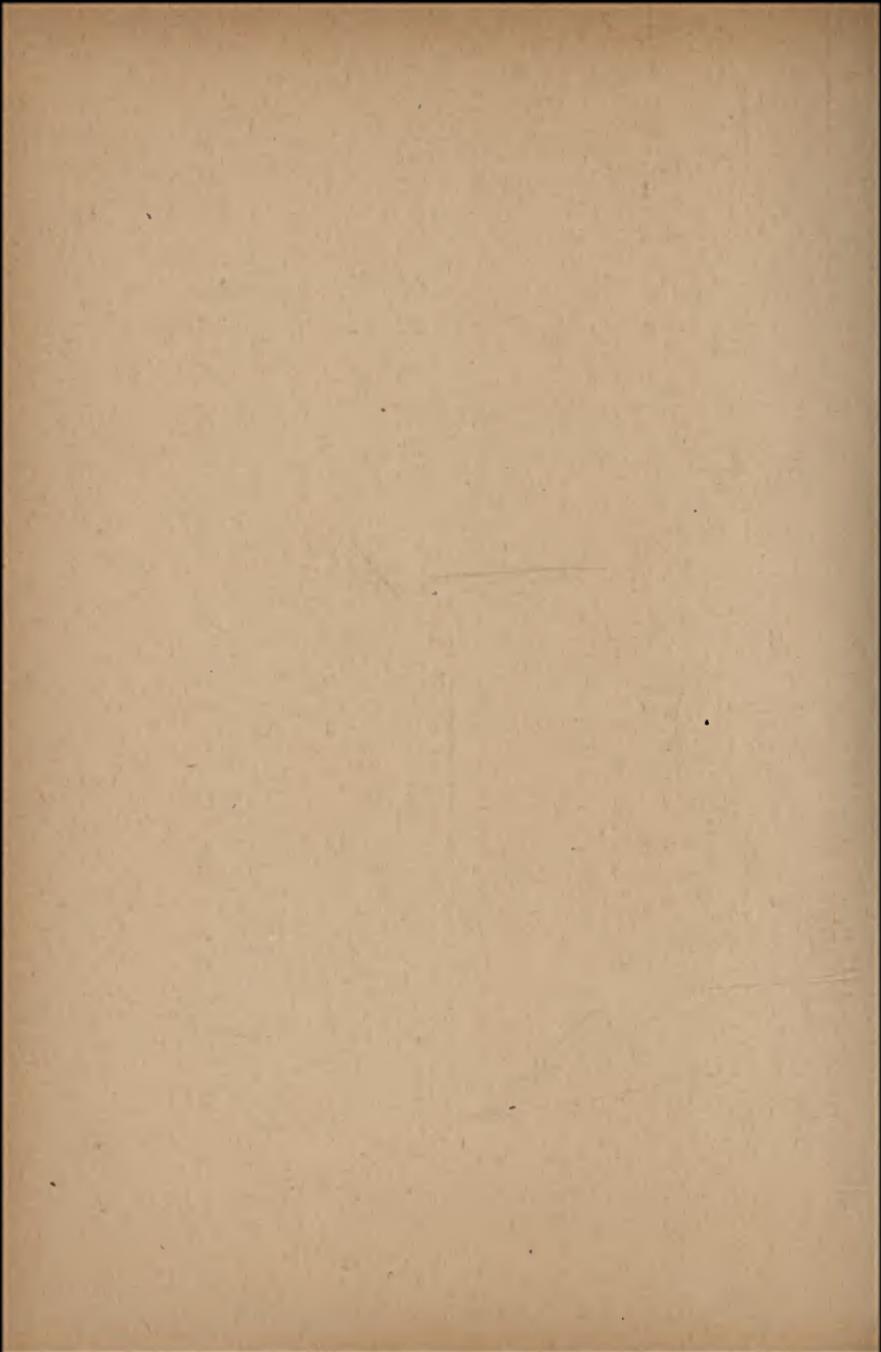
*Ai! não, não morras, pallida formosa,
Porque a morte inimiga escura e fria,
Fôra indiscreta, fôra temerosa!*

*Se tu morresses, eu tambem morria,
E a minha dor, acerba e escandalosa,
O teu cadaver comprometteria!*



Que mangas !





Que mangas!

(Impressões no Lyrico)

*Dos balões voltou a moda,
Mas aos braços applicada!
Numa platêa sentada
Os visinhos ineommoda
Qualquer dama bem trajada.*

*Que mangas, Virgem Maria!
Mais calções parecem ellas!
São mangas e companhia!
Em cada manga daquellas
Cabem trinta... da Bahia!*



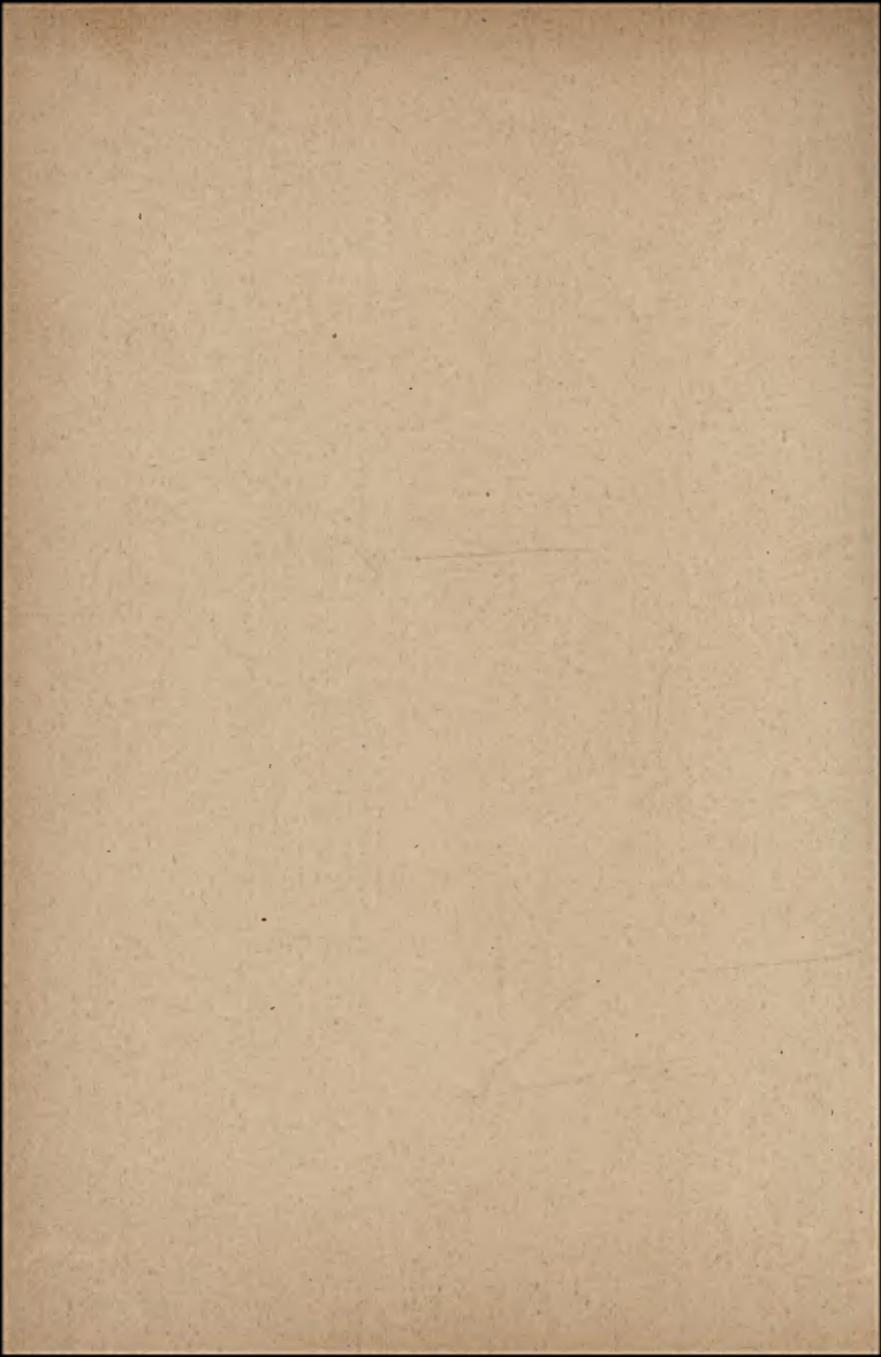
*Por amor de bugigangas
Todo o marido que é pobre
Com a senhora tem zangas,
Pois sem haver muito eobre
Não ha panno para mangas.*

1895.



Recordação





Recordação

*Quando eu vim da minha terra,
Murmurava toda a gente
Que estavas para casar...
A voz do povo não erra ;
A causa, preeisamente,
Que mais me fez emigrar,
Foi ouvir na nossa terra
Que estavas para casar.*

*Eu pedi-te as minhas cartas
(Segun lo o systema antigo)
E me disseste a tremar :
—«Não! eu não posso entregarlas;
Ficarão todas commigo ;
Com ellas quero viver !
Mas vem cá... Por que te apartas ? . .
Tua, só tua hei de ser!»*



*Quando eu ia para bordo,
Passei pelo teu sobrado,
E te vi mais uma vez...
Com que prazer me recordo
Do teu sorriso maguado,
Da impressão que elle me fez,
Quando eu ia para bordo,
Eu te vi mais uma vez!*

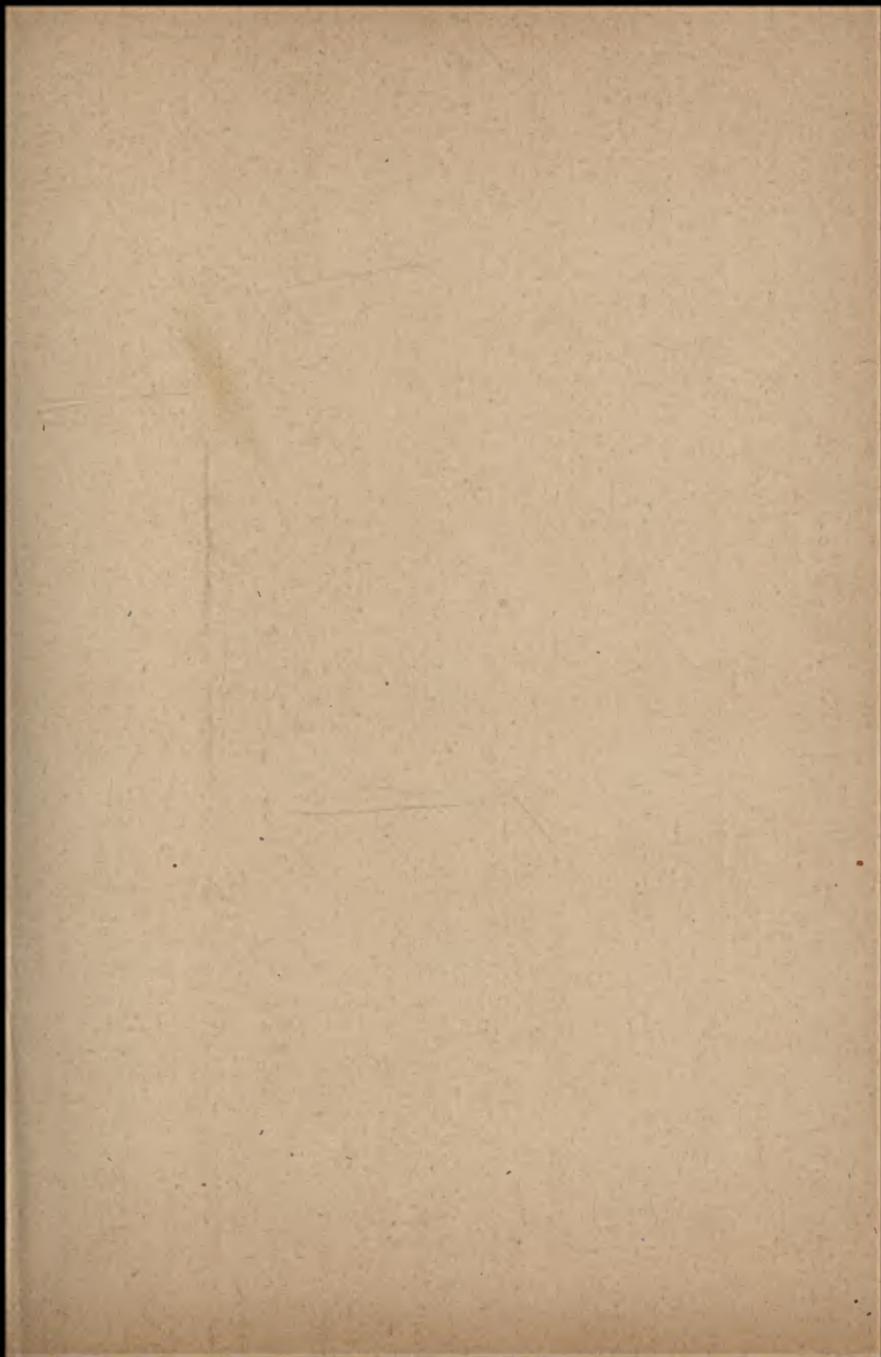
*Parti... Dentro em poucos mezes,
Soube que tinhas casado,
Que morreras para mim...
E eu, doido, que tantas vezes
Me imaginára a teu lado,
Trocando beijos sem fim!
Quem padeceu mais revezes?!
Quem tanto soffreu assim?*

*Eras o sonho doirado,
A visão formosa e doce
Dos meus annos juvenís;
Si me houvesse esperado,
Ditoso talvez eu fosse,
Talvez tu fosses feliz,
O' bello sonho doirado
Dos meus annos juvenís!*



Patriotismo





Patriotismo

*Como é bella, meu Deus, a brasileira !
Que doçura ! que mel ! que singeleza !
E a franceza ? Jesus ! ai ! a franceza !
Não póde haver mulher mais feiticeira.*

*E a italiana então ? Essa é a primeira:
A hespanhola, porém, tem mais nobreza !
E a gravidade da mulher inglesa ?
E a allemã discreta e sobranceira ?*



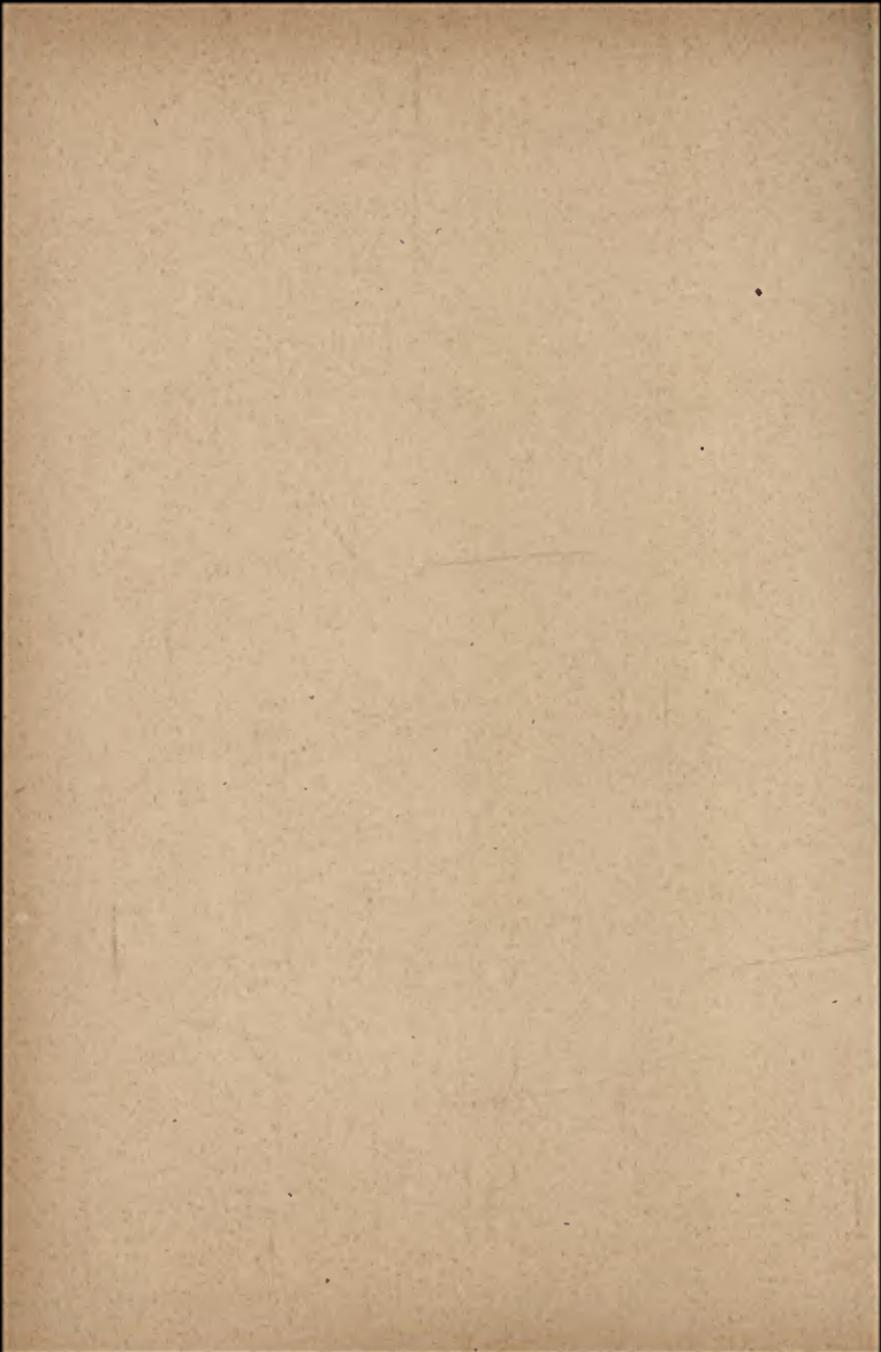
*E a circassiana que derrota,
Com fama universal a mais bonita,
E que ao mais sabio faz ficar idiota?*

*E a hungara? a saxonica? a moscovita?..
Está dito: sou muito patriota,
Mas tenho o coração cosmopolita!*



Corre !





Corre !

*Um primor, uma estanha maravilha
Era—negar não posso—era a donzella
Que lhe escreveu dizendo que á janella
Batesse ás tantas.—«Se papae te pilha,*

*Coca-te o pello—, accrescentava ella
Sem pôr no c a misera cedilha;
Elle vae. Elle bate. Em vez da filha
—Que noite, santo Deus, que noite aquella !*



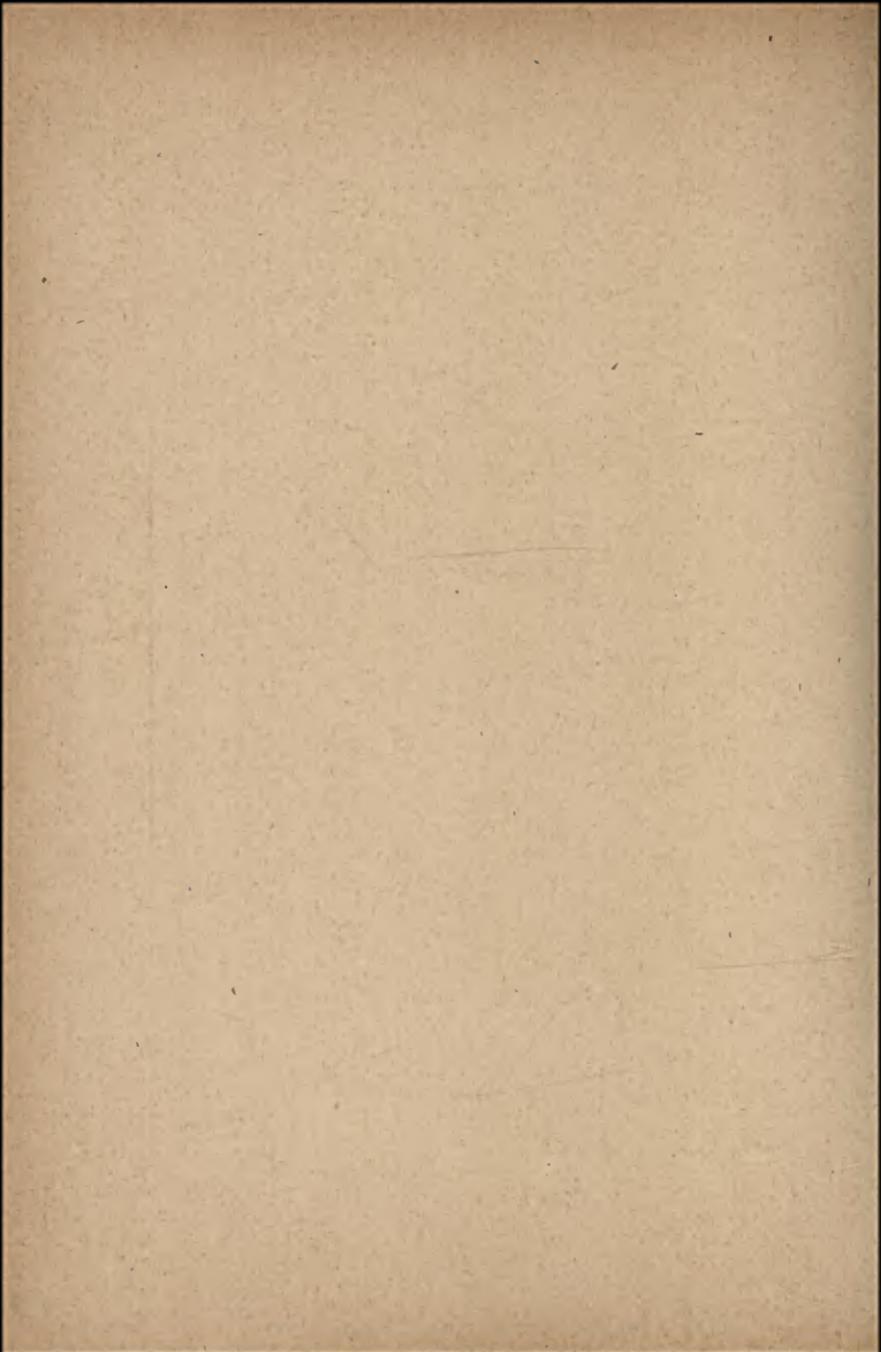
*Surge á porta da rua o pae austero:
Armado de um petropolis bem grosso,
E o triste—pernas para que te quero?*

*Causou-lhe a apparição tal alvaroço,
Que, emulo infausto do famoso Ashvero,
Inda a estas horas corre o pobre moço.*



Por decoro





Por decoro

*Quando me esperas, palpitando amores,
E os labios grossos e humidos me estendes,
E do teu corpo calido desprendes
Deseonhecido odor de estranhas flores;*

*Quando, toda suspiros e fervores,
Nesta prisão de museulos te prendes,
E aos meus beijos de satyro te rendes,
Fartando ás rosas as purpureas eôres*



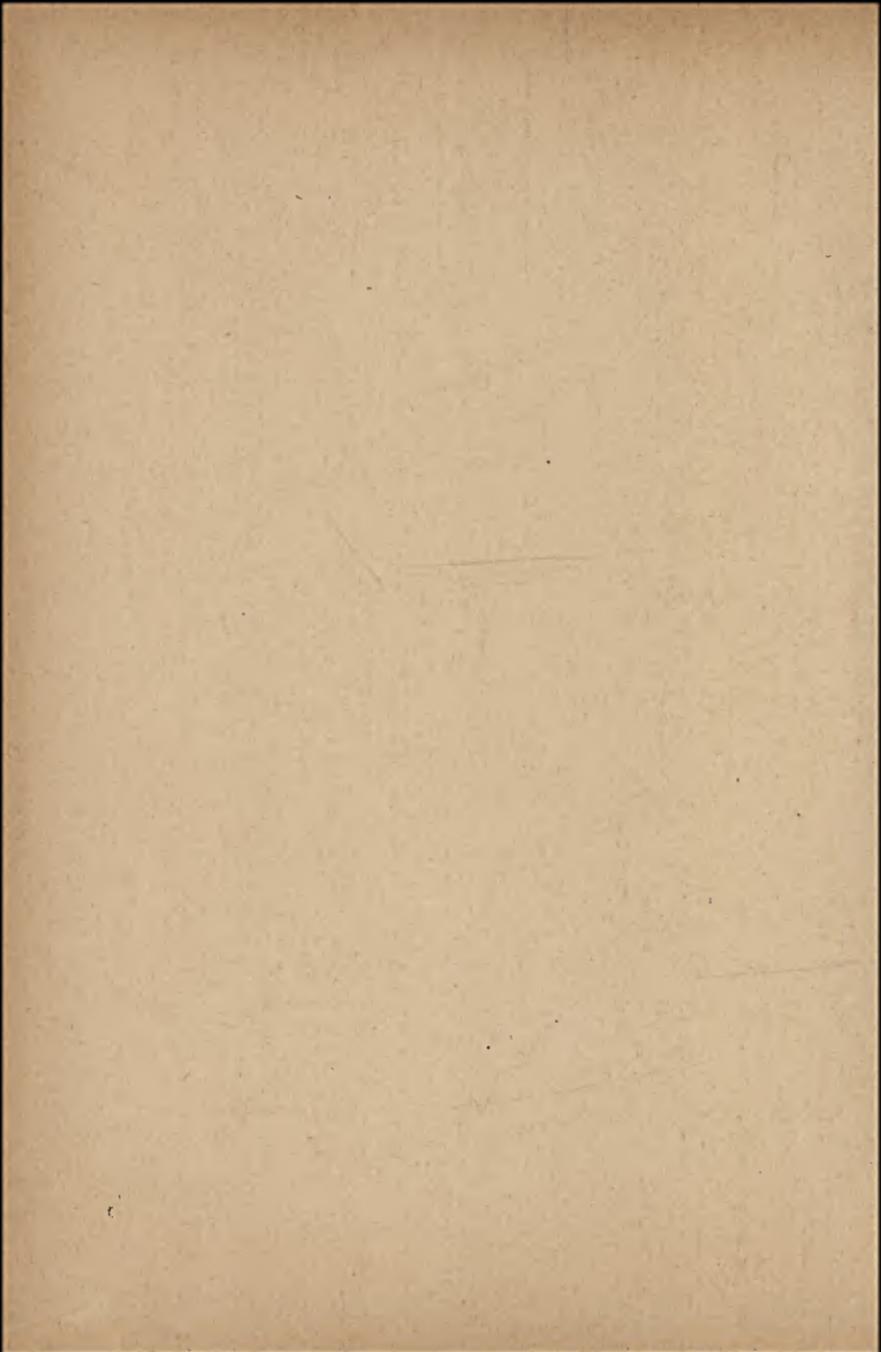
*Os olhos teus, inexpressivamente,
Entrefechados, languidos, tranquillos
Olham, meu doce amor, de tal maneira*

*Que se olhassem assim publicamente.
Deveria, perdôa-me, cobri-los
Uma discreta folha de parreira.*



Vagabundo





Vagabundo

*O Mathias, coitado,
Vive sabe Deus como, que é casado
E duzentos mil réis mensaes apenas ganha;
Pois lhe ha sido tamanha
A ingratidão dos fados deshumanos,
Que elle ainda hoje tem o pareo vencimento
De quando começou, ha muitos annos,
N'uma repartição...*



Caminho lento

*Percorre o funcionario
Que se mostre á mesura refractario,
E, mettido consigo
De toda a gente não se faça amigo,
Nem serviços allegue
E da sorte ao capricho apathico se entregue
Era assim o Mathias,
E, passavam-se dias,
Semanas, mezes, annos, sem que o mundo
Lhe ouvisse a menor queixa.*

*
* *

De Catumby no fundo

*N'uma viela que a montanha fecha,
Reside o pobretão em companhia
Da cara esposa que, fazendo balas,
Do casal as despezas auxilia.
Porque, se assim não fôra, ambos de certo
Se veriam em talas.
Seria aquella casa um céu aberto
Si tivesse o casal um filho, um filho ao menos,
Sim, porque, não ha duvida, os pequenos
Espancam a tristeza
E tornam supportavel a pobreza
No lar mais esquecido dos favores
Da eterna deusa cêga e fugitiva
Que anda sobre uma roda e que nos faz senhores,
Andar a todos n'uma roda viva.*

*
* *

*No entanto, em casa havia
Um velho eão que, a bem dizer, suppria
De uma eriança, a falta.*

*
* *

*Era um grande peralta
Que, si a porta da rua achava aberta,
Ia logo se embora,
E eram dias e dias pela certa,
Que ficava lá fóra,
E coisas tões fazia,
Que ao regressar, trazia
Vestigios eloquentes
De haver lutado a dentes,
Disputando, talvez, uma gentil eadella,
Qual cavalleiro antigo, a lança heroica em riste,
Disputaria a sua dama bella.*

*
* *

*O eão dessas façanhas vinha triste,
Cauda e orelhas eahidas, receioso
De ser mal recebido (e era muito bem feito!)
Porém bastava um gesto carinhoso,
Um sorriso faguciro,
Uma bala roubada ao taboleiro,
Para vêl-o de novo alegre e satisfeito.*



*
* *

*Ha dez annos o cão apparecera um dia
Ali ; ninguém sabia
De onde viera. Tinha fome o bicho,
E, como lh'a matassem
E lhe dessem um nicho
Onde nem sol nem chuva o incommodassem,
Foi-se ficando o maganão tranquillo
Naquelle doce asylo.*

*
* *

*Deram-lhe o nome feio
De Vagabundo, e o mesmo nome, creio
(Digo-o em seu desabono)
Lhe havia dado o primitivo dono,
Porque, á primeira vez que foi assim chamado
Correu logo apressado.*

*
* *

*Jámais n'um cão fraldeiro
Esse nome assentou com tanta propriedade ;
Vagabundo, melhor do que o melhor carteiro,
Conhecia a cidade
Do Rio de Janeiro.*



*
**

*Ultimamente, ha dias, quando a nossa
Municeipalidade
A guerra deelarou, de morte aos eães vadios,
Mathias e a mulher tiveram calefrios
Por causa da patibular earroça
Que o bairro pereorria
Engaiolando os eães, para matal-os.
Inecessantes abalos
No piedoso easal o earro produzia.
Que querem? não havia
Dinheiro para imposto
Que podia evitar-lhes o desgosto
De verem Vagabundo engaiolado...*

*
**

*Um dia
A cãrroça fatal passou de eães repleta,
E a mulher do Mathias inquieta,
Debalde procurou por Vagabundo :
Não estava em casa, andava a correr mundo
—Quem sabe se foi preso e vai ati?—murmura,
E, fazendo tão triste conjectura,
Viu a earroça... e Vagabundo dentro !*

*A mulher desespera!
Em minucias não entro,
Que é difficil pintar-vos a sincera
Dor que della se apossa
Ao vêr o cão querido na carroça,
Que lembra uma carreta
No tempo da infetiz Maria Antonietta.*

*
**

*Mas, eis que o vetho cão sahe debaixo da mesa
Agitando a sorrir a cauda teza,
Como se tudo houvera comprehendido,
Parecendo dizer:—Cá estou, não tenha medo,
Eu me havia escondido
Apenas por brinquedo.—*

*
**

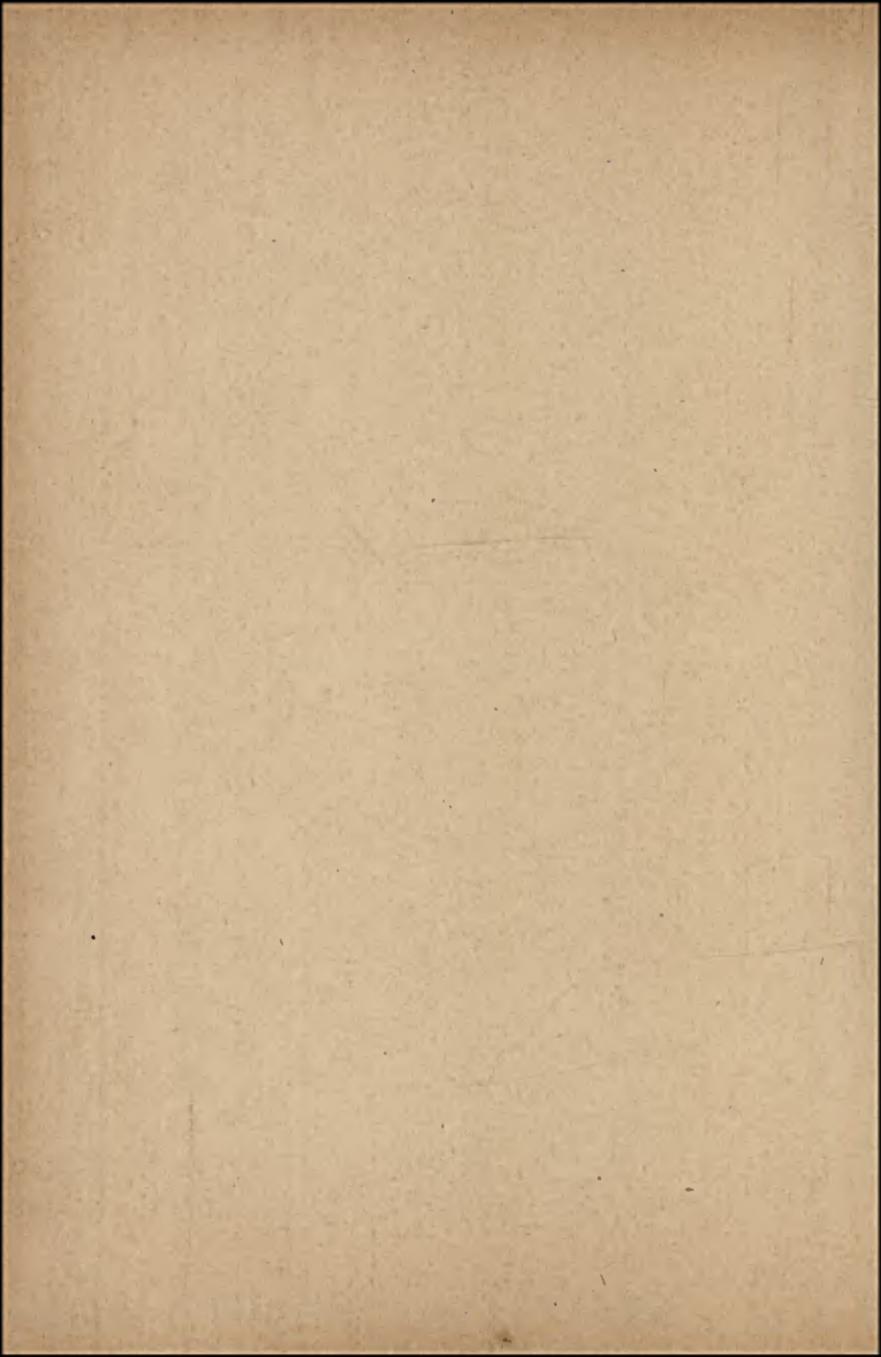
*Não era Vagabundo, o cão engaiolado,
Porém outro com elte parecido,
Que a uão ser cão de raça,
Tem este inconveniente
De se não distinguir de qualquer cão que passa.*

*
**

*A senhora ficou muito contente.
Para outro susto não soffrer, coitada!
Foi busear onde estava bem guardada
Uma velha pulseira,
Joia numero um, do tempo de solteira,
E empenhal-a mandou no Monte do Socorro,
Para pagar o imposto do cachorro.*

Amende honorable





Amende honorable

*Quando á primeira vez te vi, me pareceste
A imagem do desdem no marmore talhada :
N'uma expressão de orgulho a bocca reeurvada
Não promettia o beijo ardente que me dêste.*

*Teu fundo olhar trahia uma intenção agreste;
Não tinha a languidez dolente e desvaírada
Daquelle olhar de quem, depois, apaixonada
Me fez entrar em certa aleova azul celeste...*



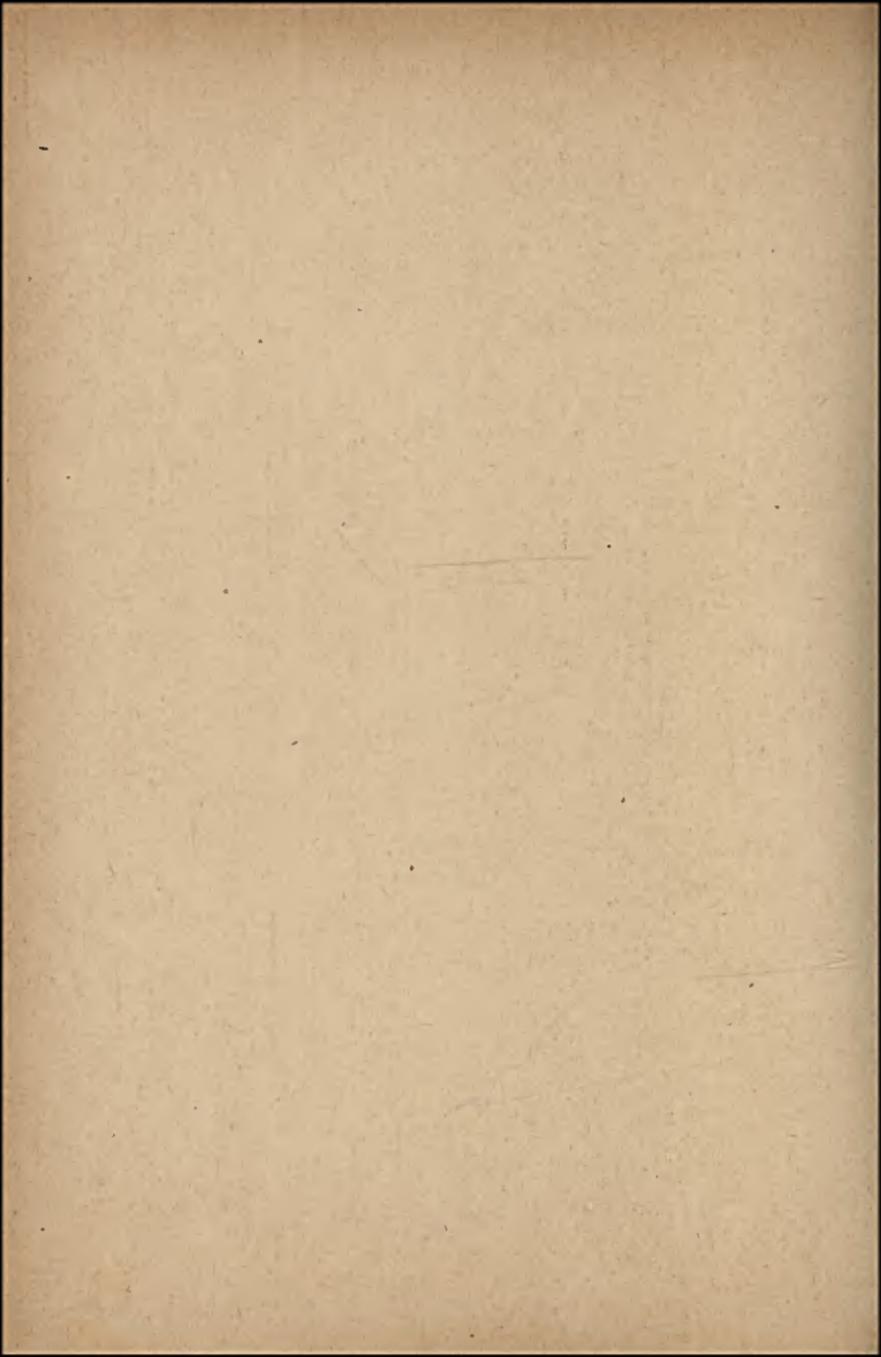
*Quando a primeira vez te vi, não! tu não tinhas
Nas mãos, que eu apertava attonito entre as minhas,
Um estremecimento, um fremito sequer ;*

*Porém hoje, depois do teu, do meu peccado,
Confesso-te, senhora,—estou capacitado
Que és tudo quanto póde haver de mais mulher.*



Madrigal





Madrigal

(No album de d. Mimi)

I

*Emfim te encontra a minha phantasia,
O' flor da sympathia,
O' peregrina flor!
As outras flores morrem de ciume,
Embriagadas pelo teu perfume
E deslumbradas pela tua côr!*



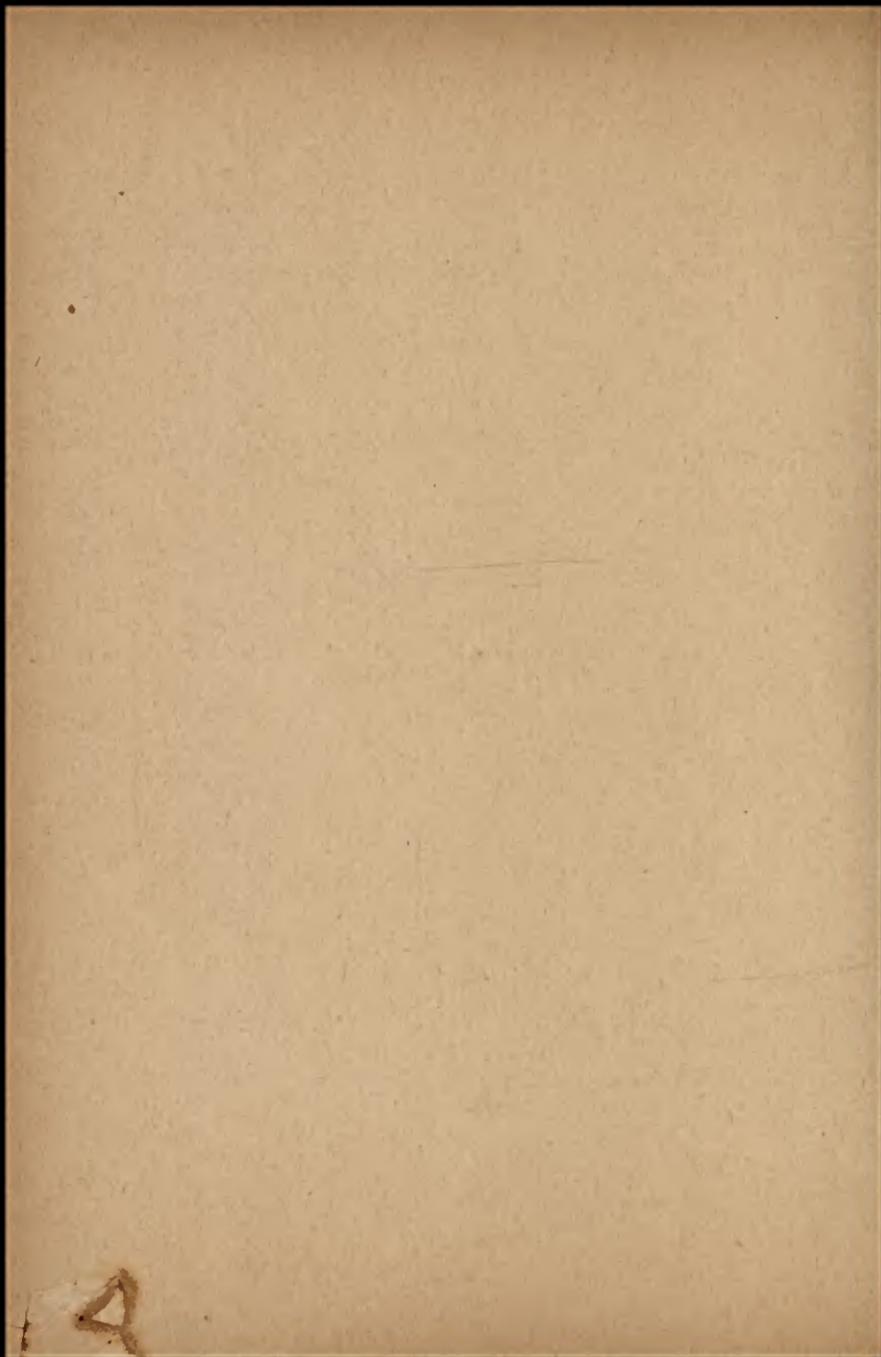
II

*Não sei que nome tenha na sciencia
A flor por excellencia,
A linda flor que eu vi...
No formoso jardim onde ella habita,
Fresca, donosa, pallida e bonita,
Chama-se a flor (Advinhaes?)... Mimi.*



Adelino Fontoura





Adelino Fontoura

*Em dura rocha a fibra do amianto
Nasce, viceja, estende-se, subsiste,
Porém femineo coração resiste
Da poesia ao languoroso encanto.*

*E' que hontem vi passar, pallida e triste,
A moça injusta que adoravas tanto...
Não tinha os olhos tumidos de pranto
Aquella a quem debalde amor pediste.*



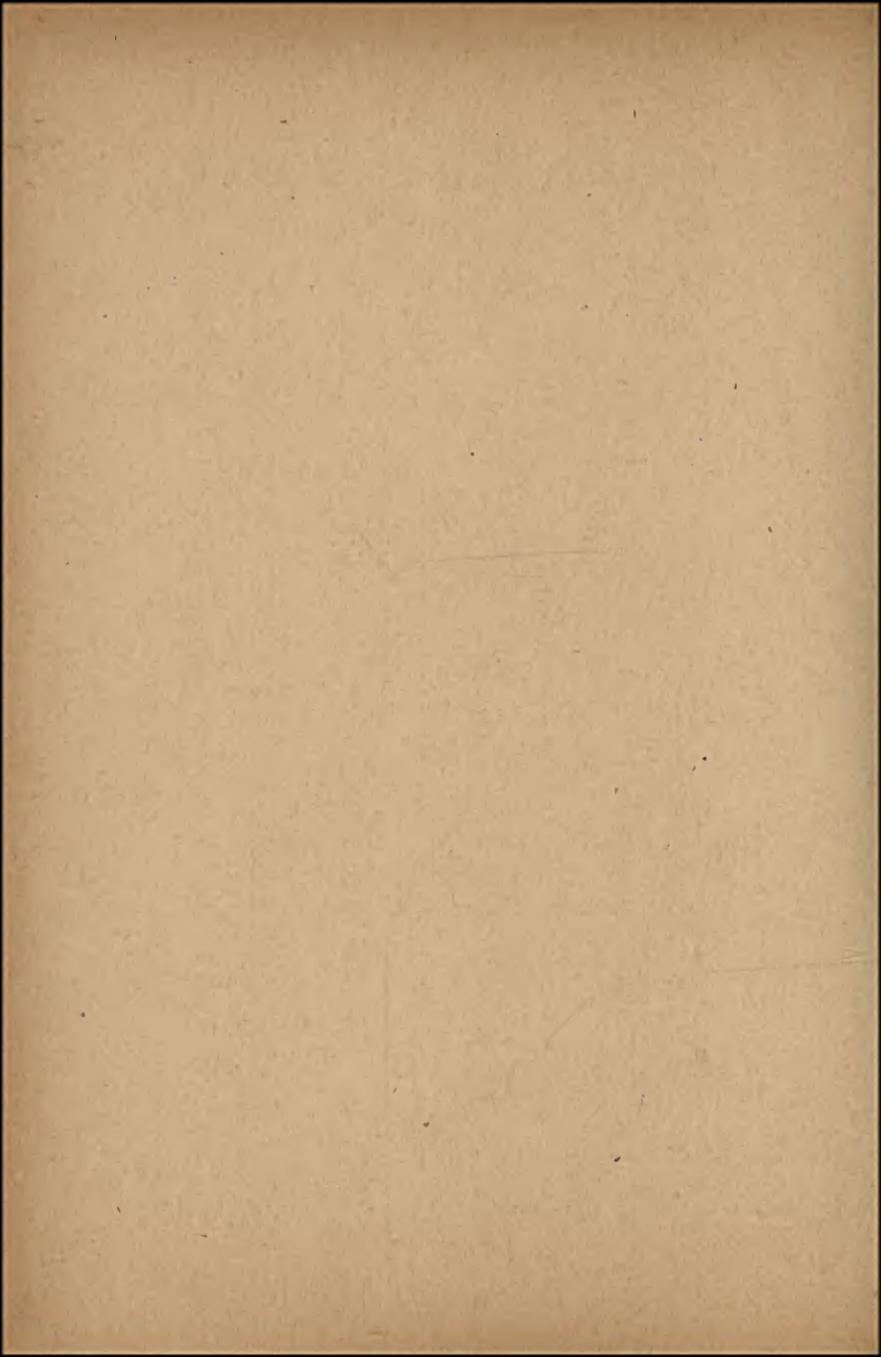
*Desses olhos um dia bem no fundo,
N'um flammejar de brilhos irrequietos,
Viste phantasma de um desdem profundo.*

*Vingado estás d'aquelles olhos pretos,
Ella, a tua musa, ficára no mundo
Orphan dos teus esplendidos sonetos.*



O empecilho





O empecilho

*Clotilde era casada e tinha um —Alberto,
Que era o maior leão de toda a freguezia;
Escreveu-lhe uma carta extensa, em que pedia
Um colloquio de amor n'um sitio ermo e deserto.*

*Clotilde respondeu que o amava, e por certo
Com elle jubilosa ao fim do mundo iria ;
Mas desgraçadamente alguma coisa havia
Que ao seu amor se oppunha. —O moço, que era experto,*



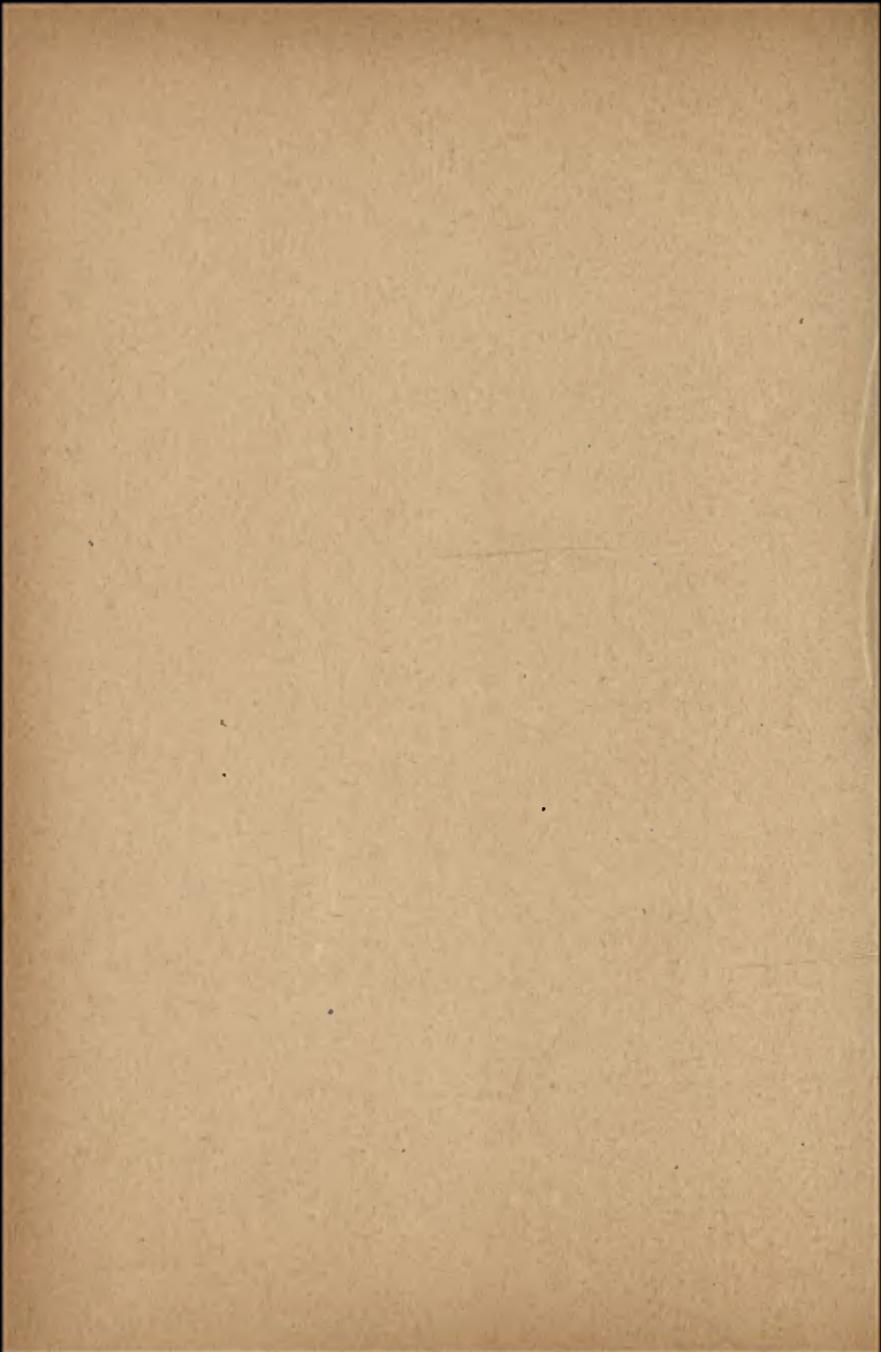
*al a cartinha leu, foi procurar a bella,
E ancioso perguntou que diabo de empecilho
A separava delle e o separava della.*

*—Eu vou mostrar-lh'o!—disse a moça ao peralvilho.
Sahio, e, após, voltava á rustica janella,
C'um piedoso sorriso apresentou-lhe o filho.*



Peccavi





Peccavi

*Furtei-te um beijo?!
Pois tu me accusas?!
Justificar-me desejo,
De vituperio tão crú.
Inspirem-me as nove musas...
As dez, que a decima és tu!*

*Fiquei possesso
Quando me olhaste...
Eu dei-te um beijo, confesso...
Mas se fui eu que t'o dei,
Se foste tu que o tomaste,
Como fui eu que o furtei?*



*-Teus labios falam,
Teus olhos gritam!
Aquelles sempre se calam,
Mas estes dizem de mais;
E se um beijo solicitam,
Não lhe resisto jámais.*

*Cumplêz foram
Do negro crime!
Quando os míseros imploram
Nada lhes posso negar...
Agora dize: perdi-me?
Não! Perdeu-me o teu olhar!*

*Elle pediu-me
Sem mais refolhos,
Sem mostrar sombras de ciumes,
O beijo que aos labios dei;
Vinguem-se os labios dos olhos:
Mandem que os beije: fal-o-ei!*

*Muita caulela
É necessario
Com os olhos ler, minha bella;
As experiencias já fiz
De que estão sempre o contrario
Dizendo do que se diz.*

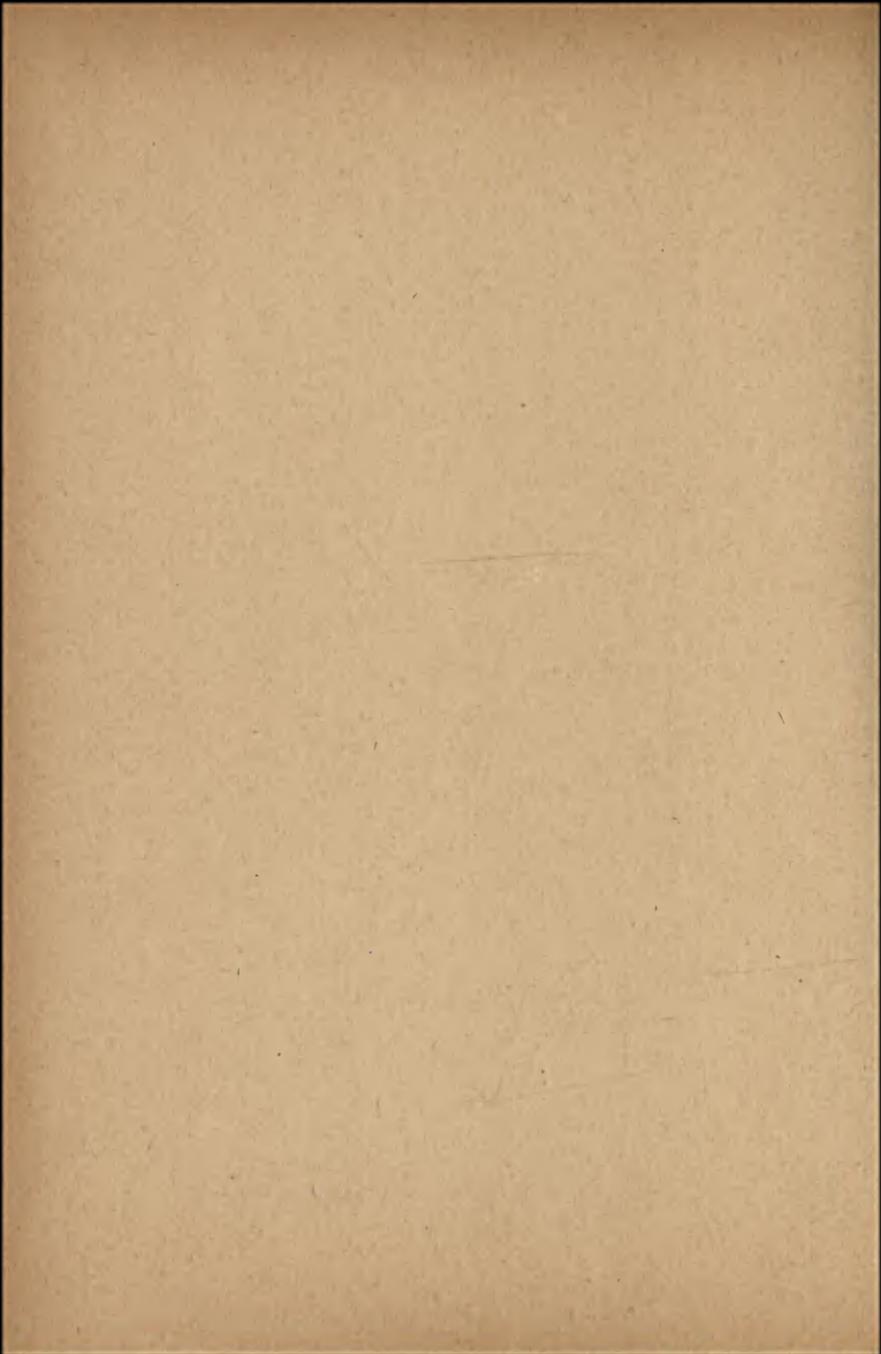


*Papas na língua —
Diz o vulgacho
(Um rifão nunca faz mingoa)
Ha muita gente que as tem,
Porém nos olhos eu acho
Que papas não tem ninguém.*

*Se inda persistes
Me criminando,
Se os argumentos resistes
Que em versos desenrolei,
Manda dizer onde e quando,
Que o beijô restituirei.*

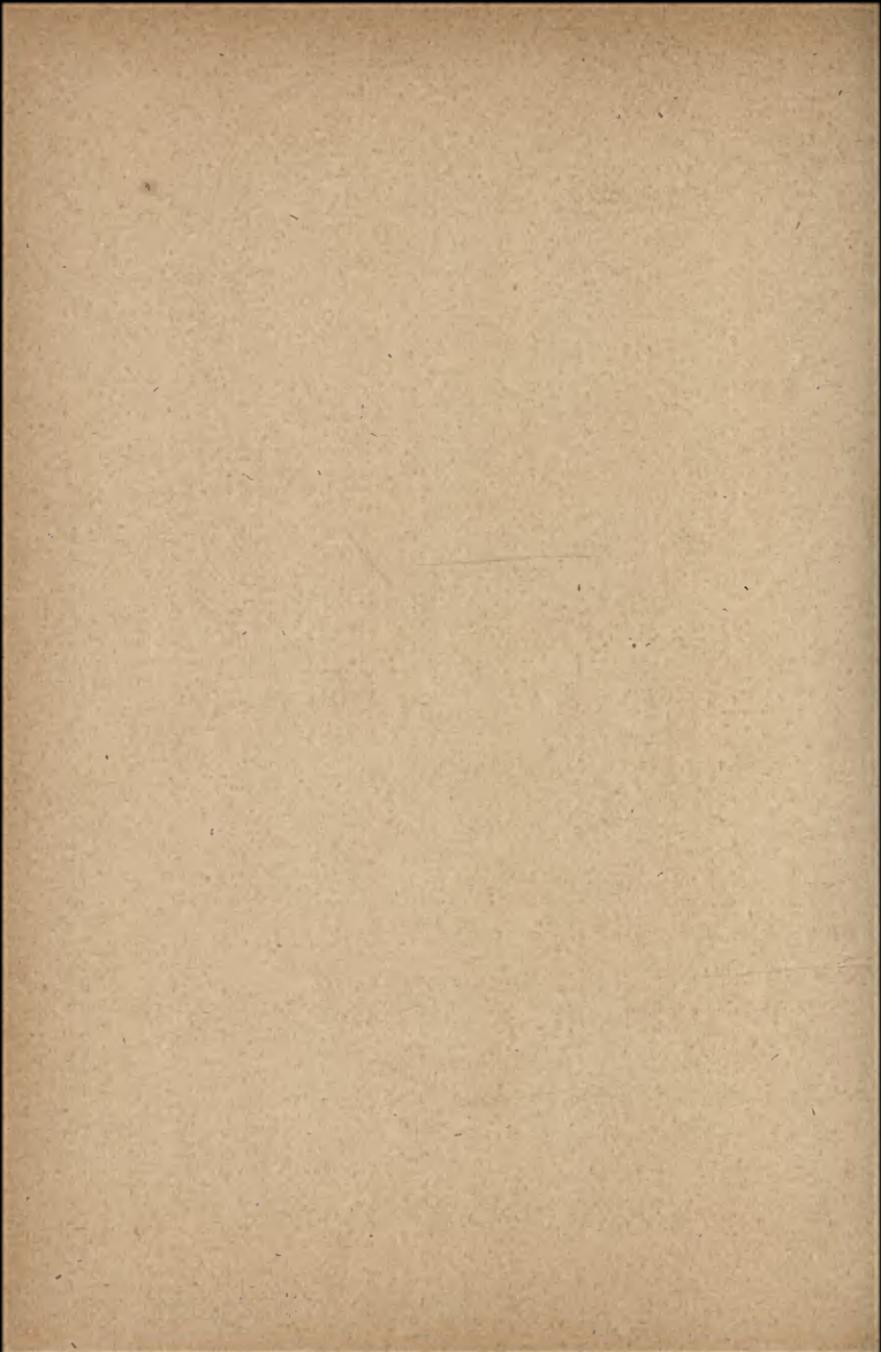
*E depois desse
Terno colloquio,
E' natural, tudo cesse.
«Ladrão que furta ladrão
(Vá lá mais este proloquio)
Tem cem annos de perdão.»*





Filho—mãe





Filho - Mãe

*Morreu a triste viuva ; a miseranda austera
Filho e filha deixou... Curvemos o joelho!...
Ella, tres annos só... Dez annos o mais velho...
Pobre familia! estava em plena primavera!*

*O morgado—um pimpão—medita e considera
(Pois criancinhas ha de muito bom conselho!)
Que lhe cabe affrontar, apezar de fedelho,
Da indomita desgraça a horrisona megera!*



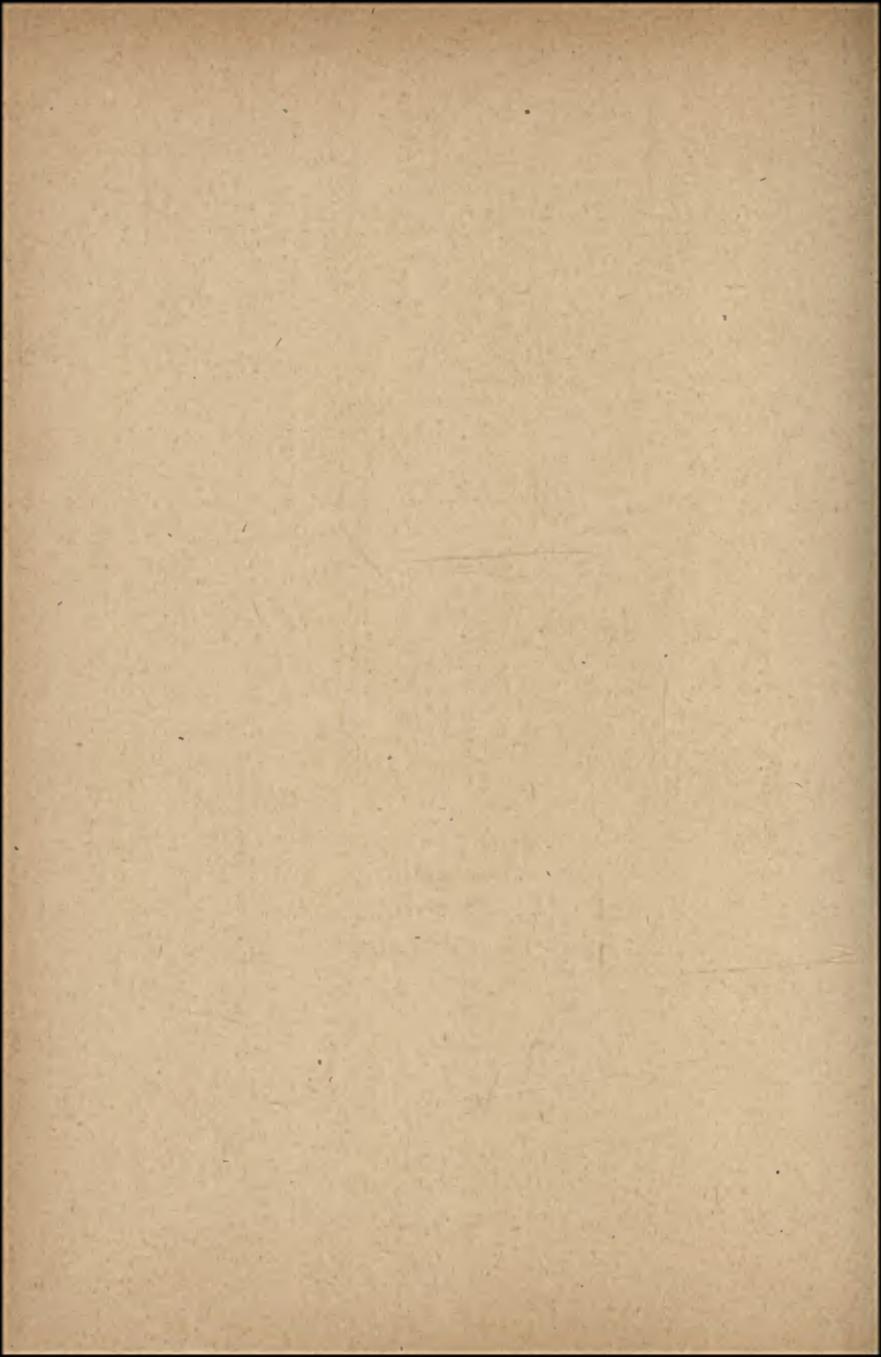
*Bem póde insecto vil matar um elephante,
Em cuja larga tromba acaso se introduza,
E n'um simples regato affoga-se um gigante.*

*Mais bravo que Perseu em frente de Medusa,
O timido fedelho—então?!—lá vae por deante,
E aprende de ser mãe a grande sciencia intusa!*



Cantilena





Cantilena

A Olavo Bilac

*Fazem hoje vinte annos
Que sahi de minha terra...
Fazem hoje vinte annos
Que deixei o Maranhão.
Os destinos inhumanos
Desde então me fazem guerra...
Os destinos inhumanos
Me maltratam desde então!
Fazem hoje vinte annos,
Que deixei o Maranhão!*

*No instante da despedida,
Meu pae chorava devéras...
No instante da despedida,
Minha mãe quasi morreu!
A minha gente querida
Verteu lagrimas sinceras!*



*A minha gente querida
Mais de mil beijos me deu!
No instante da despedida,
Minha mãe quasi morreu!*

*Pobre mãe! Vociferando,
Não deixava que eu partisse...
Pobre mãe! Vociferando,
Não me queria soltar!
Meu pae disse-lhe, chorando:
— «Deixe o rapaz! que tolice!»
Meu pae disse-lhe, chorando:
— «Socegue, que ha de voltar!...»
Pobre mãe! Vociferando,
Não me queria soltar!*

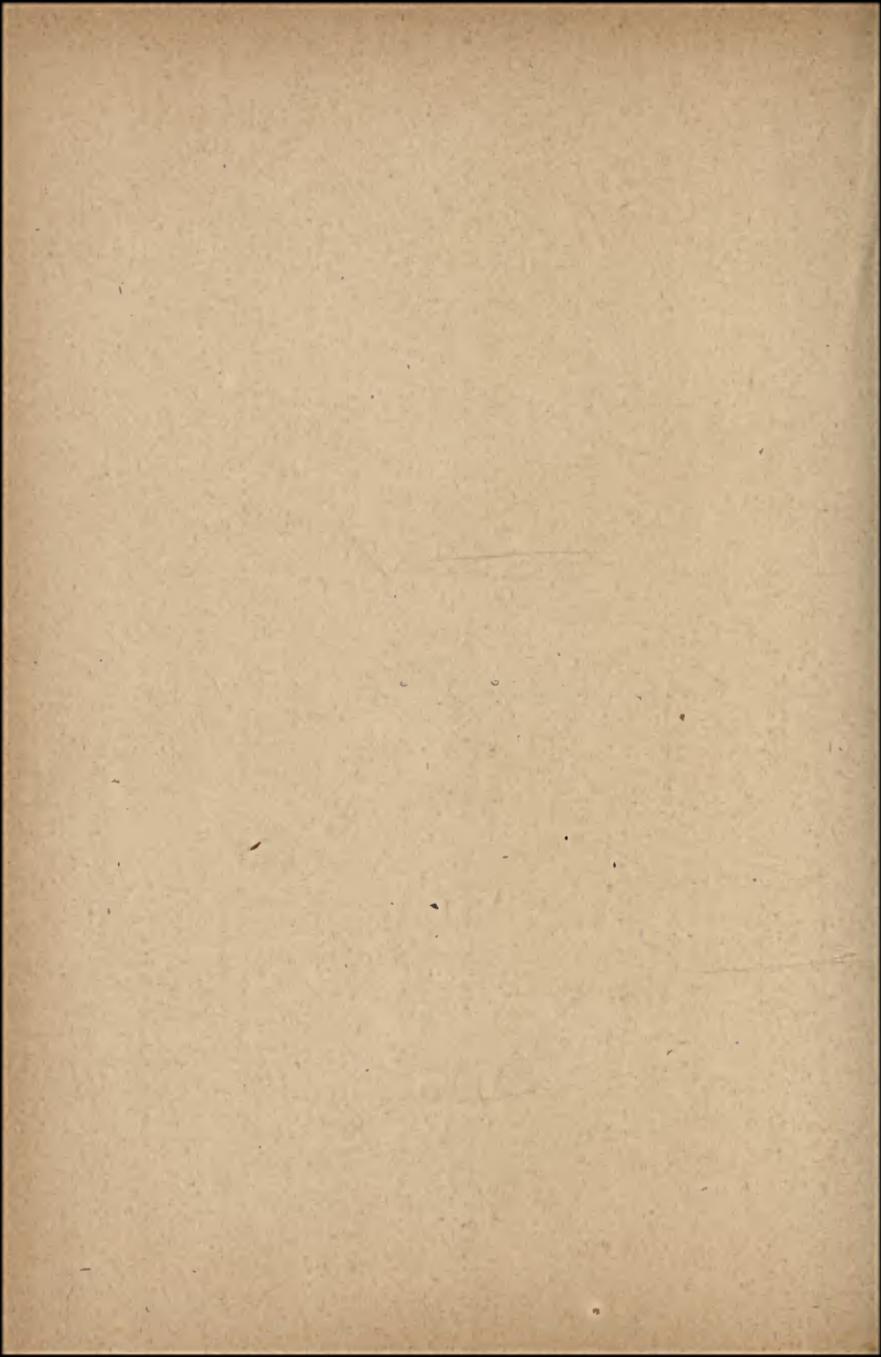
*Elles ambos lá se foram...
Perdi-os, infelizmente!
Elles ambos lá se foram...
Já não tenho mãe nem pae!
Os meus olhos inda choram,
Porque meu peito inda sente!
Os meus olhos inda choram...
Vêde: uma lagrima cae!
Elles ambos lá se foram...
Já não tenho mãe, nem pae!*

21 de agosto de 1893.



Luxo e miseria





Luxo e Miséria

A Alcindo Guanabara

*O luxo negue o pae ao seu menino,
Embora tenha o Pactolo encanado,
Pois ninguem sabe o que lhe está guardado
Nas paginas do livro do Destino.*

*Conheço alguém que teve em pequenino
Lenções de seda e colchas de brocado,
E hoje, n'um leito, ao belchior comprado,
Um somno dorme, ephemero e mofo.*



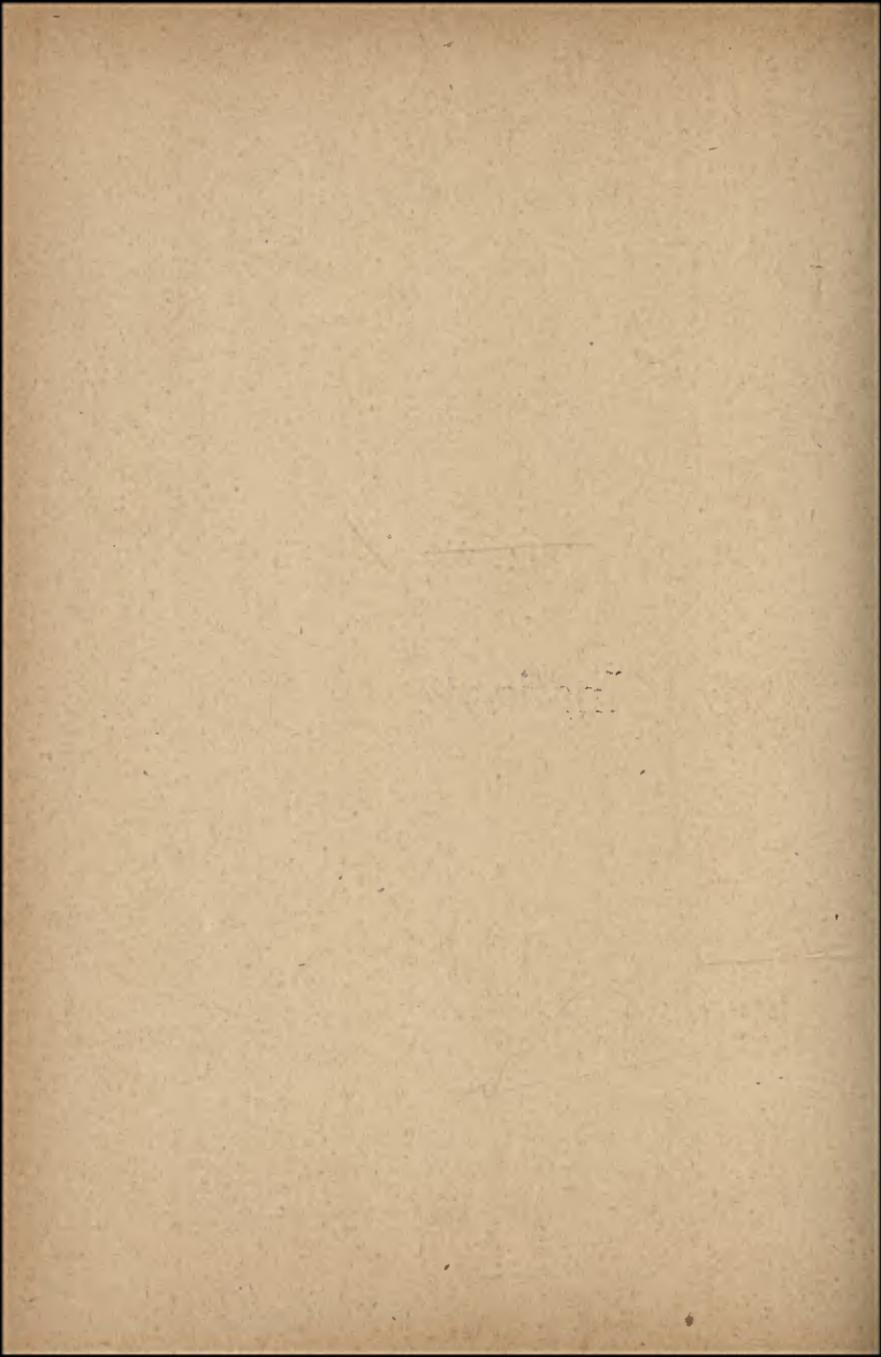
*Se, graças á paterna dinheirama,
Fructas, cavallo e polichinellos
O sorprendiam no saltar da cama,*

*Hoje, ao deixar uns pannos amarellos,
Vê que a miseria estúpida o reclama
Entre os rasgões de uns miseros chinellos.*



Instincto





Instincto

*Quando a gente é pequena, a mãe piedosa
Leva-lhe á bocca a salutar comida,
Mola real da machina da vida,
De toda a força base poderosa.*

*Mas a creança, que não é manhosa,
Com moleira de phosphoro provida,
Dispensa em pouco tempo a mãe querida,
E da mesa o prazer sósinha goza.*



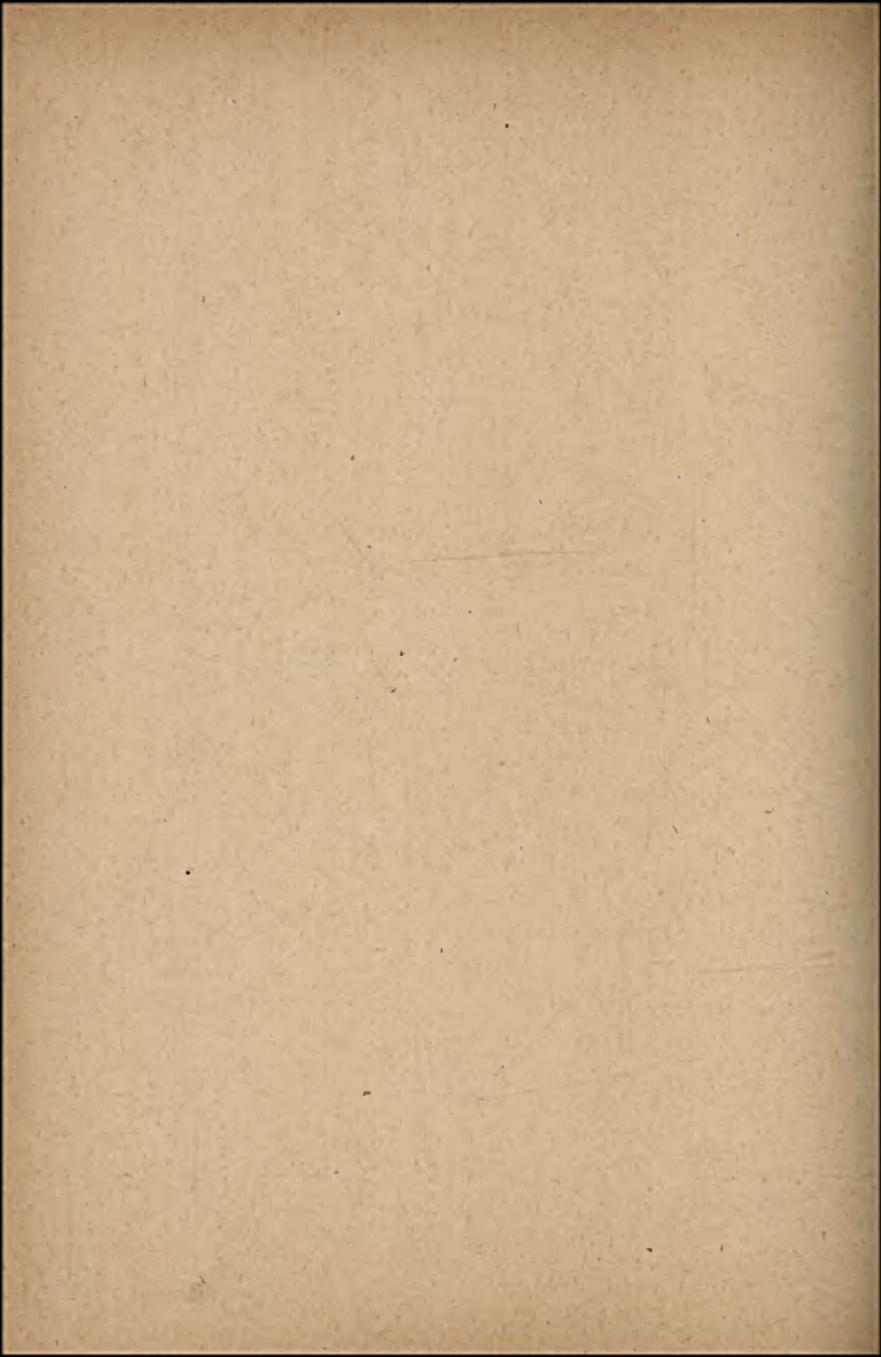
*Mal no mundo um mortal mette o bedelho,
Subito busca e suga e apalpa e toca
De uns seios quentes o botão vermelho.*

*Ha todavia, gente (e não ha pouca),
Que ha muito rola pelo mundo velho
E não sabe levar o pão á bocca.*



Velhos typos





Velhos Typos

1

*Quatro maridos a Sinhá recusa :
Um anafado e honesto negociante,
Um militar intrepito e arrogante,
Dous empregados publicos. Abusa.*

*Sonha a donzella um pallido Cazuzo
Pallido e bacharel), mcigo, elegante,
Que em doces versos lyricos a cante...
Ai da mulher com pretenção a Musa*



«Tenho o meu ideal!» exclama altiva,
E, enquanto atraz desse phantasma corre,
Corre-lhe a mocidade fugitiva...

Vendo-se tia, a misera recorre
Aos engeitados : cada quat se esquiva. .
Faz-se devota e solteirona morre.



11

*Elle quasi poz doido um pobre mestre escola
Que á custa de trabalho e singular paciência,
De saber ler corrido a modica sciencia.
Um dia lhe metten na rigida cachola.*

*O empenho poude, poude a milagrosa mola
Que as outras todas move, excepto as da decencia,
Fazel-o bacharel. Mimoso da existencia,
N'um canudo de folha o pergaminho envola!*



*A fortuna o acolheu sem ter sorrisos parcos :
Eleito deputado e conselheiro a serio,
Victorioso e feliz passou todos os marcos !*

*Morreu ; mas nota bem, leitor, que o cemiterio
A casa onde morava outr'ora o conde d'Arcos
E a mortalha o fardão de Senador do Império.*



III

*Entre mendágo e sordido garoto,
Sempre a passo de eão, sempre a pedir,
Traz surrada farpella e chapêo roto,
A barba por fazer, botas a rir;*

*Sabe de eór os codigos : é douto ;
Porém, quando se mette a diseutir,
Da bocca hedionda vê-se-lhe sahir
Tremenda asneira em cada perdigoto.*



*Emquanto dura o seu labor maldito
Sobraça o distinctivo do malsim:
Um rolo sujo de papel escripto.*

*Nauseabundo charuto, já no fim,
Queima-lhe os beiços.—Ora ahí tens descripto
O typo vil de um reles beleguim.*



IV

*Um cochicholo habita exposto á chuva,
Séde das pulgas, capital dos ratos ;
Come os sobejos dos hoteis baratos
E não conhece o espirito da uva ;*

*Tem pena de molhar o guarda-chuva
E de sujar a sola dos sapatos ;
Nunca lhe viram dous vintens ingratos
Orpham sem pão, necessitada víuva.*



*No entanto avultissima quantia
Guarda de um cofre solido no fundo,
Pois de casas bancarias não se fia,*

*E quando á cora entrega o corpo immundo,
Dos herdeiros a cafila vadia
Por conta delle vai gozar o mundo.*



V

*Jacta-se o parvo em reuniões bregeiras
Das mulheres por elle conquistadas,
Pobres senhoras, viúvas e casadas
E mesmo algumas que inda estão solteiras!*

*Só entre o Botafogo e as Laranjeiras
Tres damas ha por elle apaixonadas,
Que nas suas alcovas perfumadas
Lhe têm dado de amor noites inteiras*



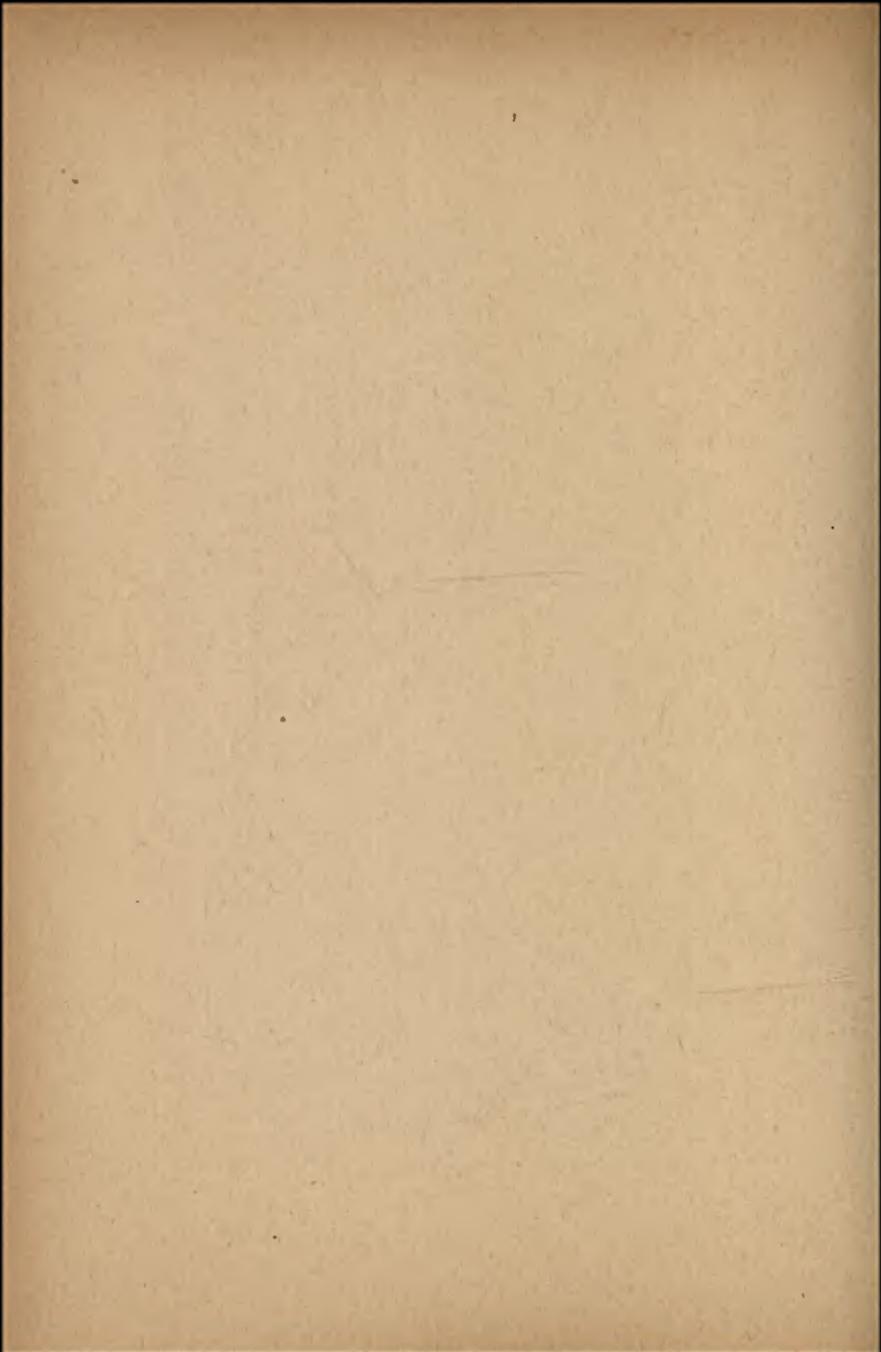
*Fatigado afinal de tanta peta,
E invejado por cynicos devassos,
De taes calumnias cada qual trombeta,*

*Venerea sêde vae matar nos braços
De uma infeliz mulher, barata e preta,
Lá para a rua do Senhor dos Passos.*



Catastrophe da «Barca
Terceira»





Catastrophe da « Barca Terceira »

*Durante essa catastrophe hedionda,
Que os corações encheu de eterno luto,
Infortunio tão barbaro, tão bruto
Que até faz crer ás vezes Deus se esconda,*

*Uma pobre mulher boia na onda
E consegue chegar ao solo enxuto,
Porque do amor embryonario fructo
O fecundado ventre lhe arredonda.*



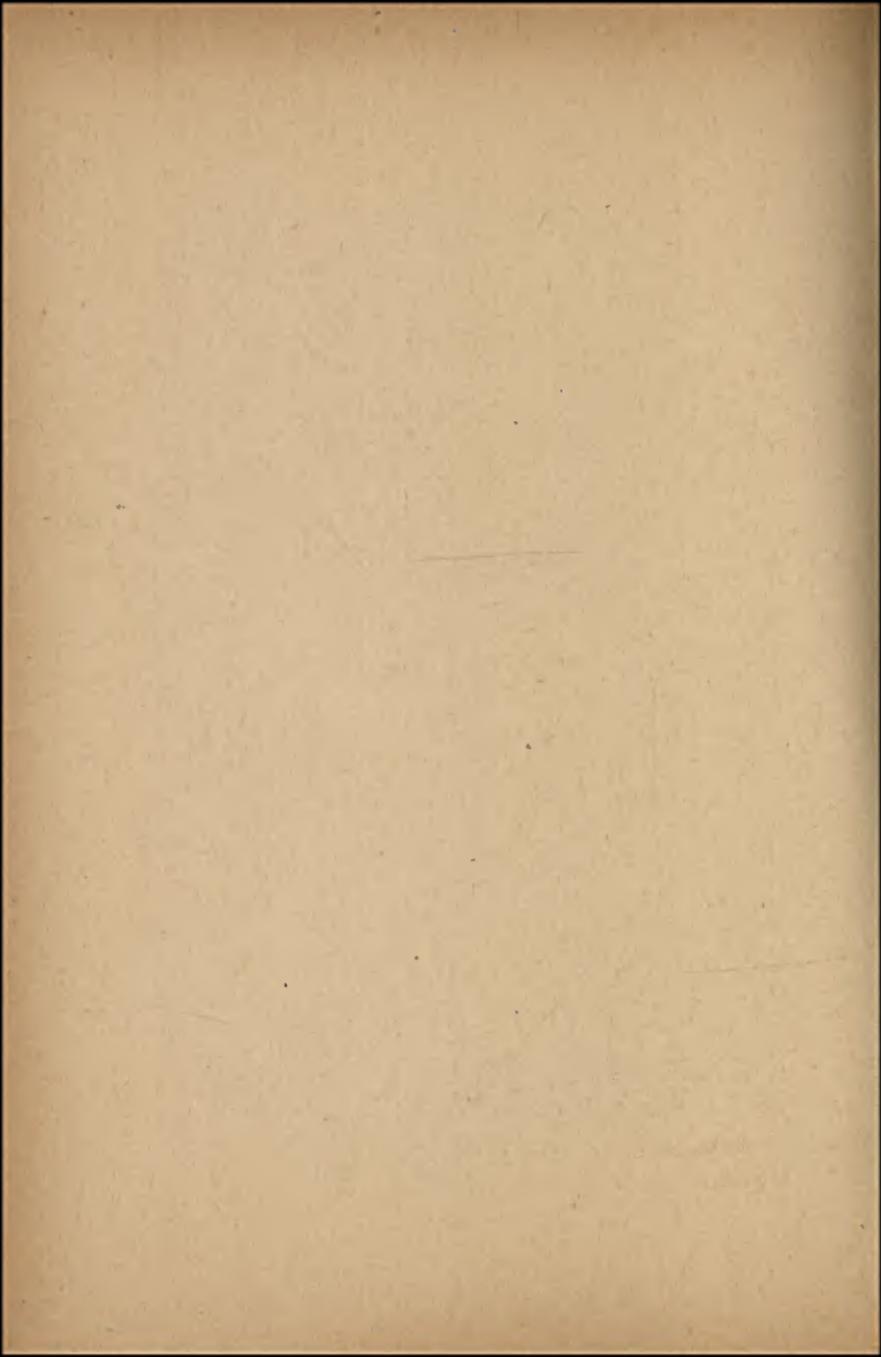
*Oh, mãe que foste pelo céu poupada!
Mãe que te viste naufraga perdida,
No pélaço medonho abandonada!*

*Se o teu filho crescer, agradecida,
Dize-lhe um dia, em lagrimas banhada,
Que elle antes de nascer salvou-te a vida!*



Juvenal





Juvenal

A Valentim Magalhães

Vou contar-vos uma historia :

I

*Mal completára treze annos
A flor dos napolitanos,
O formoso Juvenal.
Vendia os jornaes diarios;
Cansava as perninhas nuas,
Gritando por estas ruas :
Gazeta! Globo! Jornal!*

*Coitado! vivia o misero
Como vive um cão sem dono,
No mais completo abandono,
Ora aqui, ora acolá!
A dormir um somno placido
Sobre o batente das portas,
De noite nas horas morlas
Deitava-se ao Deus dará.*

*Da saude a côr purpurea
Não lhe alterára o desgosto ;
Juvenal tinha no rosto
Da infancia o róseo matiz ;
Era o innocente noctívago,
No seu viver lastimoso,
Um miseravel dítóso,
Um desgraçado feliz.*

*Uma triste circumstancia
De aqui registrar não fujo :
Andava o pequeno sujo
Ao ponto de causar dó !
Braços, pernas, rosto—ó lastima !—
Ennegrecidos estavam,
E o pescoço lhe abarcavam
Negros collares de pó.*

II

*Dos seus freguezes no numero
Houve certo conselheiro,
Ia levar-lhe o Cruzeiro
Cedinho, pela manhan.
No topo da escada nítida
Quem a folha recebia
E pagava, todo o dia,
Era a mimosa Nhan-Nhan.*



*Nhan-Nhan, um anjo pulcherrimo !
Pallida, triste, franzina,
Era mais que uma menina
E menos que uma mulher ;
Desabrochava-lhe esplendida,
Entre doiradas chimeras,
Flor de quinze primaveras
Nos labios de rosicler.*

*Ao vê-la, o pobre alegrava-se,
E, quando acaso a não via,
Sentia, logo sentia
Um azedume . . . um torpor . . .
Um sentimento novissimo
Entre o respeito e a saudade,
E muito mais que amizade
E muito menos que amor.*

III

*Uma vez subio levipede
A escada do conselheiro,
Para deixar o Cruzeiro . . .
Mas logo empallideceu,
Estava na sala um feretro
Por tochas allumiado,
Numa eça collocado
Que de surpresa o colheu.*



*Penetrou na sala, tremulo,
Vexado como um patife,
E ao chegar em frente ao esquire,
Livido, parvo, estacou...
Era ella, Nhan-Nhan! Das lagrimas
Lhe desabou a enxurrada...*

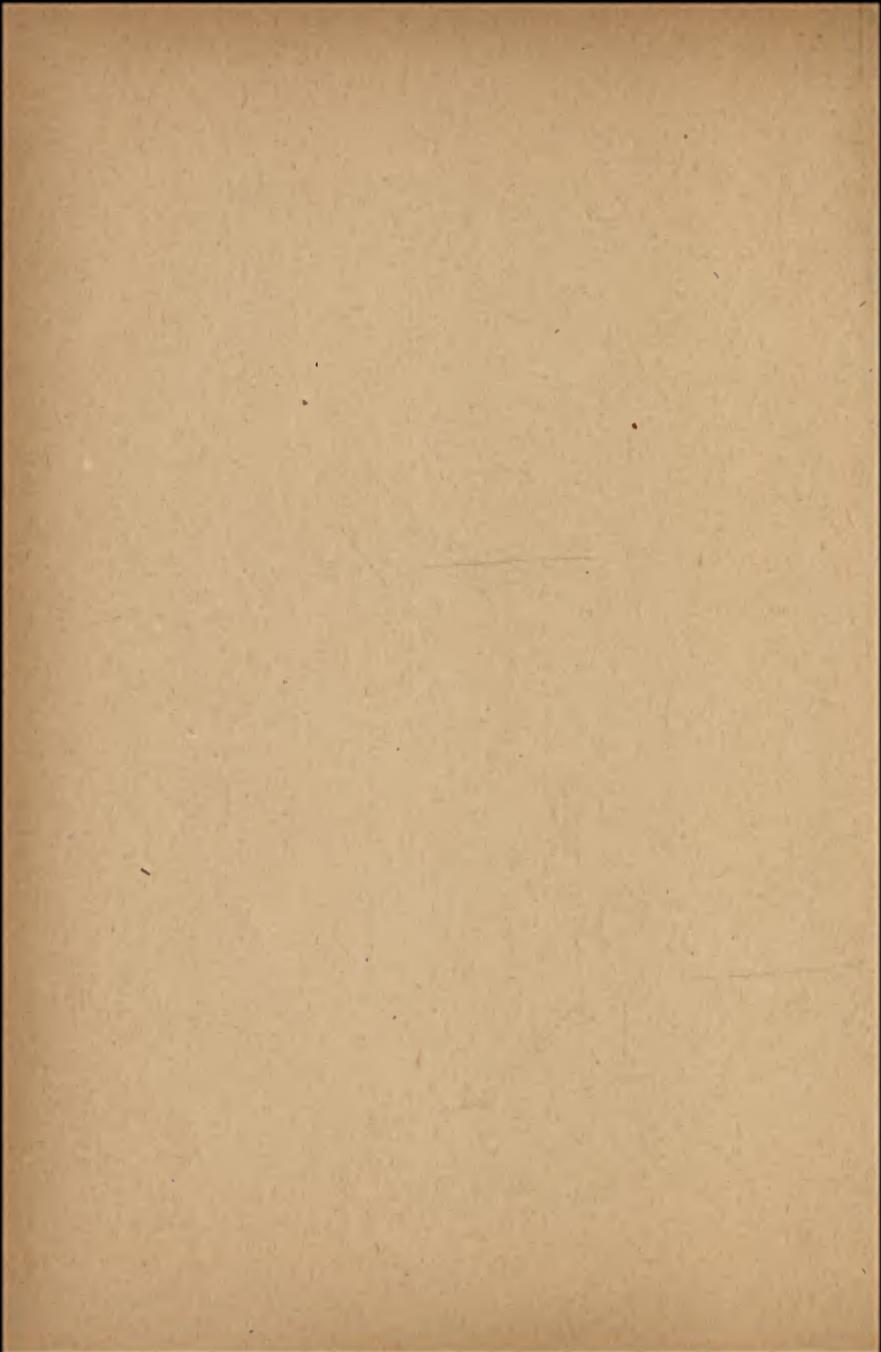
IV

*Emfim, de cara lavada,
A' vez primeira ficou.*



Pae de... cabelleira.. :





Pae de... cabelleira...

(Monologo)

*O Ponciano, rapagão bonito,
Guarda-livros de muita habilidade,
Possuindo o invejavel requisito
De uma calligraphia
A mais bella, talvez, que na cidade
E no commercio havia,
Empregou-se na casa importadora
De Praxedes, Couceiro e Companhia,
Casa de todo Maranhão credora,
Que, além de importadora era importante,
E, si quebrasse um dia,
Muitas outras comsigo arrastaria.*



*
* *

*Do commercio figura dominante,
Praxedes, socio principal da casa,
Tinha uma filha muito interessante,
O guarda-livros arrastava-lhe a aza.
Começára o romance, o romancete
 No dia em que fez annos
E os festejou Praxedes co'um banquete,
Num bello sitio do Caminho Grande,
Sob os frondosos galhos veteranos
Que secular mangueira inda hoje expande*

*
* *

*A mesa circular, sem cabeceira,
Rodeando o grosso tronco da mangueira,
Um bellissimo aspecto apresentava:
 Reluzindo lá estava
 O leitão infallivel,
 Com seu sorriso ironico,
 Expressivo, sardonico,
Sabei de alguma cousa mais terrivel
Do que o sorriso do leitão assado?
 E nos olhos, coitado!
Lhe havia o cozinheiro collocado
Duas rodellas de limão, pilheria
Que sempre faz sorrir a gente séria.
Dous soberbos perús de forno; tortas*



*De camarão, e um grande e magestoso
Camorim branco, peixe delicioso,
Que abre ao glutão do paraíso as portas;
Tainhas ourichocas recheadas,
Magníficas pescadas,
E um presunto, um colosso,
Tendo enroladas, a enfeitar-lhe o osso.
Tiras estreitas de papel dourado.
Compoteiras de doce, encommendado
A's Calafate e a Papo Roto; fructas;
Vinho em garrafas brutas,
Amendoas, nozes, queijos o diabo,
Que se me metto a descrever aquillo.
Tão cedo não acabo!*

*
* *

*O Ponciano fôra convidado:
Quiz o velho Praxedes distinguil-o.
Fazia gosto vê-lo
Convenientemente engravatado,
De calças brancas e chapéo de pello,
E uma sobrecasaca
Que estivera fechada um anno inteiro
E espalhava em redor um vago cheiro
De camphora e alfavaca.*



*Mal que o vio Gabriella,
(Gabriella a menina se chamava)
Lançou-lhe uma olhadela
Que a mais larga promessa lhe levava...*

*
* *

*Como que os olhos delle e os olhos della
Apenas esperavam
Encontrar-se; uma vez que se encontravam,
De modo tal os quatro se entendiam
Que, com tanto que vêr, nada mais viam!*

*
* *

*Apezar dos perigos,
Por ninguém o namoro foi notado,
Pois que o demonio as coisas sempre arranja,
Praxedes occupado,
Fazia sala aos avidos amigos;
A mulher de Praxedes, nas cosinhas,
Inspeccionava monstruosa canja
—Onde fluctuavam cinco ou seis gallinhas
E um paio, um senhor —paio—,
E os convivas, olhando de soslaio
Para mesa abundante e os seus thesouros,
Não tinham attenção para namoros.*

*
* *

*Quando todos á mesa se assentaram,
Elle e ella ficaram
Ao lado um do outro... por causalidade,*



*E durante tres horas, pois tres horas
Levou comendo toda aquella gente,
Entre phrases mais ternas e sonoras
Juraram pertencer-se mutuamente.*

*
* *

*Quando á mesa havia só destroços,
Casca, espinhas, ossos e caroços,
E o café fumegante
Circulou,—nesse instante,
Eram noivos Ponciano e Gabriella.*

*
* *

*—Como, perguntou ella,
Nós poderemos escrever? Não vejo
Que o possámos fazer, e o meu desejo
E' ter noticias tuas diariamente,
Respondeu elle:—Muito facilmente:
Quando á casa teu pae volta á noitinha
Traz comsigo o Diario, por fortuna;
Escreverei com lettra mindinha,
Na ultima columna,
Alguna coisa que ninguém lêr possa
Quando não esteja prevenido.—Bravo!
Que bella idéa e que ventura a nossa!
Porém si esse conchavo
Serve para me dar noticias tuas,
Não te dará meu bem, noticias minhas.—
Mas não esteve com uma nem com duas*



O namorado, e disse:
—Temos um meio.—Qual? Não advinhas?
Teu pae usa chapéo...—Sim que tolice!
—Ouve o resto e verás que a idéa é boa:
Um pedacinho de papel á tóa
Tu metterás por baixo da carneira
Do chapéo de teu pae; dessa maneira
Me escreverás todos os dias... uteis.

*
* *

Oh, precauções inúteis!
Durante um anno inteiro
O pae ludibriado
Serviu de inconsciente mensageiro
Aos amores da filha e do empregado,
—Até que um dia (tudo é transitório,
Até mesmo os chapéos) o negociante
Entrou de chapéo novo no escriptorio.

*
* *

Ponciano ficou febricitante!
Como saber qual era o chapeleiro
Em cujas mãos ficára o chapéo velho?
Muito inquieto, o bregeiro
Ao espirito em vão pediu conselho;
Dispunha-se matreiro
A sahir pelas ruas, indagando
De chapeleiro em chapeleiro, quando



*O chapeleiro appareceu!... Trazia
O papelinho que encontrado havia!
Atinára com tudo o impertinente*

E indignado dizia:

*—Sou pae de filhas!... Venho promptamente
Denunciar uma patifaria!*

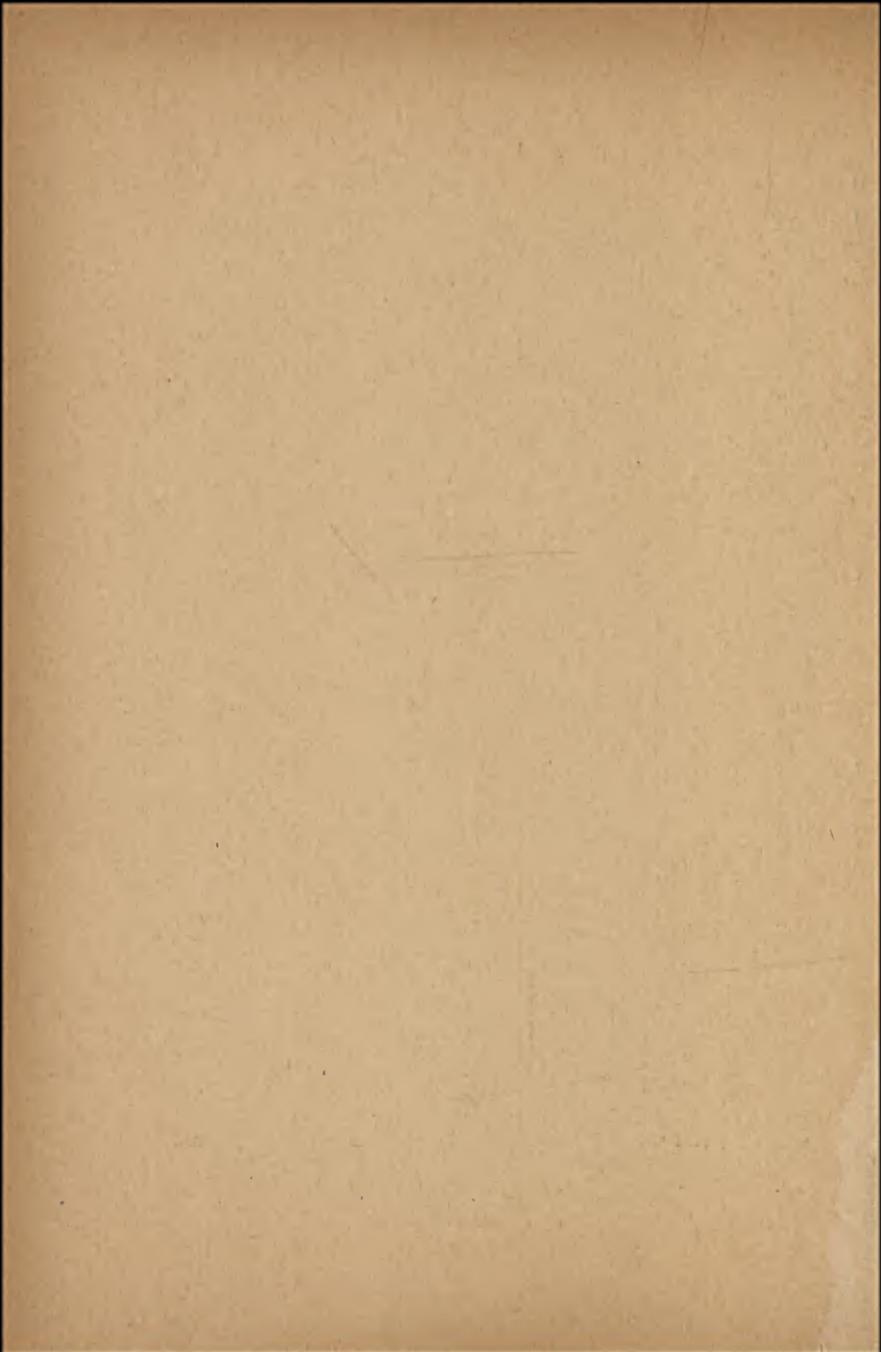
*O hypocrita queria
Mas era, bem se vê, cahir em graça
A um medalhão da praça.*

*
**

*O pae ficou furioso, e francamente,
Não era o caso para menos; houve
Ralhos, ataques, maldições, etcœetra;
Mas enfim, felizmente,
Ao céu bondoso approveu
(O rapaz tinha tão bonita tettra!)
Que não fosse a menina p'ra o convento,
E a comedia acabasse em casamento.*

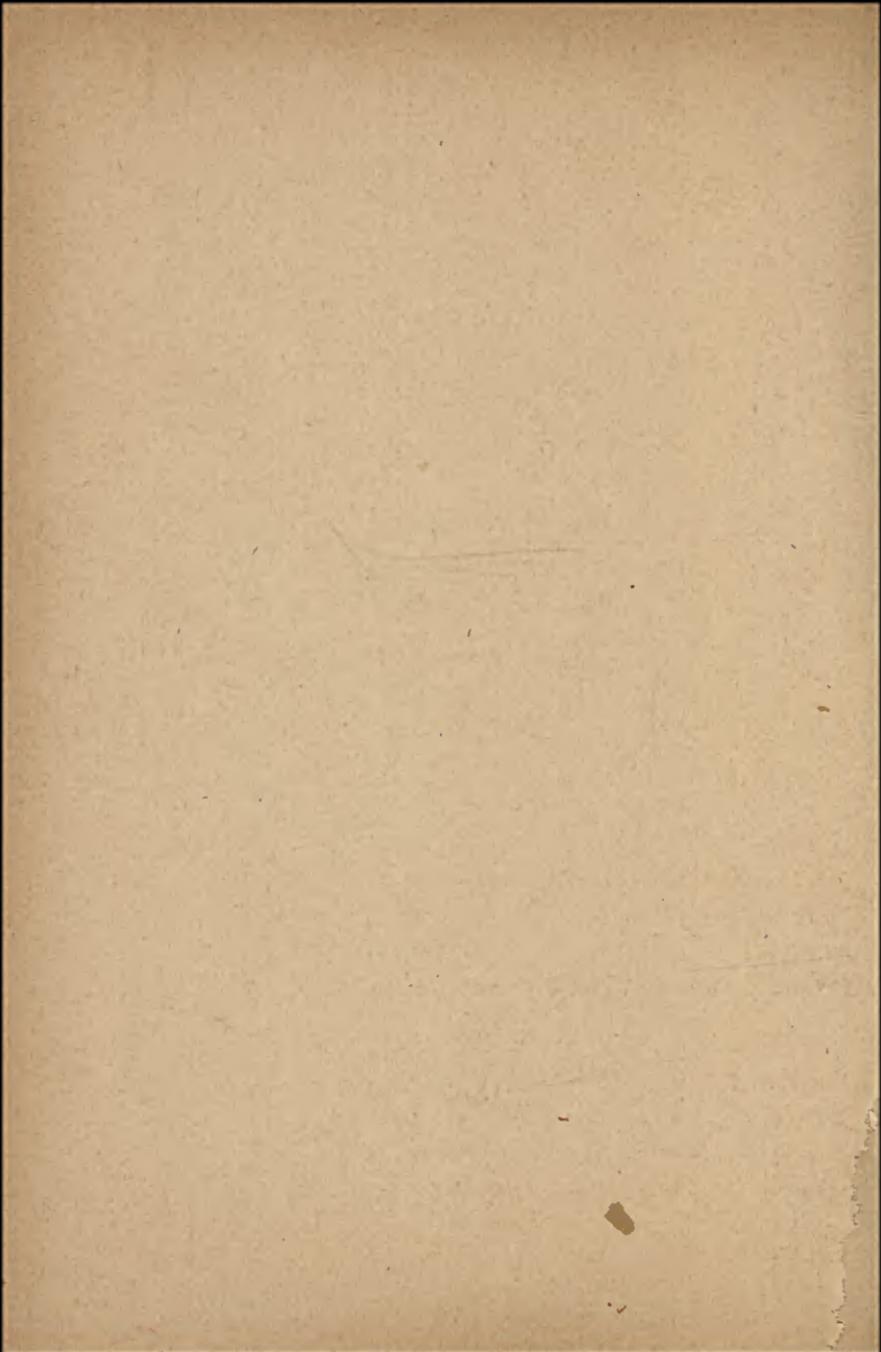
*
**

*Ponciano hoje é socio
Do sogro, e faz negocio.
Deu-lhe uma filha o céu
Que é muito sua amiga
E está casa não casa;
Mas o ditoso pae não sae de casa
(Aquillo é balda antiga)
em revistar o forro do chapéo.*



Adeus á Bahia.





Adeus á Bahia

*Patria gentil da Patria brasileira,
Com pena de deixar-te, vou deixar-te...
Não espera o vapor... fumega e parte...
Adeus ó doce terra hospitaleira!*

*Dentro do coração te levo inteira,
Embora o longo mar de ti me aparte,
E commigo serás em toda parte
Aonde o fado reguitar-me queira.*



*Adeus, ó formosissima cidade,
Da Divindade alegre maravilha,
Que maravilha a propria Divindade!*

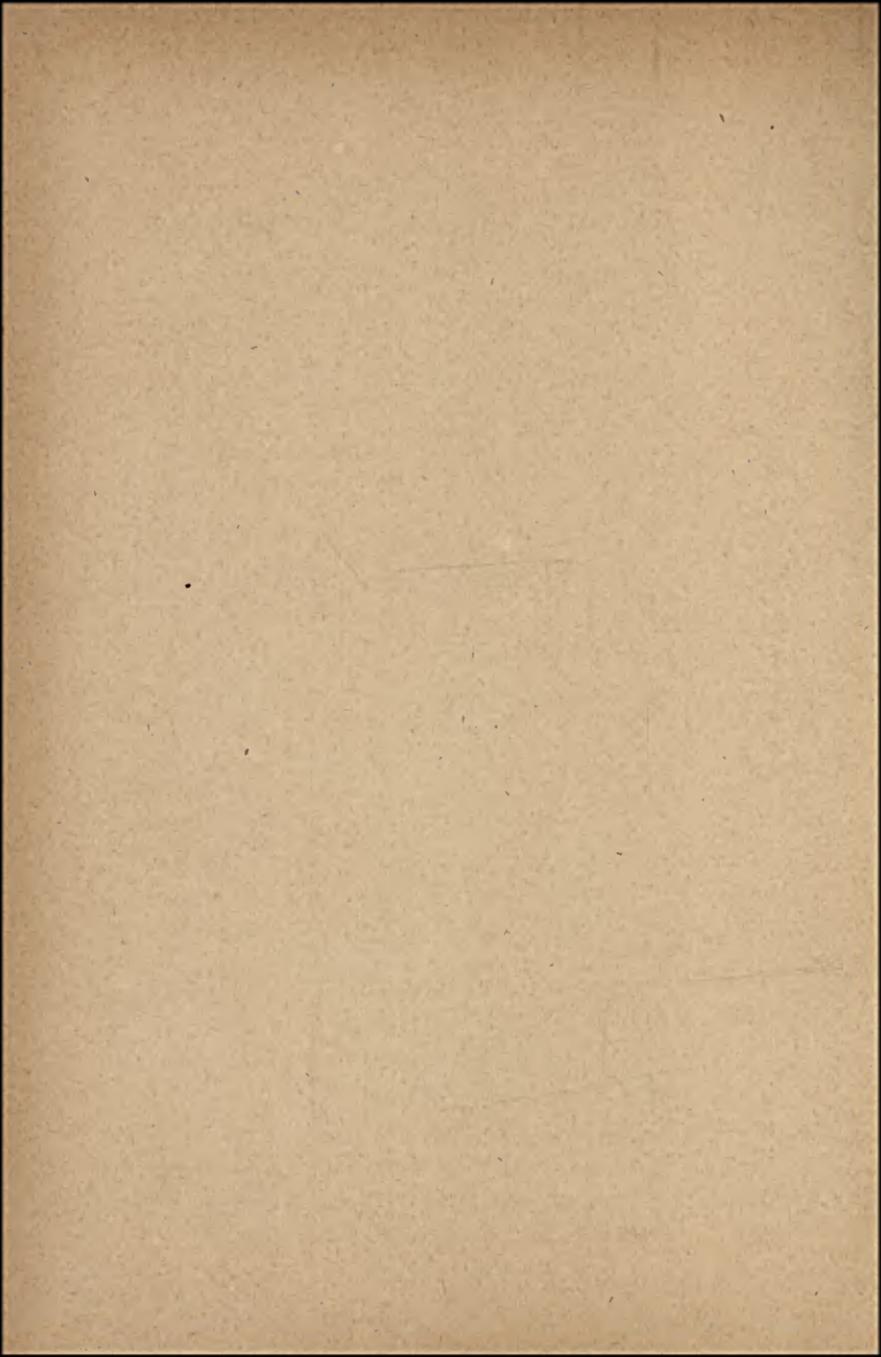
*Terra que o fero Oceano prende e humilha,
Eu deixo-te penhor d'esta saudade,
A minh'alma, o meu tudo, a minha vida.*

Maio de 1893.



Hotel





Hotel

A Muclo Teixeira

*Este meu coração é vasto hotel,
Onde é gratis o pasto e o aluguel.
Vivem vida melhor os inquilinos,
Pesar que todos lá são femininos...
E caso decidido: os d'outro sexo
Não tem, não podem ter na casa ingresso!
O logar d'honra, a sala ha muito occupa
Nem consinto que out ra a sala entupa).*



*Aquella a quem mais serio amor consagro,
E que soube fazer de um gordo um magro.
Que saia quem quizer ; o que me importa ?
Mas tu? Não saias, não... fecho-te a porta.
Na salcta pernoita, a Dorothea ;
Esboço o seu retrato: faça ideia
O leitor, si quizer ; si não, não faça ;
Mais vaporosa que subtil fumaça,
Mas bella que a leitora, si fôr feia ;
Rapariga de truz cu de mão cheia ;
Tem pequenina a mão; mas o seu pé
Cabe dentro da caixa de rapê
Que um bom palmo medir (si não chegar
Que lhe fique de fóra o calcanhar).
No quarto atraz da sala a Genoveva
Em ciumadas d'amor o dia leva ;
Si em tres dias, porém, não se comporta,
Ponho-a n'olho da rua e fecho a porta.
Atraz desta mulher mora uma tola.
Socegada que é! mesmo uma rola!
E jámais se queixou! Pobre menina!
Julga ser ella a unica inquietina
Deste vasto edificio, onde as confundo,
E tem medo das almas do outro mundo...
No corredor logar onde pernoite
Achou certa senhora, que uma noite,
Dos labios meus ouviu (foi no theatro,
Diz ella: eu não me lembro): Ai! te idolatro!*



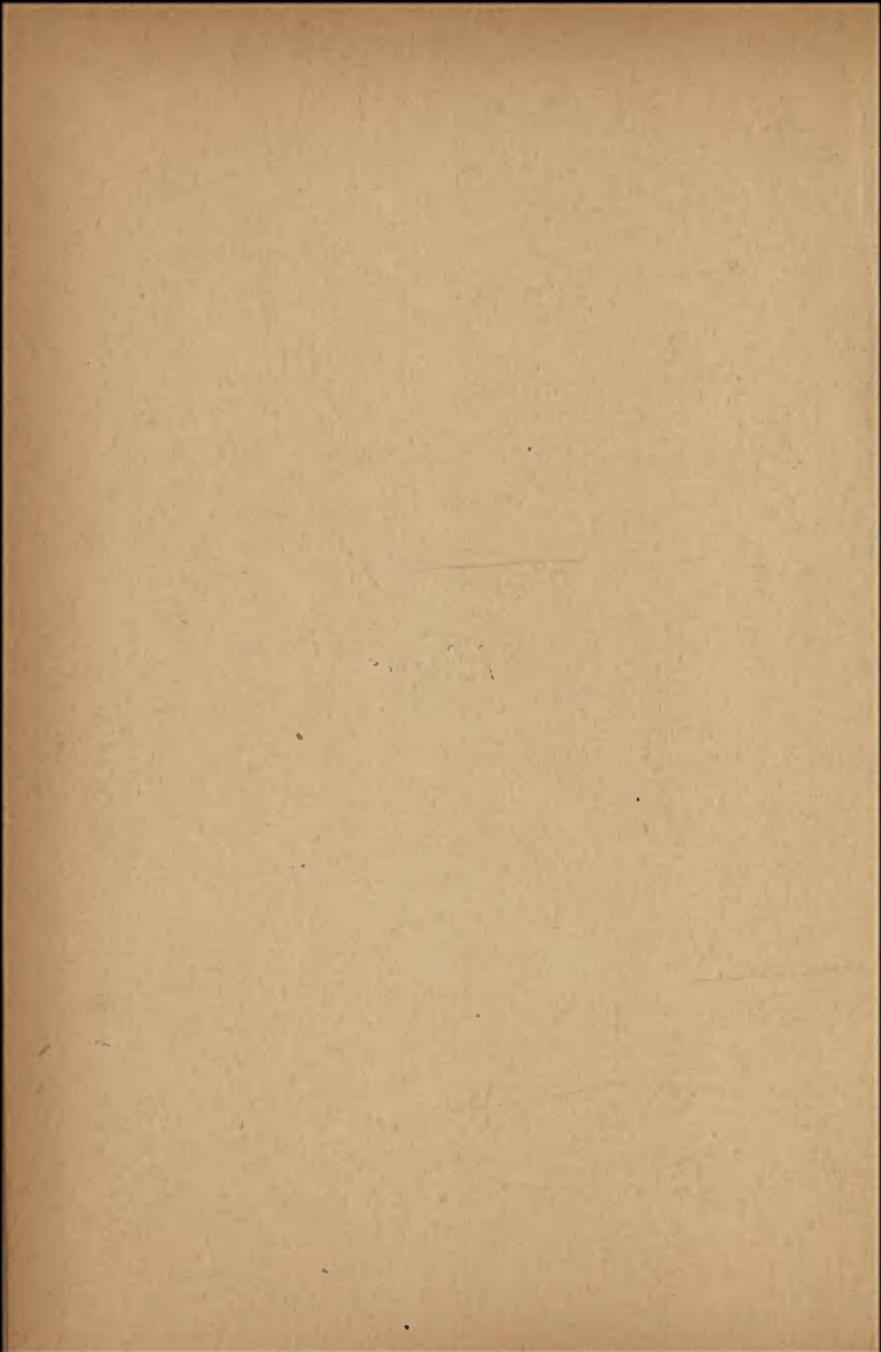
*A sala de jantar, que é mui comprida,
Está n'um dormitorio convertida.
Que as, que para ali stão tenham ciumes ;
Esteve uma franceza ali morando,
(Oh ! namoro feliz e memorando) ;
Como viu que era hotel meu coração,
Fez cortiço do seu ! Teve razão...
Mas eu que me escamei... Ora, não ha !
Bati-lhe um dia o pé e... Bonsoir.
Esteve uma franceza ali morando.
A quem ouvi cantar a barcarola
De certa zarzuela. Inflexivel
Era o seu coração. Porém sensivel
A' lógica de um mimo : dei-lhe um broche !...
Um dia se zangou e — Buena noche.
Uma ingleza tambem ! Que amolladora
Eu tinha medo de mandal-a embora :
Podia vir um box. Um bello dia
Ella estava de splen, eu — nostalgia.
Bradei-lhe, aborrecido : Vai-te ! Vai-te !
Ella gelada, suspirou : Good night.
Além destes, ha mais outros logares :
A casa é um casão : tem dois andares ;
As alcovas estão todas tomadas...
Meninas, todavia, endiabradas
Querem o muro escalar para o quintal !
Mas não posso aceitar mais pessoal !*

*E' ser, tornar a ser muito exigente!
Como eu hei de cuidar em tanta gente?
Até tenho uma negra na cosinha,
O que confesso p'ra vergonha minha!
A leitora, si vem por bom caminho,
Talvez possa arranjar um logarsinho...*



Alice





Alice

I

*Num precipicio sentada,
Vi-te um dia descuidada,
Tranquillamente a scismar !
Molhavam-te os pés mimosos,
Desealços e melindrosos
Perfidas aguas do mar.*

*Inda eras muito criança ;
Eras a meiga esperança
De uma formosa mulher ;
Deslisavam-se os seus dias
Sob um céu de louçanias
Sem uma nuvem sequer.*



*Em que pensavas, Alice?
Talvez n'uma gulodice...
Numa boneca talvez...
N'um anjo que viste em sonhos
E tinha uns olhos risonhos,
E mil carinhos te fez...
Eu que tinha mais juizo,
Que era um sujeito de sizo
Muito mais velho que tu,
Ao precipicio arranquei-te,
Onde por mero deleite,
Punhas o pesinho nú.*

II

*Já se passaram doze annos
E outros tantos desenganos
Depois que o facto se deu...
Hoje estás uma senhora...
Tens um esposo que te adora...
Um poueo menos do que eu.
E's elegante: frequentas
As salas mais opulentas,
Do high-life os aureos salões;
E ouves, muito compassiva,
A rhetorica noeiva
De irresistiveis leões...*

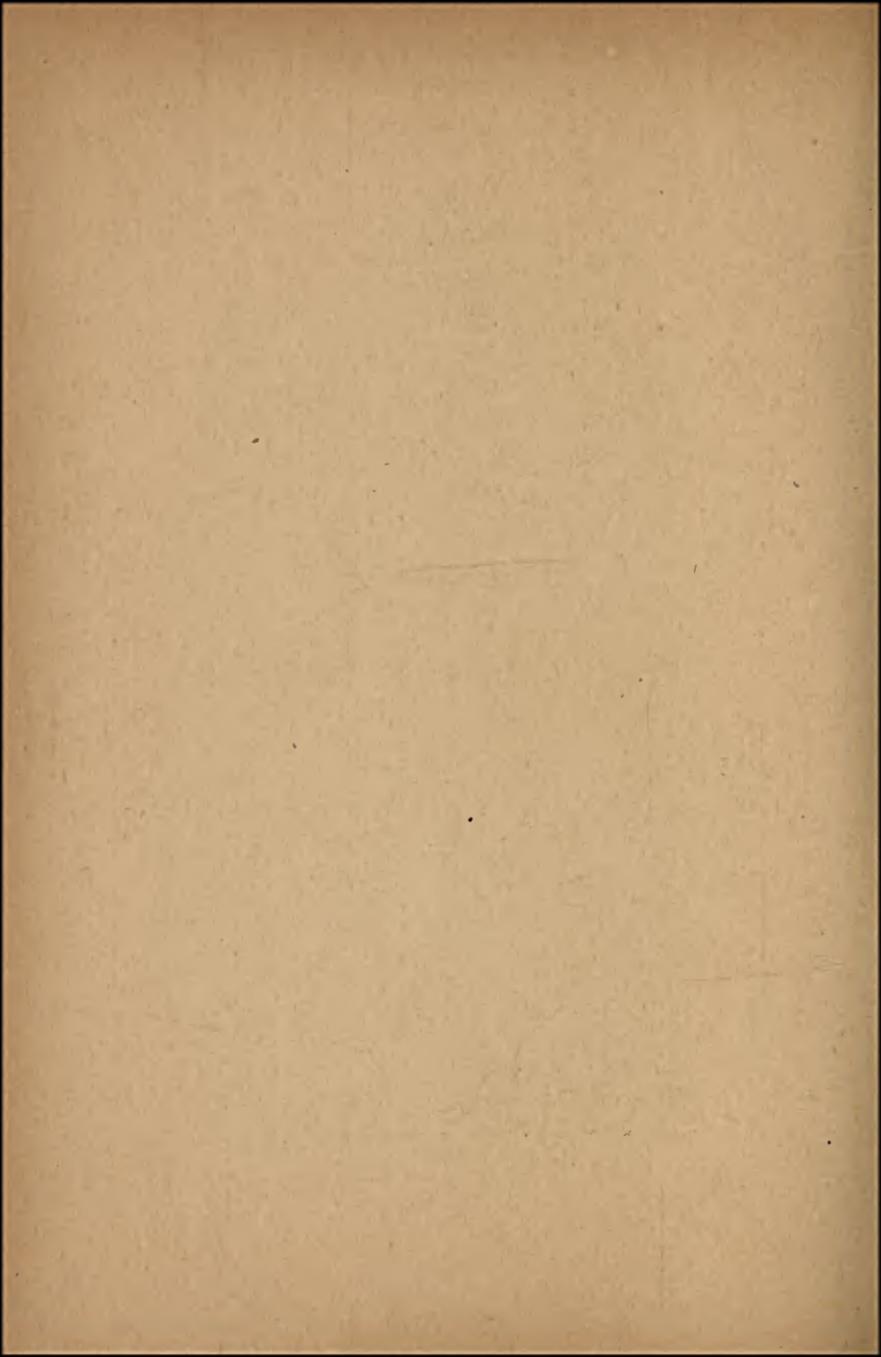


*Tudo isso te compromette...
Se já te chamam coquette!
Se, na rua do Ouvidor,
Em certo grupo, diziam
Que em teus lábios se saciam
Lábios sedentos de amor!
Não sei, Alice, se erraste;
Não sei se as azas manchaste
Mais alvas que a flor de liz.
Sei que te mostras affavel
Quando um leão desfructavel
Frivolidades te diz...*

III

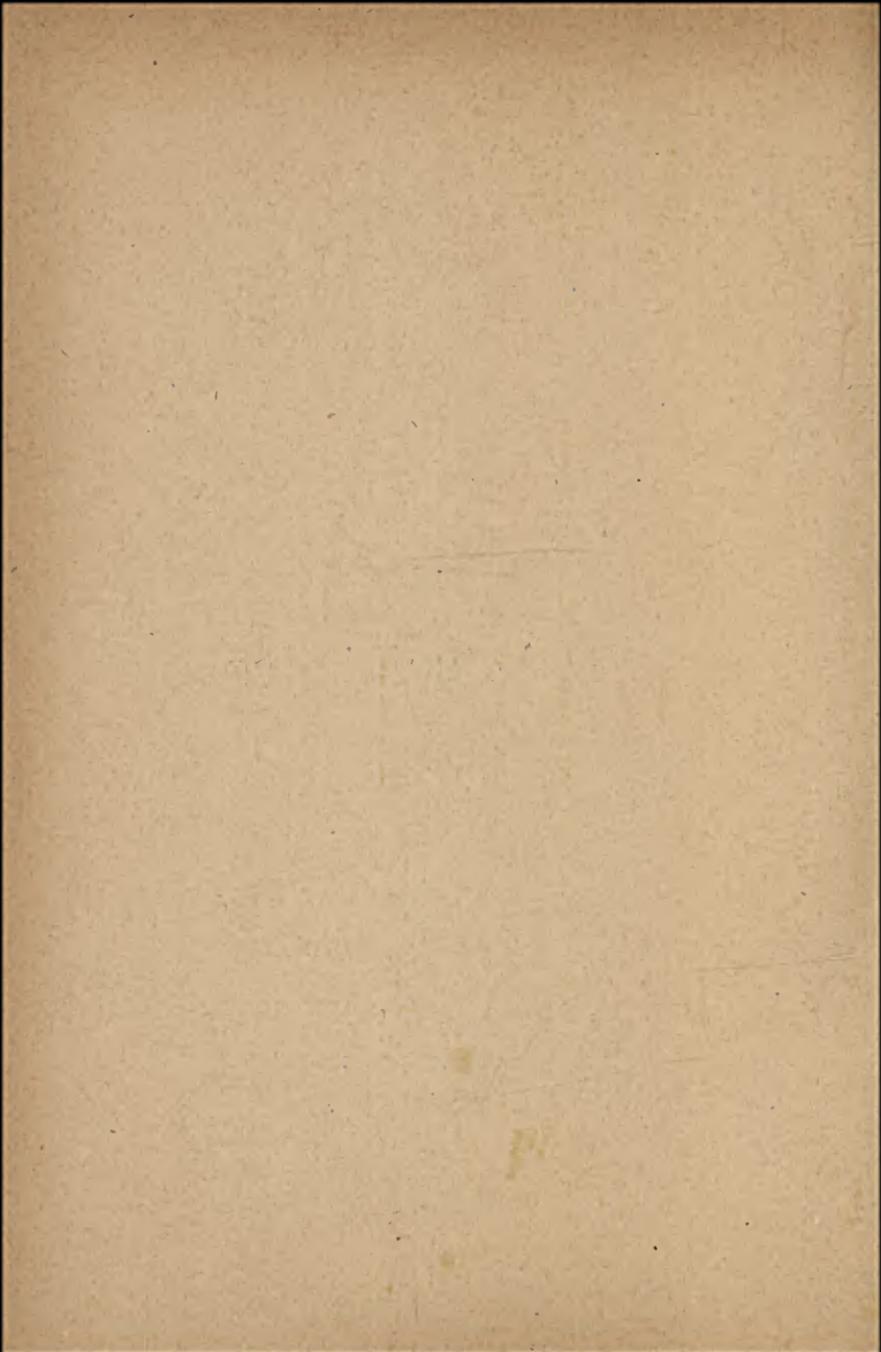
*Oh, se eu pudesse, senhora...
Se eu pudesse, como outr'ora,
A grande quêda evitar,
Desviando os teus pés mimosos,
Descalços e melindrosos,
Das aguas negras do mar!..*





Atualidades.





Actualidades

I

*Paes e filhos se juntaram,
Cheios de susto e de aneeio,
Porque elles annunciaram
Nessa noite bombardeio.*

*Uma cadeira arrastada...
Qualquer rumor, parecia
A'quella gente assustada
Barulho de artilheria.*

*Com o fim de tranquillisal-a
Exelama da casa o dono :
«Qual! hoje não mandam bala...
Vamos dormir... temos somno...»*



*Mal isto o velho tem dito,
Um grande tiro rebôa :
Cada qual solta o seu grito.
E todos correm á tôa!*

*Mas o moleeote Alfredo,
Que é da casa o mais afoíto,
Surge e diz : «Não tenham medo ;
Aquelle é o tiro das oito!»*

II

*Depois do dia 6 do mez passado,
Nunca mais pude ver a minha bella,
E a furto, á noite, conversar com ella,
Prazer a que já estava aeostumado!*

*Ha quasi um mez, em furias abrazado,
Não vejo porta aberta nem janella
Na casinhola em que morava aquella
Que hoje dirige as redeas ao meu fado!*

*Ella, a mãe e as irmans foram fugindo
Para a roça, com medo ao bombardeio,
Que põe no povo inteiro um susto infindo...*

*Soffre o meu peito, expande-se o meu odio!
Que transtorno, ai, Jesus, eausar me veio
A maluquice do senhor Custodio!...*



III

I

(Para ser cantado com o «Revenant de la revue»)

*Custodio estava na marinha,
Mas deixou logo este logar :
A pasta já não lhe convinha
Por incompatibilisar...
Mas, vendo agora o grande veto,
Que de desgosto o poz repleto
Todo abrazado em furia vã,
P'ra bordo foi do Aquidaban.
E ahi virou, mexeu,
Os fogos accendeu,
Convencidissimo, talvez
De que faria o Vinte e Tres...
E ao Itamaraty
Mandou dizer dali
Deixassem-lhe o Poder,
Pois outro qu'ria lá metter...
O Marcehal
Como era natural,
Foi rispido e formal...
Que desengano!...
E o valentão
Comsigo disse então :
Este Floriano!*

*Custodio capturou navios,
Arranjou polvora a faltar,
E, se lá tem tantos vadios,
Nenhum se arrisca a jejuar.
Fez fogo contra as fortalezas,
Matou senhoras portuguezas,
Deitou abaixo um carrilhão
E apoderou-se da Armação...
Elle o Simão pintou,
Como um pimpão se armou ;
Póde mais gente esquartejar,
Mais carrilhões espatifar ;
Mas, pelo que se vê
Eu cá sustento que
Não mais aqui põe o pé,
E uma apostasinha faço até
A gente san
Não teme que amanhã
Regougue o Aquidaban,
Uive a Trajano
E' não tremer
Emquanto no Poder
Deus nos consinta ver
Mestre Floriano !*



III

*Custodio sente-se mais forte
Que o Aquidaban e o Javary,
Porque ligada a sua sorte
Vê toda a flor do Cucuhy...
Teve, confesso, algum juízo
Em ter levado o grande Anfriso,
Que o Eldorado aqui fundou
E com canhões se acostumou.
Com elle a bordo está
Um ministerio já,
Que, toda gente á uma o diz
Poria em talas o paiz ;
Mas não receie ninguem
Pois nada apanha quem
A bordo vejo estar
Em aguas turvas a pescar...
O Marechal
E' chefe nacional
E constitucional
Por mais um anno!
Queira o senhor
Que, quando este se for,
Ali possámos pôr
Outro Floriano!*



IV

GOUNOD

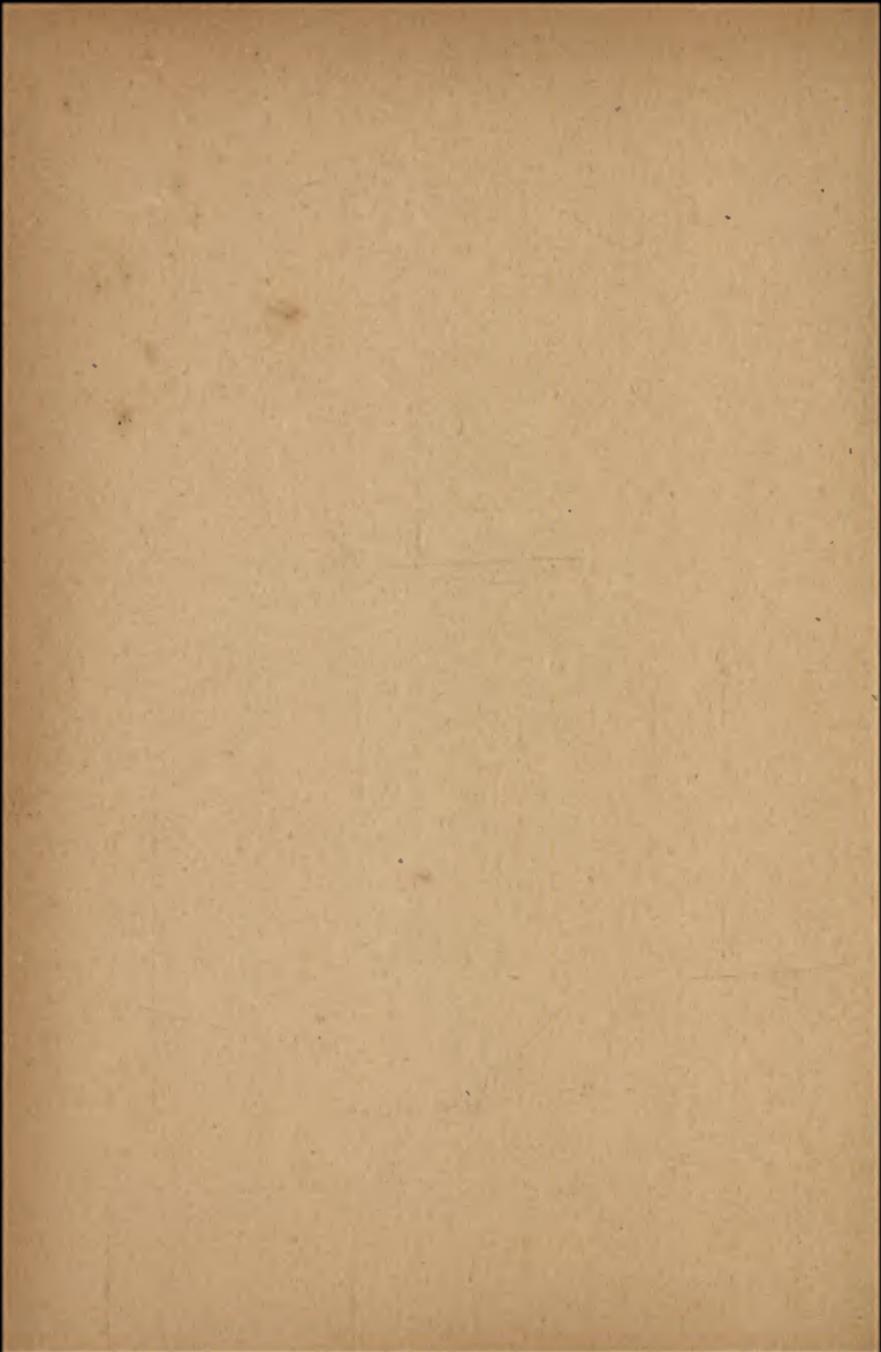
*Morreste, ó velho passaro canoro,
Mas o teu Fausto nunca morrerá :
Nota por nota, almo e sonoro,
Nos corações gravado está.*

*Só se do mundo a machina parar
E a propria Morte entrar na sepultura,
Se deixará de ouvir cantar :
Salve, dimora casta e pura !*



Soror Martha





Soror Martha

Oh que perfeito, oh que divino,
Oh que ditoso modo de amar !
(Padre Antonio Vieira—Sermão
de Santa Thereza)

*Em trajos de cerimonia,
O' musa, sobe ao Parnaso,
Poís eu vou contar um caso
Dos bons tempos da colonia.*

I

*Havia, em certa cidade,
Um mosteiro cidadella,
Fundado sob a tutela
Da Senhora da Piedade.*



*Era uma casa sombria,
Sem regras de architectura,
Mais negra que a noite escura
De noite como de dia.*

*Os muros, tristes e altos,
Tinham dez palmos de largos,
E punham fortes embargos
A sacrilegos assaltos.*

*Tão rigorosa espessura
Não tomava por lisonja
Nenhuma pallida monja
Da tenebrosa clausura.*

*Pois consoante noticia
Do povo que não se illude,
Só respirava virtude
Tão santa e nobre milicia.*

*Até boatos correram
De que monjas da Piedade
Com cheiro de santidade
As almas ao céu renderam.*



*Velha tradição transporta
Que, perfeitinha e rosada,
Fôra uma freira enecontrada
Seis annos depois de morta.*

*Seria o corpo tão casto
Daquella freira benigna,
Que a terra sentiu-se indigna
De fazer delle o seu pasto?*

II

*Em noite de frio e vento
(Já meia-noite soára)
A Virgem Santa olvidára
O seu piedoso convento...*

*Bramiu rude tempestade:
Raio horrendo fez um furo
No pujante muro eseuro
Do mosteiro da Piedade!*

*Dos catres saltaram todas
As monjas espavoridas:
Dellas de medo transidas.
Dellas de horror quasi doudas!*



*Rezaram no côro aceso
Até despontar o dia :
O soalhado parecia
Vergar das monjas ao pezo.*

III

*Dos claustros a regra obriga,
Sem ser á justiça avessa,
Que seja eleita abbadessa
Das freiras a mais antiga.*

*Soror Martha do Cordeiro,
Havia muito professa,
Era, eomtudo, a abbadessa
Mas nova que houve em mosteiro.*

*Dês que lhe morrera o noivo,
Naquella casa encherrou-se,
Mas doce que a pompa doce,
Mais triste que o triste goivo.*

*Dir-se-ia ter olvidado
De que era, o que havia sido,
Defunta sem ter morrido,
Viuva sem ter casado.*



IV

*Em bella manhã de maio
(Curiosidade funesta!)
Sobe a freira a larga fresta
Praticada por um raio.)*

*E vê, lá fóra enlaçados
(Par em verdade formoso!)
Um cavalleiro garboso
E a dama de seus cuidados.*

*Soror Martha os olhos tapa:
Abre-os de novo: examina...
Treme, encara, desatina...
Um grito d'alma lhe escapa!*

*A triste reconhecera
No fidalgo. que passára,
Noivo que morto julgára,
Morto que nunca esquecera!*

*Já muitos annos havia —
Annos de intensa saudade! —
Que a monja da Piedade
O cavalleiro não via.*



*A impressão tão violenta
A sua razão mesquinha,
Magnetizada donninha,
Resistir de balde intenta.*

*Successivas gargalhadas
Soror Martha despedia:
Desorientada, dizia
Mil cousas descontraçadas...*

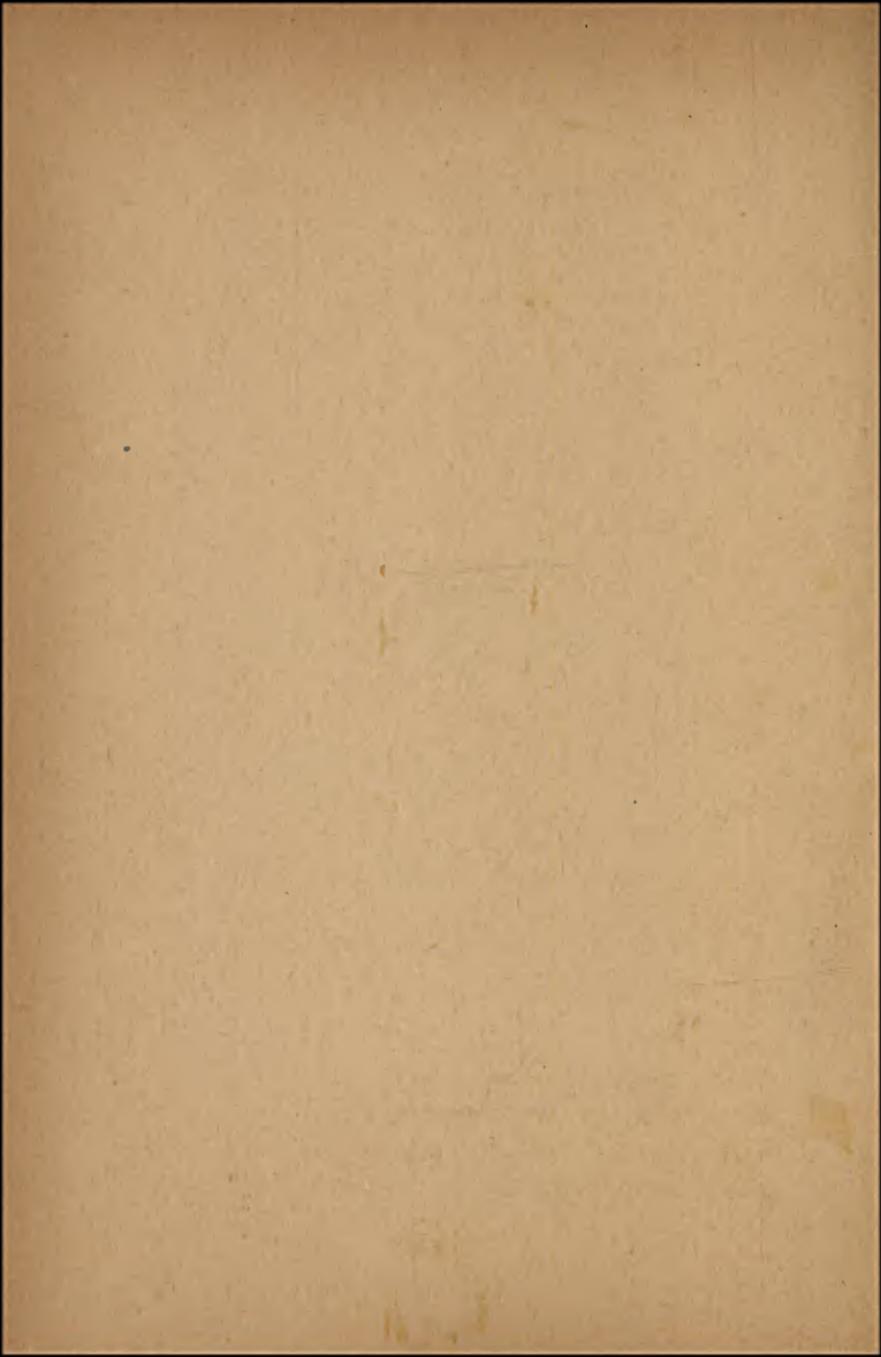
*E pta medonha brecha
Passou a linda cabeça...
Depois o corpo...: a abbadessa
Rápida cahiu quai flexa.*

*Trinta annos tinha a suicida:
Dividira-ll'os a sorte:
—Quinze na morte sem morte,
Quinze na vida sem vida.*



Saldo de contas





Saldo de contas

*Que vens aqui fazer, credor ousado?
Eu não tenho um vintem nas algibeiras,
E a nata, o beijo, a flôr das quebradeiras
Não me deixa um momento descansado.*

*Outro calçado pede o meu calçado
Pela bocca das botas bandoleiras,
E, ensopado, o chapéo ás sextas-feiras
Daria corpo ao bacalháo quisado!*



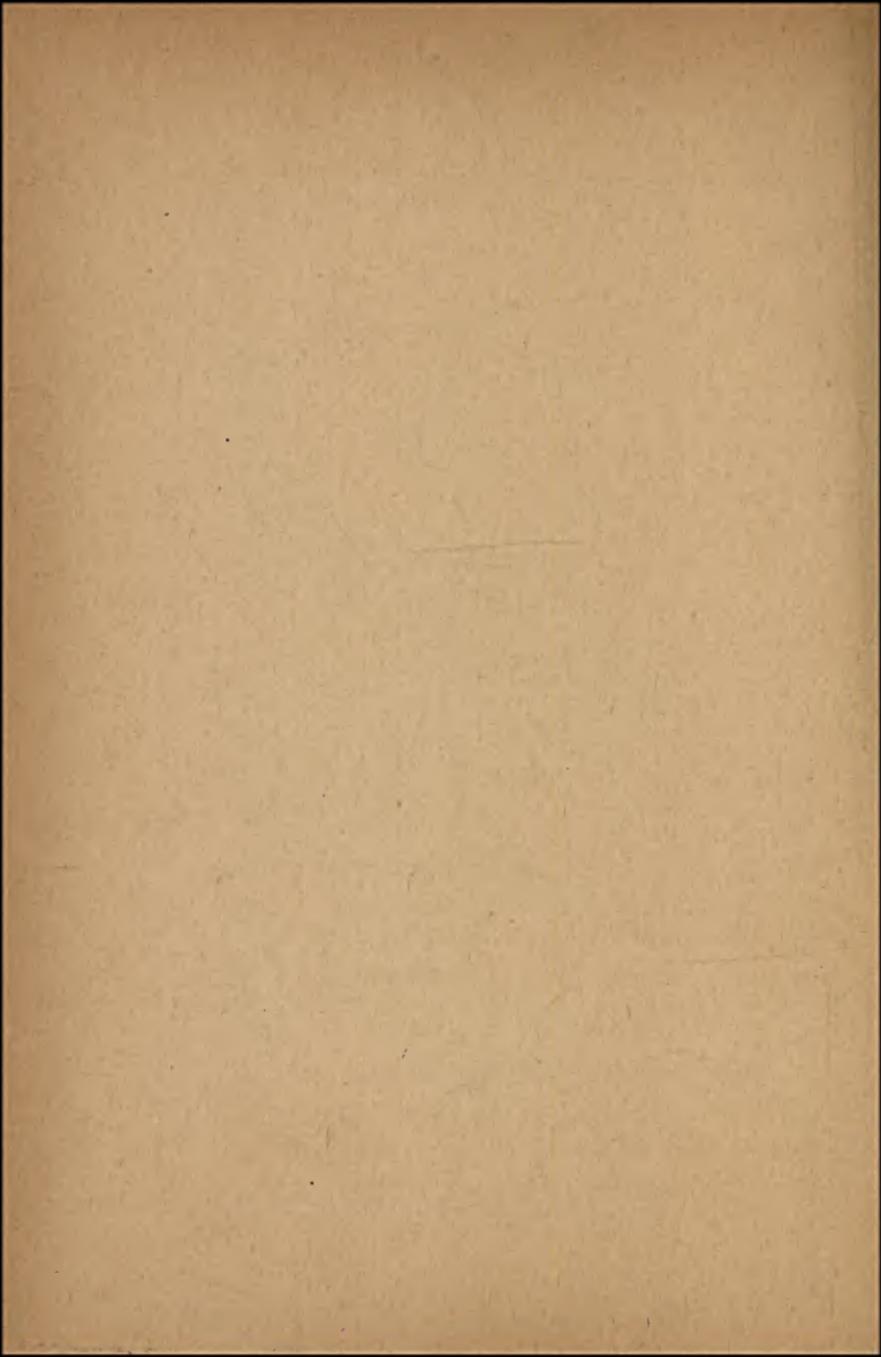
*Quero em versos pagar neste momento
A tua conta; mas eu te prohibo
Que divulgues o estranho pagamento.*

*Entretanto, credor, aqui te inhiho
De confia-lo á mercê do vento...
Eis um soneto. E' teu! Passa o recibo!*



A' morte de Christo





A' morte de Christo

(Molière)

*Pregado estava o Christo á cruz que nos salvou ;
Aproximou-se a Morte e, no auge do supplicio,
Parecia hesitar e o braço retirou,
Temendo praticar o seu nefando officio.*

*Mas Jesus, a cabeça inclinando, acenou
A' executora atroz para que, sem flagicio
Contra o filho de Deus, que Deus nos enviou,
Pudesse consumir o negro sacrificio.*



*Dando um tremendo golpe a Morte obedeceu,
Abaiou-se a natura e o sol empalleceu,
Qual se proximo fosse o termo deste mundo.*

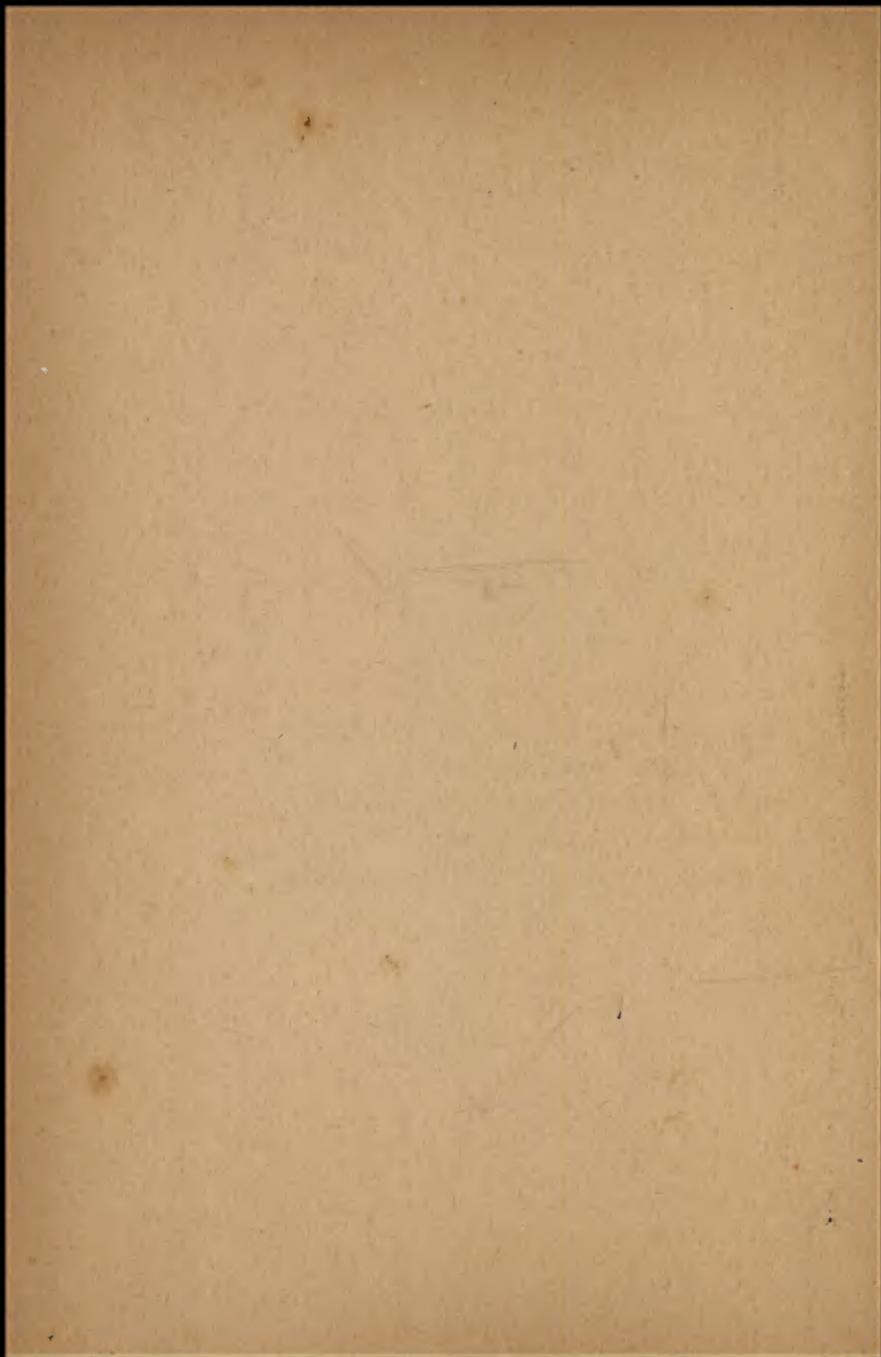
*Tudo, tudo gemeu na terra e na amplidão;
Sómente o homem mostrou ter do peito no fundo
Uma pedra, e na pedra arfava um coração!*



O folião

*Depois de tantas folhas,
Tem a cabeça a doer ;
Fica de molho tres dias
E de algibeiras vazias ;
Mas... divertiu-se a valer !*



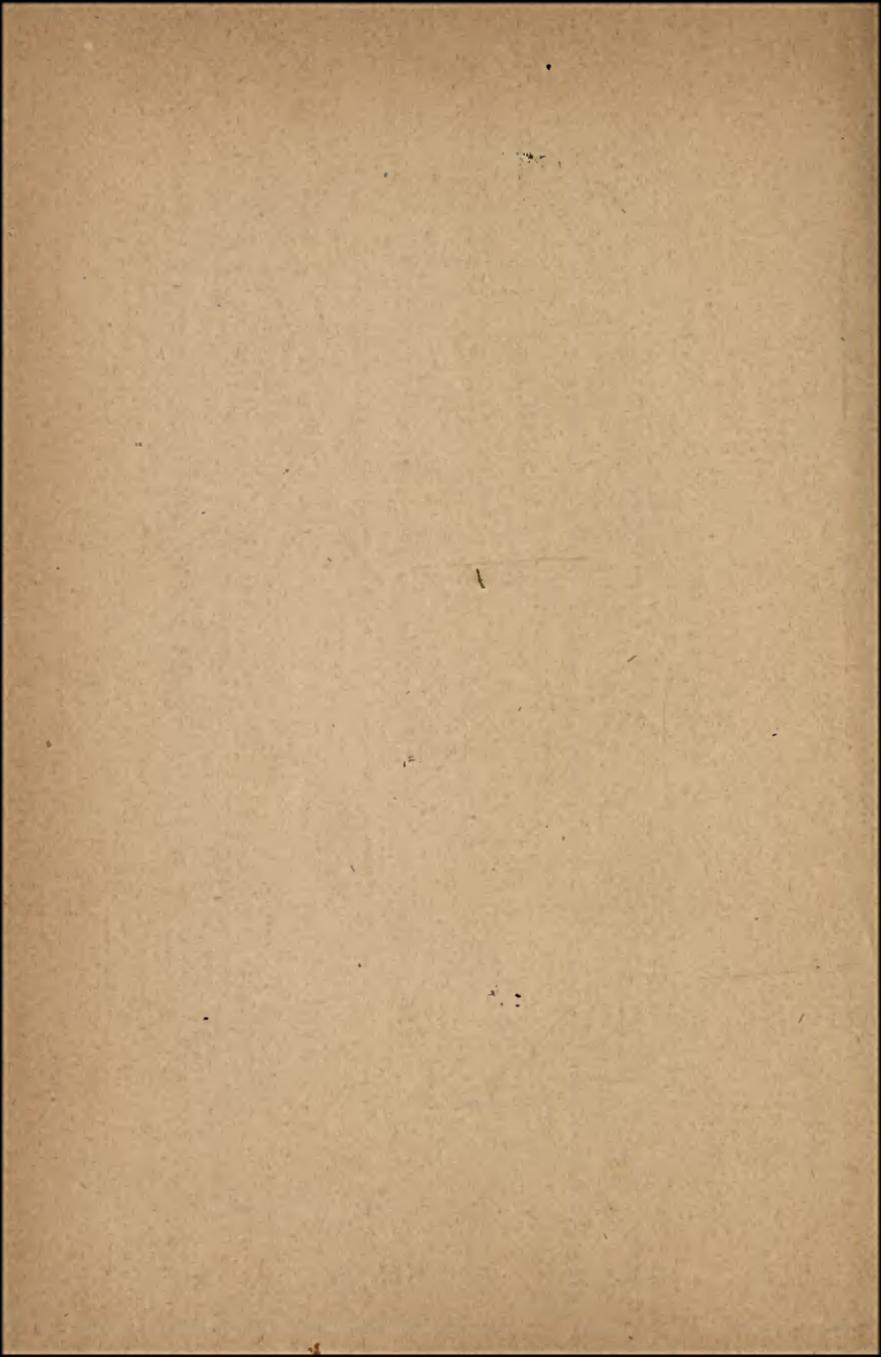


Milagre

1

*Com cinco pães o Christo
Deu de comer a cinco mil pessoas!
Eu não me assombro disto,
Pois tu, que o meu espirito magôas,
Tens um só coração,
E amas, comtudo, uma população!*



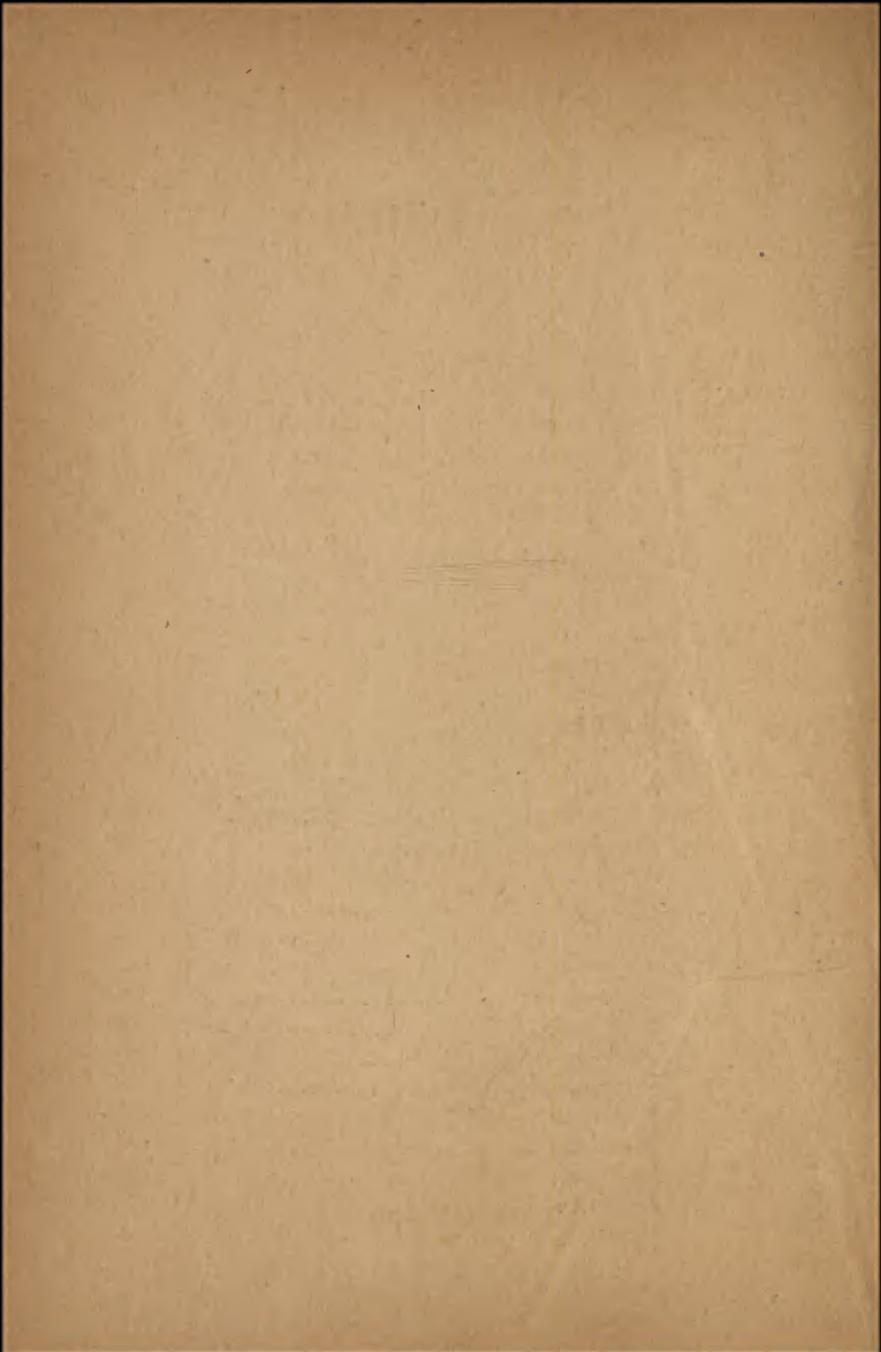


Ao Grande Morto

*A minha lagrima aceita,
E no teu ultimo asylo
Dorme feliz e tranquillo :
A tua obra está feita.*

29—VI—95





Índice

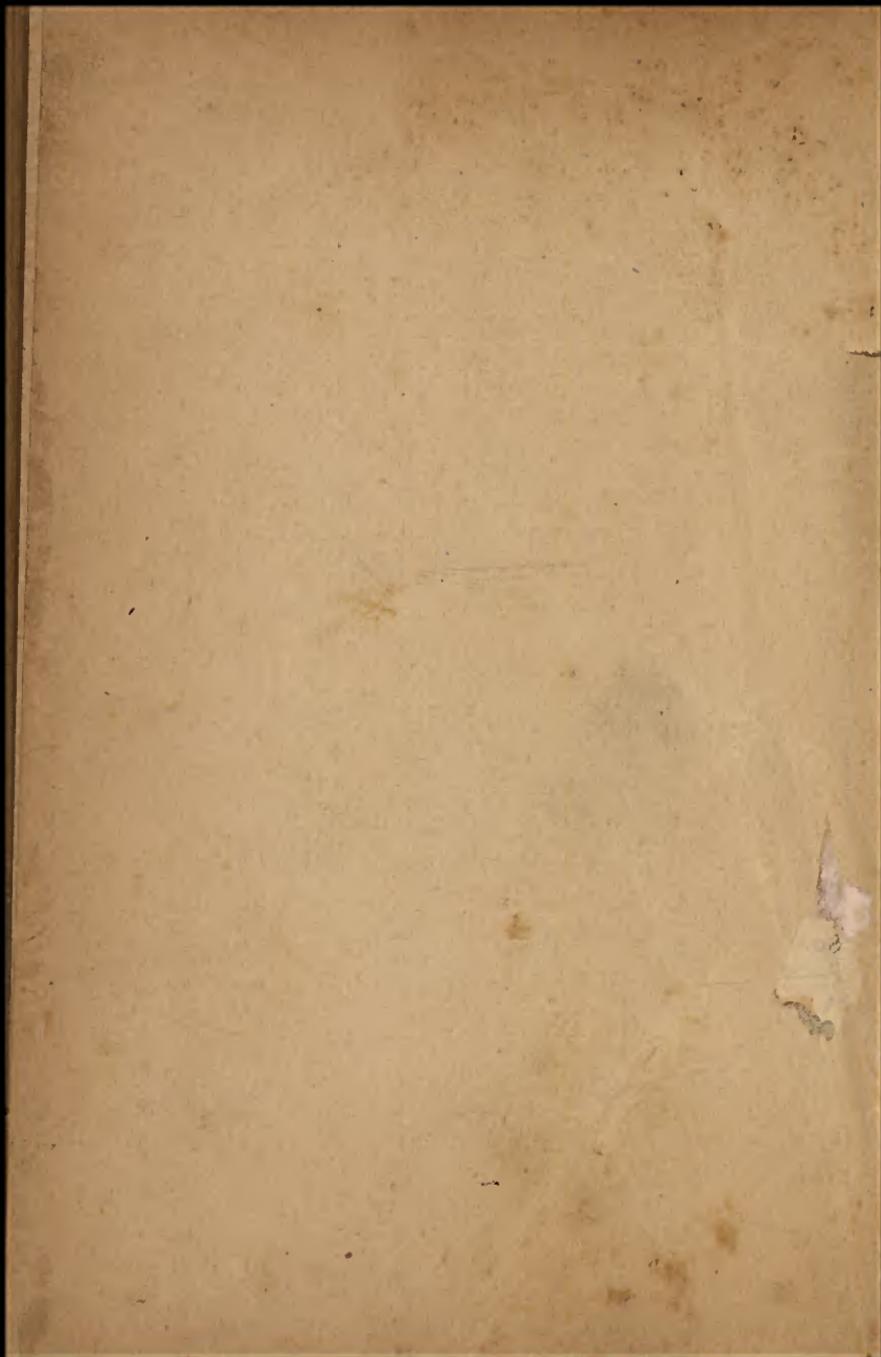
Uma explicação.....	3
Duas palavras	7
Em viagem	27
Coisa nenhuma.....	31
Lamentação.....	37
Ironia.....	41
Consequencia.....	45
Uns pés	49
Só estampa.....	55
Improbis amor.....	59
Vemcá.....	63
A um collega.....	67
Que horror.....	71
O anel.....	75
Educação.....	79
Temperança.....	83
Odio.....	87
Bom pagador.....	91
Sorte.....	97
Arrufos.....	101
Curiosidade.....	105
Suicídio.....	109
Missiva.....	113
Soneto dramático	117
A Morales de los Rios.....	121
Despacho	125
Ainda e sempre.....	129
As festas.....	133

Nozes.....	141
Programma da " Gazetinha ".....	145
Chromo.....	149
Annuncio.....	153
Abrindo um album.....	157
A ³ Izabel, a Redemptora.....	161
Deus nos livre.....	165
Voto.....	169
Velha anecdota.....	173
Impressões de theatro.....	177
A um taverneiro.....	181
Raymundo Corrêa.....	185
Do "Intermezzo".....	189
Pedido.....	193
Despacho.....	197
Laudos.....	201
A' Bebida.....	205
Amor descoberto.....	213
Bohemio.....	217
Rectificação.....	221
As companhias lyricas.....	225
A Luiz Delfino.....	229
A bolsa e a vida.....	233
Ao som do "Danubio Azul".....	237
A Inah.....	241
As estatuas.....	247
Cantata.....	251
Duello.....	257
O relógio.....	261
O Jacobino.....	265
Eterna dor.....	269
Resposta.....	273
Conselho.....	277
Passeando pela manhã.....	281
A Lopes Trovão.....	285



Morta.....	289
Cervantes.....	293
Não morras.....	297
Que mangas !.....	301
Recordação.....	305
Patriotismo.....	309
Corre !.....	313
Por decoro.....	317
Vagabundo.....	321
Amende honorable.....	329
Madrigal.....	333
Adelino Fontoura.....	337
O empecilho.....	341
Peccavi.....	345
Filho-mãe.....	351
Cantilena.....	355
Luxo e miseria.....	359
Instincto.....	363
Velhos typos.....	367
Catastrophe da «Barca Terceira».....	379
Juvenal.....	383
Pae...de cabelleira.....	389
Adeus á Bahia.....	399
Hotel.....	403
Alice.....	409
Actualidade.....	415
Soror Martha.....	423
Saldo de contas.....	431
A' morte de Christo.....	435
O folião.....	439
Milagre.....	441
Ao Grande Morto.....	443







Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

~~31 MAR 1993~~

~~21 ABR 1994~~

~~08 MAI 1994~~

Mod. 105 - 63 - B

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL

REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

Tombo 6750

Autor Pinheiro, Xavier

Título Rimas de Arthur Azeve-

Classificação do 869.91

TOMBO: 6750 98

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.

MOD. 88-63 - B - 15.000



